



Como os serviços de
inteligência americanos
encontraram Osama
bin Laden

A CAÇADA

MARK BOWDEN

"A reconstituição da busca dos americanos pelo homem mais
procurado do mundo é uma história extraordinária." *The Guardian*



Mark Bowden

A CAÇADA
COMO OS SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA
AMERICANOS ENCONTRARAM
OSAMA BIN LADEN

Tradução
Helena Londres



Copyright © Mark Bowden, 2012

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda., rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original

The Finish: The Killing of Osama bin Laden

Capa

Adaptação de Pronto Design sobre design original de Francesca Leoneschi/The World of DOT

Revisão

Rita Godoy

Lilia Zanetti

Claudia Ajuz

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Freitas Bastos



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B782c

Bowden, Mark

A caçada [recurso eletrônico] : como os serviços de inteligência americanos encontraram Osama bin Laden / Mark Bowden ; tradução Helena Londres. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013.

recurso digital

Tradução de: *The Finish: The Killing of Osama bin Laden*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

221p. ISBN 978-85-390-0459-1 (recurso eletrônico)

1. Bin Laden, Osama, 1957-2011. 2. Terroristas. 3. Al-Qaeda (Organização). 3. Livros eletrônicos. I. Título.

13-0124.

CDD: 303.6250917671

CDU: 316.485.26(53)

Sumário

Capa	
Folha de rosto	
Créditos	
Dedicatória	
Epígrafe	
Prólogo	
1 - Uma definição do mal	
2 - O caminho do jihad	
3 - Preparando para o ataque	
4 - O instrumento de mira	
5 - “Por favor, certifique-se de que as crianças e todas as famílias estejam fora das áreas fotografadas e bombardeadas”	
6 - Incerteza disfarçada	
7 - “Adotando essas precauções”	
8 - O desfecho	
9 - Brilho	
Agradecimentos e notas	

Para Clara e Audrey

Grupamentos humanos têm um objetivo principal: assegurar o direito de todos a ser diferentes, a ser especiais, a pensar, sentir e viver de seu próprio jeito. As pessoas se juntam para conquistar ou defender esse direito. Mais é aí que nasce um erro terrível, fatídico: a crença de que esses grupamentos, em nome de uma raça, um deus, um partido ou um estado são os objetivos propriamente ditos de vida, e não simplesmente um meio para um fim. Não! O único significado verdadeiro e duradouro da luta pela vida está no indivíduo, em suas modestas peculiaridades, em seu direito a essas peculiaridades.

— Vassili Grossman, *Vida e destino*

As propriedades de um movimento são espontaneidade, impulsividade, expansividade dinâmica — e uma vida curta. As propriedades de uma estrutura são inércia, resiliência e uma capacidade fantástica, quase instintiva, de sobreviver.

— Ryszard Kapuściński, *O xá dos xás*

Prólogo

2007-2008

Numa noite de outono no Iraque ocidental, enquanto uma unidade do Comando de Operações Especiais Conjuntas (JSOC, na sigla em inglês para Joint Special Operations Command) dos Estados Unidos executava um de seus ataques noturnos sobre suspeitos terroristas da Al-Qaeda, dessa vez um comandante regional suspeito, que se chamava “Muthanna”, eles inadvertidamente descobriram o veio principal.

Em outra guerra, de uma época diferente, o “veio principal” poderia ter sido um enorme depósito de armas valiosas, ou uma coleção de mapas de campos de batalha mostrando movimentos e posições de tropas inimigas. No século XXI, os atacantes do JSOC descobriram algo de valor equivalente: um fichário tipo Rolodex.

Muthanna foi morto no ataque. Com base no material apreendido em sua residência, ficou claro que ele era o responsável pela coordenação do movimento de combatentes estrangeiros da Al-Qaeda e dos potenciais homens-bomba na fronteira vizinha da Síria com o Iraque, onde forças americanas e iraquianas, e civis iraquianos, enfrentavam uma crescente campanha de massacres em massa. O que eles encontraram na verdade não foi um Rolodex; era algo melhor: uma coleção de nomes e números que faziam referência a arquivos de computador contendo nomes, fotos,

documentos de viagem, relatórios de despesas de cartões telefônicos, roupas, veículos, combustível, transferências de dinheiro e muitos outros documentos detalhados de cerca de quinhentos atuais recrutas da Al-Qaeda — praticamente cada *mujahidin* que tinha feito a jornada da Síria para o Iraque nos últimos anos.

Durante séculos, as táticas básicas da guerra de infantaria foram “fogo e manobra”. Um oficial hábil podia derrotar uma força muito maior dominando a arte de movimentar seus homens e efetivamente concentrar o poder de fogo deles. Esses tipos de habilidade ainda são essenciais em um campo de batalha convencional, mas as batalhas atuais raramente se resumem a manobras de exércitos no solo. “Informações e inteligência são o fogo e as manobras do século XXI”, diz o tenente-general Michael Flynn, que agora chefia a Agência de Inteligência da Defesa dos Estados Unidos.

O que significa isso?

O veio principal de documentos apreendidos no que ficou conhecido como o ataque de Sinjar ilustra muito bem a questão. Teve um grande papel na decapitação da Al-Qaeda no Iraque. Nos seis anos seguintes aos ataques do Onze de Setembro, as forças militares dos Estados Unidos e as comunidades de inteligência, representando uma ampla variedade de agências, grandes e pequenas, as notórias e as secretas, vinham colaborando em um potencial sem precedentes para esmagar redes terroristas furtivas. Além das habilidades dos talentosos agentes especiais do JSOC, o esforço usava supercomputadores e softwares personalizados, o posicionamento avançado de analistas qualificados e a capacidade de transformar praticamente qualquer tipo de informação em dados passíveis de serem examinados, sejam dicas ou documentos de antiquadas redes de espionagem humana, transcrições de interrogatórios de prisioneiros, registros de vigilância eletrônica monitorando comunicações entre telefones celulares e computadores, ou as imagens e leituras de sensores coletadas por aviões não tripulados pairando alta e silenciosamente sobre alvos em potencial durante dias, semanas, meses e até anos. Com uma enorme base de dados constituída por esses fragmentos, poucos dos quais claramente relacionados, os computadores são capazes de encontrar ligações que antes

permaneceriam ocultas — uma conta bancária conjunta de um oficial do Hezbollah e um recruta da Al-Qaeda, um endereço em Najaf visitado por dois conhecidos homens-bomba em duas ocasiões diferentes, um instantâneo da carteira de um soldado americano morto no HD de um suspeito financiador do terrorismo. O computador instantaneamente traça fios sangrentos entre pontos de dados que de outro modo permaneceriam aleatórios e desconectados. Teias são traçadas com esses fios sangrentos, iluminando redes secretas. Uma vez feitas essas conexões, os agentes especiais sabem onde e quem atingir em seguida.

No caso da apreensão de Sinjar, o comandante do JSOC Stanley McChrystal deu o surpreendente passo de divulgar todo o material e entregá-lo ao Centro de Combate ao Terrorismo da academia militar de West Point, para que analistas de diversas disciplinas tentassem descobrir alguma coisa. E o que descobriram? Para começar, os dados lançaram por terra a alegação propagandista de que a Al-Qaeda no Iraque era um movimento de resistência local. Os recrutas dos dados de Sinjar vinham de Líbia, Marrocos, Síria, Argélia, Omã, Iêmen, Tunísia, Egito, Jordânia, Arábia Saudita, Bélgica, França e Reino Unido. Os agentes do Tesouro Americano que mapeavam as transações financeiras dos dados conseguiram identificar a liderança, com base na Síria, de toda a rede de apoio estrangeiro da Al-Qaeda no Iraque, tudo sob a direção de um homem que se chamava Abu Ghadiya. Seu nome verdadeiro era Badran Turki Hashim al-Mazidih.

Pouco mais de um ano depois do ataque de Sinjar, a liderança sênior inteira dessa rede de apoio da Al-Qaeda com base na Síria tinha sido destruída. Um único ataque, em outubro de 2008, dentro da Síria, matou Abu Ghadiya, um de seus irmãos e dois primos, todos membros da alta liderança. A base de dados também viria a fornecer um mapa rodoviário para operações do JSOC por todo o Iraque, perseguindo e capturando ou matando aqueles recrutas estrangeiros que ainda não tinham se sacrificado em ataques suicidas.

No final de 2008, o nível total de violência no Iraque tinha diminuído em 80%, de acordo com o Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Essa

nítida mudança continuou durante a retirada das forças dos Estados Unidos daquele país em 2011, e o nível permanece mais baixo hoje do que em qualquer momento antes da invasão americana em 2003.

Há inúmeras razões para essa notável reviravolta. O Despertar Sunita em 2008 voltou muitos insurgentes iraquianos contra a Al-Qaeda — incentivados, pelo menos até certo ponto, pela análise dos dados Sinjar, relatados no verão de 2008, que revelaram a natureza estrangeira da organização. O desvio dramático na estratégia orquestrada pelo general David Patraeus em relação a táticas contrainsurgentes naquele mesmo período merece grande parte do crédito. Mas uma grande parcela da abordagem do próprio Patraeus incluiu o aumento de pressão sobre elementos “irreconciliáveis”. Como ele mesmo disse, “Gosto de ir para a cama todas as noites tendo mais amigos e menos inimigos”.

O JSOC forneceu os “menos inimigos”, e McChrystal citou o ataque de Sinjar como um dos mais importantes avanços de sua unidade.

Vencer na guerra muitas vezes exige novas táticas, métodos e ferramentas. Os ataques aos Estados Unidos em Onze de Setembro de 2001 desafiaram uma premissa consagrada de sua defesa nacional. Osama bin Laden e seu movimento extremista, a Al-Qaeda, impuseram um novo tipo de ameaça, uma rede global de assassinos bem-financiados, inteligentes e suicidas, sem endereço fixo. O vasto arsenal do país, seu estoque de armas nucleares, sua incomparável força aérea, seu Exército e sua Marinha, até sua estrutura burocrática para vigilância global, espionagem e análise de inteligência, foram projetados principalmente para *dissuadir* um ataque. Quem ousaria atacar quando a reação seria rápida, fatal e imbatível?

Mas e se os ataques viessem de lugar nenhum? E aí?

Esse foi o problema apresentado pelo Onze de Setembro. A resposta foi informação. Encontrar o inimigo há muito tempo tem sido o desafio mais básico da guerra. Tudo o que a Al-Qaeda fez foi aumentar o grau de dificuldade. Eles moravam e trabalhavam espalhados pelo mundo, usando telecomunicações globais para permanecer conectados. Dadas a complexidade e a natureza internacional desses elos, o uso de pseudônimos

e todos os truques de espionagem, como se iria encontrar esse novo inimigo?

A apreensão dos arquivos de Sinjar e o desmonte subsequente mostram como. Seis anos depois dos ataques do Onze de Setembro, mergulhados em duas guerras, ainda assombrados pela imagem insolente de um Osama bin Laden livre, os Estados Unidos da América tiveram um forte consolo.

Descobriram exatamente como reagir.

1

Uma definição do mal

11 de setembro de 2001

Pouco antes das oito horas, numa manhã ensolarada em Chicago, Barack Obama dirigia pela Lake Shore Drive, quando a música que tocava no rádio foi interrompida pelo boletim de notícias. Um avião tinha atingido uma das torres do World Trade Center em Nova York. Ele não deu muita atenção. Supôs que algum pobre piloto de Cessna tinha se dado muito mal.

O Loop era um trajeto familiar de 15 minutos da casa do senador Obama, do estado de Illinois, em Hyde Park. À sua direita, se estendia a imensidão plana do lago Michigan, e à frente, mais para a esquerda, estava a extensa linha do horizonte, ancorada pelo monólito negro da Sears Tower, espetada por antenas. Rodeado por tamanha quantidade de água e pelo céu de Illinois, o motorista podia ter a sensação de estar em queda livre em um mundo de azul.

O destino de Obama era o Thompson Center, o prédio governamental da cidade, com 17 andares e uma estrutura monumental, toda brilhante, feita de vidro reflexivo curvo, parecendo uma nave espacial aterrissada. O cenário era notável, mas o compromisso que tinha ali era estritamente rotineiro: uma audiência do Joint Committee on Administrative Rules (Comitê Conjunto sobre Regras Administrativas). A agenda do dia prometia

horas de minúcias burocráticas — mudanças de regras para 39 diferentes comitês, programas, comissões e departamentos.

Obama representava o 13º Distrito, na extremidade norte do South Side. Tinha mais dois empregos, um como advogado de uma importante empresa de Chicago, outro como professor sênior de direito constitucional na Escola de Direito da Universidade de Chicago. Era um homem de proeminência moderada na cidade que adotou e era visto no local como um rapaz de grande futuro, mas, apesar disso, sua carreira parecia estagnada. Fora severamente derrotado em uma eleição para o Congresso dois anos antes. Na verdade, perdeu por rejeição, por uma margem de dois para um. Sua inteligência era óbvia, talvez evidente demais, tendo em vista seu diploma em direito em Harvard e sua permanência como o primeiro presidente afro-americano da *Law Review* daquela prestigiosa faculdade. Credenciais de Ivy League, as faculdades tradicionais, só funcionam bem em políticas de grandes cidades quando vêm acompanhadas de uma boa dose de *rua*, o que Obama não tinha. Ele parecia e soava como um professor de direito. O que *realmente* tinha era o fato de ser “cool”, palavra que as pessoas aplicavam a ele tanto no bom quanto no mau sentido. Era cool no sentido de ter estilo e *presença*; era alto, esbelto, seguro e encantador. Mas era sofisticado em outro aspecto também. Muitas vezes parecia distante, afastado, e até superior. Completara 40 anos no mês anterior, estava velho demais para ser considerado um prodígio. Seu Jeep Cherokee preto era o carro de um homem de família. Ele e a mulher, Michelle, tinham duas filhas: a bebê Sasha e Malia, então com 3 anos.

Estacionou o carro, subiu num dos elevadores panorâmicos dentro do vasto átrio central. Estava em sua cadeira escutando uma testemunha ler uma declaração preparada quando os telefones digitais começaram a soar e tocar de todos os cantos da sala. Obama checou o celular para verificar as mensagens que se acumulavam em seu BlackBerry. Os murmúrios rapidamente deixaram a declaração em segundo plano. A testemunha continuou, mas ninguém mais prestava atenção ao que ela dizia. As notícias de Lower Manhattan fluíam de mil lugares ao mesmo tempo. A segunda

torre tinha sido atingida. Os dois aviões eram comerciais. As torres estavam em chamas. Isso não era um acidente. Era um ataque coordenado.

Nesse momento, o Thompson Center foi evacuado, e Obama saiu com todo mundo. Na calçada, acompanhado de milhares de outros moradores de Chicago que tinham sido retirados dos prédios mais altos no Loop, seus olhos se moveram involuntariamente para a Sears Tower. Repentinamente o arranha-céu ponto de referência da cidade se mostrou sob uma luz diferente. Já não era mais apenas um símbolo da identidade da cidade à beira-lago. Assomava agora como um alvo gigantesco.

Em Sarasota, Michael Morell se perguntava se um avião não estaria avançando contra *ele*. Morell era o responsável da CIA pelo briefing do presidente George W. Bush e fazia parte do séquito do presidente naquela manhã. A visita era a grande notícia na cidade do oeste da Flórida. Quem quer que tivesse o presidente como alvo saberia exatamente onde encontrá-lo, e um avião comercial faria muito bem essa tarefa.

Morell estava no banco de trás de uma van do comboio do presidente quando o primeiro avião bateu. Eles percorriam a Gulf of Mexico Drive, em Longboat Key, quando Ari Fleischer, o assessor de imprensa de Bush, atendeu um telefonema e lhe falou:

— Michael, sabe alguma coisa a respeito de um avião ter atingido o World Trade Center?

Como funcionário interno da inteligência, Morell era o homem de quem esperavam ter a notícia em primeira mão quando algo alarmante acontecia. O avião colidira quando estavam a caminho, de modo que ele não sabia de nada. Imaginou que provavelmente era um avião pequeno, desorientado pelo mau tempo, alguma coisa do gênero, mas ligou para a sede em Langley, Virginia. O centro de operações da CIA lhe disse que ocorrera uma colisão. O prédio era a Torre Norte, e não era um avião pequeno, mas um jato comercial.

Naquele dia, o analista veterano da CIA tinha acordado de madrugada, como de costume, e passara algum tempo sozinho no hotel, preparando-se para a sessão matinal regular com o presidente. Todos os dias, às oito horas,

Morell apresentava o PDB, President's Daily Briefing (briefing diário do presidente), um resumo dos relatórios de inteligência mais atualizados, com notícias do mundo todo. Ele viajara para o sul no Air Force One, o avião presidencial, na tarde anterior. Era o começo de uma viagem de uma semana atravessando o país para promover as iniciativas educacionais de Bush. Pararam primeiro em Jacksonville, para uma mesa-redonda, depois foram para Sarasota, onde passaram a noite no Colony Beach and Tennis Resort, na ilha barreira paralela ao litoral da cidade.

A presença de Morell não tinha nada a ver com o tema educação daquela semana. Do mesmo modo que o oficial militar que carregava o *football* do presidente, o dispositivo de codificação necessário para autorizar um ataque nuclear, o responsável pelo briefing da CIA ia aonde quer que Bush fosse. Desde Pearl Harbor os Estados Unidos não tinham sofrido ataques diretos de nenhuma forma significativa, de modo que os briefings matinais em geral tratavam de coisas mais abstratas — mais do tipo “preocupações com a segurança nacional”. Sempre havia ameaças de terrorismo, mas não havia nada no briefing daquela manhã sobre algo específico ou iminente.

Bush não era dado a examinar relatórios escritos. Preferia que Morell precisasse os pontos principais no briefing matinal; então lia as partes mais pertinentes e fazia perguntas. Para Morell, isso tornava a meia hora matinal uma demonstração diária de controle. O presidente gostava disso. Mais tarde chamaria essa sessão de “uma das partes mais fascinantes do meu dia”. Era uma função excitante, embora quase invisível. Morell é um homem metuculoso, magro, com óculos e cabelo castanho-acinzentado cuidadosamente penteado, um homem com aparência comum. Seu terno está geralmente amarrotado, e ele se move de um jeito relaxado, com as pernas e os braços bem soltos, distintamente civis; é o tipo de homem que muitas vezes tende a desmoronar sobre uma cadeira, todo joelhos e cotovelos. Esse seu jeito e a palidez de quem pouco vê a luz do sol faziam com que parecesse quase frágil, sobretudo ao lado do robusto destacamento de seguranças do presidente e da falange de conselheiros militares de aparência saudável. Nas conversas, Morell era intenso. Falava com um carregado sotaque de Ohio e apresentava suas ideias com ousadia, franzindo

a testa e avançando o queixo. Durante a maior parte da carreira na agência de espionagem fora especialista em Ásia.

Ao recebê-lo naquela manhã, Bush já tinha passado alguns minutos lendo a Bíblia, tinha corrido na escuridão pelo campo de golfe da Colony e já estava vestido e de café tomado. O briefing daquele dia tratava principalmente da China. O briefing ainda é sigiloso, mas meses antes um U.S. Navy EP-3, avião a hélice para a coleta de informações, tinha colidido contra um caça chinês ao largo da ilha de Hainan, matando o piloto do caça e provocando uma pequena crise internacional, a primeira do mandato Bush. Morell também tinha notícias recentes vindas da Rússia, ainda sigilosas, mas lá as repercussões do então recente escândalo de espionagem de Robert Hanssen tinham incentivado ambos os países a expulsar alguns diplomatas um do outro. Morell apresentou novas informações sobre a revolta em andamento na Palestina, uma questão cada vez mais violenta no centro das notícias mundiais. Um item da agenda fez com que o presidente ligasse para a conselheira de segurança nacional, Condoleezza Rice, que ficara na Casa Branca, mas nos anos seguintes ninguém se lembraria do que tratava aquela ligação. Em vista do que estava por acontecer — os quatro aviões comerciais condenados já estavam no ar —, os itens na agenda daquele dia em breve pareceriam sem qualquer importância.

Depois de apresentado o briefing, Bush saiu para a visita agendada na escola elementar Emma E. Booker, onde às nove horas estaria numa sala de aula da segunda série diante de inúmeras câmeras de televisão e repórteres. Estavam todos na escola quando chegaram as notícias do segundo avião. Morell esperava com o resto da equipe do presidente numa sala de aula ao lado. Havia uma televisão, que logo começou a mostrar o vídeo da colisão na Torre Sul. As duas torres agora estavam em chamas.

Andrew Card, o chefe de gabinete de Bush, foi à sala ao lado para sussurrar as notícias para o presidente, que estava sentado diante da turma, ouvindo os alunos lerem um livro a respeito de um bode de estimação.

“Um segundo avião atingiu a segunda torre”, disse Card. “Os Estados Unidos estão sob ataque.”

Câmeras pegaram o olhar atônito no rosto do presidente. Algumas pessoas mais tarde iriam ridicularizá-lo por isso, mas qual a expressão adequada para notícias daquele tipo? Bush resolveu continuar calmo. Permaneceu à frente da classe até terminarem a história, mas sua atitude mudara drasticamente. Antes, estava alegre, curtindo a apresentação das crianças. Agora estava sério, a mente com certeza em outro lugar. Quando a história acabou, ele cumprimentou a turma e saiu apressadamente para a sala adjacente. Na TV, passava o vídeo do voo 175 da United Airlines mergulhando na Torre Sul, em câmera lenta, e explodindo numa bola de fogo. Fleischer conversou com o presidente, que rapidamente rabiscou observações em letra cursiva, antes de voltar para a sala de aula apinhada e enfrentar outra vez câmeras e repórteres.

“Senhoras e senhores, este é um momento difícil para os Estados Unidos”, começou ele.

Aviões caíam do céu, sequestradores suicidas os guiavam para os prédios públicos icônicos do país, ateando fogo em si mesmos e nos passageiros dos aviões, matando milhares de pessoas. E ninguém sabia quantos aviões havia.

Morell achou que deviam retirar Bush de cena imediatamente. Começou a se dirigir a um agente do serviço secreto, mas viu que o destacamento de proteção estava adiantado. Apontaram para fora do prédio, para o comboio. Assim que a curta declaração do presidente terminou, seguiram imediatamente para o aeroporto.

Más notícias continuaram a chegar. Um terceiro avião, o voo 77 da American Airlines, atingiu o Pentágono enquanto eles ainda apressavam-se na direção norte, pela Route 41. De repente todos os prédios altos, todos os monumentos, todos os pontos de referência americanos pareciam estar ameaçados. Onde iria bater o avião seguinte? Não havia nada de fantasioso na extensão do alarme durante aquelas primeiras horas. Porém, além do medo, os ataques provocaram um sentimento primitivo e de autodefesa. Apenas 71 minutos depois de a Torre Norte ser atingida, a centenas de quilômetros a oeste da cidade de Nova York e sobre a Pensilvânia, os passageiros a bordo do voo 93 da United Airlines rapidamente se

organizaram e atacaram os homens que tinham sequestrado o avião. O avião caiu em um campo a leste de Pittsburgh, em Shanksville, Pensilvânia.

A reação foi imediata e em âmbito nacional. As forças militares puseram caças em voo e aumentaram a segurança em suas bases. Os aeroportos foram fechados; ruas, bloqueadas; prédios, evacuados.

Em Chicago, quando Obama percebeu que ninguém voltaria ao Thompson Center tão cedo, foi até o carro e dirigiu o curto trajeto até seu escritório de advocacia. A empresa, Davis, Miner, Barnhill, and Galland, ficava em uma casa geminada de tijolos. Tinha uma sala de reuniões no porão, com uma TV onde os funcionários se reuniram para ver o desenrolar da tragédia. Junto com milhões de pessoas pelo mundo todo, eles viram homens e mulheres desamparados nos andares mais altos das Torres Gêmeas, ainda vivos, aglomerando-se nos parapeitos das janelas, as chamas atrás, acenando desesperadamente pela ajuda que não conseguia chegar até eles e tentando descobrir o que fazer; alguns pulavam para a morte. Obama assistiu com os outros as torres desabarem, imaginando os milhares de pessoas presas lá dentro. Viram a fumaça e as chamas subindo de uma parede demolida do Pentágono.

Em San Diego, Bill McRaven assistia a tudo de uma cama de hospital em sua casa, onde ainda era de manhã bem cedo. Mesmo incapacitado, o capitão dos Seal¹ da Marinha tinha uma atitude distintamente militar. Seu corpo alto era magro e musculoso. O cabelo raspado chamava atenção para suas orelhas de abano, e as metades superior e inferior do rosto eram um pouco tortas, o que fazia com que seu longo queixo ficasse num ângulo ligeiramente saliente, enfatizando seus modos resolutos. Ultimamente o capitão McRaven não fazia outra coisa senão sair da cama para a cadeira de rodas, da cadeira para a cama. Era uma debilidade humilhante para uma pessoa tão dedicada ao físico. Fora um astro das corridas em sua escola secundária em San Antonio, Texas, e também na academia militar. Como qualquer pessoa em uma unidade de operações especiais de elite, passara a

vida se cobrando mental e fisicamente... superando a maior parte de seus desafios. Dois meses antes, tivera um terrível acidente de paraquedas, numa queda livre de 3 mil metros até colidir com o paraquedas aberto de outro saltador. Girando violentamente e semiconsciente, ele conseguiu puxar o acionador, salvando sua vida, mas ficou com uma perna emaranhada nas cordas do paraquedas e a outra, nos cordões de suspensão. O impacto da abertura do paraquedas quase o partiu em dois. Fraturou a pélvis, quebrou as costas e rasgou os músculos da parede do estômago. Não haveria qualquer missão ousada no futuro próximo, e, mesmo que conseguisse uma reabilitação que o permitisse sair da cadeira, dali por diante só se manteria inteiro por meio de placas e parafusos.

Conseguiu escapar do hospital levando a cama para casa, de onde assistiu aos ataques naquela manhã. Não era amargurado. McRaven aceitava as duras escolhas de sua profissão. Imaginou que, se realmente fosse bom o suficiente para pular de paraquedas numa equipe do Seal em combate, nunca teria tido aquele acidente. Fora dispensado. Não estava preocupado em perder a chance de progredir no posto. Se sua ambição fosse posto, jamais teria entrado para uma equipe do Seal. Foi a mesma coisa no Exército; operações militares especiais eram um caminho para ação de pequenas equipes, não para o comando, que tradicionalmente envolvia assumir a responsabilidade por um número cada vez maior de homens. A força regular via os “irregulares”, as equipes de operações especiais, como... bem, irregulares. Você seguia uma direção para pular de aviões e explodir coisas talvez para se testar numa missão de verdade, mesmo quando o país não estava oficialmente em guerra. Ele tinha 45 anos, e seu posto mais recente fora o de comodoro do Naval Special Warfare Group, em Coronado, posto que, naquelas circunstâncias, pensava ter sido o melhor trabalho de sua vida. Do que ia sentir falta era da ação.

McRaven lutara na Guerra do Golfo e tinha sido treinado para missões ousadas durante toda a vida adulta. Não havia como saber a reação exata dos Estados Unidos àqueles ataques, mas estava claro que o país se encontrava em guerra, e que a guerra o deixaria para trás.

Quem quer que tenha feito aquilo, a probabilidade era de que não se tratava de um Estado-nação. Provavelmente tratava-se de um pequeno grupo de fanáticos devotados, operando de diversos lugares difíceis de encontrar e difíceis de chegar. A guerra sempre apresenta novos desafios. Uma nação, levada a agir por uma nova ameaça, tem de ir com calma, inventar as estratégias e táticas que prevalecerão. Demoraria — nesse caso, mais de uma década —, mas McRaven estava numa posição privilegiada para saber onde aquilo tudo ia dar. Fizera um estudo das Operações Especiais. Já estava convencido — os primeiros indícios começavam a aparecer na TV — de que o ataque tinha sido obra de um pequeno grupo terrorista que se chamava Al-Qaeda. Homens como McRaven tinham ouvido muito mais a respeito da Al-Qaeda do que a maior parte do país. Se não aquele grupo, então um parecido. Como lutar contra uma organização invisível, apátrida e que planejava ataques furtivos? Lutava-se contra ela com o serviço de inteligência e com unidades especiais altamente treinadas, como o Seal, com homens que pudessem atacar com rapidez e precisão em qualquer lugar do mundo. Podia ver isso claramente. Seu esquadrão iria para a guerra sem ele.

Mas, melhor do que ninguém, também sabia que essa guerra duraria. Com o tempo, iria ficar bom. Com o tempo, talvez pudesse haver um jeito de ele conseguir voltar ao Seal.

Em Washington, Michèle Flournoy viu a fumaça que se erguia do Pentágono do outro lado do rio Potomac. Tinha muitos amigos que trabalhavam ali.

Acadêmica de Harvard e Oxford, aos 40 anos, era uma pensadora influente em círculos de defesa e uma das poucas mulheres em Washington que tinha feito da segurança nacional sua carreira. Todos os que a conheciam sabiam que era apenas uma questão de tempo até que ela assumisse outro posto de alto nível no Pentágono, mas, no momento, como acontece com muitos que devem seus empregos governamentais à ascensão de um partido político, seus antecedentes como planejadora sênior do Pentágono durante o governo Clinton indicavam que ela era uma entre os

muitos especialistas em política que estavam efetivamente no exílio durante o primeiro mandato de um governo republicano na Casa Branca.

Flournoy era conhecida por defender uma abordagem internacionalista para defesa nacional, baseada mais em parcerias e pragmatismo do que em ideologia. O presidente Bush tinha preenchido os muitos postos relacionados à defesa com especialistas mais inclinados a usar o poderio militar norte-americano unilateralmente, a buscar aliados internacionais, mas sem ficar comprometidos. Com a nação em paz, essas diferenças filosóficas eram de interesse principalmente dos especialistas e acabavam em foros relacionados ao planejamento e desenvolvimento militar. Mais cedo, naquela mesma manhã, Flournoy tinha sido entrevistada na National Public Radio (NPR) a respeito de algumas das iniciativas planejadas pelo secretário de Defesa, Donald Rumsfeld. Ela trabalhava para o Center for Strategic and International Studies (CSIS), um *think tank* bipartidário, e era professora na Universidade de Defesa Nacional, auxiliando o Pentágono a preparar sua Quadrennial Defense Review (Revisão Quadrienal de Defesa), um plano estratégico amplo para o departamento gigantesco, que fornecia o esboço mais prático para as prioridades de defesa nacional. Quando os aviões começaram a colidir com as torres, ela estava assistindo a um briefing internacional sobre previsões da defesa em um prédio em frente à Casa Branca.

Todos os prédios da cercania foram esvaziados. Olhando da Pennsylvania Avenue a fatídica coluna de fumaça do outro lado do rio, concluiu que o que quer que estivessem discutindo naquela sessão de repente tornou-se irrelevante, como se alguém tivesse apagado todo o quadro. As prioridades de defesa dos Estados Unidos estavam sendo radical e violentamente redefinidas.

Caminhou alguns quarteirões até o prédio do CSIS, ligou para casa a fim de saber dos filhos e começou a tentar entrar em contato pelo telefone com amigos no Pentágono, sem sucesso. Atendeu a algumas chamadas de colegas e repórteres, inclusive o repórter da NPR com quem acabara de falar havia algumas horas. Partilhou da crescente suspeita de que os ataques

eram obra da Al-Qaeda, mas, àquela altura, tudo não passava de uma hipótese.

Outro exilado democrata, Thomas Donilon, também estava no centro de Washington, submetendo-se ao checkup anual, em uma sala na M Street. Tinha 46 anos, idade em que as longas horas sentado atrás de uma mesa durante tantos anos começam a cobrar seu preço, especialmente para um homem como ele. Advogado com longa experiência política, era conhecido por desempenhar o trabalho de três e tinha a estrutura desleixada que demonstrava isso. Em uma capital mundial dos viciados em trabalho, ele era considerado excepcional. Donilon tinha sido o ajudante mais jovem na equipe do presidente Jimmy Carter, em 1977, e servira como chefe de gabinete no Departamento de Estado durante o governo Clinton. Entrara para a campanha de Clinton em 1992, para fazer o papel do presidente G. H. W. Bush e o de Ross Perot na preparação para os debates. Horas de preparação lhe armaram com exemplos e fatos reveladores. Era tenaz: infalivelmente agradável, mas duro. Tinha um jeito de exhibir os dentes, superiores e inferiores, quando falava que fazia as palavras parecerem mastigadas. Clinton gostava de duelar verbalmente com ele antes de um encontro importante. Agora, com menos de um ano de vigência do governo republicano, começava a se acostumar à vida de uma pessoa de fora, empenhando seu diploma de advogado e sua experiência no governo para trabalhar como lobista para Fannie Mae.

Depois que o médico terminou de examiná-lo, saiu com o carro da garagem subterrânea e entrou num engarrafamento. Escritórios por todo o distrito tinham sido evacuados. Parecia que toda a força de trabalho do governo estava a caminho de casa. Donilon tentou ligar para a mulher, mas o serviço de celulares estava tão sobrecarregado que a ligação não completava. Ligou o rádio e ouviu as notícias horrorizado conforme avançava lentamente na direção de casa, ao nordeste. O trajeto levou um tempo enorme. Ao chegar em casa, descobriu que a mulher também tinha saído do trabalho e ido para casa, depois de pegar a filha mais cedo na pré-escola, em Bethesda. Ligaram a TV e a assistiram com o resto do país.

Michael Vickers estava a apenas alguns quarteirões de seu pequeno *think tank*, o Center for Strategic and Budgetary Assessments (Centro de Avaliação Estratégica e Orçamentária). Ele fundou o centro depois de deixar o trabalho de inteligência e militar. Como um brilhante oficial da CIA, vinte anos antes, organizou a missão americana clandestina que ajudaria um frágil grupo de líderes tribais e extremistas islâmicos a expulsar a União Soviética do Afeganistão, um esforço considerado a maior missão secreta na história da agência de inteligência. O ex-oficial das forças especiais do Exército era uma lenda na sua área. Era especialista em Oriente Próximo, tinha extensos contatos na região e uma carreira que incluía serviços na inteligência e operações especiais, qualidades que seriam credenciais únicas para esta nova guerra. No dia seguinte, a pedido de Rumsfeld, estaria de volta ao Pentágono como consultor para ajudar a pensar como os Estados Unidos deveriam reagir.

Na Bósnia, quando as notícias chegaram, no início da tarde, o general de brigada David Petraeus estava na sede da brigada Nórdico-Polonesa. Um homem pequeno e rijo, que caminhava com um leve claudicar devido a um acidente de paraquedas anos antes, ele assistia às torres desabarem com um grupo de oficiais internacionais quando percebeu que sua missão, assim como a de todo soldado norte-americano, estava prestes a mudar. Logo sua suspeita recaiu sobre a Al-Qaeda e seu fundador, um homem chamado Osama bin Laden.

Não era um palpite sem fundamento. Petraeus tinha sido oficial executivo da Junta de Chefes de Estado-Maior no Pentágono, de 1997 a 1999, período em que o governo Clinton frequentemente debatia se e de que maneira se deveria perseguir o líder radical islâmico. A decisão na época tinha sido lançar mísseis de cruzeiros em alvos da Al-Qaeda no Sudão e no Afeganistão, uma iniciativa nada discreta e que não tinha dado grandes resultados. Bin Laden era escorregadio. A reação agora seria muito maior — mudaria o mundo. Uma das tarefas de Petraeus na Bósnia era comandar uma força-tarefa conjunta clandestina, composta de representantes da elite de todos os serviços, que encontravam e miravam em criminosos fugitivos

de guerra sérvios e croatas, reuniam informações e então investiam subitamente nos alvos, em geral de helicópteros à noite.

Antes de embarcar no avião e voltar para a própria sede, Petraeus já estava pensando em adaptar sua missão.

Em Nova York, o estudante de pós-graduação Ben Rhodes viu a tragédia se desenrolar do Brooklyn. Estava se preparando para concluir o mestrado em escrita criativa na NYU, mas também estava envolvido na política da cidade, e naquele dia foi distribuir panfletos da candidata à Câmara Municipal, Diana Reyna. Era dia de eleição em Nova York. Rhodes começou a se envolver com política após se confrontar com socialistas limítrofes em sua escola preparatória no Upper West Side e depois com os republicanos em estilo texano na Rice University. Temia que não fazer nada significasse ceder terreno ao dogmatismo. Então agora estava na orla do Brooklyn Heights distribuindo panfletos.

Só as chamas e a fumaça que se erguiam da Torre Norte já eram chocantes. Rhodes supôs que tinha havido um sério acidente. Dezesete minutos depois, do outro lado do East River, viu um enorme clarão na Torre Sul, e em seguida as duas torres estavam em chamas até o topo, lançando grandes nuvens de fumaça negras no horizonte de Manhattan. Não acreditava no que via. O rádio de um guarda a seu lado emitia um chamado para *todas as partes* responderem, e o ar irrompeu em sirenes. Rhodes virou-se para ver a via expressa Brooklyn-Queens logo abaixo repleta de ambulâncias com luzes piscando e carros de polícia correndo para a Brooklyn Bridge na direção de Manhattan.

As chamas e trilhas de fumaça não diminuía. Era difícil apreender a magnitude do acontecimento. Rhodes ainda estava olhando quando a Torre Sul caiu. Do outro lado do rio, nenhum barulho chegou até ele. Nenhum ruído surdo ou estrondo. O arranha-céu, de forma súbita, simplesmente desabou, dobrando sobre si mesmo, como se fosse algo para o qual tinha sido projetado, e desapareceu em uma grande nuvem branca ondulante de escombros.

Ele começou a andar. Parecia claro que a Torre Norte também estava condenada, e ele não estava nem um pouco interessado em ver isso. As torres tinham sido marcos de sua infância em Nova York. Não havia nada em sua visão de mundo de 23 anos que incluísse o que tinha acabado de ver. Rhodes admirava Ernest Hemingway — carregara durante anos um exemplar de *O sol também se levanta* na mochila, quando estava na graduação. No íntimo, Hemingway acreditava que as verdades duras deveriam ser encaradas. Rhodes, o futuro romancista, também se afastou da ficção naquele dia. O que quer que fosse aquilo que acabara de ver, era um fato que precisava ser encarado imediatamente. Como para muitos norte-americanos que testemunharam aqueles eventos, sua vida jamais seria a mesma.

O presidente Bush estava em voo quando as torres caíram. Ele e sua equipe mais próxima assistiram da sala de funcionários, na dianteira do Air Force One, onde podiam captar os sinais das TVs locais. Os sinais apareciam e sumiam. Bush ficou alarmado com o fato de o avião não ter receptor de sinal via satélite — algo que corrigiria depois. Um comentarista afirmou que a responsabilidade pelos ataques tinha sido reivindicada pela Frente Democrática pela Libertação da Palestina.

Para Morell, isso não fazia qualquer sentido. A organização era um velho grupo dissidente da Organização de Libertação da Palestina e estava quase extinta.

“O que você sabe sobre esse grupo?”, lhe perguntou Bush.

“Eles não têm capacidade de realizar ataques desse tipo”, respondeu Morell.

Dois minutos depois o relato foi desmentido.

A transição para o estado de guerra foi impressionante. Quando o comboio chegou à pista do aeroporto internacional Sarasota Bradenton, o Air Force One estava rodeado de agentes do serviço secreto armados com rifles automáticos. Ninguém tinha visto um ataque como aquele antes, de modo que nenhum deles sabia o que esperar, quem estava por trás dele e qual seria sua extensão. Tudo e todos estavam sob suspeita. Agentes

revistaram todas as malas do grupo do presidente antes de subir as escadas do avião, incluindo as de Card e as de Morell, assim como as do oficial militar que carregava os códigos nucleares.

Quando o homem da CIA pisou no avião, perguntou a um dos agentes: “Para onde estamos indo?”

“Vamos ficar sobrevoando”, respondeu ele.

Chovendo aviões do céu, talvez o lugar mais seguro para o presidente fosse simplesmente... o céu.

Voaram para a base da Força Aérea de Barksdale, na Louisiana, para reabastecer e recarregar. A pista de decolagem estava repleta de caças. Relatos de outros ataques continuavam chegando: bombas, mais aviões transformados em mísseis, uma ameaça ao Air Force One e o relato de um ataque dirigido à fazenda de Bush em Crawford, no Texas. Tudo se revelaria falso, mas, diante da audácia e do terror dos recentes ataques, qualquer novo alarme parecia plausível.

Quando o presidente saiu do avião para gravar uma mensagem ao povo norte-americano, Morell permaneceu em seu assento, com a maior parte da equipe. A tripulação rapidamente abasteceu o avião com água e comida; ninguém sabia ao certo por quanto tempo o presidente continuaria a sobrevoar. Quando um auxiliar militar passou pelo corredor com uma lista de passageiros, pedindo seletivamente que pessoas desembarcassem do avião, o homem da CIA perguntou o que estava acontecendo.

“Estamos mandando um grupo de pessoas desembarcar aqui”, disse ele.

“E eu?”, perguntou Morell.

“Andy Card disse para você ficar.”

Decolaram com a carga reduzida, rumo à base do Strategic Air Command, em Omaha, Nebraska. Quando estavam novamente no ar, Morell foi chamado mais uma vez para a cabine de Bush.

“Quem você acha que fez isso?”, o presidente lhe perguntou.

Morell falou com Langley ao telefone, mas até aquele momento ninguém tinha conseguido lhe dar uma resposta definitiva.

“Há dois Estados terroristas capazes: Irã e Iraque”, disse Morell ao presidente, “mas os dois têm muito a perder e nada a ganhar. Se eu tivesse

de adivinhar, apostaria muito dinheiro na Al-Qaeda”.

“Então, quando vamos saber?”, perguntou Bush.

Morell não saberia dizer. Ele explicou quanto tempo levava para a agência ter certeza da autoria dos ataques anteriores — o bombardeio das torres Khobar, em 1996, na Arábia Saudita; o bombardeio nas embaixadas dos Estados Unidos, na Tanzânia e no Quênia, em 1998; o atentado ao USS *Cole* em águas do Iêmen, em 2000. No primeiro caso, levava dez dias; nos últimos, alguns meses.

“Podemos saber logo, ou pode demorar um pouco”, respondeu ele.

De fato, as notícias chegaram rápido. Um analista em Langley tinha examinado a lista de passageiros das aeronaves condenadas e ligou alguns dos sequestradores diretamente à Al-Qaeda. Já se sabia da informação havia cerca de uma hora, mas ainda não tinha sido passada a Morell. Bush recebeu as notícias por videofone do diretor da CIA George Tenet depois que aterrissaram em Omaha. Naquele momento, o presidente rejeitou a própria equipe de segurança e mandou que o levassem de volta para Washington. Iria se dirigir à nação naquela noite e queria fazê-lo da Casa Branca.

A caminho de Washington, Morell deu novas informações a Bush, agora com base num relatório da inteligência estrangeira. Segundo este relatório, havia células dormentes da Al-Qaeda nos Estados Unidos preparadas para lançar uma segunda onda de ataques. Um dos briefings de Morell tinha prevenido Bush, em agosto, a respeito dos planos de ataque da Al-Qaeda, mas tinha sido um aviso muito discreto. Não se sentira, nem fora transmitido, qualquer sinal de urgência, apesar do título alarmante do próprio relatório — “Bin Laden determinado a atacar os Estados Unidos”. Certamente, nada na escala do que estava acontecendo. Com a maior parte da força de trabalho de férias, Morell tinha se esforçado para recolher material para apresentar ao presidente no mês de agosto. Ele chamava o material de “peças da estagnação de verão”. Tendiam a ser amplamente estratégicas, discussões sobre possíveis ameaças com maior vida útil que a grande parte dos itens na agenda matinal, problemas que se assomavam e com os quais a Agência se preocupava, mas sem muitos detalhes. Bin

Laden falava a respeito de fazer algo grandioso contra os Estados Unidos, algo com o que, ele dizia, seus seguidores iriam “se regozijar”, mas a ameaça vinha de um homem que já fazia isso havia anos. No relatório constava que o FBI tinha “setenta investigações completas de campo” em andamento a respeito das ameaças de Bin Laden. A essência do relatório era que a Al-Qaeda estava planejando alguma coisa e que o governo dos Estados Unidos não tinha ideia do que era, mas estava fazendo o possível para impedi-la.

O Air Force One desceu na base Andrews da Força Aérea ao anoitecer. Muitas das pessoas a bordo cochilavam. Já tinham trabalhado durante um dia longo e difícil e sabiam que havia uma longa noite pela frente. Morell ergueu-se para olhar pela janela. Dois F-16s tinham manobrado para escoltá-los na descida, voando em formação precisa ao lado de cada asa, tão próximos que Morell conseguia ver o rosto dos pilotos dentro da cabine. A distância, podia ver a fumaça do Pentágono ainda subindo.

Mais tarde, na mesma noite, estava em casa para assistir ao pronunciamento do presidente para o país. Antes de Morell ir se deitar, foi ver os filhos, que dormiam no meio de um monte de bichinhos de pelúcia. Pensou: *O mundo em que eles vivem mudou completamente, e eles não têm a menor ideia.*

Naquela noite, o presidente Bush discursou do Salão Oval:

“Hoje, nossos concidadãos, nosso modo de vida e nossa liberdade foram submetidos a uma série de ataques terroristas deliberados e mortais”, disse o presidente. Ele descreveu os eventos do dia em detalhes e enalteceu os que tinham respondido, correndo com grande perigo, às emergências. Fez votos de “encontrar os responsáveis e levá-los à justiça”.

O principal responsável, Osama bin Laden, não era muito conhecido fora dos círculos de segurança nacional antes daquele dia, mas logo seria o terrorista mais famoso do mundo. Nas semanas e meses seguintes, reivindicaria a responsabilidade pelos ataques, louvaria os sequestradores assassinos como mártires de sua causa e seria visto em uma gravação rindo de prazer, e louvando Alá por seu sucesso.

“Lá estão os Estados Unidos, atingidos por Deus, em um de seus pontos mais vulneráveis”, diria ele em uma gravação liberada poucas semanas mais tarde. Nela, aparecia usando uma capa de camuflagem, sentado ao lado da AK-47, que carregava desde seus dias de jihad contra a União Soviética, e ostentava uma longa barba, já com mechas grisalhas. “Seus grandes edifícios foram destruídos, graças a Deus. Lá estão os Estados Unidos, cheios de medo, de norte a sul, de leste a oeste. Agradeço a Deus por isso. O que os Estados Unidos estão experimentando agora é insignificante comparado ao que nós experimentamos durante muitos anos. Nossa Nação [ele se referia aos muçulmanos de todo o mundo] experimentou essa humilhação e essa degradação por mais de oitenta anos [a derrota do Império Otomano durante a Primeira Guerra Mundial].”

Do Onze de Setembro em diante, todo dia em que Bin Laden se esquivava das garras dos Estados Unidos era um dia de vitória para ele. Seria difícil exagerar o significado disso. Não importa o que o país fizesse para vingar o Onze de Setembro, quantos regimes fossem derrubados ou o quanto tivesse atingida e enfraquecida a Al-Qaeda, cada dia que aquele homem permanecesse livre era uma afronta. Significava que ele tinha comandado o ataque e saído impune, e que poderia fazer algo parecido novamente.

Os dois homens que liderariam os Estados Unidos na década de guerra seguinte tiveram notoriamente reações distintas aos ataques. Bush escreveria sobre suas impressões em seu livro *Momentos de decisão*; Obama descreveria as suas em discursos e artigos nos anos subsequentes, e ele conversou comigo a esse respeito no Salão Oval.

Bush se sentiu ultrajado e com um desejo urgente de vingança. “Alguém ousou atacar os Estados Unidos”, escreveu ele. “Vão ter de pagar.”

Ao aterrissarem na base da Força Aérea de Barksdale naquele dia, as fileiras e mais fileiras de bombardeiros fizeram Bush se dar conta do assustador poder que tinha sob seu comando. Qualquer outro homem testemunhando aquela exibição poderia ter refletido sobre a falta de sentido no uso de um arsenal da época da Guerra Fria contra um inimigo apátrida

sem endereço fixo, mas Bush mais tarde escreveria: “Eu sabia que era apenas uma questão de tempo até eu colocar aquele poder em uso contra quem quer que tivesse ordenado aquele ataque.”

Nos comentários da noite dos ataques, ele expandiu o alcance de sua retaliação antecipada: “Não faremos distinção entre os que cometeram esses atos e os que os abrigaram.” A ansiedade do presidente em revidar os ataques continuaria a crescer. Resultaria na mobilização de vastos exércitos, invasão e ocupação de duas nações e no lançamento de missões militares menores e de inteligência por todo o globo. Essas missões consumiriam os sete anos e meio seguintes de seu governo, matariam e aleijariam milhares e fariam mais do que qualquer coisa para moldar a primeira década americana do século XXI. A guerra no Afeganistão, o primeiro país atacado, se mostraria a mais longa na história americana. Uma guerra ainda mais sangrenta e custosa seria iniciada no Iraque; ela se basearia na crença equivocada de que o ditador Saddam Hussein tinha alguma responsabilidade tangencial nos ataques e que estaria abrigando armas capazes de provocar desgraças ainda piores. Por mais equivocado que grande parte daquilo viesse a se mostrar, a reação de Bush refletiu com exatidão o estado de ânimo do público e satisfez, em alguma medida, a necessidade de o país se mexer e atacar seus inimigos.

Se a reação de Bush ao Onze de Setembro foi começar a procurar alguém para bombardear, Barack Obama parecia pronto para lançar um tipo de campanha global contra a pobreza.

Poucas pessoas estavam realmente interessadas nas ideias do senador do estado de Illinois, mas, nos dias seguintes ao ataque, o jornal local, *The Hyde Park Herald*, perguntou qual teria sido sua reação, assim como a de outros representantes locais. A resposta de Obama foi condizente com a de um ex-líder comunitário com antecedentes distintamente internacionais — seu pai era queniano, e Obama passara os primeiros anos da infância morando com a mãe na Indonésia (ainda falava alguma coisa em *Bahasa Indonesia*, a língua que aprendeu quando criança). Na Universidade de Columbia, morando no Upper East Side de Manhattan, ele tinha dedicado grande parte de seus estudos às relações internacionais e viajara muito.

Certamente mais do que qualquer presidente anterior, Obama cresceu globalmente, o que, junto com o fato de ser mestiço e ter nome africano, alimentaria suspeitas obstinadas de que ele não era *autenticamente* norte-americano. Ele tinha experiências em primeira mão do ressentimento e da raiva dirigidos aos Estados Unidos por muitos dos que moravam em partes menos favorecidas do mundo, assim como por muitos negros crescidos no país. Para ele, o antiamericanismo não era uma simples abstração. Durante toda a vida, ele conscientemente lutara com a própria identidade multicultural, multirracial, processo que descreveu de modo comovente em suas memórias de 1995, *A origem dos meus sonhos*. Na resposta para o *The Hyde Park Herald*, Obama buscou examinar as raízes do terrorismo. “Cresce de um clima de pobreza e ignorância, desamparo e desespero.” Pediu que os Estados Unidos “dedicassem muito mais atenção à tarefa monumental de aumentar as esperanças e perspectivas de crianças amarguradas pelo mundo todo — crianças não apenas no Oriente Médio, mas também na África, Ásia, América Latina, Europa Oriental, e dentro de nossos próprios litorais”. Parecia um clichê de esquerda, e, certo ou errado, estava claramente fora de sintonia com a raiva do país.

Para ser justo, o poder das Forças Armadas dos Estados Unidos ainda não estava sob seu comando, e ele ainda não era o responsável pela proteção da nação. Nem seus instintos políticos eram assim tão bons. Foi difícil para Obama se enquadrar na política. Naquela candidatura para o Congresso, foi derrotado pelo ex-ativista dos anos 1960, Bobby Rush, que cofundara o Partido dos Panteras Negras em Chicago e já ficara preso durante seis meses por porte de armas de fogo. O Primeiro Distrito Congressional de Rush era um dos poucos nos Estados Unidos em que um currículo como o dele levaria ao Congresso. Era a sede da Nação do Islã de Louis Farrakhan. A raça mista e a formação internacional de Obama, além de suas credenciais em Harvard, tinham funcionado contra ele. Nos anos seguintes, sua comunicação se ampliaria, acompanhando seus horizontes. Ele já começara de maneira agressiva, ao ditar as bases para sua campanha seguinte, um esforço bem-sucedido para destronar o senador republicano

Peter Fitzgerald, em 2005. Contudo, naquele momento, sua reação ao Onze de Setembro fora estritamente trivial.

Veio de um padrão que remetia ao Vietnã. A maior parte dos democratas liberais e muitos negros norte-americanos nunca superaram o conflito. Um quarto de século mais tarde eles ainda tendiam a ser contra a guerra e até antimilitaristas — outra das curiosas credenciais contrárias de Rush era que ele fora desertor do Exército. Mas o amplo modelo político estabelecido nos anos 1960 e início dos 1970 — republicanos linha-dura contra democratas pacifistas — tinha começado a mostrar rachaduras. A dinâmica de velho linha-dura versus o pacifista tinha ficado muito mais complexa, com liberais pressionando por intervenções humanitárias na Somália, Bósnia e em outros lugares, num contraste com as objeções dos conservadores à loucura da política de “construção de países”, à função de “policiais do mundo” e à cooperação dos Estados Unidos com as Nações Unidas.

Obama é um homem cauteloso, e nos dias seguintes ao ataque, sua cautela ficou mais evidente. Parecia mais *interessado* do que provocado. Na ocasião, disse esperar que os Estados Unidos “tirassem alguma medida de sabedoria dessa tragédia”. Mostrava-se mais inclinado a *estudar* o ataque do que a vingá-lo. Ali estava um homem cujo sangue tinha uma temperatura de ebulição mais alta do que a da maioria. Via-se como alguém capacitado a navegar entre extremos implacáveis, fossem eles culturais ou, como no trabalho com a *Harvard Law Review*, intelectuais. Contudo, nesse caso, as forças que imaginara terem moldado os atacantes do Onze de Setembro, ignorância e pobreza, não se aplicavam. Os assassinos suicidas se revelariam não ser nem filhos amargurados da pobreza nem especialmente desesperançados ou ignorantes. A maior parte era formada por jovens sauditas bem de vida, cujas famílias os tinham enviado ao exterior para ter uma educação universitária cara. Eram todos fanáticos religiosos, liderados por um homem que herdara uma verdadeira fortuna. Seus ressentimentos não eram econômicos. Eram políticos e religiosos.

Obama de fato reivindicou uma reação belicosa, mas mesmo nisso foi cauteloso. “Temos de ser resolutos em identificar os perpetradores desses atos hediondos e desmontar suas organizações de destruição”, disse ele.

Não “encontrá-los e prendê-los ou matá-los”, mas *desmantelar suas organizações*. Se a reação de Bush aos ataques começou grande e foi ficando cada vez maior, a reação de seu sucessor estava na extremidade oposta do espectro. Quaisquer ideias de Obama a respeito de guerra eram expressas em opiniões comedidas. Ele acabaria travando uma guerra violenta, mas a moderação permaneceria. Não era pacifista. Viu a violência como um recurso necessário, ainda que um último recurso. Mas como a responsabilidade de defender a nação não era dele, podia se permitir deixar os eventos chocantes daquele dia serem absorvidos mais lentamente.

Os eventos não tinham precedentes. Os norte-americanos já tinham tido sua quota de derramamento de sangue, invasão e ataques de surpresa. Pearl Harbor era uma lembrança viva para milhões. No entanto, graças à televisão, nada na história americana se comparava ao impacto do Onze de Setembro. Pearl Harbor ficava a mais de 3 mil quilômetros de distância do continente, numa época em que as ilhas havaianas eram apenas um território norte-americano. Relatos dos ataques japoneses chegaram via rádio e em matérias de jornais. Os ataques do Onze de Setembro aconteceram ao vivo na TV e foram transmitidos para o mundo inteiro. Os momentos principais foram repetidos em câmera lenta em ciclos intermináveis. Não havia nada de indireto naquilo. Lá estava um massacre de cidadãos americanos sem qualquer sentido, bem diante de nossos olhos.

Os debates a respeito de conflitos durante a vida de Obama — Panamá, El Salvador, Kuwait, Somália, Ruanda, Bósnia etc. — envolviam todas as questões a respeito do uso do poder dos Estados Unidos. Qual era a obrigação moral do país? Quão amplamente deveria ser definido o “interesse nacional”? Quais eram os custos da intervenção? Melhoraria ou pioraria as coisas? Como o resto do mundo iria reagir diante da decisão? Não havia nada de abstrato a respeito do Onze de Setembro.

Alguns críticos obstinados dos Estados Unidos argumentaram que o país tinha provocado aquilo. Culpariam, entre outras coisas, as políticas interesseiras no Oriente Médio, as atitudes de supremacia cultural e o constante desprezo pelas crescentes disparidades globais de riqueza e oportunidades. As declarações do próprio Obama sugeriam isso. Mas, para

a maioria, era nítido que os ataques tinham raízes em algo mais sombrio. As estratégias globais, as intrigas e as alianças de Washington provocavam raiva em muitas partes do mundo, especialmente no Oriente Médio. O antiamericanismo era real e perigoso. Mas isso... isso provinha de algum núcleo profundo de ódio. A morte de inocentes sempre foi uma trágica consequência da guerra, mas os ataques foram uma *estratégia* de assassinato aleatório. Era um fato novo, ou, talvez, algo muito antigo.

Na noite do Onze de Setembro Obama ficou acordado até tarde assistindo à TV enquanto cuidava da pequena Sasha, trocando fraldas e dando-lhe mamadeira. Naquela altura, os elos com a Al-Qaeda estavam sendo amplamente comunicados, e as telas mostravam imagens de Bin Laden, um homem alto, magro, senhoril, com uma barba de profeta e mantos esvoaçantes. Sua imagem evocava a figura colérica do abolicionista fanático John Brown, ou até mesmo de Jeová. Obama já sabia mais sobre o renegado da Arábia Saudita e sobre seu movimento extremista do que a maior parte dos norte-americanos. As explosões nas embaixadas dos Estados Unidos no Quênia e na Tanzânia em 1998 tinham matado 223 pessoas, na maior parte africanos. Outros milhares ficaram feridos. Obama tinha família no Quênia. Estivera naquela embaixada em Nairóbi. Sua tendência a procurar respostas por meio de entendimento mútuo seria dolorosamente posta à prova.

No final, o modo como os eventos daquele dia afetaram Barack Obama viria a ter uma grande importância. Poucos de nós temos de tomar decisões de vida e morte, ou de mandar matar alguém. É pouco provável que naquela noite Obama tivesse imaginado que algum dia pudesse vir a ter. Sua inclinação pessoal e intelectual era preencher as lacunas entre as pessoas, mostrar empatia. Tendia a ver os conflitos como algo que surgia exclusivamente da injustiça ou do desentendimento. Era filho de um homem da tribo Luo, do Quênia, e de uma moça branca, do Kansas. Era diferente onde quer que fosse, na infância, ao fazer a transição entre a vida e a escola, em Jacarta, como jovem inter-racial de pele escura num mundo majoritariamente branco. Mesmo internamente, negociar diferenças era sua história de vida. Como diria anos mais tarde ao seu biógrafo, David

Maraniss: “O único modo de minha vida fazer sentido é se, independentemente de cultura, religião, raça, tribo, houver esse compartilhamento, preceitos que são universais. E isso podemos alcançar além das nossas diferenças. Se esse não é o caso, então é muito difícil encontrar sentido na minha vida. Então essa é a essência de quem eu sou.” Empatia era o seu ambiente. É uma visão do mundo generosa, e muitas vezes a visão correta.

Mas no Onze de Setembro ele deparou com algo que desafiaria aquela percepção esperançosa. Por mais que buscasse alguma lógica para justificar ou atenuar aqueles ataques, nenhuma extensão de empatia ou raciocínio o satisfaria. As crenças odiosas de Bin Laden não podiam ser aceitas. Apesar do tom suave de seus comentários para o *Hyde Park*, Obama falou também de “uma ausência fundamental de empatia por parte dos atacantes: uma incapacidade de imaginar ou se conectar com a humanidade e o sofrimento dos outros”.

Há pouca evidência de que George W. Bush fosse dado a esse tipo de reflexão, pelo menos não abertamente, sobre si mesmo ou sobre sua responsabilidade. Nascera em uma família que detinha poder como se isso fizesse parte de seu patrimônio hereditário, e quando vieram os ataques Bush estava mais que pronto para desempenhar seu papel. Obama veio do extremo oposto. Suas raízes estavam entre os de menor poder. Mas, mesmo em sua ampla experiência, não havia como compreender Osama bin Laden.

Quatro anos depois do ataque, depois que sua eleição para o Senado dos Estados Unidos desencadeou uma onda de entusiasmo eleitoral que o acabaria levando à Casa Branca, Obama escreveu um novo prólogo para suas memórias. Nele, voltava brevemente ao Onze de Setembro: “Fica além da minha habilidade como escritor capturar aquele dia e os dias que se seguiram. Os aviões, como espectros desaparecendo no aço e no vidro, a cascata em câmera lenta das torres desmoronando. As pessoas cobertas de cinzas perambulando pelas ruas. A angústia e o medo. Nem pretendo entender o nihilismo extremo que incentivou terroristas naquele dia e que ainda incentiva seus irmãos. Meus poderes de empatia, minha capacidade de chegar ao coração de outra pessoa, não conseguem penetrar nos olhares

vazios daqueles capazes de assassinar inocentes com satisfação abstrata, serena.”

Ele notou que o golpe homicida da Al-Qaeda na década anterior tinha acompanhado estranhamente de perto sua própria trajetória de vida — Nairóbi, Bali, Manhattan. Falou mais asperamente sobre os atacantes do que falara anos antes. Condenou qualquer pessoa “que buscasse, sob qualquer bandeira, slogan ou texto sagrado, uma certeza e simplificação que justificasse a crueldade para com aqueles que não se parecem conosco”.

Obama passara a vida, não importa para onde olhasse, *não sendo como outros*. Os ataques tinham cristalizado alguma coisa dentro dele.

Quando Sasha esvaziou a mamadeira naquela noite, em 2001, ele a colocou apoiada com a cabeça nos ombros e bateu suavemente em suas costas. As terríveis imagens do dia estavam sendo repassadas na tela em frente dele. Imaginou o que o futuro reservaria para ela e para sua irmã mais velha, Malia. Sentiu os ataques pessoalmente, como um homem civilizado, como norte-americano e como pai. Estava buscando uma definição pessoal do mal.

¹ Principal força de operações especiais da Marinha dos Estados Unidos. Opera no mar (*sea*), no ar (*air*) e em terra (*land*). (N. da E.)

2

O caminho do jihad

Verão de 2010

No esconderijo, o cabelo e a barba tinham ficado grisalhos. O Sheik, como gostava de ser chamado, tinha apenas 53 anos, mas os longos bigodes brancos faziam com que tivesse a aparência de um homem já idoso. De certa maneira, fizera papel de idoso durante toda a vida adulta: foi severo e serenamente cheio de si desde que atingiu idade suficiente para deixar a barba crescer. Rico, bem-relacionado e do sexo masculino em uma cultura que valorizava excessivamente essas coisas, conhecera a deferência e a estima das pessoas próximas a ele durante toda a vida.

Apesar dos golpes recebidos por seu movimento nos últimos anos, Bin Laden mantinha um tom otimista em suas cartas. Sua fé não deixava lugar a dúvidas, ou mesmo a questionamentos. Exceto por suas perambulações pelo Oriente Médio e pelo Oriente Próximo, o mundo de Bin Laden era extremamente limitado. Se o homem na Casa Branca, Barack Obama, o homem encarregado de defender os Estados Unidos da América, era uma surpreendente confluência de raças e nacionalidades, um homem de formação internacional e com uma educação ampla e liberal, Bin Laden era seu oposto. O Sheik trilhara um caminho relativamente estreito na vida. Encontrara a verdade ainda bem jovem e desde então batalhara por resistir a qualquer desafio ou contradição. Mesmo antes de se tornar o fugitivo mais

procurado do mundo, seus hábitos diários e aqueles que impunha a sua família eram calculados para reduzir o contato com as pessoas fora de seu pequeno círculo de convicção. Os rituais que seguia — o jejum, evitar mulheres que não fossem suas esposas, sessões extras de orações diárias —, tudo tinha como objetivo manter influências externas a distância. Tinha como objetivo fortalecer sua devoção à causa e sua fé na vitória suprema.

Ele via sinais de esperança em toda parte.

“Quem quer que olhe para os inimigos na Otan, especialmente os Estados Unidos, saberá que eles estão encrocados”, escreveu ele. “Este foi o pior ano para eles no Afeganistão desde que o invadiram. O número de mortos americanos nunca foi tão grande, de acordo com seus próprios relatórios. Sua crise financeira continua. A Grã-Bretanha diminuiu seu orçamento para defesa, e os Estados Unidos estão diminuindo o orçamento do Pentágono. Qualquer pessoa que conheça o mundo e entenda de política sabe que lhes é impossível continuar com a guerra. Não há diferença entre os Estados Unidos e a União Soviética antes de sua retirada do Afeganistão.”

No fundo, o Sheik era um fantasiador, e aqui estava a essência de sua fantasia. Ele saíra de casa aos 22 anos para unir-se a uma causa aparentemente perdida, um jihad pan-muçulmano para expulsar a União Soviética do Afeganistão. Os *mujahidin* que assumiram essa luta eram pouco mais do que uma turba sem treinamento, pobremente armada, indo contra uma das forças militares mais ricas, bem-treinadas e bem-equipadas do mundo. Nos últimos anos, Bin Laden seria descrito como um niilista homicida, alguém que não acreditava em nada. Homicida ele realmente era, mas o oposto de um niilista. Era um fiel verdadeiro. Tinha uma visão completa do mundo como queria que fosse — de fato, como convencido de que seria, como estava convencido de que Deus Todo-Poderoso queria que fosse. Acreditava em milagres e sinais. Colecionou-os durante a vida toda como prova da graça divina. Sua determinação em entrar para o jihad no Afeganistão foi um ato de fé, e a derrota dos soviéticos confirmava seu comprometimento. Era o primeiro grande milagre em seu caminho, o que o convenceu, mais que qualquer outra coisa, de que ele tinha razão.

Quando menino, um dos 54 filhos de um magnata bilionário saudita do setor de construções, Bin Laden frequentara principalmente escolas islâmicas, e na religião ele encontrou um antídoto para o mundanismo de sua família. Foi um dos poucos filhos Bin Laden que recebeu toda a educação na Arábia Saudita. As escolas que frequentou quando menino incluíam estudos religiosos, mas ensinavam também matemática, ciências, história, geografia e inglês. Ainda garoto, aprendeu a falar um inglês aceitável. Tendo crescido nos anos 1960, ele estava entre os mais bem-instruídos de sua geração saudita. Também trabalhara para o pai, primeiro como simples operário. A empresa Bin Laden era famosa por construir estradas e partes das mesquitas em Meca e Medina. O jovem Osama foi promovido a supervisor de equipe e finalmente começou a chefiar ele mesmo projetos de construção. Uma de suas especialidades eram túneis. Esse tipo de trabalho punha-o em contato direto com operários muçulmanos de toda a região e do mundo: egípcios, iemenitas, marroquinos e até malaaios. Então, suas ideias a respeito do mundo muçulmano se expandiram bem além das dos jovens sauditas, mais protegidos, que viam sua própria linha Wahhabi da fé como algo superior a todas as outras. Ao mesmo tempo, Bin Laden se tornou extremamente devoto, evitando qualquer contato com mulheres que não fossem suas esposas (casou-se com a primeira delas, Najwa, aos 17 anos). Renunciou ao estilo de vida luxuoso de sua vasta família e descobriu a obra do estudioso egípcio Sayyid Qutb, um homem pequeno, cruel, doentio, com um bigode de Hitler e que foi enforcado por autoridades no Egito em 1966. Depois de morto, as palavras coléricas de Qutb adquiriram uma eloquência feroz para aqueles que pensavam como ele.

Qutb tinha criticado a rápida ocidentalização das sociedades árabes tradicionais. Defendia a revelação divina em um mundo moderno arruinado, escrevendo críticas penetrantes contra a democracia capitalista e contra o comunismo. Com fervoroso ódio aos judeus, ele via planos sionistas secretos na maior parte das coisas de que não gostava, adotando qualquer invenção ou mito absurdo no cânone do antissemitismo. O Corão, argumentava ele, era o único caminho verdadeiro. Toda sabedoria de que a

humanidade precisava estava naquele livro, que ele passara a vida inteira interpretando e explicando para satisfazer sua própria visão. Os muçulmanos detinham a verdade, a única verdade, e tinham o dever de confrontar descrentes, violentamente se necessário. Regimes e Estados que estivessem no caminho da lei religiosa eram *jahiliyya* — sociedades pré-islâmicas ignorantes — e, como tal, eram alvos legítimos da violência. As forças de Deus devem combater as forças de Satã, começando com os regimes seculares dos Estados árabes modernos. Qutb incitava os fiéis a construir um país no qual fundamentariam uma sociedade pura, baseada na *sharia*, a lei islâmica, um apoio para os fiéis em um mundo decaído, e dessa base, irradiariam a justiça de Deus, se necessário pela espada. O novo califado assim criado iria dobrar toda a civilização à vontade de Deus. Numa época em que os árabes prósperos se tornavam cada vez mais seculares e ocidentais, mandando seus filhos para fazer pós-graduação na Europa e nos Estados Unidos e adotando estilos de vida antiéticos para a tradição árabe, Qutb os incentivava a ir na direção oposta.

Morou por um tempo nos Estados Unidos — brevemente no Colorado e na Califórnia —, e, aparentemente, tudo o que ele vira esclarecia seu ódio, não apenas pelos Estados Unidos, mas por todo o humanismo que formava o fortalecimento intelectual do mundo ocidental. Um homem meticuloso, que nunca se casou e parecia ter aversão ao sexo, Qutb denunciava a licenciosidade, o materialismo e a liberdade pessoal da democracia capitalista. Ele via claramente que, apesar de seu assim chamado respeito pela religião, a sociedade ocidental se tornara principalmente secular, que a fé, que para ele era o princípio dinâmico da vida, tinha sido reduzida, nas sociedades capitalistas, a algo mais parecido com produtos de consumo, como se houvesse diferentes *sabores* de verdade divina arrumados como itens numa prateleira de supermercado para os consumidores escolherem. Que importância poderia ter para Deus o tipo de verdade que um homem preferia? Só havia uma verdade, e o dever de um homem era aceitá-la com reverência e tentar viver em conformidade com ela. A própria ideia de tolerância, de respeito por uma variedade de crenças, era anátema. Ou se adotava a verdade, ou se estava perdido. Quanto ao marxismo, a grande

ideia rival do mundo ocidental, ele o via apenas como idolatria, colocando a razão humana — “Idealismo Racional” — acima da revelação. Esquivando-se atrás do marxismo e do capitalismo, ele argumentava, estava o judaísmo mundial.

“O Islã é um sistema dado por Deus e tem como objetivo estabelecer um princípio fundamental da soberania de Deus e da submissão do povo somente a Ele”, escreveu Qutb. “Como tal, o Islã tem o direito de remover todos os obstáculos de seu caminho e se dirigir livremente ao povo, sem qualquer impedimento, como um sistema político ou costumes e tradições sociais... é direito do Islã tomar a iniciativa. Não é o credo de um povo em particular ou o sistema de um país em particular. É um sistema dado por Deus para o mundo inteiro. Como tal, tem o direito de agir para remover todos os obstáculos e restringir a liberdade de escolha do homem. É uma fé que não se obriga a qualquer indivíduo, ela apenas ataca situações e regimes para liberar os indivíduos de influências desviantes que corrompem a natureza humana e restringem a liberdade do homem.”

O jovem Osama bin Laden não foi o primeiro a ser tomado por uma ideologia pura, simples, que prometia criar liberdade de escolha abolindo tudo que dela discordasse. O Corão permanecia como uma rocha nas águas cambiantes da história da humanidade. O progresso para os seres humanos significava uma coisa: viver mais próximo dos ensinamentos do livro.

“O conceito islâmico de Divindade é completamente diferente do do homem... e, portanto, não precisa desenvolver ou mudar”, Qutb escreveu. “Aquele que estabeleceu esse conceito pode prever, sem limites de tempo ou espaço. Seu conhecimento é imune aos obstáculos da ignorância e da deficiência; e Ele escolhe sem ser influenciado por paixão ou emoção. Portanto, Ele estabeleceu para a humanidade inteira, em todos os lugares e em todos os tempos, um princípio firme dentro da estrutura da qual a vida humana avança e se desenvolve livremente.”

Acusado de participar de um plano da Irmandade Muçulmana para assassinar o líder político egípcio, Gamal Abdel Nasser, Qutb foi para a forca com suas crenças inabaladas. “A Irmandade Muçulmana não é um grupo de pregadores e missionários, mas de fiscais divinos”, escreveu ele.

“Sua missão é eliminar, se necessário pela força, a opressão, a anarquia moral, a desordem social e a exploração, para então acabar com o papel divino dos pretensos deuses e substituir o mal pelo bem. ‘Combata-os’, diz o Corão, ‘até que não haja mais opressão e toda submissão seja somente a Deus.’”

Bin Laden se tornou um “fiscal divino”. Quando jovem, não era muito estudioso nem pensador e lhe faltava a eloquência de Qutb. Os que o conheciam o consideravam calado e sem graça. Mas era ambicioso e rico. Seu pai bilionário morreu num desastre de avião em 1967, deixando uma fortuna grande o bastante para fazer de seus filhos pelo menos multimilionários. A herança de Bin Laden aos 10 anos de idade foi estimada em 10 milhões. Ele não tinha interesse em usar sua riqueza para construir uma bela casa ou adotar um estilo de vida luxuoso, como muitos de seus irmãos. Sua inclinação ia para o lado oposto. Tinha sido educado numa escola secular privada, mas quando começou a frequentar a King Abdulaziz University, na qual estudou economia e administração de empresas, já pregava a simplicidade e parecia interessado principalmente em religião e trabalhos beneficentes. Continuou a perseguir esses interesses até que a União Soviética invadiu o Afeganistão e o lançou no caminho do trabalho de sua vida.

Huthaifa Azzam tinha apenas 14 anos quando atendeu à campainha no portão da casa de seu pai na Jordânia. Encontrou um rapaz muito alto, muito magro, moreno e barbado, trajando roupas árabes e um simples turbante branco, em vez do típico toucado de xadrez vermelho e branco, ou *shemagh*, usado pela maior parte dos homens sauditas. O visitante perguntou, timidamente: “É a casa do dr. Abdullah Azzam?”

Azzam era um eminente islamita e estudioso palestino, cuja *fatwa* “Defesa das terras muçulmanas: a primeira obrigação, depois da fé” tinha causado uma comoção no mundo árabe, chamando os fiéis ao Afeganistão para resistir aos soviéticos infiéis. Azzam fizera mais que pregar. Mudou-se para o Paquistão a fim de tomar parte pessoalmente na guerra santa. Baseado em Peshawar, perto da fronteira afegã, ele tinha estabelecido o que

chamou de “Escritório de Serviços”, com a finalidade de recrutar e treinar jovens voluntários árabes para entrar na luta. Revistas, fotos e vídeos preparados pelo escritório espalhavam notícias da heroica resistência religiosa por todo o mundo árabe... e chegaram até o jovem Bin Laden. Azzam estava tirando umas curtas férias com a família na Jordânia quando o jovem saudita fez a viagem de quatro horas para tocar sua campanha. Esse voluntário era diferente da maioria, é claro, por causa de sua fortuna. Azzam deve ter ficado encantado. Naquele dia, os dois conversaram durante horas, e à noite Bin Laden era um recruta. Ele se consagrou à causa. Ainda era um súdito saudita bastante leal, no entanto, e adiou a volta com Azzam para pedir permissão ao rei Fahd. Chegou a Peshawar várias semanas mais tarde.

Naquele ponto, o dinheiro de Bin Laden era mais valioso à causa do que sua liderança, ou até sua vida, de modo que, durante aqueles anos iniciais com Azzam, ele permaneceu em segurança atrás das linhas de frente, trabalhando no Escritório de Serviços e ajudando a atrair outros jovens combatentes para a causa. Isso não iria durar. Bin Laden era romântico e fanático. Não tinha feito seu jihad para ficar em segurança atrás das linhas. Afastou-se de Azzam, aproximando-se cada vez mais de Ayman al-Zawahiri, o médico egípcio radical que deixara seu país natal depois de ficar três anos na prisão. Zawahiri trabalhava em um hospital do Crescente Vermelho, em Peshawar. Embora apenas seis anos mais velho que Bin Laden, era um homem com mais experiência e instrução, e tinha ficado profundamente amargurado pela tortura que sofrera nas mãos da polícia egípcia. Seu radicalismo raivoso levou Bin Laden a adotar um papel mais ativo na guerra santa — a tornar-se, ele mesmo, um *mujahid* completo.

O extremismo crescente de Bin Laden começou a preocupar seu mentor palestino. Azzam, um professor universitário, vacilou com a recusa de Bin Laden em mandar seus filhos à escola. O mais jovem queria que recrutas árabes formassem unidades separadas, religiosamente puras, enquanto Azzam acreditava que os árabes seriam mais bem-empregados se misturados com a milícia afegã, mais astuta e experiente. Além disso, ele resistia ao crescente descuido de seu protegido em relação à vida humana.

Bin Laden tinha adotado uma definição ampla de “infiel”. Até aquele ponto, o inimigo era entendido como soldados russos e afegãos que lutassem com eles. Afinal de contas, estavam em guerra. Bin Laden expandira a definição. Agora ela se aplicava a qualquer russo, e mesmo a qualquer não muçulmano. Ele estava lutando uma guerra maior do que a que era promovida por Azzam. A mulher deste, Samira, lembra-se de seu marido discutindo com Bin Laden a respeito do plano do rapaz de colocar uma bomba em um ônibus cheio de russos em visita ao Paquistão.

“Você entrou no Paquistão com um visto”, lembrou-lhe Azzam. “O visto é um contrato. Ao obtê-lo, você assinou que não criaria problemas nem desobedeceria às leis. Um muçulmano não deve quebrar um contrato.”

“O Paquistão é um país muçulmano”, lhe disse Bin Laden, significando que não muçulmanos nada tinham a fazer ali.

Uma coisa, argumentava Azzam, era matar russos que invadiram o Afeganistão e o mantiveram à força, e outra inteiramente diferente era atacar civis inocentes de férias em um país que os recebera bem.

“E daí, o que vai acontecer se a Rússia perder um ônibus cheio de gente?”, perguntou Bin Laden desdenhosamente. “Não vai ter importância.”

Ele já estava além do conflito no Afeganistão. Sua fé lhe dava autoridade. Deus o tocara. Isso lhe dava o direito de decidir, de matar.

Além disso, Bin Laden sentiu que o jihad exigia que ele lutasse pessoalmente, não apenas que tomasse parte no recrutamento, treinamento e pagamento de outras pessoas para isso. O velho homem discutiu com ele durante meses, sem dúvida convencido de que um saudita multimilionário valia mais para a causa vivo do que morto. Mas Bin Laden estava decidido. Atravessaria a fronteira e se uniria à batalha. Em 1987, ele rompeu com Azzam. Recrutou seu próprio grupo de cerca de duas dúzias de combatentes árabes, criando o tipo de unidade combatente que ele preferia — uma força pura, só de árabes, que lutavam por motivos religiosos, não apenas pelo princípio do nacionalismo afegão. Equipado com armas e tratores, entraram cerca de 16 quilômetros pelo Afeganistão, juntaram-se a alguns combatentes afegãos que pensavam como eles e começaram a construir um posto avançado nas montanhas, perto da aldeia de Jaji. Bin Laden fortificou

uma série de cumes e começou a construir estradas e outras estruturas — ele disse que uma escola e um hospital — que anunciavam sua presença. Situava-se na parte mais a leste do Afeganistão, um terreno acidentado, e não era um local estrategicamente importante, pelo menos em qualquer sentido convencional. Bin Laden o chamou de Al-Masada, o Covil do Leão. Ficava próximo de uma guarnição soviética muito maior, e seu objetivo principal era provocar um ataque. Para um homem prático como Azzam (que seria assassinado dois anos mais tarde), isso provavelmente parecia uma insensatez, mas Bin Laden vivia num mundo de fantasia romântica, e, nesse reino, Al-Masada fazia todo sentido. A batalha não era apenas pelo Afeganistão, mas pelo mundo inteiro. Era o começo de um novo califado, a aurora de uma nova era muçulmana. Ele era um guerreiro sagrado, e guerreiros não venciam batalhas preenchendo cheques, fazendo vídeos e liderando pela retaguarda. Em sua opinião, a ideia não era derrotar os soviéticos em batalha, ou mesmo sobreviver, mas demonstrar tanto heroísmo e determinação que inflamasse o espírito de luta da grande Nação Muçulmana.

“Se Deus quiser, desejamos que o Covil do Leão seja a primeira coisa a ser enfrentada pelo inimigo”, disse Bin Laden a um jornalista sírio. “Sua localização como o primeiro campo visível para o inimigo significa que eles vão focalizar seus bombardeios sobre nós de um modo extremo.”

E os soviéticos acederam, jogando napalm e tantas toneladas de explosivos convencionais que o posto avançado e a área em torno ficaram desnudados de árvores e vegetação. Então atacaram diretamente, cercando o posto. O sítio durou 22 dias, com pesadas baixas dos dois lados. Alguns dos homens de Bin Laden eram combatentes mais hábeis do que ele. Abu Hafs (Mohammed Atef, policial egípcio que seria morto em 2001) e Abu Ubaidah (Ali Amin al-Rashidi, também ex-policial egípcio, morto em 1996) lideraram pesados contra-ataques. Afinal os soviéticos desistiram e recuaram, entregando aos combatentes árabes uma vitória inspiradora. Para Bin Laden, ela tinha se desenrolado milagrosamente, um sinal claro dos céus.

Mais tarde ele diria ao jornalista sírio: “Às sete horas na 27ª manhã do Ramadã 1407 [abril de 1987], a maior parte das pessoas estava dormindo no acampamento porque era Ramadã. Então eu vi coisas que, por Deus, nunca tinha visto antes. Um avião soviético, um MIG, creio eu, passou na nossa frente, quando um grupo de nossos irmãos *mujahidin* afegãos se juntaram [e atacaram]. O avião então se espedaçou e caiu bem diante de nossos olhos. Foi essa batalha que me deu a força de vontade para continuar com essa guerra.”

Por tudo o que se sabe, Bin Laden lutou bravamente, expondo-se ao perigo e aos extremos de privação e frio como qualquer outro no acampamento. Foi ferido durante a luta e, em certo ponto, contou a um entrevistador, ficou inconsciente e sangrando em uma trincheira, rodeado por seus camaradas mortos. Acabou sendo resgatado, mas só depois de ter perdido muito sangue, num incidente que ele mais tarde disse que lhe dera pressão arterial baixa crônica. A disposição de Bin Laden de se pôr em risco aumentou muito sua fama. No final, não importou muito que a batalha não tivesse tido nenhum significado em termos práticos. A Batalha de Jaji foi proclamada uma grande vitória, e Bin Laden, tendo-a concebido, era seu herói. Repórteres caminharam até Al-Masada para conhecer aquele multimilionário saudita que lutava com convicção suicida. Um deles, Ahmad Zaidan, repórter de jornal paquistanês trabalhando para um grupo de jornais árabes, encontrou um jovem extraordinariamente devoto, em completo comando, que tinha suplantado o papel desempenhado antes pelo muito mais famoso Azzam, e que estava rodeado de seguidores devotados. Bin Laden transformara-se de um garoto rico financiador à margem em um líder *mujahidin* na linha de frente.

Isso lhe trouxe mais que novos recrutas. Afirmou seu senso de destino. A essa altura tinha se tornado o Sheik. Tinha 30 anos, era alto e magro, com um rosto comprido e uma longa barba escura que alongava ainda mais sua face. Preferia os tradicionais mantos árabes e cultivava um aspecto altivo, santo, transmitindo uma humildade abjeta. Era teatralmente sagrado. De tempos em tempos recebia uma plateia de repórteres, e depois de cada pergunta se sentava silenciosamente por alguns minutos, balbuciando

preces, como se esperasse que o Todo-Poderoso formulasse as respostas por ele, e só então falava, em uma voz tão baixa que todo mundo tinha de se inclinar a fim de escutá-lo. Ele jejuava uma ou duas vezes por semana e rejeitava os confortos e as conveniências simples da vida moderna aos quais podia facilmente se dar ao luxo. Abstinha-se de luz elétrica, não usava ar-condicionado e refrigeração mesmo nos climas mais quentes, como quando ele e a família moraram no Sudão. Tudo isso a fim de se preparar melhor, e à sua família, para a privação da guerra, para a vida como fugitivo. Seguidores eram agora atraídos pela sua fama, a sinceridade, a ousadia e a convicção, mas também pelo seu dinheiro. Sua fortuna ainda era chave. Para aqueles que experimentaram os dias impetuosos do jihad no Afeganistão e preferiram fazer disso uma carreira, Bin Laden podia prover os meios e possuía a visão descuidada. Para a maior parte dos árabes, o califado era história antiga; mas para o Sheik era destino. Deus o escolhera. Ter sobrevivido ao penoso sítio russo em Jaji reforçou essas crenças. Qutb clamara por um Estado muçulmano puro, uma base de onde propagar a causa. O Afeganistão parecia ser esse lugar. Fora chamado de Khorasan ao se converter ao Islã, no século VII, e permanecera como um dos grandes pilares do califado durante séculos. Derrotar os soviéticos teria uma profunda ressonância entre os crentes. Talvez fosse o lugar certo. E, na cabeça de Bin Laden, tinha começado com Al-Masada, onde os puros de coração, em números menores e com menos armas, tinham justamente desafiado MIGs, bombas soviéticas e semanas de ataques determinados.

Então o impossível aconteceu. Assim que recuaram de Al-Masada, em 1989, os exércitos russos se retiraram frustrados do Afeganistão. Dentro de três anos, o próprio império soviético desabou, seguido imediatamente pelo regime que tinha deixado para trás, em Cabul. Bin Laden voltou para a Arábia Saudita com uma enorme reputação de autor dessa realização titânica e ganhou ainda mais discípulos. Ele e os homens que lutaram com ele em Jaji se viram como o sustentáculo desse triunfo e se chamaram “A Base”, ou Al-Qaeda. Eram a alma daquilo que Bin Laden via como o califado emergente, uma verdadeira Nação Muçulmana.

Claro que isso era absurdo. Na verdade, a fonte do triunfo dos *mujahidin* tinha sido os bilhões de dólares de auxílio americano e armas que Michael Vickers tinha ajudado a desviar para o Afeganistão depois da invasão soviética. Mas Bin Laden estava menos interessado na verdade do que nas aparências, e, quanto a estas últimas, ele e seus seguidores superavam-se. O estilo deles revelava muita coisa. Suas longas barbas, o cabelo e gorros de preces e mantos os faziam parecer homens de um tempo mais antigo, mais santo. Eles adotaram o asceticismo de Bin Laden. Adotaram a luta e a morte, alardeando que seu desejo de martírio suplantava o apego à própria vida. Jogavam-se contra o poder. Eram homens naturais, homens verdadeiros. O próprio desmazelo deles anunciava sua autenticidade. Eram devotos. Acreditavam que a civilização não estava evoluindo em direção à felicidade e à justiça, mas coisas que tinham sido perdidas.

A queda da União Soviética teve muitas causas, é claro, e a prolongada humilhação no Afeganistão estava certamente entre elas. Mas para os devotos havia apenas uma causa: a mão de Deus tinha mais uma vez se movido de forma clara na história da humanidade, exatamente como acontecera nas antigas lendas. Nenhum estudioso sério daria a Bin Laden o crédito de um papel de destaque na luta, muito menos um papel no colapso do Estado soviético; porém, na cabeça do Sheik, foi assim que aconteceu. Dava uma ótima história: os sem-poder, mas puros de coração, sobrepujando conflitos impossíveis. O Sheik adorava histórias desse tipo. Ele próprio era poeta, um poeta dado à fantasia, a exaltações grandiosas e clichês românticos. Celebrava a violência e a morte na luta para defender a fé, com imagens seculares de espadas e cavalos, montanhas elevadas e guerreiros destemidos.

*Ele se curva para a frente,
Tingindo de vermelho as lâminas das lanças.
Possa Deus não deixar que meus olhos se desviem
Dos seres humanos mais eminentes,
Caso eles caiam.
Como o garanhão me dá testemunho*

*De que eu os mantenho afastados,
Minha estocada é como cinzas de fogo
Que explodem em chamas.*

Ele usava seus poemas para explicar, excitar e recrutar em partes do mundo em que as tradições ainda eram tribais e orais, mas os poemas representavam também uma expressão de como ele se via, como acreditava ser o mundo. Quando jovem, compusera e recitara seus poemas em casamentos e outras ocasiões. Ele alinhavava sua própria vida e sua luta moderna a imagens de um passado glorioso. O Sheik muitas vezes incluía versos em suas cartas e dava instruções para que fossem lidos em ocasiões importantes — publicados ou transmitidos. A vitória do Afeganistão trouxe à vida em tempos modernos a época dos heróis e feitos poderosos. Em sua poesia, ele estava argumentando que nós também vivemos em uma época de milagres.

Depois da queda da União Soviética, até mesmo sua maior ambição parecia ao alcance. Quando Saddam Hussein invadiu o Kuwait, o Sheik, então morando em seu país natal, escreveu uma série de cartas ao rei Fahd, exigindo que não permitisse que forças americanas entrassem na Arábia Saudita e oferecendo-se para reunir uma tropa de *mujahidin* para expulsar, ele mesmo, as tropas iraquianas. Seu apelo foi ignorado. Huthaifa Azzam, que tinha permanecido amigo de Bin Laden durante anos depois do conflito com o Afeganistão, lembra-se desta como a única ocasião em que ele viu o Sheik, normalmente de temperamento calmo, perder a paciência. A revolta e o sentimento de traição de Bin Laden foram totais. Foi considerado bastante perigoso em seu próprio país natal e posto em prisão domiciliar.

Após a recusa do reino em adotar seu plano para uma guerra santa renovada, em vez de optar pela escolha mais prática de convidar os Estados Unidos e outros países apóstatas para juntar forças militares a fim de confrontar Saddam, os irmãos de Bin Laden usaram sua influência para ter o passaporte dele de volta, e ele deixou permanentemente a Arábia Saudita, primeiro indo para o Paquistão, depois para o Afeganistão e, mais tarde, para o Sudão, retornando ao Afeganistão.

O Azzam filho estava participando de uma conferência no Sudão, em 1995, quando passou para ver Bin Laden. Durante a visita, lembra ele, conheceu Khalid Sheik Mohammed, que tinha levado o sobrinho de má reputação, Ramzi Yousef, extremista sunita que na época era um fugitivo procurado pelos Estados Unidos pelo primeiro ataque ao World Trade Center, dois anos antes. Azzam descreveu Yousef como um homem esquelético, cujo rosto barbado tinha ficado marcado de cicatrizes por um acidente que sofreu enquanto confeccionava bombas. Tanto ele quanto o tio viriam a ser caracterizados no relatório da comissão do Onze de Setembro como “operantes sem raízes, mas experimentados”. Yousef seria capturado no Paquistão naquele mesmo ano. De acordo com Azzam, o Sheik ouviu Yousef delinear um plano para atacar novos alvos nos Estados Unidos, inclusive as torres do World Trade Center, dessa vez sequestrando aviões comerciais e jogando-os contra os prédios. Ele queria que a Al-Qaeda ajudasse no recrutamento de mártires e angariasse fundos para a viagem aos Estados Unidos para o treinamento em aviação. Como lembra Azzam, o Sheik disse: “Não temos nada a ver com os Estados Unidos, por que deveríamos atacá-los?”

Isso pode ter sido por conta de Azzam, já que Bin Laden andava pregando o dever de atacar os Estados Unidos havia anos. Desde que rompera com o pai de Azzam, o Sheik tinha se desviado para um curso muito mais radical. Huthaifa Azzam não era o radical que Bin Laden se tornara e teria sido considerado suspeito, até mesmo espião. Isso pode explicar por que Bin Laden teria demonstrado rejeição à ideia de Yousef naquela reunião. A Al-Qaeda já estivera implicada em ataques e planos contra os americanos, inclusive mandando conselheiros militares à Somália, em 1993, para ajudar milícias tribais somalianas a alvejar helicópteros americanos e na explosão de um carro-bomba na Arábia Saudita, que matou cinco soldados americanos e dois indianos. Se o relato for verdadeiro, a reunião que Azzam descreveu é significativa, porque seria a primeira menção conhecida do que se tornou o plano do Onze de Setembro para Bin Laden. A ideia dos ataques é em geral atribuída a Khalid Sheik Mohammed; contudo, a fixação de Yousef nas torres está bem documentada. Mais tarde

ele confessou que tinha esperanças de que as bombas de 1993 derrubassem as torres e matassem 250 mil pessoas. O que quer que Bin Laden tenha dito nessa sessão, a Al-Qaeda muito em breve endossaria o plano.

Bin Laden saiu do Sudão quando terroristas ligados à Al-Qaeda e o grupo jihad islâmico egípcio foram ligados a uma tentativa de assassinato do presidente egípcio Hosni Mubarak. Depois disso, aumentaram as pressões sobre o governo sudanês, e o Sheik foi expulso. Ele tinha outras razões para sair. Houve ali um atentado conhecido contra sua vida, e as autoridades sauditas tinham bloqueado os pagamentos da herança familiar ao líder da Al-Qaeda. Quando o financiamento para seus projetos ambiciosos no Sudão acabou, foi para o Afeganistão em maio de 1996.

Três meses mais tarde, de volta ao poeirento e acidentado lar do primeiro milagre, o Sheik deu uma entrevista coletiva à imprensa para declarar guerra “à cabeça da serpente”. Citou uma lista de queixas contra os Estados Unidos e exigiu que suas tropas se retirassem da “terra dos dois Lugares Santos” — a Arábia Saudita. Era a hora de mais uma grande luta, pregou ele, que iria derrubar a outra superpotência do mundo, os Estados Unidos. Isso significaria o fim de Israel, o Estado cliente dos Estados Unidos, e o alvorecer de uma nova era islâmica. Não havia nada de oculto em seu plano, do mesmo modo que não houvera disfarce em suas intenções quando construiu Al-Masada perto da guarnição soviética em Jaji. A ideia toda era confrontar abertamente o inimigo, dar uma demonstração de desafio inspirado. De fato, a demonstração era mais importante que o sucesso. A questão era a audácia.

Em 1998, ele disse ao correspondente da ABC News, John Miller, a quem deu uma entrevista para chegar diretamente ao público norte-americano: “Estou declarando guerra aos Estados Unidos. Vou atacar seu país.”

Poucos americanos levaram a ameaça a sério. Algum árabe maluco no meio do nada tinha declarado guerra aos Estados Unidos. O país tinha mais o que fazer... como sexo. A ex-estagiária da Casa Branca, Monica Lewinsky, contou o que tinha ocorrido entre ela e o presidente Clinton, e ele negava. Hillary Clinton invocava “uma vasta conspiração da direita”. O

presidente da Câmara, Newt Gingrich, que na época secretamente tinha seu próprio caso extraconjugal com uma funcionária 23 anos mais nova que ele, liderava a acusação para o impeachment do presidente. O astro de basquete Michael Jordan arrebatou o sexto título da NBA pelo Chicago Bull, com um *fade away* nos segundos finais de seu último jogo com o time. Bin Laden só tinha interesse para aqueles cujo trabalho era proteger os Estados Unidos de ameaças estrangeiras, mas, como vimos, até naqueles círculos ele não merecia preocupação urgente.

Mas o Sheik tinha grandes planos e os meios para levá-los adiante. As bombas nas embaixadas americanas em Nairóbi e Dar es Salaam, em 1998, e os ataques ao USS *Cole*, dois anos mais tarde, chamaram a atenção dos Estados Unidos, mas a Al-Qaeda ainda era considerada pela maior parte das pessoas nos serviços de informação e nas comunidades militares uma chateação — uma chateação mortal e crescente, talvez, mas uma chateação. A vida do próprio Bin Laden ficou mais difícil à medida que o governo Clinton dedicou mais esforços a encontrá-lo e matá-lo. Duas das esposas de Bin Laden o deixaram durante esse período, preferindo abandonar o caminho do jihad. Mas o Sheik perseverou durante a década seguinte, treinando recrutas, planejando e assentando as bases para o milagre seguinte.

A queda das torres do World Trade Center era sua vindicação. Que maior prova do propósito de Deus poderia o mundo querer? Bin Laden apostava alto em sinais. Havia muito ele buscava fazer um ataque que degolasse os centros de finanças, governo e militares dos Estados Unidos. Parecia um objetivo impossível. Só um louco, ou inspirado, para achar que conseguiria levar isso adiante.

O desabamento das torres do World Trade Center tinha sido o segundo grande milagre em sua vida. A queda das icônicas torres em Manhattan, símbolos da riqueza e do poder da superpotência infiel que ainda restava no mundo, parecia pressagiar o colapso iminente dos Estados Unidos. Era mais uma prova de que o caminho traçado por ele seria obra de uma inspiração divina.

Mesmo em suas maiores esperanças, não imaginava que os aviões poderiam derrubar inteiramente as torres. A mão de Deus certamente tinha tido participação. Ele acreditava que a força física da colisão da aeronave, a explosão do combustível e o inferno resultante daquilo eram insuficientes para explicar tudo o que ocorrera. Em um vídeo encontrado por soldados norte-americanos em Kandahar, semanas depois dos ataques, Bin Laden conversava alegremente com um grupo de visitantes sauditas simpáticos à causa, louvando a Deus e comemorando o resultado notável, pintando os ataques em termos mágicos. Era uma prática familiar em comunidades religiosas: ornamentar a verdade com sonhos e prodígios, tecendo os fatos com magia e colorindo-os com a graça divina.

Nas imagens, Bin Laden ajoelhou-se numa grande almofada; usava uma jaqueta camuflada de estilo militar e tinha a cabeça envolvida em um turbante branco. Falava tão baixo que suas palavras mal eram ouvidas. Quando falava, os demais no aposento ficavam em silêncio. Bin Laden parecia tenso, talvez porque soubesse que estava sendo filmado, e então ergueu a mão esquerda, longa e fina, estendendo os dois dedos, como Cristo ou um santo em um antigo ícone. Em fotografias mais antigas, antes de ficar tão notório, ele aparece mais à vontade e humano, até gracioso, com as feições finas, animadas por um sorriso fácil. Agora era uma pessoa importante. Assumiu a atitude de pessoas importantes. Disse que recebera informação sobre o dia exato dos ataques uma semana antes de eles acontecerem, de modo que estava pronto para as notícias. Em Jalalabad, os ataques aconteceram no fim da tarde. Bin Laden descreveu como ele e os companheiros *mujahidin* tinham se reunido em torno do rádio para ouvir a transmissão em árabe da BBC.

“Com base na posição da torre, calculamos com antecedência o número de vítimas do inimigo que seriam mortas”, explicou ele. “Avaliamos que os andares atingidos seriam [no máximo] três ou quatro. Era o cálculo mais otimista, tudo graças à minha experiência no ramo [construção]. Eu pensava que o fogo da gasolina no avião derreteria a estrutura de ferro do prédio e derrubaria a área de colisão e somente os andares imediatamente superiores. Isso era tudo que esperávamos.”

Quando os outros começaram a comemorar, depois do choque do primeiro avião, Bin Laden disse: “Tenham paciência.” Havia mais notícias por vir. A diferença entre o choque do primeiro e o do segundo avião foi de vinte minutos, e a diferença entre o primeiro avião e o avião que bateu no Pentágono foi de uma hora.

Tanto quanto o primeiro milagre, este aqui parecia fincar um marco fantástico em sua luta. Mas de início foi cauteloso em reivindicar o crédito.

Procurou Hamid Mir, jornalista paquistanês renomado que o conhecera e entrevistara anos antes. Como Mir explicou, ele estava em seu escritório em Islamabad quando ocorreram os ataques do Onze de Setembro. Em poucas horas, um mensageiro veio até ele com uma declaração escrita do Sheik. Mir reconheceu o mensageiro. Vira-o com o Sheik na primeira vez em que eles se encontraram, anos antes, em Kandahar. Na declaração, estava escrito: “Louvo todos os que conduziram essa operação. Mas não estou diretamente envolvido nela.”

Mir disse ao mensageiro: “Você entrou em contato comigo imediatamente depois dos ataques e chegou ao meu escritório dentro de poucas horas, o que significa que você não estava no Afeganistão naquele momento. Ou seja, Bin Laden lhe entregou esta declaração antes dos ataques. E isso significa que seu pessoal já sabia dos ataques.”

O mensageiro alegou ignorância.

“O Sheik apenas me deu esta carta”, disse ele. “Você vai entrar em contato com o senhor Mir às seis horas e vai chegar ao escritório dele às sete horas, e depois vai voltar. Então, essa era a minha tarefa e eu executei a minha tarefa, está bem? Tchau.”

O mensageiro foi embora.

No Paquistão, a fama de Mir como repórter é controversa. Ele desagradou o governo diversas vezes e foi acusado de ser simpático ao extremismo, mas suas reportagens eram reconhecidas no mundo todo como dignas de crédito e muitas vezes extraordinárias. Seus muitos desentendimentos com o funcionalismo paquistanês deram polimento à reputação que conquistou, de independência junto aos repórteres ocidentais, de modo que, nos dias imediatamente posteriores aos ataques, foi

entrevistado por muitos deles, em busca de alguma resposta sobre a Al-Qaeda. Depois de aparecer no programa de entrevistas de Larry King, na CNN, Mir foi outra vez contatado por um dos mensageiros de Bin Laden, dizendo que o Sheik queria lhe falar. Mir, então, foi a Jalalabad, em novembro de 2001, em busca do maior furo de reportagem de sua vida. Bin Laden era agora o fugitivo mais procurado do mundo.

Ele disse que, ao chegar a Jalalabad, esperou um dia inteiro antes de ser contatado por um grupo de figuras mais subalternas da Al-Qaeda, que afirmava nada saber a respeito da convocação de Bin Laden.

“Não estamos cientes de por que você está aqui, ou quem o quer aqui”, disse um. “Não estamos cientes, espere.”

Mais algumas horas se passaram. Por fim, Mir foi contatado e instruído a viajar para Cabul. Passou vários dias na capital afegã. Primeiro foi transportado para um esconderijo, depois para outro. Àquela altura já tinham se passado semanas da invasão norte-americana, restando apenas alguns dias para a queda dos talibãs. A capital estava preparada para mudanças tumultuosas. Ele podia ouvir a explosão das bombas por toda a cidade, dia e noite, explosões que sacudiam a terra. O reino islamita em construção estava desmoronando ao seu redor. Mir temeu jamais voltar vivo. Se uma bomba norte-americana não o matasse, esses combatentes da Al-Qaeda o fariam. Na manhã do dia 8 de novembro, seis dias antes de os talibãs fugirem da cidade, ele foi acompanhado até a presença de Bin Laden e de Al-Zawahiri. Os dois disseram que tinham ido a Cabul para o funeral de um camarada.

Bin Laden parecia estar serenamente imperturbado pelo desastre que se desenrolava à sua volta, e de bom humor. Sentado com os dois homens mais procurados do mundo, rodeado por outros membros do grupo, Mir começou o diálogo um tanto nervoso. Perguntou: “O senhor é responsável pelo Onze de Setembro?”

Bin Laden estendeu o braço com um dedo longo e desligou o gravador de Mir.

Perguntou: “Você pode fazer essa pergunta a George W. Bush: ‘O senhor é responsável pela matança de muitos muçulmanos na Palestina e no

Iraque?”

“Não, não posso lhe fazer essa pergunta porque não terei chance alguma de entrevistá-lo”, disse Mir.

“Está bem, mas se você tiver a chance e se você lhe fizer essa pergunta, ele responderá?”

“Não”, disse Mir.

“Então, por que você está me fazendo essa pergunta?”

“Por que ele é um político e o senhor é um combatente”, disse Mir, pensando rápido, e depois, voltando à tática mais confiável de qualquer jornalista, recorreu à lisonja: “O senhor disse que é um *mujahid*, de modo que deve haver uma diferença entre um político e um *mujahid*. *Mujahid* sempre falam a verdade. O senhor tem de responder à minha pergunta.”

“Extraoficialmente, sim”, disse Bin Laden. Depois, ligou outra vez o gravador. “Não posso responder à sua pergunta porque minha resposta criará problemas para os talibãs.”

Claramente os talibãs já tinham problemas suficientes. Bombas explodiam tão próximas que o jornalista estava abalado. Seu medo divertiu Bin Laden.

“Oh, senhor Mir, talvez hoje você seja morto comigo neste lugar”, disse, caçoando ligeiramente do jornalista. “Você está aqui para me entrevistar e talvez não consiga enviar essa entrevista para o seu jornal depois. O que acontecerá com você?”

Bin Laden e os outros riram. Conversaram durante horas. Mir fez uma lista de perguntas que tinha preparado. Discutiram os diversos atentados organizados contra a vida de Bin Laden, e, depois de desligar outra vez o gravador de Mir, o Sheik falou longamente a respeito de seu desdém pelo ditador do Iraque, Saddam Hussein, e pelo homem forte da Líbia, Muammar Kadafi. Disse que nenhum deles se unira à luta contra a União Soviética anos antes. Mir perguntou-lhe sobre a difundida notícia de que ele estaria sofrendo de uma doença dos rins e precisasse de hemodiálise. Mais uma vez, o Sheik riu. Prometeu abordar a questão em maiores detalhes no final da entrevista. Então, quando Mir acabou de fazer as perguntas, lhes foi

servido café da manhã — azeitonas, queijo, pão com manteiga e carne. Bin Laden começou a comer vigorosamente.

“Quem tem problema de rim não pode comer muito”, disse ele a Mir. “Está vendo esta carne? Estou comendo carne. Vê este queijo? Estou comendo queijo.”

Mir olhou para Al-Zawahiri, que concordou. “Sim, sou médico e posso confirmar que quem tem problema de rim não pode comer muito.”

“Posso andar 70 quilômetros a cavalo sem parar”, disse Bin Laden.

Ele prendeu Mir durante muito mais tempo do que o repórter esperava ou desejava. O paquistanês, depois de fazer as perguntas que queria, estava ansioso para partir e sair da cidade. Sabia que Bin Laden podia ser um alvo dos norte-americanos. Depois daquela conversa a respeito da saúde do Sheik, Mir perguntou: “Posso ir embora agora?”

“Não”, falou seu anfitrião. “Você passará mais tempo conosco e tomará um pouco de chá. Poderá fazer outras perguntas, perguntas extraoficiais.”

Bin Laden contou a Mir que, no dia seguinte ao dos ataques nos Estados Unidos, sua esposa mais nova tinha dado à luz uma menina, a quem deu o nome de Safiyah.

“Por que Safiyah?”, perguntou Mir.

Bin Laden explicou que Safiyah tinha sido uma tia do Profeta e uma das primeiras convertidas ao islã. Abriu mão de todas as suas posses para unir-se à fé, participou de batalhas e matou infiéis em defesa da fé.

“O senhor agora está planejando envolver as mulheres de sua família em sua luta contra os norte-americanos?”, indagou Mir, ciente das opiniões severamente tradicionais do Sheik quanto ao papel das mulheres. Bin Laden riu.

“Talvez Safiyah siga os passos do pai”, declarou ele, e resistiu quando Mir pareceu levar o comentário muito a sério.

“Esqueça, esqueça”, acrescentou.

“Não, não, é muito importante para mim.”

“Está bem, fique tranquilo que Safiyah não será uma *mujahid*. Não se preocupe”, disse ele e riu outra vez. Por fim, Bin Laden falou: “Está bem, agora você pode voltar.”

Apesar dos incessantes ataques americanos e da derrota iminente dos talibãs, o Sheik estava bastante confiante com o impacto do Onze de Setembro. Tudo estava acontecendo como previu.

Ele não via nenhum de seus ataques como terror injustificado, como viam seus inimigos horrorizados. Eram retaliação. Não eram apenas justos, tinham inspiração divina. Eram seu dever.

“Matamos civis infiéis em troca dos nossos filhos que eles matam”, disse ele a um entrevistador da Al Jazeera cinco meses depois dos ataques de Onze de Setembro, citando uma estimativa que ele muitas vezes usava de que “um milhão de crianças” tinham morrido no Iraque por causa das sanções impostas pelas Nações Unidas àquele país, número que os mais sérios analistas consideravam absurdamente exagerado. Ao ser perguntado a respeito das crianças que estavam na escola dentro do World Trade Center, ele racionalizou: “[Retaliação] é permissível na lei e intelectualmente. Os homens que Deus ajudou [em Onze de Setembro] não tinham a intenção de matar bebês, tinham a intenção de destruir o poder militar mais poderoso do mundo, de atacar o Pentágono, que abriga mais de 64 mil empregados, um centro militar que abriga inteligência militar. As torres gêmeas são um poder econômico, não uma escola de crianças.”

Vale a pena notar aqui, e a maior parte fica evidente, que as ideias de Osama bin Laden não eram novas nem convincentes fora de seu círculo relativamente pequeno de seguidores. Pertenciam a cul-de-sac da história, uma época em que as bruxas e os hereges eram queimados em praça pública. Eram ideias adolescentes, porque permaneciam deliberadamente ignorantes a tudo o que acontecera antes. Há muitos que escolhem acreditar que determinados textos antigos são literalmente a palavra de um Deus ou de outro; contudo, não são muitos os que iriam tão longe a ponto de considerar um dever sagrado matar todos os que discordam deles, ou de matá-los para atingir seus objetivos. Isso era uma filosofia que jamais teria apelo para além de alguns poucos fanáticos devotados. Mas uma das peculiaridades do mundo moderno é que, por causa das telecomunicações, pequenos grupos de pessoas que pensam do mesmo modo, embora muito dispersos, podem formar uma comunidade de crença. Podem receber

informações uns dos outros e chegar a ter uma influência muito além dos números ou do apelo real. Bin Laden foi o primeiro a usar essas ferramentas para transformar sua rede em uma força mortal. A ideia de transformar aviões comerciais cheios de combustível em bombas guiadas efetivamente deu à Al-Qaeda o poder destrutivo de uma pequena força aérea ou de um pequeno arsenal de mísseis. Os atacantes suicidas que levaram o ataque a efeito tinham sido recrutados e treinados internacionalmente, financiados por transferências globais de dinheiro e guiados por telefone e e-mail. Os próprios ataques foram projetados para criar um espetáculo horrível para o mundo inteiro, com a televisão fornecendo o público, repleto de replays e análises para os que chegaram tarde. Era um movimento retrógrado com táticas avançadas.

3

Preparando para o ataque

Final do verão de 2010

“Sr. presidente, Leon e os caras em Langley acham que podem ter descoberto alguma coisa.”

Tom Donilon fez esse comentário no fim da sessão do briefing matinal do presidente Obama, em um dia de agosto. Em vez de ser informado sobre questões delicadas de segurança nacional por um analista da CIA, como acontecia com o presidente Bush, Obama preferia receber as informações de Donilon, seu conselheiro para assuntos de Segurança Nacional. Donilon continuaria nessa função mesmo depois de subir ao topo do Conselho de Segurança Nacional, alguns meses mais tarde. Era aquela época do ano em que não acontecia muita coisa em Washington. O calor e a umidade expulsavam todo mundo da capital, com exceção dos turistas mais determinados e dos que tinham de ficar.

“Trata-se de algo relacionado a Bin Laden”, disse Donilon. “Ainda não sabemos o que é, mas acho que o senhor precisa chamá-los aqui para um briefing.”

Donilon trabalhava com Obama desde os estágios finais da campanha de 2008, quando foi chamado para retomar o papel que desempenhara para o presidente Clinton, preparando o candidato para uma série de debates formais com seu rival republicano. Os anos Bush representaram uma longa

pausa durante a qual Donilon se afastou de funções junto ao governo e continuou seu trabalho por vários anos como lobista para Fannie Mae (Federal National Mortgage Association) e depois tornou-se sócio de uma empresa de advocacia em Washington, chamada O'Melveny & Myers. Contudo, seu coração ainda estava na política e no governo, e quando foi convidado para ajudar a preparar Obama para os confrontos contra o adversário republicano, o senador John McCain, não perdeu a oportunidade. Acreditava na importância dos debates presidenciais. Não apenas davam ao público uma percepção maior dos candidatos, como também obrigavam os candidatos a examinar os pontos fracos das próprias ideias e propostas políticas e confrontá-los diante de uma plateia de milhões de pessoas. Uma das primeiras recomendações que fez a Obama, e que foi adotada, foi que ele, antes de tudo, debatesse com McCain sobre questões de política internacional, precisamente porque era um assunto no qual se julgava que o senador republicano, veterano e herói de guerra, tinha grande vantagem. O célebre serviço militar de McCain no Vietnã, onde foi feito prisioneiro durante cinco anos, depois que seu A-4E Skyhawk foi abatido em Hanói, e os 26 anos de atuação no Congresso pesaram de modo impressionante contra Obama, que, 25 anos mais moço que McCain, nunca servira ao Exército e ainda tinha de completar seu primeiro mandato no Senado. No papel, McCain possuía qualificações mais fortes para o posto. Mas presidentes não são contratados, são eleitos, e até o currículo mais distinto contava pouco perto da impressão que os candidatos transmitiam ao público. Donilon sentiu que, se Obama fosse visto na televisão, em circuito nacional, conquistando seu espaço em um debate sobre segurança nacional com McCain, os eleitores começariam a imaginá-lo melhor como presidente. E era bom que isso acontecesse logo. Ele acreditava que era isso que Obama tinha realizado.

Seu papel na preparação do candidato consistia em confrontá-lo com as brechas em seu raciocínio *antes* que ele subisse ao palco. Nesse sentido, Donilon era uma das poucas pessoas em torno de Obama cuja tarefa, por assim dizer, era discutir com ele — abalar a famosa tranquilidade do candidato. Ele tentava fazer Obama tropeçar, escarafunchava seu raciocínio,

contestava os fatos, pressionando-o a ir além das frases que já esperava que seriam bem-recebidas.

“Está bem, foi isso que você disse durante a campanha”, dizia ele, “mas se você for mais pressionado em relação a isso, o que realmente dirá?”

E torcia o nariz para as típicas respostas prolixas de Obama, provocando-o: “E como você explica *isso* em noventa segundos?”

O candidato tinha provavelmente gostado daquele tipo de coisa, porque manteve seu atormentador por perto desde então. Donilon descobriu que Obama tinha uma mente afiada e um profundo conhecimento da história dos Estados Unidos e de direito. Era difícil ganhar dele nos argumentos. Engajá-lo totalmente significava estar inteiramente preparado; caso contrário, era provável que a pessoa saísse humilhada. Um homem fisicamente expressivo, Obama tinha um jeito de afugentar um argumento infundado com um sorriso divertido ou uma expressão mais sutil, erguia uma sobrancelha e balançava a cabeça. Donilon dava duro para evitar esse olhar. Raramente era visto fora dos corredores da Casa Branca, uma criatura amarrotada no apertado labirinto de escritórios ocupados pela liderança do Conselho de Segurança Nacional, no andar de baixo. Era raramente entrevistado pela imprensa e parecia não ter ego. Obama exigia bastante de sua equipe, mas Donilon era ainda mais exigente consigo mesmo. Fazia avaliações de seu próprio desempenho todos os dias, “*bom* ou *ruim*”. Depois da eleição, Obama convidou-o para presidir sua equipe de transição no Departamento de Estado e mais tarde o colocou sob as ordens do general James Jones, na equipe do Conselho. Jones, ex-comandante do Corpo de Fuzileiros Navais, tinha sido recrutado como parte de uma estratégia para aproximar Obama dos militares americanos, com quem Obama não tinha praticamente nenhuma experiência de primeira mão. Desde o início, o general Jones concordou em ficar no posto por apenas um ou dois anos. Donilon era visto como o provável sucessor de Jones desde o primeiro momento do mandato.

Agradava-o particularmente ter notícias sobre Bin Laden para relatar ao presidente. Fazia mais de sete anos que não se tinha qualquer pista do terrorista mais infame do mundo, desde que escapara de um posto avançado

na montanha de Tora Bora, durante um sítio malfeito pelos soldados aliados. O governo Bush tinha dito, durante anos, que ele estava em algum lugar nas regiões montanhosas do noroeste do Paquistão, mas, na verdade, não fazia ideia. Não houvera nenhuma pista ou vislumbre em anos. Obama tomara posse determinado a ressuscitar a busca.

Em 26 de maio de 2009, já com quatro meses de governo, Obama terminou uma sessão rotineira de briefing sobre segurança nacional, feita na Sala de Situação, e sinalizou para Donilon, Leon Panetta, seu recém-nomeado diretor da CIA, Mike Leiter, diretor do Centro Nacional Contra o Terrorismo, e Rahm Emanuel, chefe de gabinete.

“Você, você, você e você”, disse ele. “Subam comigo. Quero falar com vocês a respeito de uma coisa.”

Os quatro homens subiram um lance de escada atrás de Obama e seguiram pelo labirinto de corredores estreitos da Ala Oeste em direção ao Salão Oval. O sol da tarde atravessava a janela do Jardim das Rosas. Eles não se sentaram. Era um assunto rápido sobre o qual o presidente andara pensando e queria lhes transmitir pessoalmente. Já estavam no serviço havia tempo suficiente para tomar pé do vasto aparato de inteligência dos Estados Unidos. Tempo suficiente para estar à vontade em seus novos papéis.

Como Donilon me relataria, Obama disse: “O negócio é o seguinte, quero que essa caçada a Osama bin Laden e al-Zawahiri passe para a linha de frente. Tenho medo de que a trilha tenha esfriado. Isso vai ter de ser nossa principal prioridade e precisa de liderança nos topos de suas organizações. Vocês têm de me garantir que estamos empenhando todos os esforços para derrubar o principal líder da Al-Qaeda, especialmente esses dois indivíduos. E quero que relatórios regulares sobre isso cheguem até a *mim*, e quero que isso tenha início dentro de trinta dias.”

Donilon formalizou o pedido com uma circular, que o presidente assinou. Enviou uma cópia a cada um dos presentes. Dizia: “Para garantir que empenhamos todos os esforços — forneçam diretamente a mim um plano operacional detalhado para localizar e trazer Osama bin Laden à justiça.”

Aquela breve reunião no Salão Oval não tinha sido marcada, como era praticamente quase cada minuto do dia do presidente, e Obama não a discutira de antemão com Donilon. O presidente tinha muitos outros assuntos em que pensar. Começava a retirar as tropas norte-americanas do Iraque e estava reavaliando o futuro do conflito permanente com o Afeganistão. Autorizara uma guerra cibernética secreta contra os esforços iranianos para enriquecer urânio para a fabricação de armas nucleares e estava tentando montar uma coalizão a fim de aplicar pressão econômica sobre aquele país para acabar com seu programa nuclear. Expandira vigorosamente o programa secreto para alvejar com aviões não tripulados os líderes da Al-Qaeda dentro do Paquistão e em outros países, exercendo assim uma pressão diária impiedosa sobre a organização. Tentava opor-se a um crescimento militar chinês, reorientando as forças militares do país na direção do litoral do Pacífico. Desse modo, havia muitos assuntos em sua agenda cada vez que a equipe de segurança nacional se reunia com ele. Mas, como o presidente me contaria mais tarde, ele não estava recebendo informações suficientes sobre Bin Laden para convencê-lo de que *tudo* estava sendo feito, de que *todos os esforços* estavam sendo empenhados. Queria ter certeza de que as pessoas certas soubessem que para ele isso era uma prioridade. E nos meses seguintes, entre os relatórios mensais, levou a questão à mesa várias vezes. Era uma das muitas questões que ele abordava em quase todas as reuniões de segurança. Sempre perguntava pelos esforços de segurança cibernética e por Osama bin Laden.

O estilo de liderança de Obama era enumerar prioridades claras e consistentes, e ficar concentrado nelas até que fossem realizadas. Cerca de duas vezes por ano ele se reunia com a equipe de segurança nacional durante várias horas, sem nada mais na agenda. Trazia um bloco de anotações no qual listara suas prioridades com uma letra tão pequena e meticulosa que, vista do outro lado da sala, a lista parecia impressa.

“Bom, gente, essas são as três coisas mais importantes em que estamos trabalhando agora”, diria ele. “E é aqui que quero seus esforços.”

Repassava a lista, item por item, e todos discutiam e criticavam seu desempenho, onde tinham progredido e onde não tinham. Muitas vezes,

Obama mudava a ordem das prioridades ou acrescentava assuntos, mas, quando acabava, todo mundo tinha a compreensão clara de onde deveria aplicar seu tempo e os recursos. Sempre, desde a primeira dessas sessões, localizar Bin Laden estivera no topo da lista.

No que dizia respeito a Obama, capturá-lo era mais do que simbólico. Havia sido um crítico da “Guerra ao Terror” de Bush. Em sua perspectiva, os Estados Unidos não estavam em guerra com algo amorfo, como um conceito ou uma tática. Era uma guerra contra indivíduos específicos, que tinham atacado o país e continuavam a ameaçá-lo. Quando tomou posse, em 2009, a Al-Qaeda e suas organizações afiliadas permaneciam o primeiro perigo atual e claro, mesmo depois de duas longas guerras sangrentas e de todos os incessantes esforços da inteligência americana e dos soldados de operações especiais.

Obama tinha sido seriamente advertido sobre isso por Bruce Riedel, um ex-analista da CIA e acadêmico na Brookings Institution, para quem ligara poucos dias depois da posse, e a quem pedira para fazer uma revisão de sessenta dias da política americana no Afeganistão e no Paquistão. Oito dias antes de levar seus chefes de inteligência para o Salão Oval, Riedel lhe tinha relatado suas descobertas em uma longa reunião no Air Force One. Disse a Obama que, pelos seus cálculos, a Al-Qaeda estava mais perigosa hoje do que fora em Onze de Setembro.

Como Bob Woodward viria confirmar em seu livro de 2010, *Obama's Wars* (As guerras de Obama), Riedel disse: “Alguns observadores da Al-Qaeda argumentam que Bin Laden, escondido no Paquistão, é irrelevante. Ele está enfiado em uma caverna em algum lugar e divulga essas gravações de vez em quando, mas ele é mais um símbolo do que o comandante de um jihad global. O que fiquei sabendo é que isso não é verdade. Ele se comunica com seus subalternos e está em contato com seus soldados. Suas tropas acreditam que estão recebendo suas ordens e sabemos de fonte segura que estão. Esses caras são sérios. São inteligentes e implacáveis. Até os matarmos, eles vão continuar tentando nos matar.”

Do ponto de vista de Obama, não havia como derrotar a Al-Qaeda enquanto seu fundador e líder espiritual continuasse livre. Ele era a alma da

organização. O presidente acreditava que Bin Laden não era apenas mal, ele era *carismaticamente* mal.

“Ele sabia que, com tecnologia e a mídia moderna, o impacto potencial de um grande evento poderia aumentar e alavancar o poder até de um grupo pequeno”, o presidente me disse. “Nesse sentido, embora a ideia de terrorismo evidentemente não tenha começado ou avançado com ele, acho que ele tinha uma compreensão do Ocidente e de onde nossos potenciais pontos vulneráveis estavam que faziam dele uma figura singular, alguém que tinha uma capacidade única de nos causar grande dano.”

Apesar de preferir uma vida simples e de ter ideias românticas do passado, disse Obama, Bin Laden conhecia a mídia moderna e a explorava. Esse conhecimento lhe dava uma influência muito além do alcance da sua realidade atual. Os ataques do Onze de Setembro abalaram o mundo.

O presidente Bush sentira da mesma forma. Incapaz de inibir sua arrogância texana, ele declarara que queria Bin Laden “morto ou vivo”. Mas, na opinião da administração Obama, as duas guerras que Bush tinha iniciado aos poucos se tornaram prioridades usurpadoras. Existe, como diria Donilon, uma “onda de rádio limitada” na Casa Branca. Nos últimos anos de seu governo, embora Bush ainda quisesse muito capturar Bin Laden, ele tinha nitidamente reduzido o esforço para encontrá-lo, como Riedel explicara. Dizia-se que Bin Laden estava fora de alcance. Que tinha sido efetivamente marginalizado e, no que dizia respeito às operações, se tornado irrelevante. Incapaz de capturá-lo, o governo Bush tinha minimizado a importância de encontrá-lo.

Na opinião de Obama, isso era um erro. A burocracia americana para fazer guerra era vasta, e, sem pressão por parte da Casa Branca, sem uma lista detalhada de prioridades, que voltava várias vezes até que todos os itens fossem eliminados, mesmo as preocupações mais urgentes se perdiam. Só o acompanhamento de todas as missões em andamento em qualquer dia era um trabalho mais do que de tempo integral. Havia soldados americanos em mais de 150 países pelo mundo todo. Quando essas missões esquentavam, como aconteceu no Irã e no Iraque, devoravam não apenas homens e recursos, mas o tempo e a atenção dos que tomavam as decisões

no alto da cadeia de comando. A essência em liderar qualquer empreendimento muito grande era manter as prioridades, e, embora Bin Laden jamais tivesse saído do topo das prioridades durante os anos Bush, a lista propriamente dita se tornara muito cheia. O ponto principal, como Obama explicou a Panetta e Leiter, era que a pista de Bin Laden tinha esfriado. O presidente queria que ela ficasse quente outra vez.

Agora, mais de um ano depois, a agência finalmente tinha algo a relatar. Haviam localizado uma propriedade curiosa nas vizinhanças de Abbottabad quando procuravam por um membro da Al-Qaeda cujo nome era Abu Ahmed al-Kuwaiti. Sabiam que se tratava de um ajudante e mensageiro de confiança de Bin Laden. Além dos familiares, associados conhecidos, redes financeiras e outras redes, os mensageiros havia muito eram vistos como brechas em potencial nos muros ao redor do Sheik. Bin Laden, cuidadoso demais para usar celulares ou links na internet, confiava em mensageiros para distribuir em mãos suas cartas, poemas e ocasionais pronunciamentos em vídeo e áudio. Fazendo o caminho inverso dessas fitas ou pendrives, a partir dos escoadores de mídia, sempre se acabava um ou dois passos mais próximo às origens delas. Kuwaiti podia ser um desses elos finais, talvez até o mensageiro que lidava diretamente com o Sheik. A procura por ele durara oito anos. A CIA levava cinco anos apenas para saber seu nome verdadeiro, Ibrahim Saeed Ahmed. E depois a trilha levava-os a essa residência muito estranha.

Panetta levou ao Salão Oval dois líderes da equipe da agência que cuidava do caso Bin Laden. O principal analista da equipe, que ficaria conhecido como “John” (seu nome do meio), era um ex-jogador de futebol americano na faculdade, agora um homem de meia-idade, que se dedicara à caçada durante a maior parte dos últimos dez anos. Tinha um queixo largo e grandes feições, assemelhando-se mais a um atleta do que a alguém que passava a maior parte da vida na frente de um computador. Em Langley, se reportava a Michael Morell, que nos anos depois de fazer os briefings para Bush virara vice-diretor.

Os homens da agência distribuíram imagens, mapas e material analítico sigilosos e apresentaram suas ideias em detalhes para o presidente e

Donilon — a engenharia reversa que os ajudara a identificar “Ahmed al-Kuwaiti” e a natureza suspeita daquele complexo. Panetta comparou Abbottabad a um subúrbio rico do norte da Virginia. A propriedade era oito vezes maior do que qualquer uma das residências circundantes. Ao contrário da maioria, não tinha internet ou conexão telefônica. Os muros que a cercavam eram excepcionalmente altos e finalizados por uma cerca de arame farpado de mais de meio metro. Havia muro até no pátio dos fundos do terceiro andar. Não tinha como enxergar dentro da casa, nem do chão nem acima. As janelas ou eram feitas de vidro espelhado ou tinham sido revestidas para produzir o mesmo efeito. De início, a agência ficou sabendo que não apenas Ahmed e sua família moravam ali, mas também seu irmão Abrar e a família. Eram conhecidos na vizinhança por nomes falsos, Ibrahim era chamado de Arshad Khan, e o irmão, de Tareq Khan. Os dois nasceram no Kuwait, mas, etnicamente, eram pashtuns paquistaneses altos, de pele clara e barbudos. Nunca foram ricos, mas sua propriedade aparentava ser extremamente cara. E além dos muros altos, os irmãos pareciam tomar medidas severas de segurança. Chegavam a queimar todo o lixo no local. Exceto por comparecer à escola religiosa local ou ir ao médico, nenhuma das crianças saía da propriedade. Em telefonemas para os membros dispersos da família, sempre dados de locais distantes da própria propriedade, mentiam a respeito de onde estavam morando. A CIA já fez muita interpretação errada, mas uma coisa que sabia reconhecer muito bem era a alta segurança operacional.

A agência estava vigiando discretamente a propriedade, tirava fotos de cima e espionava a casa por meio de seus agentes em terra — que não conseguiam ver o interior da casa, mas faziam perguntas casuais aos que moravam na vizinhança, sempre com o cuidado de não parecer curiosos demais. *Quem mora naquele lugar enorme? Fico imaginando o que as pessoas que moram ali fazem.* Isso e a interceptação de telefonemas possibilitaram duas descobertas que a agência julgou de grande importância naquelas últimas semanas, o que convenceu Panetta de que aquilo devia ser relatado ao presidente.

A primeira era a de que havia uma terceira família morando nos dois andares superiores da propriedade. Nenhum membro dessa última família deixava o recinto. As crianças não saíam nem para ir à escola com as demais. Os vizinhos de Abbottabad que tinham conhecimento dos irmãos Khan e de suas famílias nada sabiam sobre essa terceira família. E havia sinais de que os irmãos, que aparentemente eram proprietários da casa, *prestavam serviços* àquela família misteriosa. Um dos irmãos estava sempre presente, de modo que a família nunca era deixada a sós. Ibrahim Ahmed e a família ocupavam a casa de hóspedes no térreo, e seu irmão Abrar morava com a família no primeiro andar da casa principal.

A segunda descoberta foi de que Ibrahim Ahmed aparentemente ainda trabalhava para a Al-Qaeda. Embora se soubesse que ele fora próximo a Bin Laden anos antes, a agência não tinha provas de que ele mantinha o vínculo. Alguns dos detidos interrogados ao longo dos anos a seu respeito disseram que ele saíra da organização, e nesse caso poderia estar trabalhando para qualquer pessoa com necessidade de discrição: uma pessoa do crime organizado? Um homem rico com inimigos políticos? Um milionário saudita com uma amante ou uma segunda família? Mas, naquele verão, em uma conversa telefônica travada com um velho amigo, numa chamada monitorada pelos Estados Unidos, Ahmed foi bombardeado com as perguntas-padrão — “O que você está fazendo agora? O que pretende fazer?” De início ele não respondeu. Esquivou-se da pergunta. Mas o amigo foi insistente, de modo que ele acabou cedendo, embora de modo enigmático. “Estou com os mesmos que antes”, disse ele. O amigo pareceu saber imediatamente o que significava e, depois de dizer “Que Alá esteja com você”, abandonou o assunto. Isso sugeriu que, com quem quer que Ahmed e o irmão estivessem trabalhando em Abbottabad, pertencia à Al-Qaeda.

Foram esses os detalhes apresentados ao presidente.

“Esta é a melhor pista que temos de Bin Laden desde Tora Bora”, disse “John”.

Obama já estava bastante familiarizado com os antecedentes de Bin Laden para há muito tempo ter deixado de imaginá-lo encolhido em uma

caverna ou morando em algum acampamento no alto de uma montanha. Mas encontrá-lo em uma ampla propriedade, em uma vizinhança rica, conhecida por seus campos de golfe e frescas brisas de verão, foi uma surpresa para todos. Mesmo assim, o presidente não estava particularmente esperançoso. Sabia que pressionara a CIA por alguma informação e que exigira atualizações, de modo que tinha de esperar que lhes trouxessem cada detalhe. Aquilo foi um detalhe. Achou a informação curiosa, mas apenas de modo geral. Na melhor das hipóteses, a conexão com Bin Laden parecia tênue. O presidente encorajou Panetta a ir em frente. Queria a identidade da família secreta. Além disso, queria sigilo quanto à pista, o que significava que não deveria sair da sala dele. Ninguém mais da cadeia militar ou da inteligência deveria saber, não ainda. E não se deveria buscar ajuda do Paquistão ou dar sinal de qualquer interesse na propriedade, não ainda. O presidente deixou a opção de pedir ajuda a seus supostos aliados paquistaneses para quando soubessem de algo mais. Enquanto isso, queria relatórios regulares dos progressos.

“Apenas esperançoso”, disse-me Obama, “Eu não estava especialmente otimista. Quero dizer, acho que minha visão geral era, está bem, esses caras estão obedecendo às minhas ordens de seguir todas as pistas. Será que, nesse estágio, eu achava que tínhamos as mercadorias? Acho que estava bastante cauteloso em não me deixar ficar animado demais com as perspectivas.”

Naquela altura, o presidente vinha ordenando ataques de aviões não tripulados e operações especiais para matar todos os líderes da Al-Qaeda já havia quase vinte meses. As habilidades da inteligência e dos militares dos Estados Unidos, afiadas durante os mais de nove anos de guerra, lhe tinham dado ferramentas que nenhum presidente jamais tivera. As reuniões do Conselho de Segurança Nacional durante o seu governo não se resumiam a discussões de políticas. Regularmente tratavam de questões de vida e morte de indivíduos específicos. Os recursos desenvolvidos ao longo da década anterior possibilitaram ao presidente escolhas imediatas sobre os alvos — pessoas que tinham sido encontradas e identificadas estavam agora na mira do país. Podiam ser mortas por uma ordem sua sem pôr qualquer americano

em perigo. Houve 53 ataques que partiram de aviões não tripulados só no Paquistão durante o primeiro ano de seu mandato. Em 2010 houve mais que o dobro desse número: 117. Os números de ataques no Iêmen, embora menores, tinham crescido constantemente a cada ano, de dois, em 2009, para quatro, em 2010. Haveria dez no ano seguinte. Quase todos os dias o presidente tinha de enfrentar escolhas imediatas, mortais. Essa pessoa deve ser morta? Será que o fato de matá-la implicaria a morte de outros — outros não tão culpados, outros talvez completamente inocentes?

Decisões como essas sempre fizeram parte do cargo, e algumas vezes estavam em jogo a vida e a morte de milhares, ou até centenas de milhares — pensa-se no presidente Harry S. Truman tomando a decisão de lançar a bomba atômica. Mas quantas dessas decisões tratavam de tirar uma única vida? Dava ao comandante-chefe um papel estranhamente direto na guerra. Houve precedentes. Durante a Segunda Guerra Mundial, forças norte-americanas decifram uma mensagem japonesa revelando que o almirante Isoroku Yamamoto, comandante da frota japonesa, estaria fazendo um tour de inspeção nas ilhas Salomão. O avião dele foi interceptado e derrubado, e ele morreu. O presidente Kennedy sabidamente planejou assassinar Fidel Castro no início dos anos 1960. Mas esses incidentes eram raros e empreendidos com grande risco. Mais para o fim de seu segundo mandato, o presidente Bush, e agora Obama, tiveram o que era, praticamente, o rifle de um atirador de elite apontado para homens considerados terroristas significativos. Um resumo das notícias sobre o alvo era apresentado a Obama de maneira rotineira: quem ele era, qual a sua importância, grau de periculosidade, a importância de se livrar dele e quem mais poderia morrer como consequência. Ele só tinha de decidir puxar o gatilho. Isso era algo novo.

Essa guerra tinha exigido algo novo. Depois dos ataques de Onze de Setembro, os dois modos mais óbvios de revidar a ofensiva foram ambos defensivos: evitar os tipos mais perigosos de ataque e se preparar para lidar melhor com ataques pequenos quando estes ocorressem. Desse modo os Estados Unidos gastaram bilhões em esforços para bloquear suas vias de ataque mais conhecidas ou óbvias, e na melhoria das reações de

emergência. Especificamente para esta finalidade foram criados o Department of Homeland Security (Departamento de Segurança Interna) e a Transportation Safety Administration (Administração de Segurança dos Transportes). Outro passo foi adquirir materiais no mundo inteiro, como plutônio, mísseis terra-ar e substâncias bioquímicas tóxicas que pudessem ser usadas para criar armas especialmente potentes. Foi essa abordagem que levou, em parte, à invasão do Iraque pelo presidente Bush — para apreender o suposto arsenal de armas de destruição em massa de Saddam.

Quanto à estratégia ofensiva — ir atrás da Al-Qaeda propriamente dita —, isso se tornou infinitamente mais difícil, uma vez que a organização tinha se espalhado para fora de seus refúgios seguros no Afeganistão. Para resolver esse problema, os Estados Unidos se fariam valer de recursos enormes de talentos, riqueza e tecnologia. A história dos dez anos de guerra anteriores, vistos nesse sentido amplo, tinha sido a história do desenvolvimento das ferramentas certas para destruir uma *rede* de terror. Ainda era um trabalho em andamento em 2010, mas tinha avançado muito. Com o típico desdém das forças armadas pela língua inglesa usual, tinham nomeado esse recurso com uma sigla. Era chamado de “F3EAD” (*Find, Fix, Finish, Exploit, Analyze, Disseminate* — encontrar, fixar, terminar, explorar, analisar, disseminar). Representava uma fusão notável de telecomunicações globais instantâneas, aviões não tripulados, armazenamento de dados, softwares de ponta, analistas experientes, helicópteros *stealth*, munições de precisão e as habilidades operacionais de pilotos e atiradores que podiam atacar com grande surpresa e competência praticamente em qualquer lugar do mundo.

Quando Obama tomou posse, herdou esse recurso sem precedentes e ainda em evolução. A ferramenta — especialmente o uso de aviões não tripulados — estava se mostrando letal para a Al-Qaeda. Por mais que perturbasse aqueles preocupados com potenciais abusos — detectar e matar pessoas por controle remoto era um conceito futurista assustador —, era também, paradoxalmente, um avanço fundamental na busca de uma guerra humanitária. Os três princípios básicos de uma guerra dentro da lei havia muito eram *necessidade* (violência como último recurso), *distinção* (mirar

nas pessoas certas) e *proporcionalidade* (não matar as pessoas erradas). Poucos discutiriam que a nação não tinha justificativa para se proteger de Osama bin Laden e seu movimento, que tendia a atos suicidas de assassinato em massa. Aviões não tripulados obedeciam aos princípios da *distinção* e da *proporcionalidade*. A capacidade de observar, sem fazer ruído, um alvo durante dias, semanas ou meses antes de decidir atacar melhorava enormemente as probabilidades de se acertarem alvos apropriados, evitando os inapropriados. Não havia comparação com o combate feito no solo ou até com as bombas e mísseis mais precisos. Se fosse necessário lutar, os aviões não tripulados matavam muito menos civis que qualquer método de guerra anterior e faziam isso sem pôr em risco os combatentes norte-americanos.

Obama mantivera esse recurso em rédeas curtas. Na maior parte dos casos, só ele tomava a decisão final de matar. Em alguns casos, a decisão era tomada pelo diretor da CIA. Examinavam os alvos e decidiam se atiravam ou não. Obama orientara o Departamento de Justiça e a equipe jurídica da CIA para traçar diretrizes secretas que se constituiriam no primeiro passo para a institucionalização desses controles, de modo que quem o sucedesse no cargo herdaria regras claras, precedentes claros e restrições claras. O governo não tornara públicas essas diretrizes, o que preocupou os muitos que estavam apreensivos com o uso crescente de aviões não tripulados. Não havia dúvida de que dentro dessas restrições, fossem elas quais fossem, Obama com frequência se mostrara desejoso de puxar o gatilho.

Isso foi uma surpresa para muitos. Bush trouxera para a Casa Branca uma leve camada de experiência militar — tinha servido como piloto na Air National Guard durante a Guerra do Vietnã —, mas, mesmo assim, era visto pelos militares como um deles, um presidente que não escondia a sua admiração pelas Forças Armadas e que era, de forma excessiva, rápido em autorizar sua mobilização. Falava o vocabulário confiante das Forças Armadas com um sotaque texano. O pai tinha sido herói de guerra e servira como diretor da CIA — o prédio da sede em Langley recebera o nome de George Herbert Walker Bush em sua homenagem. Obama, por outro lado,

era completamente civil. O pai era queniano. Era um democrata liberal com criação internacional — um acadêmico e um intelectual. Inicialmente fora um crítico consistente e franco da invasão do Iraque, que ele chamava de “guerra burra”. De fato, inicialmente ele engrenara sua campanha para a indicação democrática, em 2008, como um candidato contra a guerra, atacando seus adversários nas primárias, sobretudo Hillary Clinton, pelo apoio inicial que ela dera ao conflito. Obama também criticara as ferramentas mais controversas da guerra — métodos de interrogação coercivos, rendição extraordinária, comissões militares e detenção indefinida — e argumentava que a segurança da nação jamais deveria falar mais alto que seus valores. Falava muito sobre a necessidade de negociar com o inimigo e as virtudes do entendimento mútuo — não era o tipo de conversa que anima os soldados. Muito daquilo que a maior parte dos americanos ouviu dele durante seus breves vinte meses no Senado tratava de apressar a retirada dos Estados Unidos do Iraque e explicitava seu desejo de uma estratégia claramente definida para a saída do Afeganistão. Eles esperavam um presidente pacifista.

Mas o número de ataques de aviões não tripulados em seus dois primeiros anos de mandato viria a ser mais de quatro vezes maior do que o total dos dois mandatos de Bush na Casa Branca. E o apreço e entusiasmo pelo Comando de Operações Especiais eram claramente genuínos. Ele parecia abraçar inteiramente o conselho do general Petraeus sobre ir para a cama toda noite com mais amigos e menos inimigos — com ênfase especial nos “menos inimigos”.

Os que estavam prestando total atenção em Obama não ficaram surpresos. Fazia anos que ele explicitava, em detalhes cada vez maiores, sua disposição em travar guerras em geral e, em particular, sua intenção em levar adiante a guerra contra a Al-Qaeda. Pouco mais de um ano depois dos ataques de Onze de Setembro, enquanto o presidente Bush se preparava para a invasão do Iraque, Obama, ainda bastante desconhecido pelos americanos que não eram de seu distrito de Chicago, foi convidado a falar num comício contra a guerra. Ele foi um dos oradores de menor importância, e seu discurso sequer conseguiu uma linha na reportagem do

Chicago Tribune do dia seguinte. Foi recebido com aplausos mornos. Em seu livro *The Bridge* (A ponte), David Remnick observou o desconforto de Obama com o tom geral daquele comício, sobretudo quando escutou a lamentosa melodia de “Give Peace a Chance”, de John Lennon. Na ocasião, inclinou-se para um dos organizadores do evento, Bettylu Saltzman, e lhe perguntou: “Será que eles não podem tocar outra coisa?” Fazer um discurso inflamado que animasse os esquerdistas cansados na Federal Plaza podia provocar um momento de bem-estar e trazer-lhe um pouco de admiração da imprensa local, mas poderia também prejudicar suas chances nos arredores do estado. Ele tinha se reunido com os consultores que o ajudavam a se preparar para a candidatura ao senado, tentando aperfeiçoar uma mensagem que, como escreveu Remnick, “expressasse sua oposição à invasão do Iraque sem parecer desqualificado por transparecer medo do terror”. Seus consultores queriam que ele falasse — qualquer americano afrodescendente que buscasse um cargo estatal em Illinois necessitaria do voto de Chicago. Mas ele tinha também de transcender aquele público.

Desse modo, o discurso de Obama foi cuidadosamente pensado. Ficou nítido que aquele era um esforço novo nos seus discursos. O discurso era excessivamente dramático e muito pouco original, e ecoava o famoso discurso “Eu tenho um sonho”, de Martin Luther King Jr. Mostrava cuidadosos cálculos políticos, mas, diante do que veríamos anos mais tarde, também expressava convicção. Mostrava ainda o quão longe sua opinião sobre a questão tinha evoluído desde seus comentários no *Hyde Park Herald* no ano anterior. Suas primeiras palavras foram: “Deixe-me começar dizendo que, embora este tenha sido anunciado como um comício contrário à guerra, estou diante de vocês como alguém que não se opõe à guerra em todas as circunstâncias.”

Obama mencionou a Guerra Civil, “uma das mais sangrentas na história”, que tinha livrado os Estados Unidos do “flagelo da escravidão”. “Não sou contra todas as guerras”, disse ele. Comentou o serviço de seu avô na Segunda Guerra Mundial. “Ele lutou em nome de uma liberdade maior, parte daquele arsenal de democracia que triunfou sobre o mal, e não lutou em vão”, disse ele, e depois repetiu: “Não sou contra todas as guerras.”

Continuou a repetir aquela frase como se fosse um refrão, imitando a famosa e comovente repetição de King da frase “Eu tenho um sonho”. Foi preciso muita ousadia para plagiar o dispositivo mais famoso de retórica empregado por King, o grande adepto da não violência, para proclamar sua crença na necessidade da guerra.

“Depois do Onze de Setembro, após testemunhar a carnificina e destruição, a poeira e as lágrimas, apoiei a promessa deste governo em perseguir, capturar e arrancar pela raiz os que são capazes de massacrar inocentes em nome da intolerância, e de bom grado pegaria em armas, eu mesmo, para evitar que uma tragédia dessas acontecesse outra vez. Não me oponho a todas as guerras.”

Prosseguiu, denunciando a iminente invasão do Iraque como uma “guerra burra” e uma “guerra irrefletida”. No entanto, os que o ouviram discursar naquele dia se lembrariam muito mais de sua *afirmação* de que a guerra era justa e necessária do que de sua condenação à invasão. Lembrariam de sua convicção de que algumas guerras valiam a pena serem lutadas. A guerra contra a Al-Qaeda era uma delas. Foi um discurso duplamente audacioso para uma pessoa que estava contemplando uma candidatura para o Senado dos Estados Unidos, porque não apenas ia de encontro às abrangentes sensibilidades antibélicas de sua plateia imediata, mas também discordava do sentimento decididamente pró-Iraque dos eleitores de Illinois, cuja maioria estava politicamente muito à direita do pequeno grupo de manifestantes no centro de Chicago. No que dizia respeito à invasão do Iraque, Obama mais uma vez estava fora do compasso do restante do país, mas, no que se referia à Al-Qaeda, ele já não mais preconizava uma campanha de bem-estar mundial. Estava pronto para “pegar em armas” ele mesmo naquela guerra. De uma maneira mais direta do que poderia ter imaginado, ele teria sua oportunidade.

Três anos mais tarde, depois de sua vitória na corrida para o Senado, em 2004, e de sua rápida ascensão à proeminência nacional, Obama estava se candidatando à presidência. Em agosto de 2007, ele ainda lutava. Houve excitação quando anunciou a candidatura, em fevereiro, mas as coisas tinham se estabilizado rapidamente. Ele estava bem atrás de Hillary

Clinton, considerada por muitos a favorita a ser nomeada pelo Partido Democrático, e atrás também de John Edwards, que julgavam ser o segundo na fila, no caso pouco provável de Hillary fracassar.

Na época, o que Obama tinha de mais forte a seu favor parecia ser aquele discurso de 2002. Era um candidato atraente, inteligente, pacifista, numa época em que a paciência dos Estados Unidos diante da aventura no Iraque demonstrava ser a menor de todos os tempos. Todos os democratas na corrida eram contra a continuação da guerra. Agora competiam apenas para saber quem era mais enfaticamente contra ela. Obama não estava no Senado quando foi feita a votação para autorizar a guerra, de modo que, ao contrário de Hillary Clinton e Edwards, podia alegar pureza ideológica nessa questão. E o discurso de Chicago evidenciava que ele se opusera desde o início. Era o principal candidato contra guerra e foi assim que se apresentou. A simples investida de seu ataque a Hillary Clinton, em particular, era que ela concordara com Bush quanto ao combate, enquanto ele tinha adotado a postura impopular baseada em princípios e se mostrara correto. Durante o curso da campanha, Obama seria obrigado a explicitar suas ideias com maiores detalhes, e o quadro todo se tornaria mais complexo.

Sua ascensão foi tão meteórica que muitos acharam que tinha sido rápida demais. Seus oponentes estavam ao mesmo tempo perplexos e aborrecidos pelo lustro messiânico que ele e sua campanha encorajavam. A melhor maneira de contra-atacar era convencer os eleitores de que ele estava com pressa demais. Aos 45 anos, tendo cumprido apenas metade de seu mandato no Senado... Bem, mesmo que estivesse destinado a ser o primeiro presidente negro dos Estados Unidos, ainda não estava pronto para a tarefa. Era um dos mais jovens a tentar a presidência da República.

Então, a experiência era o martelo, e Hillary Clinton o batia sempre que Obama lhe dava uma chance. Ele lhe ofereceu uma depois de um debate da CNN/YouTube, em 23 de julho, quando lhe perguntaram se consideraria encontrar com inimigos dos Estados Unidos sem estabelecer pré-requisitos. O autor da pergunta, cujo rosto foi projetado numa tela grande, citou em tom de aprovação a corajosa (e essencialmente fatal) decisão do presidente

do Egito, Anwar Sadat, em 1977, de iniciar negociações de paz com Israel e perguntou se algum dos candidatos estaria disposto, no primeiro ano de seu mandato, a se encontrar *sem pré-requisitos* com os líderes do Irã, da Síria, da Venezuela, de Cuba e da Coreia do Norte, num esforço de “vencer as diferenças que dividem nossos países”.

Era uma pergunta fácil de se esquivar: *negociação é terrivelmente importante... Eu não afastaria a possibilidade... Temos uma história com esses países que não começou ontem...* Mas Obama não se esquivou. No palco reluzente, frente a telas vermelhas, brancas e azuis, atrás de um pequeno pódio modernista de aço e plástico, ele foi o primeiro dos oito candidatos a responder.

“Eu estaria disposto”, disse ele.

A plateia presente no estúdio demonstrou surpresa, sem dúvida em parte por causa da objetividade da resposta. Estavam acostumados a maiores manobras.

“Meu motivo é o seguinte”, explicou. “A ideia de que, de algum modo, não falar com os países é uma punição para eles, que tem sido o princípio diplomático orientando este governo (George W. Bush), é ridícula... Podemos não confiar neles, podem representar um perigo extraordinário para o nosso país, mas temos a obrigação de encontrar áreas em que possamos potencialmente ir adiante, e acho que é uma vergonha não dialogarmos com eles.”

Hillary, que respondeu em seguida, imediatamente disse que ela *não* estaria disposta. Explicou que as negociações com nações não amigas exigiam extensos trabalhos preparatórios; não dava para se precipitar. Mas, talvez surpresa como todos os demais, ela não bateu muito forte em Obama no palco. Depois de alguma reflexão, no entanto, e sem dúvida depois da ponderação de seus estrategistas da campanha, ela voltou mais duramente à questão no dia seguinte, em entrevistas, rotulando a resposta de Obama como “irresponsável e francamente ingênua”.

Isso era pura política. Os Estados Unidos tinham uma longa tradição bipartidária de negociar até com seus piores inimigos, desde John Kennedy — “Que jamais negociemos por medo. Mas nunca tenhamos medo de

negociar” —, passando pela abertura de Richard Nixon com a China, até a famosa “caminhada no bosque” de Ronald Reagan com Mikhail Gorbachev. A posição de Obama estava completamente de acordo com a prática diplomática de longa data. A política de George W. Bush após o Onze de Setembro — “Ou você está conosco ou está contra nós” — era a exceção, e uma exceção ruim. Afastava a sutileza das relações internacionais. Não fazia qualquer sentido que uma pessoa experiente nas questões internacionais, como Hillary Clinton, desconsiderasse a oportunidade que todo presidente recém-eleito tem de reestabelecer relações com as nações hostis. Mesmo assim, o pensamento convencional sustentava que essas opiniões não deviam ser admitidas. Fazia a pessoa parecer frágil. E *ingênuo* foi uma palavra que funcionou contra Obama.

Funcionou porque muitos acreditavam que lhe faltava substância. Ele ainda tinha realmente de se definir em maiores detalhes em relação à política externa ou outros assuntos. Ele fizera, em abril, um discurso alinhado com a imagem pacifista, pedindo principalmente internacionalismo renovado, maior disposição em procurar consenso e cooperação de outros países na busca de nossos objetivos de uma segurança nacional. Seu comentário a respeito de negociar com inimigos sem condições preestabelecidas tornou fácil para seus críticos pintá-lo como completamente inexperiente. Sugeriu também que Obama era um homem que não pensava cuidadosamente nas coisas.

O rótulo de “ingênuo” foi incômodo. Rapidamente a palavra se ligou a ele. Especialistas na TV pareciam não conseguir falar nele sem a repetir. Durante as semanas seguintes sua posição nas pesquisas continuou a cair, enquanto a de Hillary subia.

A equipe de Obama se preocupou. Alguns queriam que ele voltasse atrás, mas ele se recusou. “O problema é que eu tenho razão quanto a isso”, insistiu ele em uma reunião com seus assessores, Denis McDonough e Robert Gibbs. “Por que *não* quereríamos entrar em qualquer negociação que pudéssemos?” Pediu-lhes que agendassem uma entrevista nacional na TV para reiterar sua posição, enfatizá-la. Ele achava que aquele era exatamente o tipo de mensagem que ele gostaria de transmitir. Estava

oferecendo romper com o passado, olhar para essas questões de política estrangeira de um modo novo.

E ele estava apenas começando. Obama não estava disposto a deixar que suas próprias análises fossem substituídas pelas de outros. Sua abordagem a um problema era buscar uma nova solução, uma solução original. Ele acreditava que grande parte do modo pelo qual os Estados Unidos pensavam a respeito de questões de defesa se sustentava em modelos arcaicos — baseados nas velhas divisões entre esquerda e direita, conservadores e liberais, extremistas e moderados, que tinham sido estabelecidas pelo debate a respeito do Vietnã. Ele tinha 13 anos quando a guerra acabou. Grande parte da população votante no país sequer tinha nascido. Nada tinha sacudido tanto aquela velha dinâmica quanto o Onze de Setembro. Os jovens, em particular, eram difíceis de classificar neste sentido. Eles tendiam a ser muito mais liberais do que seus pais na maior parte das questões sociais — portanto, com mais probabilidade de apoiar Obama —, mas apoiavam também, enfaticamente, grandes esforços militares e de inteligência. O modo como o candidato concebia a vitória sobre a Al-Qaeda o tornava tão extremista quanto qualquer outro americano, porém considerava algumas das ferramentas tradicionalmente associadas aos moderados — como negociação e cooperação internacional — não apenas um meio para apaziguar o inimigo. Eram essenciais para derrotá-lo.

Algumas semanas antes, de acordo com John Heilemann e Mark Halperin em *Virada no jogo*, Obama tinha trazido um de seus amigos íntimos e professor de direito, Chris Edley, a Chicago para criticar o círculo interno de sua campanha por não o deixar fazer as coisas de *seu* jeito. Eles não estavam lhe dando tempo e espaço na frenética agenda de sua campanha para expor suas ideias em maiores detalhes.

“Esse é um cara que gosta de pensar, gosta de escrever, gosta de falar com especialistas”, disse Edley, cujo trabalho em campanhas democráticas passadas e a serviço da Casa Branca emprestava autoridade às suas palavras. “Vocês têm de reconhecer as razões de ele estar nisso. Ele quer trazer contribuições em termos de ideias sobre políticas públicas, e vocês

têm de arrumar tempo para ele fazer isso... Com o devido respeito a todos, vocês deveriam deixar de ser vaidosos e fazer o que o candidato quer.”

Então, dias depois dos desdobramentos de sua promessa sobre *negociar sem pré-requisitos*, ficou decidido que Obama faria outro grande discurso sobre segurança nacional. E assim o fez no Woodrow Wilson International Center, em Washington, D.C., em 1^a de agosto, delineando o que pensava sobre segurança nacional em detalhes e no processo corrigindo a imagem de “ingenuidade” ou, pior, de “fraqueza” em relação à defesa nacional.

Uma estimativa da inteligência nacional naquela primavera sugeriu que a Al-Qaeda tinha, na realidade, ficado mais forte durante os seis anos anteriores. Constatou que o Paquistão, depois da queda dos talibãs, agora se tornara o novo abrigo seguro para o grupo terrorista. Todos os candidatos democratas tinham se comprometido com mudanças, mas, além de prometer a retirada do Iraque e dar fim aos métodos mais controversos na coleta de inteligência (a maior parte dos quais já não era mais usada), nenhum tinha articulado claramente uma abordagem à segurança nacional que diferisse significativamente da de Bush.

O ex-congressista Lee Hamilton apresentou Obama na reunião no Wilson Center diante de uma concentração de algumas centenas de pessoas, muitas delas jornalistas. O discurso mobilizara todos os assessores de política exterior de Obama, e cada palavra tinha sido cuidadosamente pesada. Encarregado da tarefa de escrever seu rascunho estava Ben Rhodes, o ex-aluno da NYU que observara da orla marítima do Brooklin as torres do World Trade Center desabarem. Ele agora era um colaborador de alto nível na campanha, com cabelo preto ficando prematuramente ralo e uma permanente sombra de barba no rosto. Em vez de se dedicar a escrever seu primeiro romance, entrara para a equipe de Hamilton na época em que o congressista foi nomeado copresidente da Comissão Onze de Setembro. Rhodes tinha ajudado a esboçar propostas de políticas para o *Relatório da Comissão* e ajudara a escrever o capítulo intitulado “O que fazer?”. Um dos subtítulos daquele capítulo tinha sido “Ataque a terroristas e suas organizações”, e sua primeira restrição fora: “Nada de santuários”. De todos os lugares mais prováveis do mundo que poderiam abrigar grupos

terroristas, o primeiro na lista era o Paquistão. Rhodes acabou ajudando Hamilton e seu copresidente, ex-governador de Nova Jersey, Tom Kean, a escrever um livro sobre o trabalho da comissão. Depois de trabalhar com Hamilton no Grupo de Estudo sobre o Iraque, do qual o congressista também era copresidente, Rhodes entrou para a equipe de Obama no Senado, como assessor de política externa e redator de discursos. Ele ajudara a redigir alguns dos discursos de Obama sobre o Iraque no Senado e fora contratado como redator de discursos no escritório de Obama, em Chicago. Aquele foi o primeiro discurso da campanha que lhe pediram para redigir, e um dos mais importantes. Além disso, o fez revisitar um tema familiar.

Em uma conferência telefônica com Rhodes, McDonough, Samantha Power e vários outros ajudantes na área de segurança nacional, Obama delineou sete pontos que gostaria de abordar no discurso. Os sete itens foram condensados para cinco por Rhodes e Power. Um deles tratava dos esforços para destruir a Al-Qaeda. Quanto à questão dos refúgios seguros, Rhodes lembraria Obama dizendo-lhe: “Vamos sugerir a formulação mais avançada e deixar claro que vamos perseguir esses caras, porque é disso que se trata.”

Diante das pessoas, no Wilson Center, Obama começou a relatar suas próprias experiências no Onze de Setembro — sobre quando ouviu a primeira notícia no trajeto para Chicago, quando ficou no Loop olhando para a Sears Tower e quando viu pela TV as torres caírem. Nos seis anos desde então, os sentimentos comoventes de unidade e de propósito nacionais gerados pelos ataques tinham sido desperdiçados, argumentou. O governo Bush começara bem, derrubando os talibãs e perseguindo a Al-Qaeda, o inimigo real, de suas bases no Afeganistão. Mas depois tinha deixado a bola cair. Em vez de correr atrás dos arquitetos do Onze de Setembro, que estavam vulneráveis e em fuga, o governo Bush resolvera invadir o Iraque e derrubar Saddam Hussein, uma jogada que rapidamente absorveu os principais recursos militares e de inteligência do país. A jogada tinha sido “carimbada” pelo Congresso, disse ele, atribuindo a responsabilidade a seus oponentes democráticos primários. Foi,

argumentou, “uma invasão equivocada de um país muçulmano, que acirra novas insurgências, amarra nossas forças militares, estoura nossos orçamentos, aumenta a concentração de recrutas terroristas e aliena os Estados Unidos, dá uma má impressão à democracia e incentiva o povo americano a questionar nossa posição no mundo”. Obama apontou para uma nova estimativa de inteligência como prova de que a Al-Qaeda só tinha mudado de endereço.

Mais uma vez, comprometeu-se a acabar com a guerra no Iraque, não por convicções pacifistas, mas para voltar o foco para o inimigo real. Seu foco, prometeu, seria esmagar a Al-Qaeda. Essa tinha sido a missão instigada pelo Onze de Setembro, uma prioridade nacional que estava à frente da tentativa de estabelecer relações pacíficas com o Paquistão ou com qualquer outro país. O inimigo tinha sido definido de forma muito ampla durante o governo Bush, disse Obama, uma falha que tinha não só diminuído o impacto de nossa reação, mas alimentado o argumento da Al-Qaeda de que os Estados Unidos estariam em guerra contra todo o mundo muçulmano. A guerra necessária exigia um foco muito menor: encontrar, alvejar e destruir a organização terrorista. Para enfatizar sua determinação, Obama disse que não respeitaria qualquer santuário e, com isso, mirou especificamente no Paquistão.

“Os terroristas da Al-Qaeda treinam e mantêm comunicações globais neste abrigo seguro”, disse ele. “Os talibãs seguem uma estratégia de ataque-relâmpago contra o Afeganistão, depois fogem para a segurança do outro lado da fronteira. Essa é a fronteira selvagem do nosso mundo globalizado. Há desertos varridos pelos ventos e montanhas salpicadas de cavernas. Há tribos que veem as fronteiras como nada além de linhas em um mapa, e governos como forças que vêm e que vão. Há elos de sangue mais profundos do que alianças de conveniência e bolsões de extremismo que seguem a religião até a prática da violência. É um lugar difícil. Mas isso não é desculpa. Não deve haver abrigos seguros para terroristas que ameaçam os Estados Unidos. Não podemos deixar de agir porque a ação é difícil. Como presidente, determinarei condições para as centenas de milhões de dólares de ajuda militar que os Estados Unidos oferecem para o

Paquistão, e nossas condições serão claras: o Paquistão vai ter de fechar os campos de treinamento, expulsar combatentes estrangeiros e impedir que os talibãs usem o Paquistão como área de concentração de tropas para ataques no Afeganistão. Compreendo que o presidente Musharraf tenha seus próprios desafios. Mas deixe-me ser claro: há terroristas escondidos naquelas montanhas que assassinaram 3 mil americanos. Estão planejando atacar outra vez. Foi um erro terrível deixar de agir quando tivemos a oportunidade de eliminar uma reunião de liderança da Al-Qaeda em 2005. Se tivermos informações com as quais agir, a respeito de alvos terroristas de alto valor, e o presidente Musharraf não agir, nós agiremos.”

Essa frase final foi a última a ser inserida no discurso. Houve muita deliberação antes de incluí-la. Rhodes tinha escrito originalmente, “Se tivermos alvos [no Paquistão] e o presidente Musharraf não agir, nós agiremos”. Estava de acordo com as instruções do candidato para ser o mais “avançado” possível. Mas a questão do Paquistão era delicada. Aquele país instável era crítico ao esforço de guerra no Afeganistão. Era uma potência nuclear em uma das regiões mais instáveis do globo, e, no entanto, elementos de seu governo, especialmente sua poderosa agência de inteligência, a Inter-Services Intelligence (ISI), eram conhecidos por terem relações secretas com todo tipo de radicais islâmicos. O presidente do Paquistão, Pervez Musharraf, andara no limite com o governo Bush, fornecendo-lhe cooperação suficiente para não ser rotulado como inimigo, mas sem oferecer grande empenho na busca por extremistas escondidos no noroeste sem lei do Paquistão. A promessa de ir em busca de “alvos” terroristas mesmo sem a cooperação do Paquistão deixou a equipe de segurança nacional de Obama nervosa.

Na revisão prévia que fizeram do discurso de Obama, no comitê em Washington, ninguém parecia satisfeito com aquela postura. Estavam presentes Robert Gibbs, Susan Rice, Jeh Johnson, Rand Beers e Richard Clarke, o principal consultor sobre assuntos de segurança da campanha.

“Olha, não é assim que se fala sobre essas coisas”, disse Clarke, que explicou a importância de se trabalhar com as tribos nos territórios do noroeste do Paquistão.

Mas o candidato estava resoluto. Ele queria a inclusão daquela frase. Ela dizia exatamente o que ele pensava e o que planejava fazer como presidente. *Não me oponho a todas as guerras*. Ele perseguiria a ameaça real. Então, a discussão centrou-se nas palavras usadas. Foram acrescentadas duas advertências: “Se tivermos inteligência útil” e “alvos de alto valor”. Isso era importante para deixar claro que Obama estava falando de agir apenas em uma circunstância excepcional, e apenas num modo específico, limitado.

Não importa. O cuidado com a frase foi desconsiderado. Obama cobrira uma boa gama de assuntos no discurso, reiterando o plano de retirar as tropas do Iraque, comprometendo-se a reinvestir nos esforços contra o Talibã no Afeganistão e prometendo fazer um discurso importante em algum lugar no Oriente Médio, já nos primeiros cem dias como presidente, para redefinir a missão dos Estados Unidos na região. Prometeu também fechar a prisão em Guantánamo e acabar com os programas da era Bush que “monitoravam” cidadãos americanos. Contudo, a parte de perseguir alvos no Paquistão ocupou quase a totalidade da imprensa. Houve pressão de toda parte.

Jeff Zeleny, do *New York Times*, escreveu que Obama tinha “jurado despachar soldados norte-americanos para erradicar campos de terroristas” no Paquistão.

O subtítulo na matéria do *Los Angeles Times* era: “Ele diz que se reserva o direito de invadir”, e o repórter Paul Richter escreveu: “O senador Barack Obama disse na quarta-feira que os Estados Unidos deviam se reservar o direito de invadir o território de seus aliados paquistaneses e retirar a ajuda financeira norte-americana se acreditarem que o presidente paquistanês Pervez Musharraf não está fazendo o bastante para deter os terroristas.”

Os liberais acusaram Obama de adotar a mentalidade de caubói do governo Bush. Os conservadores culpavam Obama por uma suposta falta de sofisticação: será que ele não entendeu a delicadeza de nossa relação com o Paquistão? Mesmo que esse fosse o seu plano, será que ele não entende que essas coisas não se falam?

O blogueiro liberal Jerome Armstrong ficou decepcionado. “Para os democratas progressistas que querem uma liderança mais pacífica no mundo... [o discurso de Obama] falha no principal ponto, o de nos fazer parar de provocar brigas no Oriente Médio e o de acabar com a doutrina de ataques preventivos de Bush.”

O colunista conservador William Kristol escreveu que Obama “sugeria enfaticamente que iria invadir o Paquistão” para sustentar suas credenciais de durão contra Hillary Clinton.

Em seu programa de rádio, Rush Limbaugh caçoou de Obama. Ele observou que Osama bin Laden estimulava seus seguidores a derrubar Musharraf, e agora Obama — “vamos deixar esses caras confusos”, disse — tinha ameaçado “invadir o Paquistão”. Limbaugh acrescentou: “Coitado do Musharraf, se Obama for eleito, vai ser atacado dos dois lados.”

“É uma afirmação muito irresponsável, é tudo o que posso dizer”, declarou o ministro do exterior paquistanês, Khurshid Kasuri. “À medida que a campanha eleitoral nos Estados Unidos se acirra, não gostaríamos que os candidatos americanos disputassem e contestassem as eleições à nossa custa.” Kasuri disse que o presidente Bush ligara para ele para tranquilizar Musharraf, dizendo que os comentários de Obama teriam sido “de mau gosto” e impellido por considerações políticas “em um ambiente de campanha política”.

“Não concordo com as palavras de Barack Obama, com o seu plano de atacar um aliado nosso”, disse o ex-governador de Massachusetts, Mitt Romney, que na época surgia como a principal indicação do partido Republicano. “Não acho que esse tipo de comentário ajude no esforço de atrair mais amigos.” Mitt Romney defendeu que os soldados americanos “não deviam ser enviados por todo o mundo” e considerou os comentários de Obama “inoportunos” e “irrefletidos”.

Mais uma vez, algumas pessoas da equipe de Obama queriam que o candidato emitisse uma explicação, mas, novamente, ele recusou. Ele de fato queria dizer o que disse. Obama solicitou à equipe que mantivesse uma postura pública de combater qualquer assunto sobre a “invasão”, mas

manter firmeza com sua disposição de atacar unilateralmente o Paquistão se a ocasião apropriada se apresentasse.

“Não vou receber aulas de política exterior vindas das mesmas pessoas que foram responsáveis por essa catastrófica guerra no Iraque”, Obama respondia às críticas. Isso ilustrava, segundo ele, sua disposição de “pensar fora dos parâmetros convencionais”. A campanha publicou um memorando, escrito por Power, que reiterava a promessa do candidato: “O pensamento convencional mandaria que acatássemos perpetuamente a Musharraf. Barack Obama quer virar essa página. Se Musharraf estiver disposto a ir atrás dos terroristas e impedir os talibãs de usar o Paquistão como base de operações, Obama lhe dará todo o apoio de que necessita. Mas Obama deixou claro que, como presidente, se ele tiver informações seguras sobre o paradeiro dos líderes da Al-Qaeda no Paquistão — e se souber que o Paquistão continua a se recusar a agir contra os terroristas que sabemos estar por trás dos ataques contra civis americanos —, então usará força altamente direcionada para fazer isso.”

Apesar de seu esforço para explicar a situação, a suposta convocação para “invadir” o Paquistão rapidamente entrou para o folclore da campanha e ganhou vulto. O eventual oponente republicano de Obama, o senador John McCain, alegaria que Obama havia ameaçado “bombardear” o Paquistão.

“A melhor ideia é não divulgar o que você vai fazer”, disse McCain em fevereiro do ano seguinte. “Isso é ingênuo. A primeira coisa a fazer é traçar planos e levar a cabo as operações necessárias ao interesse da segurança nacional americana. Não se pode divulgar que vai bombardear uma nação soberana e da qual você depende da boa vontade de seu povo para ajudá-lo na guerra — na luta contra o Talibã e seus santuários.”

Desse modo, em 2007 e começo de 2008, a proposta de Obama de ir atrás de Osama bin Laden e sua convocação de uma ação direta, unilateral, foi redondamente condenada. Ela permaneceu seu plano, no entanto, e assim que foi eleito agiu de acordo com ele. Durante o estabelecimento de Obama em seu cargo, sua determinação de perseguir toda a liderança da Al-Qaeda ficou evidente. Se Bin Laden tinha se revestido de poder, ou se achava o escolhido por Deus, Obama tinha sido eleito. Ele tinha sido

escolhido pelo povo dos Estados Unidos para tomar essas decisões de vida e morte.

O novo presidente começou imediatamente a transferir recursos do Iraque, onde estava determinado a sistematicamente reduzir o envolvimento dos Estados Unidos, para o Afeganistão e o Paquistão. Um grande número de aviões não tripulados começou a deixar o Iraque e voar em missões sobre as montanhas íngremes do leste do Afeganistão e das regiões sem lei do noroeste do Paquistão. O Comando de Operações Especiais Conjuntas, que operava da base aérea de Balad, no Iraque, foi realocado no verão de 2009 para Jalalabad, no Afeganistão, reforçando as ondas de rádio no novo acampamento para reter as conexões entre os computadores da inteligência e os analistas em Washington. Como vimos, o número de ataques por aviões não tripulados aumentou vertiginosamente. O relacionamento entre os Estados Unidos e o Paquistão ficou mais complicado.

Ao ganhar o prêmio Nobel da Paz, em outubro de 2009, exatamente quando decidia enviar mais 30 mil soldados americanos para o Afeganistão, Obama teve uma chance de articular novamente sua opinião sobre a guerra.

De novo convocaram Rhodes. Dessa vez Obama apresentou-lhe o rascunho de uma primeira versão, escrita à mão, contendo três citações de Reinhold Niebuhr, teólogo americano que tinha fortes argumentos sobre a necessidade da guerra e que rejeitava o pacifismo, considerando-o uma receita certa para a tirania. O aparecimento do fascismo na Alemanha e no Japão e o comunismo na Rússia tinham incentivado Niebuhr a renunciar de uma maneira memorável ao seu pacifismo de toda a vida. Esse movimento tinha ressurgido depois do massacre de milhões de pessoas durante a Primeira Guerra Mundial. Agora, com o mundo à beira de uma catástrofe ainda maior, os pacifistas, que incluíam um bom número de pensadores cristãos na Europa e nos Estados Unidos, argumentavam que, se um número suficientemente grande de pessoas se recusasse a servir nas Forças Armadas, os Estados jamais teriam condições de travar outra guerra. Niebuhr não pensava assim. As passagens que Obama citou eram de um ensaio de Niebuhr de 1939, “Por que a Igreja Cristã não é pacifista”, no qual o teólogo argumenta: “Se acreditarmos que, se a Grã-Bretanha pelo

menos tivesse tido a sorte de produzir 30%, em vez de 2%, de objetores de consciência ao serviço militar, o coração de Hitler teria amolecido e ele não teria ousado invadir a Polônia, sustentamos uma fé que nenhuma realidade histórica justifica.” Niebuhr acreditava que, do mesmo modo que os homens são imperfeitos, os estados também o são, e do mesmo modo que os homens têm de lutar para derrotar o mal dentro de si, têm também de lutar para derrotar o mal como um todo.

Obama pronunciara sua disposição de “pegar em armas” anos antes. Agora, armado com um poder militar maior do que o de qualquer outra pessoa em qualquer país do mundo, ele não estava apenas preparado para usá-lo, se sentia moralmente obrigado a fazê-lo. Assim como fizera diante da plateia pacifista em Chicago sete anos antes, ele usaria sua plataforma pacifista para discutir a crença nos usos morais da violência. O prêmio Nobel da Paz saíra do mesmo movimento pacifista contra o qual Niebuhr se voltara em 1939. Era uma das categorias do prêmio estabelecidas por Alfred Nobel, a pedido de sua amiga Bertha von Suttner, uma conhecida romancista austríaca do século XIX, pacifista e eventual ganhadora do prêmio da Paz. Não era de surpreender que Obama rememorasse os argumentos de Niebuhr ao se preparar ele próprio para receber o prêmio em Oslo.

Seu discurso foi uma breve lição sobre a necessidade da guerra e um tributo ao uso da força — acima de tudo, força norte-americana — como o único meio prático de alcançar os altos ideais do comitê do prêmio da Paz. Ele saudou dois dos mais famosos praticantes da não violência do século XX, o dr. King e Mahatma Gandhi, mas disse: “Enfrento o mundo como ele é e não posso me manter inativo diante das ameaças feitas ao povo americano. Porque, não se enganem, o mal existe no mundo. Um movimento não violento não teria barrado os exércitos de Hitler. Dizer que a força é algumas vezes necessária não é um apelo ao cinismo — é um reconhecimento da história, das imperfeições dos homens e dos limites da razão.”

O mal existe no mundo. Como presidente, tinha sido dada a Barack Obama uma oportunidade de pegar em armas contra os inimigos dos

Estados Unidos de um modo mais direto do que a qualquer ocupante anterior daquele cargo. Ele a recebia de bom grado. Fez tudo o que pôde para promover o tema. Havia muito a CIA chamava quem quer que estivesse na Casa Branca de “Primeiro Freguês”, e sobre essa questão não havia dúvidas a respeito do que o freguês mais queria.

Do alto de seu escritório no sétimo andar em Langley, com vista para o Potomac, Michael Morell sentia-se da mesma forma fazia tempo. Em sua ascensão ao posto de vice-diretor, dirigira a divisão de análise da agência e sabia que, apesar da falta de sucesso, nunca perderam o sentido de urgência. Ainda se lembrava de sobrevoar com o presidente Bush no Onze de Setembro, da incerteza e do medo no país, do jeito como se sentiu quando, ao voltar para casa, olhou para as filhas dormindo. Mesmo com duas guerras para lutar, nunca faltaram mão de obra ou recursos para encontrar Bin Laden.

Ainda assim, ele sentiu que a pressão de Obama podia ter algum efeito. O novo chefe de Morell, Panetta, em particular, agora exigia aqueles relatórios regulares dos progressos obtidos: pelo menos um por mês. Em qualquer grande organização, a exigência de relatórios de progresso tem um resultado. Ninguém quer preencher um relatório de progresso que não apresente progresso.

4

O instrumento de mira

Houve momentos em que o governo dos Estados Unidos soube onde Osama bin Laden estava. A CIA estava interessada nele desde 1991, depois que se mudou do Afeganistão para o Sudão. Quase para qualquer lado que a agência olhasse no mundo extremista sunita em expansão, seu nome aparecia. Não como comandante, mas como a pessoa a se dirigir em busca de documentos falsos, dinheiro, treinamento, armas ou substâncias químicas que pudessem ser transformadas em bombas. Em dezembro de 1995, a agência criou uma pequena unidade Bin Laden, dirigida por Michael Scheuer.

Um homem corpulento, confiante, com uma barba cerrada e óculos, que fala com um sotaque do Meio-Oeste, Scheuer era menos inclinado que muitos outros na hierarquia da CIA a engolir suas próprias opiniões. Não tinha sido um típico recruta da agência. Natural de Buffalo, trabalhara como armador para a Union Carbide enquanto obtinha dois graus de mestre e depois um doutorado na Universidade de Manitoba, no Canadá. Acreditava que sua unidade Bin Laden era a primeira a ser estabelecida para perseguir e capturar um indivíduo; e à medida que a iniciativa amadurecia — à medida que aprendia cada vez mais a respeito de Bin Laden —, ficava progressivamente mais convencido do perigo que a Al-Qaeda representava

para os Estados Unidos. Com o tempo, sua avaliação desse perigo ultrapassou a de seus superiores. O pequeno grupo trabalhava num escritório, num centro comercial bem perto do principal campus da CIA em Langley. Scheuer deu ao escritório o nome de seu filho Alec: “ALEC Station.”

A melhor arma de que dispunham para reunir informações, naquele ponto, era a captura, a prática de prender um suspeito e entregá-lo a autoridades em outro país para interrogatório. A prática permitia que a agência, pelo menos do ponto de vista técnico, estivesse em conformidade com as regras contra tortura. A CIA obtinha garantias de que os detentos não seriam maltratados, o que algumas agências estrangeiras provavelmente honravam com mais diligência que outras. Naquela altura, a agência não tinha a opção de matar terroristas seniores suspeitos: tinham de ser presos e mantidos em algum lugar. A captura permitiu que o governo Clinton evitasse as dificuldades jurídicas de pôr os prisioneiros sob a custódia dos Estados Unidos. Como Scheuer lembraria, não era tanto uma questão de política explícita e sim uma política por default. Ele buscava orientação na Casa Branca a respeito do que fazer com aquele alvo, e a resposta vinha de volta, “Isso é problema seu”. O problema era resolvido por governos receptivos na África Oriental, nos Bálcãs e no Oriente Médio.

A captura, por acaso, não produziu o primeiro grande avanço para a ALEC Station. Isso aconteceu em setembro de 1996, quando um militante sudanês chamado Jamal al-Fadl, ex-associado próximo a Bin Laden, apareceu na embaixada americana na Eritreia se oferecendo para dizer tudo o que sabia sobre a Al-Qaeda. Foi mandado para os Estados Unidos e posto no programa federal de proteção a testemunhas. Ele forneceu o primeiro tesouro de informações frescas a respeito de Bin Laden e sua organização — sobre personalidades, estrutura e operações planejadas. Suas revelações injetaram interesse no grupo, que estava claramente disposto a realizar grandes ataques terroristas, assim como era capaz de fazê-lo.

Em 1999, a ALEC Station empregou 27 pessoas, muitas das quais mulheres. Elas trabalhavam em um escritório da CIA pouco convencional, bastante informal. As pessoas se vestiam de forma casual. Como

mantinham informantes e contatos pelo mundo todo, o escritório ficava aberto 24 horas. Todos trabalhavam longos períodos, de modo que eram poucas as formalidades da vida de escritório que se estabeleciam. Scheuer tirava um cochilo todas as tardes em sua sala. À medida que o sentido de ameaça representada pela Al-Qaeda crescia, também crescia o sentimento de missão deles. Algumas pessoas no escritório, como Scheuer, rejeitaram ofertas de promoção para continuar no trabalho. Casamentos terminaram. O lugar tinha uma atmosfera de adoração. Como Scheuer presidia tantas oficiais mulheres dedicadas, alguns começaram a chamar seu grupo de “família Manson”.

Não conseguiram prender Bin Laden no Sudão, então apresentaram um plano para persegui-lo. Ele tinha diversos grandes projetos em andamento naquele país — construção de estradas, programas de agricultura e negócios. Também estava contribuindo ativamente para ataques por toda a região. Então a ALEC Station propôs sabotar seu equipamento de construção. Queriam inutilizar os motores usando estrume líquido para fazer com que as máquinas emperrassem. Quando a Senate Select Committee on Intelligence (Comissão Especial de Inteligência do Senado) foi informada do plano, um membro se opôs: “Se você fizer isso, não estará deixando algum agricultor sudanês sem trabalho?” O projeto foi descartado.

Pouco tempo depois, quando a tentativa de assassinato do presidente do Egito, Hosni Mubarak, foi ligada à Al-Qaeda, o Sudão viu-se pressionado pelos Estados da região a expulsar Bin Laden. Ele se mudou para o Afeganistão, onde declarou sua guerra contra os Estados Unidos. Essa jogada agradou à ALEC Station, porque a Agência Nacional de Segurança agora podia escutar conversas telefônicas no Afeganistão; havia também um enorme arquivo de imagens aéreas deixadas pelos *mujahidin* durante as guerras soviéticas, e a CIA tinha muitos contatos amigáveis naquele país. Em 1997, Mullah Omar, o líder talibã, convidou Bin Laden para morar em Kandahar, em uma estação agrícola experimental chamada Tarnak Farms, ao sul da cidade. Era uma área na qual a agência tinha uma rede de espiões especialmente rica, um grupo que eles chamavam de “Tripoints”.

Dessa vez puderam observar Bin Laden de perto e escutá-lo, ele e seu pessoal. Sem autoridade para matá-lo, o grupo de Scheuer fez planos para raptá-lo — isso teria sido em maio ou junho de 1998, vários meses antes do bombardeio das embaixadas na África Oriental. A intenção deles era mantê-lo em uma região montanhosa remota para interrogatório e depois levá-lo para a prisão em algum Estado árabe (a não ser que os Estados Unidos resolvessem processá-lo diretamente). Detalharam um ataque, uma missão de rapto dentro do Afeganistão, empregando uma equipe de operações especiais levada por helicóptero. Mas, quando o plano ascendeu pela cadeia de comando, foi vetado, por ser arriscado demais. Militares americanos poderiam morrer, e como Bin Laden morava com as esposas e os filhos, algumas das crianças poderiam sair feridas. Scheuer se lembra de ter ficado perplexo com a decisão. Perguntou: “Que grau maior de ameaça vocês precisam antes de finalmente fazer alguma coisa?”

Quando o diretor George Tenet fez uma visita à ALEC Station não muito tempo depois, uma das mulheres da equipe de Scheuer o confrontou com raiva: “Você e a Casa Branca vão fazer com que milhares de americanos sejam mortos.”

Tenet lhes disse que compreendia a raiva, mas que ela ia passar. A essa altura, o crescente sentimento de urgência do grupo, junto com sua imagem *cult* e o alto número de mulheres funcionárias, tinha começado a trabalhar contra ele. Eram vistos como excessivamente emotivos e alarmistas. A reação de Tenet refletia esse preconceito sutil e irritou a ALEC Station ainda mais.

“Vocês todos vão pensar com maior clareza em alguns dias”, disse ele.

Em agosto, depois do bombardeio nas embaixadas, Scheuer se lembra de lhe terem perguntado se o plano de sequestrar Bin Laden ainda podia ser levado a cabo. A resposta era não. Bin Laden sabia que as probabilidades de os Estados Unidos agirem cresceriam depois daqueles ataques. Ele se escondera. Tinham perdido a oportunidade.

Agora os Estados Unidos estavam dispostos a usar força letal sobre Bin Laden. Logo depois do bombardeio da embaixada, o presidente Clinton autorizara dois ataques de mísseis de cruzeiro, um mirando a Al-Shifa, uma

empresa farmacêutica em Cartum onde se achava que estavam sendo desenvolvidas armas químicas, e o outro direcionado a um acampamento do Bin Laden perto de Khost. Os mísseis atacaram em 20 de agosto, disparados de navios no mar Árábico. A CIA estimaria que vinte a trinta pessoas foram mortas — mas não Bin Laden, que, ao que constava, deixara o acampamento de Khost poucas horas antes.

Depois disso, o projeto da ALEC Station passou a ser localizar Bin Laden com precisão e antecedência suficiente para o visarem. Apresentaram-se oito oportunidades dessas à Casa Branca, lembrou Scheuer, e todas as vezes o ataque foi cancelado, principalmente por preocupação com os danos colaterais. O homem da CIA sempre foi irascível e excêntrico. Ele estava tão mais disposto a aceitar perdas colaterais que seus superiores — tão convencido de que a ameaça representada por Bin Laden justificava ação drástica, imediata — que começou a ser visto com suspeita. Ele parecia obcecado.

Em 1998, no domingo antes do Natal, a ALEC Station ficou sabendo que Bin Laden estava hospedado na casa Haji Habash, parte do palácio do governo em Kandahar. A CIA tinha um espião local que sabia em que ala da construção Bin Laden se encontrava, e até em que quarto, porque ele o acompanhara até lá. Era informação de primeira linha, em primeira mão, e um alvo que poderia ser facilmente alcançado com mísseis Tomahawk lançados de navios posicionados no mar da Arábia.

“Acertem ele esta noite — pode ser que não tenhamos outra chance”, aconselhou Gary Schroen, o oficial de campo da ALEC Station.

Scheuer levou a informação diretamente para a Casa Branca, junto com o diretor Tenet e John Gordon, o vice-diretor. Nevava. Os três viajaram juntos de carro, de Langley para Washington, porém, dentro da Casa Branca, só Tenet foi admitido à reunião, da qual as principais autoridades do governo Clinton participaram por teleconferência. Scheuer e Gordon esperaram horas do lado de fora. O ataque com míssil não foi autorizado. De acordo com o relatório da comissão do Onze de Setembro, havia preocupações de que até trezentas pessoas pudessem ser mortas ou feridas, e achava-se que havia uma grande probabilidade de Bin Laden sair no

último minuto, como tinha feito antes. Além disso, havia uma mesquita nas imediações, que poderia ser atingida. Os homens da CIA voltaram pela George Washington Parkway, mais uma vez decepcionados. Scheuer ficou particularmente chateado com a preocupação do governo em não danificar a mesquita.

No dia seguinte, perdida a oportunidade, Scheuer escreveu para seu oficial de campo, Schroen, dizendo que não conseguira dormir. “Tenho certeza de que lamentaremos não ter agido na noite passada.”

“Devíamos ter atacado na noite passada”, escreveu Schroen. “É possível que venhamos a lamentar a decisão de não ir em frente.”

Scheuer foi vencido pela frustração. Em 1999, rascunhou um memorando para os chefes da CIA, reclamando dos riscos que corriam para coletar informações oportunas, das horas de trabalho árduo envolvido em cada oportunidade de direcionamento do alvo e da pouca disposição do governo para agir.

“[Pareceu-me errada], até certo ponto, a ideia de colocar seus oficiais continuamente em risco para reunir informações seguras e utilizáveis, e ver que o governo não está disposto a usá-las na defesa do povo americano por motivos que [existem apenas] em suas cabeças”, explicou ele anos mais tarde em uma entrevista para este livro. “Sabe, será racista achar que 1,4 bilhão de muçulmanos vão se levantar para atacar os Estados Unidos porque algum estilhaço de bomba atingiu uma mesquita de pedra em Kandahar? Você tem que ter respeito zero pela humanidade ou o senso comum do mundo muçulmano para esperar que uma coisa dessas aconteça. Mesmo assim, essa é a desculpa que as brilhantes pessoas educadas em Harvard apresentam.”

Ele foi dispensado da responsabilidade pela ALEC Station. Como lembrou mais tarde, disseram-lhe: “Queremos que você diga a seu pessoal que você está exausto e, não se preocupe, nós vamos lhe dar uma medalha e um prêmio em dinheiro.”

Scheuer disse que lhes respondeu: “Podem enfiar no rabo.”

É claro que tudo mudou depois do Onze de Setembro. Aí, todo o questionamento passou a ser por que os Estados Unidos não agiram mais

agressivamente contra Bin Laden quando puderam? “Obsessivos” como Scheuer e seu “culto” na ALEC Station pareceram proféticos, não excessivamente emotivos. Os Estados Unidos tinham perdido a oportunidade de pegar Bin Laden antes que seu maior plano rendesse frutos.

Depois da invasão do Afeganistão, havia pistas de campos de batalha que apontavam forças americanas na direção de uma reforçada fortaleza em Tora Bora, que significa “Caverna Negra”. Ficava na parte mais oriental do país, perto da fronteira com o Paquistão, e tinha a fama de possuir um labirinto bizantino de cavernas, naturais e feitas pelo homem. Também tinha a reputação de ser o esconderijo de Bin Laden. Quando as forças militares americanas e os militares afegãos a tomaram, em 2001, depois de um sítio de cinco dias, encontraram montes de pequenas cavernas e alguns bunkers, mas nada parecido com a fortaleza que tinham imaginado. Revelou-se ter sido mais um lugar que o Sheik havia deixado recentemente.

Os melhores relatórios diziam que ele fugira pelas Montanhas Brancas, em direção ao Paquistão, provavelmente antes de o ataque sequer começar. Depois disso... nada.

Não, não era bem o caso.

Comece com milhares de pequenas parcelas de informação. Nomes, muitos e muitos nomes. Vislumbres. Boatos. Transcrições de interrogatórios. Números de telefone. Chamadas telefônicas. Datas. Endereços. Coordenadas geográficas. Fotografias aéreas. Fotos de vigilância no solo. Vídeos. Rostos. Imagens de íris. Modos de caminhar. Mapas. Impressões digitais. Velhos diários. E-mails. Websites. Mídia social. Mensagens de texto. Tweets. Cartas à moda antiga. Blogues. Reportagens de notícias. Números de cartões de crédito. Cobranças. Números de contas bancárias. Depósitos. Retiradas. Transferências. Números de placas. Números de passaportes. Relatórios de polícia. Prisões. Itinerários de viagens. Tudo e qualquer coisa que possa ser transformada em dados. Quando você está à procura de alguém em um mundo de sete bilhões de

habitantes, e quando uma pessoa não quer ser encontrada, você joga uma rede ampla.

Depois do Onze de Setembro e de Bin Laden ter escapado de Tora Bora, pode-se dizer com segurança que o governo dos Estados Unidos estava plenamente envolvido em persegui-lo e capturá-lo. Envolvidos num grau que fazia as árduas batalhas da pequena ALEC Station parecer um passatempo de porão. O governo de Obama podia invocar “onda de rádio limitada” e prioridades concorrentes para explicar por que esses esforços foram insuficientes, mas a verdade é que cada agência e cada ramo do vasto complexo militar-industrial dos Estados Unidos agora estavam inteiramente envolvidos. O que significava isso? Significava que encontrar e eliminar Bin Laden não eram preocupações apenas de um pequeno grupo trabalhando num pequeno escritório perto de Langley. Era um objetivo central. Ninguém mais ia ficar esperando no saguão da Casa Branca a permissão para atacar. Mas encontrar Bin Laden se tornou também exponencialmente mais difícil. Ferramentas, redes e unidades tiveram de ser desenvolvidas para encontrar, imobilizar e acabar com a Al-Qaeda e outras redes de terrorismo como ela. O que seria desenvolvido — essa coisa que eles chamaram de F3EAD — vale a pena ser examinado em maiores detalhes.

Você começa com migalhas. Qualquer coisa pode ser transformada em dados, aqueles nomes, números e outros tipos de informação parcialmente enumerados antes. Tudo aquilo e mais, informações vindas de todas as fontes: interrogatórios de detidos, HUMINT (inteligência humana), SIGINT (inteligência por sinais), GEOINT (inteligência geoespacial) e até algo chamado MASINT (inteligência de medidas e assinatura, que convertia coisas altamente técnicas, como radar, substâncias químicas ou sons, em dados investigáveis). Cada bit é um ponto potencialmente útil numa vasta matriz. A coleta fluía de várias agências, grandes e pequenas — CIA, FBI, Agência de Segurança Nacional, Agência Nacional de Informação Geoespacial e muitas outras; eles chamavam essas informações de “lixo de bolso”. Quem sabia que fato isolado poderia levar a Bin Laden? Ou se algum deles levaria? Às vezes a CIA tinha dúzias de analistas trabalhando

em tempo integral com dados sobre Bin Laden, mas os números e a variedade de pistas eram desencorajadores. Sempre havia uma boa chance, talvez até melhor que chance, de que o Sheik acabasse seus dias e morresse pacificamente na cama, rodeado das esposas, dos muitos filhos e dos dedicados membros de seu círculo íntimo, talvez depois de dirigir um último ataque ao “Chefe da Descrença Internacional” — escarnecendo ao entrar no paraíso. Para os que acreditavam nessas coisas, fugir das garras da justiça americana daria crédito à sua reivindicação de poder divino.

No final, encontrar Bin Laden ilustraria a mais banal das verdades a respeito de trabalho de inteligência. Mais que gênio ou coragem, trata-se de esforço, paciência e vontade. E também, claro, de dinheiro e tempo — mas quando falamos de um objetivo ao qual não um, mas dois presidentes dos Estados Unidos atribuíram a mais alta prioridade, e quando tempo e recursos são de fato infinitos, ele resume-se, no fim das contas, a uma aplicação constante da vontade. O presidente Bush reconhecidamente mantinha uma tabela de terroristas procurados na gaveta de sua escrivaninha e pessoalmente cortava os que eram capturados ou mortos. Bin Laden era sempre o “Número Um”. Em seus briefings regulares diários, Bush perguntava rotineiramente: “Como vamos indo”?, e todo mundo sabia do que ele estava falando. O mesmo acontecia com Obama. Depois daquela reunião improvisada em sua sala fechada, com os novos chefes dos serviços de inteligência, em 2009, ele trazia o assunto à tona em quase todos os briefings de segurança.

“Estamos mais perto?”

“O que mais ficamos sabendo?”

Uma rede de inteligência como a dos Estados Unidos não tem uma, mas múltiplas divisões, cada uma com sua própria especialidade — escuta, observação, fotografia, sensoramento, sondagem, análise. A força de tal estrutura superposta como essa é que as coisas são examinadas mais de uma vez e de todos os ângulos concebíveis. A força da burocracia — todo mundo conhece as fraquezas da burocracia, mas raramente considera sua força — está em sua ilimitada capacidade de trabalho. Trabalho constante, incessante, como o filete de rio que lentamente escava um desfiladeiro.

Hora após hora, dia após dia, ano após ano, ali estava um esforço que consumiria uma grande parcela das carreiras dos analistas — analistas de vez em quando substituídos por olhos, ouvidos e mentes mais frescos, que ansiosamente começariam a registrar trilhas obsoletas com renovado vigor.

Agora crescente os supercomputadores. Convertem esses milhões de bits de inteligência reunidos pelo mundo inteiro ao longo de anos de esforços em bytes, e de repente o impossível, a probabilidade de encontrar uma agulha num milhão de palheiros, fica pelo menos um pouco mais provável.

Então, quando traçamos a trilha para Abbottabad, é disso que estamos falando — uma sofisticada máquina de localização. Visto de trás para a frente, do esconderijo de Bin Laden até os fragmentos de informação que levaram a ele, o caminho parece óbvio. O traçado do final para o início encobre o nível de dificuldade: os anos de frustração e esforço paciente, a inovação tecnológica, as vidas perdidas, os erros cometidos, o dinheiro gasto. Só o pedaço da história das operações especiais desdobrou mais de um quarto de século de tentativa e erro, começando com a missão improvisada para resgatar reféns americanos no Irã em 1980.

Depois que estudantes iranianos tomaram a embaixada dos Estados Unidos em Teerã, em novembro de 1979, o presidente Jimmy Carter empreendeu meses de esforços diplomáticos infrutíferos para soltar os mais de cinquenta americanos feitos reféns. Durante esse tempo, a recém-formada unidade antiterrorista do Exército, a Força Delta, montou um esforço ousado para resgatá-los. Tomaram emprestados helicópteros da Marinha, usados para caçar minas, e pilotos dos fuzileiros navais não acostumados ao tipo de voo necessário. A missão precisava que os helicópteros voassem até um ponto de encontro no deserto, fora de Teerã, chamado Desert One, reabastecessem a partir de uma grande aeronave dirigida por pilotos da Força Aérea, e depois prosseguissem para o esconderijo perto da cidade. Na noite seguinte, a Força Delta sairia do esconderijo, invadiria a propriedade da embaixada e libertaria os reféns; então se reuniria num estádio de futebol na frente da embaixada, no centro de Teerã, onde os reféns seriam apanhados pelos helicópteros e levados para

um aeroporto que deveria ter sido tomado pelos Rangers do Exército dos Estados Unidos. De lá, os resgatadores e os reféns seguiriam para fora do país.

Essa missão extraordinariamente ousada e complicada nunca passou do ponto de encontro no deserto. Tempestades de areia danificaram os helicópteros e obrigaram diversos pilotos a voltar. Com helicópteros em número insuficiente para prosseguir, a missão foi abortada.

Enquanto a aeronave manobrava para sair discretamente do Irã, um dos helicópteros bateu num avião em solo, e os dois explodiram, matando oito soldados americanos. O desastre minou as esperanças de manter o esforço de resgate abortado em segredo. O constrangimento subsequente condenou os reféns a muitos outros meses de cativeiro, deu ao Irã um enorme golpe de publicidade (alegavam que uma “invasão” americana fora impedida por Deus) e provavelmente destruiu as esperanças de Carter de ser eleito para um segundo mandato.

Aquele episódio teria semelhança impressionante com o que matou Bin Laden e viria ilustrar o quão longe os talentos e as ferramentas da comunidade de operações especiais tinham chegado. Aquele desastre de 1980, na verdade, criou o Comando de Operações Especiais Conjuntas (JSOC), ao demonstrar cruelmente o que este país não conseguia fazer. O progresso pode ser traçado retroativamente ao tiroteio heroico e sangrento em Mogadíscio, em 1993, a batalha documentada em *Falcão negro em perigo*, resultado de outro ataque de operações especiais que saiu dos trilhos. Milhares de missões, bem-sucedidas e malsucedidas, grandes e pequenas, aprimoraram os homens, as máquinas e as táticas que iriam localizar o Sheik.

Aquele ataque não podia ser lançado até que Bin Laden fosse encontrado. Encontrá-lo significava reconstituir redes humanas de espões desmanteladas durante os anos complacentes depois da Guerra Fria, quando a espionagem era considerada inapropriada, ilegal e uma ameaça às liberdades pessoais e aos direitos humanos. Depois do Onze de Setembro, o público redescobriu o valor dos espões no solo, e de olhos e ouvidos acima dele. Aceleraria o desenvolvimento de plataformas aéreas e de redes de

telecomunicação que permitiriam vigilância constante, em tempo real e sem precedentes.

Quatro meses depois dos ataques, o ex-almirante John Poindexter foi nomeado chefe de uma nova iniciativa que ele ajudara a planejar, chamada Total Information Awareness (Percepção Total de Informações), que buscava usar supercomputadores para reunir bases de dados inimaginavelmente grandes para, em essência, coletar, como o nome sugere, *tudo*. Com o software adequado, era possível analisar os dados para identificar e localizar terroristas em potencial. A história de que o almirante mentira para o Congresso durante o caso Irã-Contras não engendrava confiança, nem a noção orwelliana, inerentemente assustadora, de o governo compilar enormes conjuntos de dados a respeito de cidadãos americanos. Nesse sentido, o nome, Total Information Awareness, era uma gafe fatal de relações públicas. O Poindexter calvo, de bigodes brancos, foi chamado de “Big Brother do Pentágono”, e daí para pior. O Congresso cancelou o projeto tal como tinha sido originalmente concebido. Poindexter encontrou emprego no setor privado, e o remanescente do projeto, que foi proibido de coletar informações a respeito de cidadãos americanos, foi diplomaticamente renomeado de Terrorism Information Awareness — TIA (Percepção de Informações Terroristas).

Por mais errada que tivesse sido a escolha de Poindexter para liderar esse projeto, e por mais desafinado que tenha sido ao apresentá-lo, ele teve a ideia certa. Havia décadas pensava nisso. Uma das grandes contribuições do computador — sua capacidade de armazenar e manipular vastas quantidades de dados — parecia comum, mas, na prática, era tão revolucionária que estava transformando a vida moderna, fosse fazendo uma busca no Google, fosse enchendo as prateleiras no Walmart a partir de uma cadeia internacional de fornecedores, fosse enviando encomendas para qualquer lugar do mundo da noite para o dia ou mapeando o genoma humano. Então, por que não utilizar esse recurso para identificar uma rede terrorista — reconhecendo indícios que pareceriam, mesmo para equipes de analistas experientes, eventos aleatórios?

O conceito de Poindexter fez mais que sobreviver. Viria reforçar todo o esforço de guerra: armazenava cada pedacinho de informação a respeito da Al-Qaeda e grupos relacionados reunidos pelas forças militares muito ativas do país e agências de espionagem, transformava tudo em dados e depois sondava esses dados em busca de um fio condutor. A procura por Bin Laden e outros acabou contando com uma base de dados incalculavelmente rica, acessível a qualquer pessoa no mundo com a autorização de segurança adequada, fosse um oficial dos fuzileiros navais em um posto avançado no Afeganistão, fosse uma equipe de analistas trabalhando em Langley. Peneirar esses dados todos exigia software capaz de localizar profunda e rapidamente, e com discernimento aguçado — um problema que o próprio governo se mostrou menos eficaz em resolver do que uma equipe de jovens engenheiros de software no Vale do Silício. Uma start-up chamada Palantir, por exemplo, apareceu com um programa que elegantemente realizava tudo a que a TIA se propusera fazer. Fundada em 2004 por Alex Karp e Peter Thiel — este último é o cocriador bilionário do Paypal e um antigo investidor do Facebook —, a Palantir desenvolveu um produto que na verdade merece a designação popular de Killer App. Engenheiros de software recém-saídos das melhores escolas de computação do país foram postos em um local de trabalho com mais de 650 metros quadrados em Palo Alto. O lugar foi abastecido com junk food e video games, e apelidado “o Condado”, a casa dos Hobbits no *Senhor dos anéis* de Tolkien. (A própria empresa recebeu o nome de uma pedra mágica da saga de Tolkien que confere poderes especiais de visão e comunicação.) O software produzido por essa fonte altamente improvável viria a transformar as forças especiais americanas em mortais perseguidores eficazes. A Palantir atualmente vale bilhões e tem contratos, entre outras agências, com a CIA, a Agência de Segurança Nacional, o Departamento de Defesa, a Agência de Inteligência de Defesa, o FBI, o National Counterterrorism Center (Centro Nacional Antiterrorista) e o Department of Homeland Security (Departamento de Segurança Interna).

A velocidade e a urgência da guerra sempre aceleraram o desenvolvimento da tecnologia e encorajaram novos usos de dispositivos já

existentes. Depois de um rápido sucesso inicial para derrubar o regime de Saddam Hussein no Iraque, as forças americanas se viram sob ataques cada vez maiores por parte de grupos extremistas sunitas, sendo que o mais violento deles era um ramo da Al-Qaeda, sob a direção de um assassino inovador chamado Abu Musab al-Zarqawi. Seu grupo montou uma campanha de bombas de beira de estrada e ataques suicidas brutais, muitos dos quais projetados para matar civis iraquianos indiscriminadamente — os tipos de ataque que Bin Laden, escondido, considerava erros. De fato, as matanças em massa acabaram por ajudar a voltar a maioria sunita no Iraque contra a insurgência, marcando o momento decisivo da guerra. Mas, ao mesmo tempo, sob a direção do general Stanley McChrystal, o JSOC golpeava células insurgentes dos assassinos locais da Al-Qaeda com crescente eficácia, montando missão após missão, em rápida sucessão, capturando e matando em um ritmo que essas operações nunca antes tinham sido capazes de sustentar. Encontraram Saddam Hussein escondido num buraco no solo no fim de 2003. Zarqawi foi morto por uma bomba americana em 2005. O sucesso de McChrystal, considerado uma das principais realizações militares dos tempos modernos, foi algo que ele chamou de “operações colaborativas”, com o que ele queria dizer a fusão de “agentes especiais” — equipes de atiradores de elite de vários ramos do serviço — com essa nova capacidade computacional, que reuniu dados de todos os outros inputs. A força-tarefa construiu uma maciça base de dados em Camp Victory, no Iraque, e depois outra em Bagram, no Afeganistão, combinando o todo à parte. Isso significava trazer para a frente de batalha um tipo diferente de guerreiro, mais acostumado a clicar no mouse do que a puxar um gatilho.

Guy Filippelli era um deles. Jovem capitão do Exército, formado em West Point, com mestrado em Oxford, em 2005 ele foi convidado por seu comandante no Afeganistão a visitar as instalações muradas da força-tarefa — a unidade de operações especiais — e mostrar-lhe o que podia fazer com seu computador. Filippelli chama a si mesmo de geek. Começara a criar programas de computador ainda quando estudante do ensino médio, antes de ir para o crescente departamento de ciência computacional de West

Point. Estava ajudando a equipe de comando em Bagram a projetar sistemas para melhorar o controle do “fluxo de informações”, ligando informações coletadas nos locais dos ataques no campo e de interrogatórios de detidos em uma crescente base de dados de terror nacional. Entrou nos muros reclusos da força-tarefa cheio de entusiasmo pelo trabalho, certo de que a palestra estimularia esses soldados da linha de frente. Os atiradores e suas equipes não podiam ter ficado menos impressionados. O assunto apresentado por Filippelli era altamente técnico e abstrato, de vanguarda e muito legal para ele, mas ele estava falando para uma sala cheia de soldados cuja onda de adrenalina vinha da queda livre de altas altitudes ou de ser alvo de tiros. O mundo deles estava no extremo oposto do virtual. Então, da próxima vez que o jovem capitão teve uma chance, agora com um grupo menor de soldados, tentou uma tática diferente.

“Ouçam, sei que nisso vocês são mil vezes melhores que eu e provavelmente já estão fazendo tudo, mas deixem-me mostrar o que estou fazendo, e eu largo o pé de vocês em dez minutos.”

No início foi fácil. A força-tarefa estava acostumada a simplesmente trancar os suspeitos no recinto de detenção enquanto esperavam o interrogatório. Filippelli tinha montado uma base de dados para detidos e também mapeara a população do recinto segundo afiliação tribal, antecedentes, parentesco e outros fatores. Colocar um detento no lugar errado, por exemplo, com um grupo de sua própria aldeia, significava que seus camaradas iriam rapidamente instruí-lo. Filippelli podia mostrar como aqueles mal colocados eram significativamente menos úteis mais tarde, no interrogatório. Então, o lugar onde eram colocados tinha importância.

“Olhem”, disse ele. “Vocês pegaram esse cara. Por que puseram ele com *esses* caras? Vocês podiam ter feito isso...”

Com isso, fechou o laptop e começou a se dirigir para a porta.

“Obrigado pelo tempo de vocês”, disse ele. “É só me dizer se houver alguma outra coisa que eu possa fazer por vocês.”

“Espere”, protestaram os homens. “Fale um pouco mais a respeito disso.”

Pouco a pouco, se viu trabalhando cada vez mais com a força-tarefa, mostrando-lhes que manipular dados podia melhorar consideravelmente sua eficiência. As aplicações foram muito além de reter detentos. O nome do jogo na guerra é aprender e agir mais depressa que o inimigo. Desse modo, como Filippelli e outros que faziam a mesma coisa puderam ver, a luta tinha a ver com ciclos temporais. Se fosse um detento que só podia ficar preso durante, digamos, 24 horas, como uso esse tempo com mais eficiência? Que perguntas lhe devem ser feitas? O que preciso saber para lhe fazer as melhores perguntas no tempo indicado? Isso era apenas uma peça do quebra-cabeça. Olhando para a missão maior, as equipes de operações especiais precisavam entrar no ciclo de informações de seus inimigos. No passado, depois de um ataque noturno bem-sucedido, em que um membro de uma célula insurgente era morto ou preso, pela manhã, ou até dentro de poucas horas, todos os membros importantes daquele grupo já estariam sabendo e teriam adotado a ação de fuga. Informações se espalhavam rapidamente. Telefones celulares podiam ser jogados fora, CDs podiam ser destruídos, instalações para a fabricação de bombas podiam ser realocadas — os caras do mal se dispersavam. Mas, se você conseguisse *entrar* naquele tempo de reação — se pudesse superar esse ciclo de informações e ficar sabendo o suficiente do primeiro ataque, ou por interrogatório, ou, digamos, examinando um telefone celular ou um disco rígido apreendido —, poderia conseguir lançar um novo ataque ou até vários ataques antes que a notícia da primeira ação se espalhasse.

As bases de dados permitiam que fragmentos de informações locais fossem instantaneamente conferidos com o conjunto maior de dados. Geeks combatentes como Filippelli examinariam o “lixo de bolso” e o ligariam à coleção nacional; era como pular do meio da mata para uma vista panorâmica da floresta. Os geeks combatentes ajudavam a juntar os pontos para os atiradores, tirando ordem da desordem. Em pouco tempo as equipes estavam fazendo isso sozinhas. Armadas com informações tão rápidas, as equipes ficaram de fato muito céleres, saindo em missões múltiplas todas as noites e sorvendo facilmente o ciclo de informações do inimigo. Eles tinham, em termos estratégicos, “agarrado a iniciativa”. Essa capacidade

transformou a busca por terroristas, de um empreendimento passivo, caracterizado por longos períodos de coleta de informações, análise e preparação, pontuada por ataques ocasionais, em um empreendimento agressivo. Para continuar vivos, os bandidos tinham de estar em comunicação constante uns com os outros e permanecer em movimento — duas atividades que acabavam tornando mais fácil encontrá-los. No Iraque, sob o comando de McChrystal, em 2007 e 2008, o JSOC começou a desmontar redes numa velocidade cada vez maior, derrubando-as antes que elas percebessem o que as atingira.

O comando do Afeganistão inteiro seria entregue a McChrystal depois da eleição de Obama, e o JSOC passaria para o vice-almirante William McRaven, que assinou um acordo secreto no começo de 2009 com o novo diretor da CIA, Leon Panetta, especificando diretrizes para a ampliação da cooperação. Assim, ao mesmo tempo que Obama pressionava a CIA para encontrar Bin Laden, o JSOC aprofundava seu relacionamento com a agência de espionagem no mundo todo.

A arma certa tinha evoluído. Apenas nove anos antes, o presidente Bill Clinton havia se queixado ao general Hugh Shelton, na época diretor da Junta de Chefes de Estado-Maior, a respeito de sua falta de opções para perseguir Osama bin Laden. “Você sabe, a Al-Qaeda ia se borrar de medo se de repente um bando de ninjas pretos descesse de um helicóptero no meio do acampamento deles”, disse. Era o desejo de um homem que tinha mais experiência com as Forças Armadas no cinema que na vida real. Para descer de um helicóptero num campo inimigo, primeiro você tinha de saber onde o campo estava e quem, exatamente, estava lá. De vez em quando, como já vimos, os Estados Unidos obtinham informações razoavelmente atualizadas a respeito da localização de Bin Laden, mas a capacidade de agir rápida e eficazmente com esse conhecimento, em níveis de risco aceitáveis, ainda não existia.

Agora existia. Não importa como alguém se sentisse a respeito da sensatez de invadir o Iraque nem do conflito aparentemente sem fim no Afeganistão, quase uma década de combate tinha amadurecido uma geração de combatentes e de ferramentas, testados em batalha e feitos sob medida

para encontrar e matar terroristas. Foi isso o que o autor Bob Woodward insinuara quando provocou comoção em uma entrevista de 2008 no programa *60 Minutes*, ao se referir a um “recurso operacional secreto”. Por um curto período inspirou especulações ferozes a respeito de um urgente programa de pesquisa militar parecido com o Projeto Manhattan na Segunda Guerra Mundial, que produziu a bomba atômica. Alguns imaginaram um “aterrador canhão com radar”, ou um dispositivo de “assinatura térmica” que pudesse efetivamente identificar um alvo a uma distância de 6 quilômetros. Mas não havia arma secreta. A nova ferramenta era composta de *tudo*: reconstituição de redes humanas de espionagem, supercomputadores, softwares de última geração, vigilância global e unidades de comando de elite.

Havia, no entanto, mais uma peça crítica, um dos mais dramáticos desenvolvimentos na história da guerra moderna. Uma peça que começou não em algum laboratório secreto com cientistas de ponta, mas em uma pista de aviação na Hungria, com um coronel da Força Aérea que eles chamavam de Snake.

James Clark tinha projetado uma carreira na política quando se formou na Universidade Católica em 1973. Já tinha tudo planejado: faculdade de direito, prática como advogado, depois uma candidatura para o Congresso... Mas aceitara uma bolsa do Corpo de Treinamento de Oficiais da Reserva (ROTC, na sigla em inglês) para ajudar a pagar a faculdade; quando se formou, a Força Aérea o convidou para voar caças. Foi uma emoção que ele teve dificuldade em deixar para trás, de modo que seu compromisso de quatro anos se transformou em dez, e os dez se transformaram numa carreira. Era identificado como “Snake”. Ficou baseado em Taszár, na Hungria, em 1995, quando teve a chance de brincar com algo que então era chamado de Gnat.² Isso mostra como uma boa ideia nem sempre requer uma tentativa às cegas no desconhecido, porque o Gnat era basicamente um planador com um motor austríaco de snowmobile. É claro que podia ser melhorado: suas ferramentas de vigilância se tornariam de última geração e seu motor seria praticamente silencioso. O tempo de voo lento seria muito

ampliado, e os aparelhos óticos ficariam impressionantes. Eventualmente carregaria seus próprios mísseis. Chamado de Predator, rapidamente se tornou a arma mais procurada no arsenal de muitos bilhões de dólares da Força Aérea.

O avião não tripulado, ou, como a Força Aérea preferia, os UAV (unmanned aerial vehicle — veículo aéreo não tripulado), não era novo. Aeronaves controladas por rádio foram usadas durante a Segunda Guerra Mundial. O irmão mais velho do presidente John F. Kennedy, Joe, foi morto numa missão secreta quando seu B-24, especialmente projetado, desenhado para voar sozinho até um alvo alemão depois que Kennedy tivesse saltado, explodiu antes do tempo. Aviões não tripulados já tinham sido usados no Vietnã, e os israelenses os tinham usado com bons resultados no Vale Bekaa, no Líbano, em 1982. Diversos modelos israelenses foram comprados pela CIA, que os entregou para o fornecedor de defesa General Atomics, de San Diego, para maiores desenvolvimentos. Clark recebeu quatro deles na Hungria, durante a fase experimental. Abrigou-os em pequenas tendas ao lado da pista de decolagem em Taszár. Foram um sucesso imediato. Havia muito os soldados buscavam a possibilidade de ver por cima da montanha seguinte, e o Gnat lhes dava um panorama de quase 100 quilômetros de uma plataforma que podia ficar parada no ar mais ou menos de forma permanente, em turnos de 12 horas. Aeronaves pilotadas podiam ficar no ar somente por quanto tempo o piloto pudesse aguentar, ou até o combustível acabar. Satélites forneciam uma bela visão, quando por acaso estavam passando por cima de algum lugar, e estavam tendo grande demanda, mas eram caros e poucos, e nem sempre passavam pelo local. Uma vez que os Gnats de Clark começaram as missões aéreas sobre Kosovo, nunca mais pararam. A demanda por eles crescia cada vez mais. Desde então estiveram em ação contínua.

Do ponto de vista da Força Aérea, o problema durante a Guerra Fria não tinha sido encontrar o inimigo; na maior parte das vezes ele estava em plena vista — tanques, silos de mísseis, exércitos e daí por diante. O problema era como atacá-los. A guerra que começou para valer depois do Onze de Setembro apresentou o problema oposto. Os terroristas da Al-Qaeda eram

alvos fáceis, se você pudesse encontrá-los. No máximo estavam escondidos em propriedades com alguns poucos guardas armados. Desse modo, um recurso que permitisse observar silenciosamente um alvo de uma distância razoavelmente curta durante dias, meses e até anos, em tempo real, era de repente tão valioso, se não mais valioso, quanto uma peça de hardware de muitos milhões de dólares em órbita em torno da Terra.

O general James Poss, trabalhando com Clark, comandou a primeira missão com o Predator no Iraque no começo de 2001, quando as Nações Unidas estavam policiando uma zona de exclusão aérea. Os iraquianos ocasionalmente atiravam em aviões americanos patrulhando a zona de exclusão aérea, ajudados por um grande e desajeitado radar portátil russo da época da Guerra Fria chamado Spoon Rest. Ele era montado numa grande van com 12 antenas gigantescas, com o formato de cabides de roupa, sobre ela. Em outras palavras, eram fáceis de achar. Mas depois de nove meses de tentativas, a Força Aérea não conseguiu encontrar nenhum. Como uma coisa tão grande e inconfundível podia ficar invisível? Sempre que um avião americano detectava que estava sendo rastreado por radar, a força direcionava um AWACS — Airborne Warning and Control System (Sistema Aéreo de Alerta e Controle) — para sobrevoar e fazer uma varredura à procura de uma van Spoon Rest. Nunca encontraram. Será que os iraquianos podiam desmontá-los depois de cada uso? Os velhos manuais soviéticos diziam que uma unidade não podia ser desmontada em menos de vinte minutos, e os AWACS os sobrevoavam muito mais rapidamente que isso. A Força Aérea tentou avistá-los com um U-2, o que também não deu em nada. Poss tentou de tudo que se podia imaginar. Examinou todas as construções grandes na vizinhança. Fez análise de reconhecimento de padrões para tentar prever onde haveria probabilidade de eles aparecerem. Nada.

O Predator encontrou a resposta na primeira tentativa. Capaz de observar silenciosamente uma cidade iraquiana onde se sabia que um Spoon Rest operava, viu a van inconfundível atravessar o mercado central e estacionar sob uma ponte. Todas as vans Spoon Rest foram rapidamente localizadas e destruídas.

Havia outros usos para os aviões não tripulados. Antes de a campanha de bombardeio a Bagdá pelos Estados Unidos começar, em 2003, Poss e Clark mandaram um velho Predator que eles pretendiam aposentar voar baixo e devagar sobre a capital, incentivando os iraquianos a atirarem no radar de todas as suas instalações antiaéreas. Isso permitiu que a Força Aérea mapeasse o sistema de defesa da cidade. Quando acabou o combustível do Predator, eles o mergulharam no rio Tigre, induzindo os iraquianos a alegarem que tinham abatido um caça americano. Nunca recuperaram a aeronave. No dia seguinte, Poss e Clark fizeram a mesma coisa, mas calcularam mal os níveis de combustível. Em vez de jogá-lo num lago na periferia da cidade, o avião não tripulado só chegou à beira d'água. Alertados outra vez por afirmações de que um jato americano tinha sido derrubado, equipes de filmagem registraram no dia seguinte o resgate de um velho avião não tripulado pintado com grafite, sem um buraco de bala.

Esses primeiros modelos experimentais só conseguiam transmitir sinais de TV ao longo de uma linha de visão, mas em pouco tempo os Predators estavam transmitindo suas informações de satélites de comunicações, o que significava que a visão de cima podia ser monitorada e analisada a partir de qualquer lugar, em tempo real. Esse foi o verdadeiro avanço. Os aviões não tripulados não forneciam apenas uma visão de cima — balões já tinham sido usados sobre campos de batalha na Guerra Civil com esse objetivo. A mudança revolucionária aconteceu quando a fiscalização dos aviões não tripulados foi ligada ao sistema global de telecomunicações existente. Isso permitia que as forças militares dos Estados Unidos montassem “tampas”, ou plataformas estáveis de observação permanentes, acima de cidades inteiras. Una-se esse recurso a supercomputadores, com softwares capazes de reconhecer a “assinatura” de um alvo específico — digamos, uma picape vermelha com um amassado no para-choque traseiro —, e se tem a possibilidade de rastrear um alvo noite e dia.

Em 2010, frotas de UAVs — que hoje incluem Predators, Reapers, Global Hawks e uma variedade crescente de outros — faziam parte de uma rede mundial integrada que permitia operadores remotos em bases nos Estados Unidos enviarem missões para praticamente qualquer lugar do

mundo, canalizando imagens e dados sensoriais de volta para computadores na Beale Air Force Base na Califórnia e no quartel-general da CIA em Langley. O número de aviões não tripulados já estava em mais de milhares, o suficiente para manter até 65 calotas ao mesmo tempo. Para um alvo específico, ele podia estabelecer coisas tão simples como: quantas pessoas moram na propriedade? A que horas acordam de manhã? A que horas vão para a cama à noite? Que tipos de armas têm? A Força Aérea agora usava aviões não tripulados em equipes, produzindo um sistema chamado de Gorgon Stare,³ que podia cobrir uma área de 4 quilômetros quadrados — uma área do tamanho de Fairfax, na Virginia. A imagem não precisava ser monitorada continuamente por seres humanos; podia ser monitorada por computadores, que nunca se cansam nem se distraem, e não se intimidam com a complexidade. Se, digamos, um veículo pertencente a um suspeito de terrorismo fosse reconhecido pelo computador — porque tem alguma característica que permita ao computador rastreá-lo —, então os movimentos desse veículo poderiam ser seguidos em uma pequena cidade durante meses, ou até anos, possibilitando que se fizesse um mapa detalhado das viagens do suspeito. Combine esse mapa ao rastreamento de telefones celulares, com inteligência humana, e você pode começar a montar um gráfico detalhado e preciso das conexões de seu alvo, ou de sua rede. Melhorias na ótica permitiram essas observações a grandes distâncias, de modo que os próprios UAVs não precisavam estar diretamente sobre um alvo. Podiam “ficar de lado”, bem fora do espaço aéreo restrito de um país como, digamos... o Paquistão.

A pista até Abbottabad, que parecia tão clara em retrospecto, representou um triunfo na ligação de pontos. Nesse caso, começou com um nome. Não era nem mesmo um nome verdadeiro, e a referência era a uma pessoa relatada falsamente como morta.

O nome Abu Ahmed al-Kuwaiti foi mencionado pela primeira vez pelas autoridades na Mauritânia, por um agente da Al-Qaeda, Mohamedou Ould Slahi, que atendia pelo nome de guerra de “Abu Musab”. Slahi era um *mujahid* veterano, tendo lutado duas vezes no Afeganistão: primeiro contra

os russos e depois contra o regime que assumiu quando os russos foram embora. Ele tinha jurado fidelidade a Bin Laden e estava morando na Alemanha no final de 1999, estudando engenharia elétrica, quando ficou amigo de dois jovens árabes que se tornariam sequestradores no Onze de Setembro: Ramzi bin al-Shibh e Marwan al-Shehhi. Os dois queriam entrar para o jihad na Chechênia, mas Slahi os aconselhou a ir ao Afeganistão para treinamento. Mohammed Atta, que passaria a ser o líder do grupo do Onze de Setembro, uniu-se a eles, e o jovem da Mauritânia os ajudou a fazer os arranjos para a viagem até Karachi, lançando-os no caminho que os levaria aos Estados Unidos e à escola de aviação. Esse colocou Slahi na origem do plano do Onze de Setembro e foi, desse modo, um homem altamente procurado depois dos ataques. Em apenas dez dias ele foi localizado, morando em seu país natal, e levado para interrogatório pelas autoridades da Mauritânia. Foi preso em novembro de 2001 e passou por interrogatório extenso na Mauritânia, depois na Jordânia, onde ele alega que foi torturado, e provavelmente foi. Está preso na baía de Guantánamo desde 2002.

No relato da história de suas viagens com os *mujahidin*, um dos nomes mencionados por Slahi — um entre muitos — foi o de Abu Ahmed al-Kuwaiti, que ele disse ter sido morto. Era obviamente um pseudônimo. O nome significava “o Pai de Ahmed do Kuwait”. Era apenas um nome entre milhares que diariamente eram inseridos naquilo que passaria a ser a base de dados da Terrorism Information Awareness.

O mesmo pseudônimo, e pessoa, seria esclarecido em maiores detalhes mais de um ano depois, como sendo o de um verdadeiro crente chamado Mohammed al-Qahtani, jovem saudita com cara de bebê que se comprometera com a Al-Qaeda e tinha planejado se juntar aos sequestradores do Onze de Setembro como “músculo” — um dos mandantes treinados para dominar o avião e manter os passageiros sob controle no trajeto para o impacto. Chegara a Orlando mais ou menos um mês antes dos ataques — Mohammed Atta o esperava lá para apanhá-lo —, porém foi rejeitado por um oficial da imigração, cuja suspeita, mesmo naquela época relativamente calma, foi suscitada pelo fato de Qahtani só ter passagem de ida e não saber falar inglês. Quando Qahtani começou a ficar

indignado, ganhou uma passagem de volta para o Afeganistão. Como o martírio lhe foi negado, juntou-se a Bin Laden e lutou na batalha de Tora Bora. Ao fugir daquele embate, foi preso atravessando a fronteira para o Paquistão com outros *mujahidin* em dezembro de 2001. Qahtani alegou que estava no Afeganistão para aprender a arte de falcoaria. Foi entregue às autoridades americanas, que acabaram combinando suas impressões digitais com as do jovem saudita a quem haviam negado entrada nos Estados Unidos em Orlando, em agosto. Isso fez com que se tornasse uma pessoa de grande interesse.

Qahtani foi interrogado incansavelmente em Guantánamo desde o início de novembro de 2002 até janeiro de 2003. Um registro diário de suas provações revela um torturante esforço para quebrar as resistências do rapaz. Ele demonstrou uma resistência heroica. Houve repetidas greves de fome e golpes e ataques a seus guardas e interrogadores — frequentemente cuspiam neles, deu uma cabeçada em um e jogava o corpo sobre outros. Quando os médicos tentaram administrar fluidos por via intravenosa, ele arrancava a agulha; quando teve as mãos amarradas à cadeira, pegou a sonda com a boca e a cortou em dois com os dentes.

O governo Obama alegara que não havia tortura na procura de Bin Laden, mas aqui, nos dois primeiros passos em direção à trilha, essa alegação se desmorona. No mínimo requer uma definição muito estreita da palavra. O promotor de Slahi se recusou a fazer acusações contra ele diante de uma comissão militar porque descobriu que elas se baseavam em declarações feitas sob tortura. No caso de Qahtani, os métodos de coerção empregados estão claramente documentados e públicos, e seriam descritos como tortura por qualquer pessoa desinteressada. De fato, foi esse o caso que levou o Departamento de Defesa a traçar diretrizes para limitar os excessos nos interrogatórios.

Por fim, Qahtani sucumbiu à pressão, seja lá como esta fosse definida, abandonou sua história de falcoaria e começou a descrever em detalhes seu trabalho com a Al-Qaeda. Um dos muitos nomes que ele mencionou como parte do círculo íntimo de Bin Laden foi esse mesmo Abu Ahmed al-Kuwaiti. Ele não sabia o nome real do homem, mas disse não apenas que

estava vivo e passava bem, como também que trabalhava intimamente com Khalid Sheik Mohammed, o Número Três da Al-Qaeda, e que tinha dado a Qahtani alguma instrução elementar sobre computação em um cybercafé em Karachi, mostrando-lhe como se comunicar com os líderes do grupo quando estivesse nos Estados Unidos. Como Peter Bergen escreveu em seu excelente relato, *Procurado, do Onze de Setembro ao ataque a Abbottabad*, ensinaram a Qahtani como compor uma carta em uma conta de e-mail e depois guardá-la como rascunho, em vez de enviá-la. Seus colegas, armados de uma senha para aquela mesma conta, podiam então entrar na conta e recuperar o rascunho do e-mail sem que ele tivesse sido enviado, presumivelmente evitando o olho atento dos Estados Unidos. Qahtani descreveria Ahmed al-Kuwaiti como um “mensageiro”.

Então, agora, o nome já tinha aparecido duas vezes, mencionado por dois homens diferentes em dois países diferentes, separados por um intervalo de mais de um ano. Ninguém mais prestava atenção a isso. Muitos dos resultados de interrogatórios dos primeiros detidos não eram amplamente distribuídos, mesmo dentro da agência — a importância da base de dados única e imensa só surgiria quando o software para explorá-la aparecesse dentro de poucos anos. Nos primeiros anos da procura, mesmo com dúzias de analistas trabalhando em tempo integral, mesmo com a lista do presidente Bush na gaveta de sua escrivaninha no Salão Oval e suas constantes cutucadas de “Como vamos indo?”, e mesmo com a ajuda de computadores, era praticamente impossível acompanhar a inundação de indícios e “aparições de Elvis”. Havia um prêmio de 25 milhões de dólares, oferecido pelo Departamento de Estado, para informações que levassem a Bin Laden, e um adicional de 2 milhões oferecidos por uma associação de aviação comercial e pelo sindicato de pilotos, de modo que passar uma dica era como comprar um bilhete de loteria: você não pode ganhar se não jogar. Homens árabes altos, esbeltos, com pele morena, eram vistos em todo continente. Os analistas não tinham expectativas muito altas com referência a qualquer dessas pistas, mas, dada a prioridade nacional atribuída à tarefa, cada uma delas precisava ser levada a sério. Aquilo gastava um tempo enorme.

Nesse contexto, um detalhe dado sob coação por Qahtani, que mais tarde se mostraria fundamental, estava a anos de distância de ser conhecido como significativo. O próprio Qahtani não era lá essas coisas. Era um soldado de infantaria, um dos milhares capturados no Afeganistão fugindo pela fronteira. Todos foram interrogados, e as respostas foram todas inseridas na crescente base de dados. No entanto, Qahtani merecia mais atenção que os outros. Ele era um combatente árabe, afinal, e, ao contrário da maior parte dos detidos, tinha sido membro da Al-Qaeda. Lutara em Tora Bora e tentara entrar nos Estados Unidos pouco antes dos ataques; caso não tivesse sido mandado de volta, poderia ter desempenhado um papel nesses ataques. Mesmo assim, não passava de força bruta, um soldado da infantaria. Não havia motivos para acreditar que ele pudesse revelar a localização de Osama bin Laden. A menção a Ahmed al-Kuwaiti foi anotada. O suposto “mensageiro” tinha ajudado a preparar Qahtani para a missão do Onze de Setembro e aparentemente havia trabalhado próximo a Khalid Sheik Mohammed; então era potencialmente significativo. Mas ainda assim era apenas um nome falso. Fosse lá quem fosse Kuwaiti em 2003, seu pseudônimo era apenas mais uma gota de informação naquilo que estava rapidamente se tornando um oceano de dados.

Então o próprio Khalid Sheik Mohammed foi preso no Paquistão, poucos meses depois de Qahtani começar a falar. Esse homem moreno, corpulento, cabeludo, era facilmente o personagem da Al-Qaeda mais importante jamais preso — o Número Três dos terroristas, seu diretor de operações e o principal arquiteto do Onze de Setembro. Sua prisão gerou muito agitação. Ele era alguém que poderia fornecer um mapa da organização inteira, possivelmente denunciar os esconderijos de Bin Laden e Al-Zawahiri, ou pelo menos levá-los a algo mais próximo, e talvez revelar planos em andamento antes que eles amadurecessem em novos incidentes de matança em massa. Khalid Sheik Mohammed recebeu tratamento completo. Foi interrogado agressivamente tanto por forças do Paquistão quanto dos Estados Unidos. Entre 183 afogamentos simulados em um centro de interrogação secreto da CIA na Polônia, perguntaram-lhe por muitos, muitos nomes. Um entre os muitos foi o de Ahmed al-Kuwaiti.

Além dos montes de informação que Khalid Sheik Mohammed entregou — algumas verdadeiras, algumas falsas —, ele reconheceu que essa pessoa existia, mas disse que o homem não era importante e que tinha se aposentado da Al-Qaeda anos antes.

Então era como se as equipes de analistas na CIA estivessem agora, em 2003, olhando para esse cara chamado “o Kuwaiti” como uma pista importante. Mas tendo sido três vezes reconhecido, embora três vezes reconhecido sob tortura, a perspectiva de ele ser ficção — uma pessoa inventada por um detido que criava histórias — passou a ser menos provável. Ele existia ou tinha existido. Podia estar morto, mas provavelmente ainda estava vivo. Podia até ter sido, ou poderia ser, um membro do círculo íntimo de Bin Laden — talvez até um mensageiro. Mesmo assim, o nome não era um nome real, e apenas um entre uma multidão. Ainda não se tornara uma pista, porque saber tão pouco não indica nada nem leva a parte alguma.

As equipes que examinavam a questão eram inteligentes, dedicadas e possuíam o estilo estudado, indefinível, da agência. Eram membros de uma espécie de universidade de análise, trabalhando sob a direção de Michael Morell. Quando o esforço virou uma rotina, havia mais de vinte analistas, homens e mulheres. Havia maior número de mulheres que o comum para esse tipo de tarefa, em parte porque a CIA tinha se encarregado de obter um melhor equilíbrio entre os sexos, mas também porque as mulheres eram consideradas especialmente boas nesse tipo de trabalho paciente em relação aos detalhes, além de terem fama de ser sensíveis a sutilezas que muitas vezes escapavam a muitos homens — a mesma percepção que orientara a montagem da equipe de Scheuer na ALEC Station. A equipe tendia a ser mais jovem que a meia-idade, e os analistas tinham a aparência de pessoas que trabalham em uma baia de escritório e passam longas horas na frente de uma tela de computador ou em reuniões. Morriam de rir com a descrição de agentes da CIA de livros e filmes — saltando de aviões, pulando de telhados, correndo em carros esportivos pelas capitais europeias sob tiroteio. Eles eram, na maior parte, estudiosos, mas pareciam menos professores do que contadores ou executivos juniores. De fato, isso é

provavelmente no que lhe diriam que trabalhavam se você perguntasse. Ego e excentricidade eram suprimidos, sublimados pela natureza clandestina do trabalho.

As aparições de Elvis tinham diminuído; e então praticamente pararam em 2004. Bin Laden parecia perdido. As equipes passaram a prestar mais atenção em classificar os dados acumulados — catalogá-los, inventar modos de melhorar os planos de ataque. Havia sua família, uma família enorme, com um número estonteante de parentes consanguíneos e afins; qualquer um dos quais podia passar a ser condutor de uma mensagem para sua mãe (Bin Laden sempre foi muito próximo dela, um ponto de fraqueza em potencial). Como chefe da Al-Qaeda, sabia-se que ele enviava e recebia mensagens constantemente. As pessoas o abasteciam de alimentos, remédios e informações... Que métodos usava? E aquelas declarações em vídeo e áudio? Quem, em seu círculo íntimo, era conhecido por fazer aquelas gravações? As gravações eram examinadas com grande cuidado. Que tipo de papel de parede estava atrás dele? Que tipos de planta estavam no aposento? O que ele estava vestindo? Os analistas estavam muito mais interessados nos paramentos das declarações de Bin Laden do que no que ele tinha a dizer. Como, se morava em uma caverna no meio do nada, as roupas dele estavam tão limpas? Havia uma equipe de “mídia” concentrada em pistas como essas. E quem levava esses materiais à Al Jazeera e outros escoadouros? Isso era tarefa da equipe de mensageiros. A agência chegou a um ponto em que conseguia traçar a cadeia de mensageiros até o Número Três — era Khalid Sheik Mohammed e depois seu substituto, um líbio, Mustafa al-’Uzaiti, que atendia pelo apelido de Abu Faraj al-Libi —, mas neste ponto a trilha sempre esfriava.

Em janeiro de 2004, a polícia curda prendeu Hassan Ghul, conhecido personagem da Al-Qaeda, tentando entrar no Iraque com dinheiro e esquemas para a elaboração de bombas. Ele levava uma carta de Bin Laden para Abu Musab al-Zarqawi, o sanguinário líder da Al-Qaeda no Iraque, a franquia local que estava apenas começando sua campanha sangrenta contra americanos e cidadãos iraquianos. Durante o interrogatório de Ghul, o nome de Abu Ahmed al-Kuwaiti apareceu mais uma vez; Ghul o descreveu

como um mensageiro importante, um dos auxiliares de maior confiança do Sheik. Havia agora quatro menções a esse homem misterioso, que parecia cada vez mais real. Mas quem era ele? Que tipo de pessoa ele era? O tipo mais valioso nesse papel, se Bin Laden estivesse escondido no Paquistão, seria alguém fluente tanto em pachto quanto em árabe. Será que o Kuwaiti se enquadrava nesse perfil? Se assim fosse, como rastrear um apelido?

O discurso público apresentado durante o que restava dos anos Bush era que Bin Laden provavelmente estava morando numa caverna em algum lugar do Waziristão. A equipe da CIA parou de acreditar nisso em 2002. Não havia vislumbres nem mesmo boatos da presença dele nos territórios do noroeste do Paquistão — nem um único relato. Havia também diversas histórias sugerindo que ele tinha uma doença renal séria, que também foram desconsideradas logo de início — eram as histórias que o próprio Bin Laden tentou desmentir banquetecendo-se na frente do jornalista paquistanês Mir. A CIA as rejeitou porque a logística da hemodiálise teria sido muito difícil de sustentar, e o Sheik parecia bastante saudável nos vídeos.

Quando os analistas não estavam progredindo lentamente em seus computadores, estavam em reuniões, propondo teorias e discutindo teorias. Elaboraram-se perfis detalhados. Como Bin Laden estaria vivendo? Quem provavelmente estaria com ele? Qual seria o tamanho de sua família? Onde estaria? Que aparência teria?

Os quatro caminhos mais promissores pareciam ser a família, a organização, as finanças e os mensageiros. A agência tinha comitês concentrados em cada uma delas. Cada um desses caminhos gerava a própria coleção de dados — nomes, números, fotos, entrevistas etc.; todas inchando as bases de dados, o grande conjunto de indícios potenciais. O trabalho continuava, dia após dia, semana após semana, ano após ano. E nada parecia especialmente promissor.

A prisão de Abu Faraj al-Libi em maio de 2005, no Paquistão, aumentou mais uma vez as esperanças de uma descoberta. O segundo Número Três da Al-Qaeda a ser capturado; sabia-se que ele estivera em comunicação direta com Bin Laden nos anos seguintes aos ataques do Onze de Setembro. Mas, embora tivesse fornecido muitas informações depois de capturado, ele não

disse nada que ajudasse diretamente as equipes Bin Laden. No entanto, deu *indiretamente* alguma ajuda. Entre as muitas pessoas sobre as quais Al-Libi foi perguntado estava o Kuwaiti. Al-Libi disse que nunca ouvira falar dele.

Isso era interessante. Já haviam perguntado sobre ele a cinco detidos diferentes. Quatro disseram que sabiam dele. Três o situaram próximo a Bin Laden (embora um desses três tivesse dito que ele estava morto), e um, Khalid Sheik Mohammed, disse que ele tinha deixado a Al-Qaeda. Agora, Al-Libi, que estivera com a Al-Qaeda por mais de vinte anos, dizia que nunca tinha ouvido falar do homem. Como podia não saber nada a respeito de alguém que Khalid Sheik Mohammed tinha prontamente reconhecido? A organização não era assim tão grande. Foi isso que os analistas deduziram: seus dois prisioneiros mais importantes minimizaram a relevância do Kuwaiti ou negaram completamente sua existência. Isso podia significar que Ahmed al-Kuwaiti era realmente muito importante. Bin Laden era a joia da coroa. Se os prisioneiros principais tivessem de proteger alguma coisa, seria a informação que levasse a ele. Essa era uma explicação possível. Acrescente-se a isso o fato de que Kuwaiti tinha sumido do mapa... exatamente como Bin Laden. Pela primeira vez as equipes da CIA começaram a considerar que Kuwaiti estivesse com o Sheik até agora — seu principal canal com o resto do mundo.

Desse modo, entre as várias possibilidades que ainda eram intensamente exploradas, o Kuwaiti passou a ser a mais significativa. Novamente, o nome era apenas um entre muitos e apenas um pseudônimo. Passariam-se cinco anos até que conseguissem conectá-lo a uma pessoa real. Em 2007, a agência ficou sabendo que o nome verdadeiro de Kuwaiti era Ibrahim Saeed Ahmed. Não dizem como a conexão foi feita. Pode ter sido tão simples quanto um informante, talvez alguém detido e interrogado em outro país — da base de dados da Terrorism Information Awareness (TIA) —, depois de alguma conversa ao celular, em algum lugar do mundo, ter engatilhado a conexão correta. Um oficial sênior disse que a informação veio de um “terceiro país”. Morell mais tarde me contaria: “Você podia escrever um livro a respeito de como descobrimos isso.” É um livro que ele ainda não está pronto para ver escrito.

Mesmo assim, a conexão foi feita em 2007 devido à crescente utilidade das redes de informações humanas e da enorme base de dados da TIA, um nome verdadeiro era um enorme salto adiante. Um homem real tinha uma história. Ahmed vinha de uma grande família paquistanesa que tinha se mudado para o Kuwait. Ele e os irmãos tinham crescido falando pachto e árabe. Um de seus irmãos fora morto lutando contra os soviéticos no Afeganistão. Um homem com uma família grande possuía parentes que tinham telefones e correspondência entregue e computadores com conexões à internet. Um homem como Ahmed dispunha de uma rede que podia ser mapeada e monitorada. Com a capacidade de examinar rapidamente cada pedacinho de dado e encontrar ligações em terabytes de informações, seria possível, digamos, reconhecer um número de celular suspeito que fazia ligações para o Kuwait do Paquistão. Depois seriam localizadas as torres de celulares de onde o sinal se originara e passado um pente-fino pelas grandes quantidades de números que batiam naquela torre, procurando por padrões de uso reveladores. Seria possível também começar a gravar rotineiramente as conversas naquele celular, embora não haja evidências de que alguém já estivesse interessado em fazer essa escuta.

Ainda não havia muita animação em torno de Ahmed al-Kuwaiti. Mais uma vez, ele era apenas um em um grande número de pistas em potencial, muitas, muitas das quais pareciam bem mais promissoras. A maior parte do esforço analítico estava focalizada em encontrar o novo Número Três da Al-Qaeda ou outros participantes operacionais-chaves, que tinham o benefício agregado de possivelmente cercar planos em andamento. O Kuwaiti era periférico. Grande parte do que ouviram a respeito dele ao longo dos anos sugeria que tinha saído de vez da organização. Suas associações passadas teriam sido o suficiente para explicar por que se mantinha fora do alcance. Talvez tivesse sido a pressão renovada gerada pelo presidente Obama em 2009, ou talvez apenas uma decisão da equipe de exacerbar o ângulo do mensageiro. Talvez por não ter havido mudança alguma, a paciente coleta de informações e a crescente sofisticação do software usado para explorar a base de dados da TIA finalmente tenham resultado numa chave. Mas em junho de 2010, por alguma mudança em seu celular ou no seu pacote de

serviços, ou por alguma melhoria em seus próprios recursos, os Estados Unidos conseguiram precisar o local do telefone quando ele estava em uso. Isso significou que puderam encontrar o Kuwaiti e vigiá-lo.

O que descobriram, e o que imediatamente provocou ainda maior curiosidade em Langley, foi que Ibrahim e seu irmão Abrar eram extremamente cuidadosos. Só usavam seus celulares no carro. Ahmed dirigia uma Suzuki Jimny branca, com um pneu sobressalente preso detrás, que podia ser observada de cima. Antes mesmo de ligar o celular, ele rodava por pelo menos uma hora, afastando-se daquilo que passaria a ser uma propriedade muito curiosa em Abbottabad. Ibrahim e seu irmão estavam usando nomes falsos, Arshad e Tareq Khan. Isso era interessante, mas poderia haver muitas explicações para o fato. As associações passadas de Ibrahim podiam ser a causa. Era possível que estivessem envolvidos em algum tipo de empreendimento ilegal. Contrabando de drogas na fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão era um ótimo negócio. Ou talvez ainda estivessem trabalhando para a Al-Qaeda.

Essas percepções foram suficientes para aumentar o interesse. Se Ahmed al-Kuwaiti ainda fosse um mensageiro, talvez pudesse levá-los ao local onde Bin Laden se escondia.

As chamadas telefônicas gravadas dos irmãos agora recebiam muita atenção. Nenhum deles entregava nas conversas nada a respeito do que estavam fazendo, mas, significativamente, mentiam, até para membros próximos da família, sobre onde estavam morando. E em um dos telefonemas de Ahmed, apareceu a rápida conversa que parecia confirmar que ele ainda estava trabalhando com a Al-Qaeda.

“Estou com os mesmos que antes.”

Agora sua propriedade em Abbottabad tinha a atenção plena da agência.

² Em português, mosquito. (N. da T.)

³ Em português, olhar de Górgone. (N. da T.)

5

“Por favor, certifique-se de que as crianças e todas as famílias estejam fora das áreas fotografadas e bombardeadas”

Outono de 2010

Nove anos depois do sucesso mais espetacular, as coisas não estavam caminhando como Osama bin Laden previra. Tinha sido separado de seus seguidores, estava frustrado e sua organização estava desgastada. Os ataques do Onze de Setembro contra os Estados Unidos tinham sido ao mesmo tempo sua grande façanha e sua ruína. Derrubar o World Trade Center e jogar um avião comercial contra o Pentágono não tinham, como ele supusera, lançado os Estados Unidos em uma espiral de medo, isolamento e ruína. Ao contrário, pusera a Al-Qaeda e a ele próprio numa situação de fuga contra um perseguidor paciente, determinado e mortal. O

movimento se fragmentara física e conceitualmente. Tornara-se mais uma franquia que uma organização, uma bandeira acenada por homens que não partilhavam de sua visão precisa, divina, e que mancharam seu nome com atos que mataram, aleijaram e alienaram aqueles que ele tentou defender e converter. A causa santa tinha saído dos trilhos. Em isolamento, ele já não conseguia mais dirigir pessoalmente a organização. Mas o Sheik não tinha desistido. Os inspirados por Deus não desistem.

Ele então escreveu cartas. Cartas pomposas que preenchiam muitas páginas, um fluxo constante delas que era passado adiante por uma corrente de mensageiros, para os homens que ele reconhecia como seus representantes. Apesar da realidade opressiva, suas cartas ofereciam avaliações otimistas das oportunidades da Al-Qaeda. Continham instruções detalhadas, ele promovia homens aos cargos vagos em virtude de alguma prisão ou de algum ataque de avião não tripulado, concedia ou retirava sua bênção oficial a organizações iniciantes em outros países, pedia atualizações e informações cada vez mais detalhadas, lamentava os mortos, criticava, orientava e motivava seus soldados cada vez mais dispersos. Ele próprio não tinha muito mais a fazer. Ou digitava com seus dedos delicados ou ditava para uma de suas esposas. Andava de um lado para o outro.

“Em nome de Deus, o mais misericordioso”, começava numa carta ao “Sheik Mahmoud”, Atiyah Abd al-Rahman, um de seus soldados mais fiéis e mais antigos, “possa Deus protegê-lo. Espero que esta carta o encontre e sua família em boa saúde. Ofereço minhas condolências pela morte de seus amados irmãos. Que possa Deus ter misericórdia de suas almas e os considere entre seus mártires”.

Um líbio, Al-Rahman, procurara o Sheik no Afeganistão mais de vinte anos antes, quando era um adolescente determinado a lutar contra a grande máquina militar soviética. Mesmo hoje ele exibia uma aparência jovem, permanentemente desleixada, com a pele pálida e uma barba tão rala que na mandíbula só havia alguns fiapos que engrossavam à medida que se aproximavam do queixo. Até recentemente Al-Rahman vivera em relativa segurança no Irã, servindo como emissário de Bin Laden para os mulás daquele país, com quem Bin Laden tinha um relacionamento incômodo.

Uma das três esposas do Sheik e alguns de seus 22 filhos vivos estavam havia anos no Irã, ou presos ou vivendo sob “custódia protetora”. Era uma questão de interpretação. Al-Rahman tinha ajudado a intermediar a soltura deles e agora estava de volta às regiões tribais do Paquistão ocidental, em algum lugar no Waziristão do norte ou do sul, pronto para assumir um papel operacional.

Por acaso, surgiu uma oportunidade. O Sheik deve ter ficado agradecido por ter Al-Rahman de volta. Os ataques com aviões não tripulados sobre as forças da Al-Qaeda no Waziristão tinham diminuído de tal modo o número de seus soldados que o grupo achava difícil manter alguém no posto Número Três — cargo de chefe de operações, que ficava abaixo apenas do próprio Sheik e de Al-Zawahiri. Qualquer pessoa comprometida com a Al-Qaeda era agora um homem marcado, mas isso era especialmente verdadeiro para seu Número Três. A tarefa exigia comprometimento suicida. Diferentemente dos mais infames líderes da organização, o chefe de operações tinha de estar em constante contato com todos os membros subalternos do grupo, planejando ações, movimentando o dinheiro e treinando recrutas, e quanto mais ativo fosse, maior a probabilidade de os satélites norte-americanos, aviões não tripulados e atacantes o encontrarem. Números Três não duravam muito. O planejador do Onze de Setembro, Khalid Sheik Mohammed, foi encontrado e preso no Paquistão em 2003. Seu sucessor, Abu Faraj al-Libi, foi preso em 2005, e o sucessor de Al-Libi, Hamza Rabia, foi morto naquele mesmo ano por um ataque de aviões não tripulados. O Número Três seguinte, Sheikh Saeed al-Masri, foi morto em maio de 2010. Os norte-americanos estavam melhorando. A chuva de mortes se acelerava. Al-Rahman, depois de tomar o lugar do falecido Al-Masri, morreria nesse mesmo ano, menos de um mês antes de seu sucessor, Abu Hafs al-Shahri, que seria igualmente morto em um ataque de Predator. E seu sucessor, Abu Yahya al-Libi, seria morto em junho de 2012.

A essa altura, cada carta que o Sheik compunha em seu apertado escritório no terceiro andar em Abbottabad começava com preces pelos mártires e listas de condolências.

“É esse o caminho do jihad”, entoou ele estoicamente em outra carta para Atiyah Abd al-Rahman, seu novo Número Três. “Deus disse: ‘Sacrificarás teu dinheiro e a ti mesmo por Ele.’ Eles nos atacam e nós os atacaremos de volta.”

As limitações desse movimento ficavam mais aparentes. E embora Bin Laden pedisse educadamente a seus seguidores que lançassem novos ataques contra os Estados Unidos, não havia mais possibilidade para a Al-Qaeda fazer arranjos tão ambiciosos. Os ataques do Onze de Setembro levaram anos para ser preparados e tinham envolvido um número substancial de viagens internacionais, longos meses de treinamento, dinheiro e muita coordenação. Quando o plano foi posto em ação, o grupo era uma preocupação periférica para os Estados Unidos e para o mundo ocidental. Michael Sheehan, o embaixador americano para o antiterrorismo nos anos finais do governo Clinton, sentiu como se estivesse batendo com a cabeça na parede, tentando fazer com que as pessoas levassem a sério Bin Laden e seu grupo no fim dos anos 1990. Michael Scheuer e a “Família Manson” de analistas na ALEC Station eram considerados alarmistas e se consumiam em frustração.

Esse já não era mais o caso. Os Estados Unidos espalharam uma teia invisível de vigilância que registrava aparentemente tudo que se mexesse. Chovia morte continuamente. Era perigoso para os líderes da organização se movimentarem de uma casa a outra, quanto mais colocar outro plano internacional em ação. No entanto, lá estava o Sheik ainda sonhando sua grande fantasia. Seus próprios homens, até os que compartilhavam de suas ideias, estavam descobrindo que seu reverenciado líder vivia numa ilusão. Ele ainda os incentivava a “avançar e tingir a lâminas das lanças de vermelho”. Bin Laden se tornara o oficial maluco, agitando a espada e convocando seus soldados depauperados a entrar de cabeça no fogo devastador — à sua frente, veja bem, não atrás dele. Enviava-lhes amplas análises estratégicas e pedia missões específicas que eram desenfreadamente irrealistas, até ridículas.

“Pedi a Sheik Sa’id, Alá tenha misericórdia de sua alma, para encarregar seu irmão Ilyas de preparar dois grupos — um no Paquistão e outro na

região de Bagram, no Afeganistão — com a missão de antecipar e identificar as visitas de Obama ou Petraeus ao Afeganistão ou Paquistão para alvejar o avião de qualquer um deles”, escreveu. “Não deverão alvejar visitas do vice-presidente dos Estados Unidos, Biden, do secretário de Defesa [Robert] Gates, diretor da Junta de Chefes de Estado-Maior [Michael] Mullen ou o enviado especial para o Paquistão e Afeganistão [Richard] Holbrooke. Os grupos deverão ficar à espera de Obama ou Petraeus. O motivo de se concentrar neles é que Obama é a cabeça da infidelidade, e matá-lo irá automaticamente fazer com que Biden assuma a presidência para o resto do mandato, como é a norma lá. Biden está totalmente despreparado para esse posto e levará os Estados Unidos a uma crise. Quanto a Petraeus, ele é o homem do momento neste último ano de guerra, e matá-lo alterará a direção da guerra. Então, por favor, peça ao irmão Ilyas que me envie os passos que ele deu para a realização dessa tarefa.”

Bin Laden diagnosticou que seu problema básico não era a perseguição mortal americana — o que era, fundamentalmente —, mas a falta de foco deles mesmos. E ele se tornou um ranzinza.

“Depois que a guerra se ampliou e os *mujahidin* se espalharam para muitas regiões, alguns dos irmãos ficaram inteiramente absorvidos em lutar contra nossos inimigos locais, e outras falhas foram cometidas pelos erros de cálculo dos irmãos que planejaram as operações.”

Um número grande demais de operações contra os americanos tinha inadvertidamente matado muçulmanos. Ele criticou duas tentativas específicas, as duas feitas por *jihadistas* filiados à Al-Qaeda: a primeira foi o atentado infrutífero contra a vida do comandante regional afegão, o general Abdul Rashid Dostum, em janeiro de 2005. O homem-bomba naquele caso se explodiu fora da mesquita do Parque Ghocha, na cidade natal de Dostum, Sheberghan, onde o general e seu séquito estavam rezando durante o festival anual de Eid al-Adha. Cerca de vinte pessoas ficaram feridas. A outra tinha sido uma tentativa de matar o general paquistanês Muhammad Yusef Khan, em junho de 2004, outra vez botando uma bomba em uma mesquita. As duas tinham matado muitos muçulmanos, e as duas,

escreveu Bin Laden, “tiveram um impacto extremamente negativo sobre os partidários do jihad... É extremamente triste para um indivíduo incorrer no mesmo erro mais de uma vez”.

As campanhas de terror lideradas pela franquia da Al-Qaeda no Iraque tinham matado oito vezes mais muçulmanos que não muçulmanos, de acordo com um estudo de 2009. Bin Laden via esse tipo de informação relatada na TV por satélite. Achava-se que a carnificina tinha feito com que muitos grupos sunitas que se opunham aos Estados Unidos se virassem contra a Al-Qaeda. Isso tinha sido claramente um erro tático, e um erro moral. A regra era que não se matavam muçulmanos a não ser que não houvesse outro modo de atingir alvos legítimos.

“[Isso] resultou na matança de muçulmanos (pedimos a Deus que tenha misericórdia e os perdoe, e compense suas famílias).”

Bin Laden já não tinha tanta certeza de que a regra que permitia essa exceção de matar irmãos muçulmanos era válida. Ele queria que tais racionalizações fossem “revistas com base no contexto atual, e se estabeleçam limites claros para todos os irmãos, de modo que nenhum muçulmano caia vítima, a não ser que seja absolutamente essencial... Há uma questão importante a que devemos prestar atenção: levar a cabo diversos ataques sem exercitar a cautela, que afeta a simpatia dos povos da nação em relação aos *mujahidin*. Isso nos levaria a vencer várias batalhas, ao mesmo tempo que, no fim, perdemos a guerra. É necessário um critério acurado para as ramificações de qualquer ataque antes de executá-lo; também pesar as vantagens e desvantagens, para então determinar qual seria o melhor ataque a ser executado”.

Até os sucessos o perturbavam. Durante um sítio em Khobar, na Arábia Saudita, em maio de 2004, um grande grupo de terroristas tomou reféns das instalações de duas companhias de petróleo e mataram 19 estrangeiros. Os atacantes faziam parte do ramo da “Al-Qaeda da península árabe”, com base no Iêmen. Tinham perguntado a cada refém se eram muçulmanos e cortado a garganta dos que não eram. A maior parte dos atacantes foi morta em uma operação de resgate, e o incidente ajudou a provocar uma brutal repressão saudita contra os extremistas.

O Sheik agora advertia para que não se preparassem ataques como esses e outros dentro de países árabes.

“O regime vai ter uma reação enorme em relação aos *mujahidin*; isso vai fazer com que eles se defendam e vinguem o regime”, escreveu. “Os irmãos e o regime vão então se envolver em uma guerra que não começamos contra ele, porque o poder dos irmãos não está pronto para isso.” A estratégia certa era retardar conflitos com Estados árabes locais, como o Iêmen, o Iraque e a Arábia Saudita, “para evitar desperdiçar nossas energias com esses regimes nesse estágio [e]... perder a simpatia dos muçulmanos por nós... Nós somos os que estão defendendo os muçulmanos e combatendo seu pior inimigo, a aliança cruzado-sionista”.

Agora bastava que o “público geral” considerasse as vítimas muçulmanas, mesmo que Bin Laden, com seus padrões mais puros, não o fizesse. Matar os que se incluíam nessa categoria, embora moralmente defensável, era um erro estratégico. Era melhor que futuros ataques acontecessem em lugares bem longe do Oriente Médio ou do Oriente Próximo, disse ele. Mencionou, em particular, a Coreia do Sul.

“Entre as oportunidades a serem exploradas de alvejar os americanos está o estado de frouxidão na segurança encontrado em países onde não fizemos nenhum ataque.”

O Sheik muitas vezes dava ensinamentos nessas cartas, tentando conduzir sua organização de volta a seus objetivos centrais. Ele se preocupava com o fato de que as franquias locais da Al-Qaeda tinham se afastado de suas orientações, e também de que sua missão estava sendo diluída em alvos e interesses que ele considerava periféricos.

“Pela graça de Deus, o jihad está em andamento em diversas frentes [Iraque, Afeganistão e, até certo ponto, o Paquistão], e são suficientes, por Sua vontade e Sua glória, além de pela regularidade dos *mujahidin* ali, para executar as funções de sangrar a cabeça dos infiéis, os Estados Unidos, de tal modo que sejam derrotados, se Deus quiser. Então a Nação Islâmica poderá expulsar aquilo que a atacou com fraqueza, servilismo e degradação. A praga que existe nas nações dos muçulmanos tem dois motivos: o primeiro é a presença da hegemonia americana, e o segundo é a presença de

governantes que abandonaram a lei islâmica e se identificam com a hegemonia, servindo a seus interesses em troca da garantia de seus próprios interesses. O único modo que temos para estabelecer a religião e minorar a praga (...) é remover a hegemonia (...) Depois dessa fase vem aquela em que a segunda causa — governantes que abandonaram a lei islâmica — é derrubada, e essa será a fase em que se estabelecerá a religião de Deus e em que governará a lei islâmica.”

Progredir apressadamente demais em regiões locais, como o Iêmen, solapou os objetivos de longo prazo do movimento, argumentava ele. Bin Laden via os talibãs como uma história de advertência quanto a esse ponto.

“Um homem pode medir os resultados de estabelecer um Estado muçulmano antes de derrubar seus inimigos contra a (...) queda do emirado islâmico no Afeganistão, que pedimos a Deus não aconteça outra vez.”

Naquela carta a Al-Rahman, em outubro, e em diversas outras escritas por volta da mesma época, o Sheik apresentou uma avaliação ambiciosa da causa, da sua organização e do mundo. Permaneceu obstinadamente otimista, apesar das circunstâncias. Se os Estados Unidos eram o grande inimigo, ele considerava o Paquistão aquele que estava mais à mão e viu os desastres naturais e agitações políticas daquele ano como um sinal de esperança.

“Quanto ao inimigo local, como você sabe, eles estão com grandes problemas, e o governo periga cair, especialmente depois das inundações [do julho anterior] e do aumento do número daqueles que estão sofrendo com a crise financeira.” As inundações, escreveu ele, eram “castigo de Deus” ao Paquistão por “seus pecados”, mas insistia com Al-Rahman que ninguém da Al-Qaeda deveria dizer isso em público, “por causa do caso do judeu com a criança doente, a quem o Profeta convidou para o Islã, mas não lhe disse que a criança estava doente porque ele não era um crente”. Melhor não insultar o Paquistão.

Ele se deleitava com os conflitos entre seus dois inimigos: Paquistão e a coalizão da Otan, liderada pelos americanos no Afeganistão. Nos últimos meses, o Paquistão tinha fechado a fronteira com o Afeganistão,

interrompendo importantes linhas de suprimento para as forças americanas que estavam lá.

“Por meio da generosidade de Deus, a situação está mudando na direção dos *mujahidin*. Vocês devem ter paciência e força, e Deus nos recompensará.”

Dadas as persistentes derrotas impostas pelos americanos, chegara a hora de todos os “irmãos”, com exceção dos mais disciplinados, saírem do Waziristão. Ele recomendou que os outros comessem a voltar para o Afeganistão, incentivando Al-Rahman a instruí-los a fim de deixar os carros para trás, porque de outro modo os americanos podiam começar a alvejar as casas, e isso ia “aumentar as baixas entre mulheres e crianças”. Bin Laden era muito exigente no que dizia respeito à proteção da vida de muçulmanos inocentes. Insistiu para que seus seguidores viajassem em “dias nublados, para que sua fuga não fosse logo detectada de cima”. Mandou instruções concernentes a seus filhos crescidos, os que não estavam no esconderijo com ele, detalhando precauções que deviam adotar durante viagens, e para onde queria que eles fossem. Já tinha perdido dois de seus filhos mais velhos para a causa, Saad e Mohammed. O Sheik se considerava um especialista em segurança, principalmente em evitar a vigilância aérea, aconselhando os viajantes a passarem de um carro a outro dentro dos túneis, e que os irmãos plantassem árvores grandes em torno de suas bases de operações para fornecer cobertura contra câmeras filmando do alto. Avisou que dispositivos de rastreamento e escuta às vezes eram “tão pequenos que podem ser postos dentro de uma seringa de injeção”.

Essas cartas, cheias de condolências e da urgência de uma segurança vigilante, já não traziam mais a bravata de seus anos de juventude. De vez em quando o Sheik divagava por um momento para recordar com carinho aquela glória. Lembrava para Al-Rahman, então seu Número Três, aquele momento em sua história compartilhada.

“[Os ataques] encheram os muçulmanos de simpatia em relação a seus companheiros *mujahidin*, já que ficou perfeitamente claro que estão na vanguarda e são os porta-bandeiras da comunidade islâmica na luta contra a aliança cruzado-sionista que fez com que o povo sofresse diversas formas

de dor e degradação. Uma indicação disso é a disseminação em grande escala da ideologia do jihad, especialmente na internet, e o número enorme de jovens que frequenta sites jihadistas na web — uma grande realização para o jihad, por meio da graça de Deus, apesar de nossos inimigos e de seus esforços.”

Mas aqueles inimigos e aqueles esforços o mantiveram em fuga ou se escondendo. Ele fora deserdado por sua grande família estendida. A maioria de seus associados mais próximos estava morta ou na prisão. Ele tivera certeza de que os Estados Unidos não ousariam confrontá-lo diretamente e ao Talibã no Afeganistão. Gabara-se para um jornalista paquistanês: “Quero que os Estados Unidos dirijam-se ao Afeganistão, onde todos os seus conceitos errôneos e ilusões serão removidos. Tenho certeza, no entanto, de que os americanos não virão, porque são covardes. Só atacam os desarmados e mais fracos.”

Os Estados Unidos foram para o Afeganistão e derrotaram o Talibã. Apesar dos custos, ainda estavam chegando. Além disso, os Estados Unidos fizeram algo que o Sheik jamais podia ter imaginado. Elegeram para presidente um homem negro, um homem com o nome de Barack Hussein Obama. Soava como um nome muçulmano. E agora, por quase dois anos, as palavras e políticas de Obama tinham ajudado a enfraquecer o antiamericanismo que alimentava a causa da Al-Qaeda, enquanto seus aviões não tripulados matavam seus membros.

Ainda pior, as brutais táticas indiscriminadas da Al-Qaeda e seus autoungidos afiliados alienaram milhões de muçulmanos, aqueles aos quais Bin Laden se referia quando falava de “o povo” ou “a Nação”. Isso foi o mais duro para ele engolir. Tudo isso acontecera, ele acreditava, porque perdera o controle. Seu isolamento fizera com que lhe fosse impossível dar forma à imagem e à mensagem do grupo; e como a Al-Qaeda não conseguira fazer outros ataques dramáticos dentro dos Estados Unidos, sua importância diminuía. Os ataques sobre os quais ele se regozijara, que tinham parecido o início de algo glorioso, em vez disso o empurraram para mais longe de onde estava quando começara. Seu mundo agora consistia

nos dois andares superiores de uma casa no Paquistão, de onde ele e sua família jamais ousavam sair.

A casa ficava dentro de uma grande área cercada, com formato triangular, bem no final de uma rua sem calçamento, a apenas meia hora de carro ao norte de Islamabad, a capital do Paquistão, em um bairro chamado Bilal Town. Abbottabad fica em um vale rodeado pelos escarpados montes Sarban. O trajeto, para quem vinha da capital, era em aclave, e o ar relativamente fresco de Abbottabad atraía os moradores de classe média da cidade grande durante os meses brutalmente quentes de verão. Havia diversos campos de golfe na vizinhança. A 1,5 quilômetro dali estava a grande academia militar do Paquistão em Kakul.

A propriedade era nova, e embora Bilal Town fosse um bairro afluente, seus 3.500 metros quadrados faziam com que fosse maior que qualquer outra da região. Os muros foram construídos de blocos de concreto e recobertos de reboco na parte frontal. Em alguns lugares chegava a 5,5 metros de altura, com uma estrutura de arame farpado na extremidade. A casa principal era um caixote branco de três andares. O terceiro parecia ter sido um acréscimo posterior, com altura de apenas dois terços dos demais. Esse andar truncado era estranho. Só tinha janelas na parede que dava para o norte; uma delas, bem grande, no centro, era feita com vidro revestido de material reflexivo, opaco, e outras quatro pequenas janelas retangulares ficavam logo abaixo da projeção do telhado, igualmente revestidas desse material. A maior parte da casa era pintada de branco, e as janelas do segundo andar eram sombreadas com toldos simples, também de cor branca. O Sheik e sua grande família moravam nos andares superiores. O próprio Bin Laden raramente era visto pelas duas outras famílias que compartilhavam o complexo, os irmãos de nome Arshad e Tareq Khan, que aparentemente eram proprietários da casa.

Trancado e já perdendo o controle das coisas, Bin Laden não desistira e nem abria mão da vida. Duas de suas quatro primeiras esposas ainda estavam com ele, que se casara mais uma vez. A esposa mais recente, Amal, iemenita e 25 anos mais nova que ele, compartilhava seu colchão no populoso terceiro andar. As duas mais velhas, Khairiah e Siham, esperavam

a vez de estar com ele no andar de baixo. Eventos posteriores revelariam que não reinava perfeita harmonia nesses arranjos domésticos. Havia um frasco de Avena Syrup na prateleira da cozinha, remédio caseiro com base em aveia que prometia ereção para o homem sexualmente exaurido. O remédio parece ter-lhe feito algum bem, porque os apertados corredores de seu claustro no andar de cima estavam tomados por seus 12 filhos, o mais novo, Hussein, de apenas 2 anos. O pai do próprio Sheik tivera 22 esposas, de modo que, em comparação, ele era um polígamo contido que, pelo que se dizia, se esforçava para corresponder às suas responsabilidades em relação a cada esposa, mesmo as que o haviam deixado. Ele cedera aos desejos de Najwa e Khadijah de se divorciar. Sabia das dificuldades do caminho que escolhera e não o impunha às suas mulheres ou aos filhos. Mas ele, pessoalmente, jamais vacilava em seu comprometimento com a causa. Falava baixo, mas não era uma pessoa de fácil convívio. O casamento não era uma parceria em pé de igualdade para o Sheik. Sua fé apregoava o patriarcalismo total, e Bin Laden era um servo obediente. Ele governava a família. Não apenas tomava todas as decisões — gostava de dar instruções —, mas perorava, como a maior parte dos homens que detêm a verdade suprema. Dava frequentes palestras para as esposas a respeito do método correto de criar e disciplinar as crianças. E havia uma homilia religiosa diária.

Sua estrutura alta e esbelta ainda não se mostrava encurvada, e as sessões diárias de caminhadas de um lado para outro atrás dos altos muros da propriedade lhe proporcionavam um pouco de exercício. Caminhava embaixo da cobertura de lona que não só protegia a horta da luz direta do sol mas também o protegia de olhares curiosos. O Sheik tinha sido atlético na juventude, jogara futebol e vôlei. Era vaidoso quanto à aparência. Ficava incomodado com o cabelo e a barba grisalhos. O homem mais procurado do mundo se preocupava muito mais em *ser* reconhecido que em não o ser. Na TV, quer dizer. Ele estivera tanto tempo escondido que algumas pessoas fora sua família mais próxima ficaram sem vê-lo pessoalmente durante anos. Mas seus vídeos, feitos por ele mesmo, e os pronunciamentos periódicos, contrabandeados por mensageiros, eram vistos em toda parte.

Não ficava bem parecer velho. Dada a proibição do islã fundamentalista de representar a forma humana, existiam apenas algumas imagens do profeta Maomé, mas ninguém apreciava mais o poder da imagem que o Sheik, e aquelas do Profeta que existiam geralmente o mostravam jovem e viril, com mantos esvoaçantes e a barba escura. Bin Laden imitara essas imagens a vida inteira. Então, agora pintava o cabelo e a barba de preto para suas aparições no vídeo, com resultados previsivelmente amadorísticos. A cor era escura e uniforme demais. Parecia uma caricatura de si mesmo: Osama bin Laden com uma tintura de cabelo barata.

Bin Laden tinha tempo de sobra para pensar. Podia imaginar o que fazer, mas não podia mais realizar o que pensava. O nome Al-Qaeda tinha sido tão usurpado e turvado por guerreiros mais jovens e menos cuidadosos no Iraque, Iêmen e sabe-se lá mais onde — homens menos limitados, como ele, pelos severos ditados da fé — que Bin Laden aparentemente pensou em trocar o nome do grupo. Entre seus papéis estavam longas listas de possíveis nomes, a maioria deles divertidamente desajeitados na tradução para o inglês, mas todos tentando identificar mais estritamente o grupo às suas ambições religiosas. Um número cada vez maior de afiliados lutava em guerras regionais por problemas locais, ignorando a visão abrangente do Sheik. Isso não era uma coisa vã. O caminho que ele vislumbrou era imutável e perfeito, e desviar-se dele significava nada menos que o fracasso. Ele pesava cada ato e comentário público da Al-Qaeda com uma consternação cada vez maior.

Veja o caso de Faisal Shahzad, o jovem treinado pelos seguidores de Bin Laden no Waziristão para explodir um carro-bomba na Times Square. Sem dúvida a tentativa de Shahzad foi um exemplo dos homens de Bin Laden tentando seguir suas instruções — ele repetidamente incentivava novos ataques aos Estados Unidos, aos seus lugares mais simbólicos e mais povoados. A Times Square se encaixava perfeitamente na prescrição, assim como Shahzad. Ele era filho de um oficial rico e importante da Força Aérea paquistanesa. Fora criado com luxo e recebera a melhor educação internacional. Depois de se casar com uma mulher americana de ascendência paquistanesa, de se estabelecer em Connecticut e de ter dois

filhos, ele se inscreveu em um programa, e completou-o, para se tornar cidadão norte-americano. Depois, viajou para o Paquistão e recebeu treinamento para detonar uma bomba. Um jovem voluntário com passaporte americano possivelmente era visto como um enviado de Deus pelos conspiradores sitiados no Waziristão. Mas vendedores ambulantes atentos da Times Square atrapalharam a missão de Shahzad, e o aspirante a homem-bomba acabou preso. Pouco antes de ser condenado à prisão perpétua, um juiz perguntou a Shahzad sobre o juramento de lealdade que fez aos Estados Unidos quando recebeu a cidadania.

“Jurei”, disse ele, “mas não estava falando sério”.

Isso Bin Laden considerou ofensivo, apesar do fato de anos antes ter adotado um ponto de vista oposto a respeito da quebra de um juramento em uma discussão com seu mentor, Abdullah Azzam, que se opusera ao plano de Bin Laden para explodir um ônibus cheio de turistas no Paquistão.

“Perguntaram [a Shahzad] sobre o juramento que fez ao adotar a cidadania americana”, escreveu a Al-Rahman. “Ele respondeu que mentiu. Deve saber que não é permitido, no islã, trair a confiança e quebrar um acordo. Talvez o irmão não soubesse disso. Por favor, peça aos irmãos talibãs no Paquistão que expliquem esse aspecto a seus integrantes. Em uma das imagens, o irmão Faisal Shahzad estava com seu comandante Mehsud [Hakimullah Mehsud, que seria morto por um ataque de avião não tripulado em 2012]; por favor, descubra se Mehsud sabe que a obtenção da cidadania americana exige um juramento de não causar danos aos Estados Unidos. Essa é uma questão muito importante porque não queremos que *mujahidin* sejam acusados de quebrar um acordo.”

O Sheik parecia ter pouca avaliação da pressão assassina que recaía sobre seus seguidores no campo. Queria outros ataques aos Estados Unidos, mas não tinha ideias novas. Em vez disso, com incomum cortesia e diligente parcimônia, exigiu uma replicação dos ataques de 2001. Escreveu: “Seria bom escolher um número de irmãos, não mais que dez, e mandá-los para seus países estudar aviação, individualmente, sem que nenhum deles saiba dos outros. Seria melhor se eles fossem dos Estados do Golfo, já que os estudos lá são custeados pelo governo. Eles têm de ser escolhidos com o

maior cuidado e segundo especificações muito precisas, uma das quais é que estejam dispostos a conduzir operações suicidas e estejam preparados para executar missões ousadas, importantes e precisas, que podemos lhes exigir no futuro. Peço então que preste a maior atenção a essa questão, dada sua extrema importância. Estabeleça um mecanismo para monitorar e seguir os irmãos que vão estudar aviação, para que possamos reduzir as chances de vacilarem na condução do jihad... Seria bom se você perguntasse aos irmãos de todas as regiões se eles têm um irmão que se distinga pelas boas maneiras, integridade, coragem e discrição, e que possa operar nos Estados Unidos. Ele deverá morar lá, ou deverá ter facilidade para viajar até lá. Eles deverão nos contar isso sem tomar qualquer iniciativa, e nos dizer se estão ou não dispostos a conduzir uma operação suicida.”

Ele concluiu a carta de 21 de outubro para Rahman perguntando pelas crescentes listas de “viúvas e órfãos”.

“Por favor, certifique-se de que as crianças e todas as famílias estejam fora das áreas fotografadas e bombardeadas. Rezo a Deus que o proteja, e a todos os irmãos ao seu redor. Possa Ele lhe conceder sucesso. Possa a paz, a misericórdia e a bênção de Deus estar sobre ti.”

Assinou-a com um velho apelido: “Teu irmão Zamray.”

Na época em que escrevia isso, depois de todos aqueles anos escondido, depois que suas rigorosas rotinas de autoproteção se tornaram automáticas, depois de eliminada qualquer suspeita de que alguém fora de seu círculo mais íntimo sabia de seu paradeiro, o Sheik tinha todos os motivos para se sentir seguro.

Só que não estava.

6

Incerteza disfarçada

Inverno de 2010-2011

Na Casa Branca, durante o outono de 2010, Ben Rhodes percebeu que havia um número cada vez maior de reuniões para as quais não era convidado. Assim como fizera com o discurso para receber o Prêmio Nobel, Rhodes era agora o encarregado de escrever os discursos e as declarações de Obama, explicando suas decisões como comandante em chefe. O título oficial de Rhodes a partir daquele momento seria “Vice-conselheiro da segurança nacional para comunicações estratégicas e elaboração de discursos”. Ele ficava com cada vez menos cabelo na cabeça, raramente fazia qualquer atividade que não fosse trabalhar, vestia-se com terno e gravata todos os dias, mas aos 32 anos tinha um emprego que qualquer pessoa de sua área invejaria. Não havia muitas discussões importantes sobre segurança nacional em que não estivesse presente.

Sua mesa ficava mergulhada no labirinto de pequenos escritórios na Ala Oeste, bem embaixo do Salão Oval e dos principais corredores do poder. Sem janelas, parecendo mais um armário, o seu escritório e os de toda a equipe de segurança nacional eram tão humildes quanto a tarefa era importante. Na sala de Rhodes só cabiam sua mesa e a cadeira, uma estante que ia até a altura da cintura e outra cadeira que ficava do outro lado da mesa. Era simples como o alojamento de um estagiário de qualquer firma

de advocacia. Rhodes ajudava o presidente a elaborar discursos, moldar políticas de segurança e a apresentar questões críticas para o público. Ele sabia que John Brennan, o principal assessor para antiterrorismo de Obama, andava fazendo reuniões frequentes havia meses, e que Donilon, o assessor de segurança nacional do presidente, muitas vezes esteve presente nelas. As sessões misteriosas eram chamadas de “grupo do John Brennan”. Em geral, câmeras monitoravam as salas de conferência para que o pessoal e os secretários soubessem exatamente onde as pessoas estavam, mas, no caso do grupo de John Brennan, os monitores se apagavam. Rhodes ficara intrigado. Será que o país estava prestes a ser atacado outra vez? Teria alguma relação com as armas nucleares? A lista de eventos capazes de provocar aquele nível de sigilo *dentro* dos escritórios no porão da Casa Branca era muito pequena. Uma das ideias que lhe ocorreu foi que talvez tivessem encontrado Bin Laden.

Depois de receber as informações sobre a propriedade em Abbottabad, no fim daquele verão, Obama solicitou que seus chefes de inteligência descobrissem e lhe informassem exatamente quem morava lá. Esses relatórios regulares documentavam os esforços heroicos da equipe para espionar a residência com alguma distância. Usavam diversas ferramentas, inclusive agentes em terra e até mesmo plataformas de vigilância que ficavam longe o suficiente para evitar qualquer possibilidade de serem vistas. A agência podia dissecar a vida na propriedade em maiores detalhes. Fora visitas ocasionais à mesquita, ou levar as crianças à *madrassa*, a escola religiosa anexa a ela, os irmãos “Khan” pouco chamavam a atenção. Ninguém, com exceção de um faz-tudo local, jamais fora convidado para dentro dos muros da propriedade. Entre as pessoas mais religiosas em Bilal Town — e os irmãos Khan estavam entre elas — era hábito esconder as mulheres atrás de muros altos e portas trancadas. Observações mais longas confirmaram que as crianças da família misteriosa, aquelas que não frequentavam a *madrassa*, só eram vistas saindo da propriedade quando um dos irmãos as levava ao médico para uma visita rotineira ou para o tratamento de algum mal ou doença de menor importância. Isso dera uma pista à CIA.

Não havia meios de conseguir qualquer imagem da família escondida no andar de cima. Os muros eram altos, as janelas, opacas. Apenas um membro da família era visto com regularidade, um homem alto, vestido como um pachtun tradicional, com um gorro de oração, que caminhava diariamente dentro dos muros da propriedade. Andava em pequenos círculos bruscos ao redor da horta, na parte do terreno que ficava coberta por uma lona, que protegia aquela área do sol direto — ou, quem sabe, podia-se imaginar, protegia o homem de olhares vindos de cima. As câmeras posicionadas no alto conseguiram obter imagens suas, mas, de qualquer modo, não eram muito boas. A agência não queria arriscar colocar um avião não tripulado ou uma aeronave de observação muito próxima da propriedade por medo de alertar os residentes — ou o governo paquistanês, o que, temia ela, daria no mesmo. O ângulo ou a altitude das câmeras, colocadas na lateral, tornavam impossível conseguir uma visão clara do rosto daquele sujeito. Ele parecia ser alto e magro. Foram feitos esforços para calcular mais acuradamente a altura do homem, medindo seus passos e as sombras lançadas por ele, mas o nível de precisão dos cálculos só confirmava o que eles podiam ver sem muito esforço: tratava-se de um homem alto.

Brennan, por algum motivo que ele não conseguiu explicar, e que pode não ter passado de um simples desejo seu, sentiu lá no fundo que aquela pessoa era Bin Laden. Chamavam o homem de “o Marchador”. Talvez Brennan já estivesse inclinado a acreditar naquele palpite, por conta das extraordinárias medidas para escondê-lo, mas, assim que viu uma imagem do Marchador, teve certeza. Reconhecemos muita gente por características que não se resumem às feições faciais, à cor do cabelo, à altura e à silhueta. Algumas vezes reconhecemos uma pessoa vista só de relance, em um vislumbre com o canto do olho. Está em alguma coisa no jeito como caminham ou na maneira como se curvam ou inclinam a cabeça e balançam os braços. Brennan é um homem grande, largo, imponente e severo, um ex-oficial da CIA que já estivera envolvido em tentativas de procurar líderes da Al-Qaeda desde que a ALEC Station entrara em ação. Na época, ficou na Arábia Saudita, discutindo com Scheuer sobre quanto, ou quão pouco, podiam confiar na ajuda dos sauditas. Trabalhara próximo aos sauditas

depois das bombas de 1998 nas embaixadas na África Oriental. Viu imagens do Sheik feitas do alto, capturadas por Predator, no Afeganistão: um homem alto, vestido com mantos, rodeado de seguranças, caminhando confiante. Em Abbottabad o cenário era diferente, mas ali estava o mesmo homem, o mesmo caminhar. Ele não tinha como apresentar provas reais que pudessem convencer qualquer outra pessoa, mas Brennan achou que *reconheceria* o Marchador.

Durante aquele outono, Panetta passou informações periódicas ao presidente, e em dezembro, seu vice, Morell, “John”, o chefe da equipe Bin Laden da CIA, e diversos outros se reuniram com Donilon e Brennan na Casa Branca. Não havia nenhuma novidade a relatar. As imagens do Marchador não eram suficientemente claras para eliminar qualquer dúvida. Nenhuma das tentativas que fizeram tinha conseguido atravessar os muros da propriedade. Havia uma equipe da agência agora morando em uma casa em Bilal Town. Anotavam tudo o que podiam ver, mas não conseguiam enxergar grande coisa. Observavam as idas e vindas dos irmãos Ahmed. Contavam as roupas penduradas para secar. Já tinham determinado que a família escondida era grande: três esposas, um rapaz e dez ou mais crianças, muitas das quais adolescentes ou jovens adultos. O número de esposas e filhos correspondia à teoria desenvolvida a respeito das pessoas que podiam estar com Bin Laden em sua fuga. Ele sempre mantivera a maior parte da família junto de si. Os analistas ainda não conseguiam provar que o homem misterioso era Bin Laden, porém, mais uma vez, também não havia um fragmento sequer de informação que pudesse contradizer essa teoria. Algumas vezes, quando se está olhando muito intensamente para alguma coisa, quando se está pronto para qualquer coisa que possa derrubar uma hipótese, e nada aparece, a falta de refutação começa a parecer uma prova.

“Achamos que temos o melhor caso de inteligência para a localização de Bin Laden desde Tora Bora”, Morell disse a Donilon.

Então, em 14 de dezembro, pouco antes de Obama partir para o Havaí em sua viagem anual de férias com a família, Panetta o visitou no Salão Oval.

Obama escutou e pesou as evidências. Ficou impressionado. Agora que havia realmente “olhos na” propriedade, toda a perspectiva parecia mais real, e todas as novas informações encaixavam-se perfeitamente no quebra-cabeça. Obama ficou admirado, como os demais, por conseguir de fato ver o homem misterioso. Não dava para dizer exatamente quem era, mas o fato de ver o alvo se movimentando dentro dos muros altos, escondendo-se do mundo, o abalou.

“Nesse ponto você diz: isso tudo é circunstancial, mas é difícil calcular a explicação para esse padrão em particular”, disse Obama. “Então, nesse ponto, acho que uma parte de mim está pensando que pode ser que isso seja verdade.”

Mesmo assim, o presidente foi cauteloso. Ele disse a Panetta: “Pelo que sabemos, isso pode ser um Sheik se escondendo de uma de suas esposas.”

Ele queria mais. Instruiu Panetta a ser mais criativo, para descobrir um jeito de definir com precisão. Disse que continuasse em sigilo rigoroso. Além disso, instruiu Panetta a começar a preparar as opções de ação.

Por mais que o sigilo fosse mantido, Bill McRaven percebeu algo em novembro. Podiam ter apagado aqueles monitores durante as reuniões, nos escritórios da NSC, e McRaven agora passava a maior parte do tempo no Afeganistão, mas era difícil manter o comandante do JSOC completamente fora da jogada.

Ele mesmo já trabalhara na Casa Branca. Isso foi no início de seu trajeto de volta ao trabalho, depois dos graves ferimentos provocados pelo salto de paraquedas, e seu corpo ainda se ajustava às placas e aos pinos que agora mantinham sua pélvis unida. Recebera um telefonema de surpresa, em outubro de 2001, de Wayne Downing, ex-general de quatro estrelas que liderara o Comando de Operações Especiais. Os dois tiveram oportunidade de se conhecer durante os anos antes da aposentadoria de Downing. O general acabara de receber o pedido do presidente Bush para que abandonasse a aposentadoria e assumisse um posto na Casa Branca, como um tipo de czar do antiterrorismo — um papel maldefinido de assistente especial, projetado para conferir um pouco de coordenação às múltiplas

agências e serviços envolvidos na nova guerra. Até mesmo antes de aceitar oficialmente o trabalho, Downing ligara para perguntar a McRaven se ele podia vir a Washington, para ajudar.

“Claro”, disse o capitão do Seal.

Poucas semanas mais tarde Downing alcançou o ainda claudicante Seal, enquanto atravessava o país de carro, de San Diego para seu novo trabalho no escritório em Norfolk, Virginia.

“Ei, aceitei o trabalho”, disse Downing. “Você pode estar aqui na segunda-feira?” Daí a apenas quatro dias.

“Sim, acho que posso”, respondeu McRaven.

Quando McRaven apareceu na Casa Branca em cadeira de rodas, Downing disse a ele: “Descubra o que você vai ser.”

Era uma oportunidade fantástica para qualquer oficial militar, sobretudo para um oficial que anos antes abandonara a ideia de promoção para continuar em campo, saltando de aviões e trabalhando embaixo d’água. McRaven não perdeu a chance. Pareceu claro, desde o início, que encontrar e demolir uma furtiva organização terrorista, em longo prazo, exigiria o tipo de habilidade criativa, interdisciplinar, havia muito praticada por operações especiais. Se cada nova guerra demandava que os militares repensassem o modo de lutar, McRaven já estava a alguns passos adiante. Tinha escrito um livro sobre o assunto enquanto frequentava a Escola de Pós-graduação Naval em Monterey, na Califórnia, intitulado *Spec Ops: Case Studies in Special Operations Warfare: Theory and Practice* (Operações especiais: estudos de caso em guerras de operações especiais: teoria e prática). Foi uma das raras teses militares de pós-graduação a ser escolhida por uma editora comercial — a Presidio Press, que a publicou em 1995. No livro, McRaven estudou oito missões de operações especiais, do ataque alemão à fortaleza de Eben Emael em 1940, antes da *blitzkrieg* da Bélgica, ao ataque israelense de Entebbe, em Uganda, em 1976 — o ataque que levou o presidente Carter a exigir a criação de uma unidade semelhante de antiterrorismo para as forças militares dos Estados Unidos. McRaven tinha visitado os locais desses ataques, entrevistado muitos dos participantes-chave e montado seu próprio entendimento de por que tinham tido sucesso

ou fracassado. Ao fazer isso, elaborou um jeito de pensar a respeito de tais missões especializadas. Agora teria um lugar à mesa, uma chance de aplicar essas ideias ao mais novo desafio militar dos Estados Unidos.

A própria ideia de “operação especial” havia muito vinha sendo encarada com críticas pelos militares convencionais. A elite, unidades secretas que conduziam essas operações, consumia quantidades enormes não só de recursos, mas de pessoas, que executavam atos ocasionais de grande bravura. Quando essas missões funcionavam, pareciam quase mágicas, como no ataque de Entebbe, em que comandos israelenses voaram 2.500 milhas até Uganda, surpreenderam uma tropa muito maior que a sua e resgataram 102 reféns, matando todos os sequestradores palestinos que tinham tomado o avião comercial francês. Quando fracassavam, como na missão de resgate no Irã, em 1980, quase sempre pareciam precipitados, se analisados em retrospectiva. Eram, por definição, ousados. A ideia era tentar fazer algo mais ousado do que o inimigo pudesse supor. Os homens envolvidos aceitavam grandes riscos pessoais, e os de alta posição de comando investiam sua reputação e carreira no resultado. Além disso, fazia parte da natureza do trabalho os fracassos serem enormemente alardeados enquanto os sucessos eram mantidos, muitas vezes de maneira proposital, em silêncio e passavam despercebidos, a não ser em raras ocasiões, como a de Entebbe.

A derrocada no deserto iraniano tinha levado à criação do JSOC, sediado em Fort Bragg, na Carolina do Norte. Grande parte da culpa pelo fracasso recaiu sobre os esforços desajeitados para unir setores de serviço que não estavam acostumados a trabalhar juntos. Dessa forma, a missão tinha helicópteros da Marinha pilotados por fuzileiros navais, que carregavam agentes especiais do Exército para dentro do Irã, juntamente com aviões e tripulações da força aérea. O cenário deixado para trás por essa tropa heterogênea foi o de um deserto coalhado de aeronaves destruídas e de corpos americanos incinerados. Embora um dos mais espetaculares fracassos nos anais militares americanos, seu efeito não foi acabar com as forças especiais, mas expandi-las. O JSOC foi criado para integrar unidades de elite de ramos militares diferentes em uma única tropa homogênea e

equipá-la com o tipo de veículos e armas necessários para missões pequenas, não ortodoxas. Combinou as equipes da Força Delta do Exército, do 75º Regimento Ranger,⁴ o Esquadrão de Táticas Especiais da força aérea e os Navy Seal. Desde que a missão no Irã falhara, ao tentar levar a tropa até o alvo, os Night Stalker, o 160º Regimento Aéreo de Operações Especiais, foram mantidos em Fort Campbell, Kentucky, onde helicópteros especiais foram projetados e testados, e onde os melhores pilotos de helicópteros das forças militares treinaram especificamente para as missões de forças de operações especiais.

A tese de McRaven, que passaria a fazer parte do currículo na Escola de Pós-graduação Naval, estabeleceu o conceito básico de forças especiais: uma tropa pequena, bem-treinada, capaz de desfechar um golpe decisivo contra uma força muito maior e bem-defendida. Segundo ele, tal missão era “conduzida por tropas especialmente treinadas, equipada e direcionada para um alvo específico, cuja destruição, eliminação ou resgate (no caso de reféns) é um imperativo político ou militar”. Ao refinar os elementos fundamentais para o êxito destas missões, ele prescreveu, em resumo, “um plano simples, cuidadosamente mantido em segredo, repetida e realisticamente ensaiado, e executado com surpresa, rapidez e propósito”.

As duas grandes guerras do presidente Bush, cada uma exigindo centenas de milhares de soldados convencionais, aos poucos provaram que as forças especiais eram a ferramenta mais útil contra a Al-Qaeda. Os enormes esforços e a inovação envolvidos para encontrar e fixar um alvo tinham como base homens capazes de executar o terceiro F no acrônimo F3EAD, o *finish*. O modelo desenvolvido por McRaven em sua tese lidava principalmente com ataques a posições inimigas maiores, bem-entrançadas. Contudo, os princípios do ataque-relâmpago — simples, secreto e bem-ensaiado, executado com surpresa, rapidez e propósito — se mostrariam devastadoramente eficazes contra um inimigo que se escondia em uma população civil, em grande parte porque os ataques de precisão, ao contrário dos ataques aéreos ou os assaltos diretos por forças convencionais, evitavam matar e ferir espectadores inocentes. Esse modelo, além disso, dava margem à coleta de informações no local, o que era essencial para

alimentar o mecanismo de alvo. Ao longo da década seguinte, McRaven teria chance de refinar suas estratégias e pôr sua teoria em prática numa velocidade que ele jamais imaginara.

Seus dois anos em Washington, antes de voltar a um comando de campo, permitiram que ele combinasse a necessária reabilitação física à reabilitação da carreira em alto nível, desenvolvendo o tipo de relacionamento necessário para chegar ao posto de almirante. Um posto não era algo que McRaven buscasse ativamente — de fato, anos antes, mesmo antes do acidente, ele se considerava a última pessoa na Marinha a ter alguma probabilidade de chegar a almirante. Mas, em poucos anos, estava outra vez de pé, servindo no Iraque como vice do comandante do JSOC, o general McChrystal, admirando a fusão que seu comandante implementara entre inteligência rápida e atiradores. E ocasionalmente acompanhava seus homens em ataques noturnos — tipo de ação que é possível ir de carro ou andando até o alvo. Nada de saltos de aviões, de descer por cordas de helicópteros ou de longas marchas com mochila cheia para McRaven. Durante aqueles anos, primeiro sob o comando de McChrystal, e, depois, já ele mesmo como comandante do JSOC, o almirante ajudaria a forjar os recursos que seriam os principais instrumentos de guerra do país. A própria tropa do JSOC dobrou de tamanho, chegando a quase 4 mil homens e mulheres. Tornou-se, de fato, um quinto ramo das Forças Armadas dos Estados Unidos, um exército dentro do Exército. Era global e operava secretamente em mais de uma dúzia de países, e tinha ficado livre da severa supervisão de Washington, que antes fiscalizava cada missão. A necessidade de rapidez estava acima do desejo do controle restrito, de modo que comandantes como McChrystal e McRaven tinham autoridade para lançar ataques, pelo menos os mais rotineiros, sem necessidade de buscar a aprovação de toda a cadeia de comando.

Durante a primeira década do século, McRaven e seus homens tinham efetuado mais missões com forças especiais do que qualquer outra unidade na história. De acordo com seus cálculos, na época em que foi chamado a Langley para receber oficialmente instruções sobre a descoberta em Abbottabad, em janeiro de 2011, McRaven já tinha se envolvido

pessoalmente no comando de *milhares* de missões, seja por meio remoto, seja por terra.

No começo de 2011, a CIA tinha seus pequenos exércitos no campo. Depois do Onze de Setembro, o país havia se recuperado rapidamente de suas inseguranças a respeito de espionagem e ações secretas. Agentes especiais da agência, a maior parte deles composta de ex-militares, tinham trabalhado cada vez mais próximos ao JSOC durante as guerras do Iraque e do Afeganistão. Quando Panetta e Morell voltaram da reunião com Obama, na Casa Branca, em dezembro, o presidente os orientou a dar início ao planejamento das ações. As primeiras unidades em que pensaram foram as suas próprias.

As duas opções principais eram bombardear a propriedade ou enviar um grupo de assalto. A segunda opção seria muito mais complicada. Exigiria planejamento e ensaio, e envolveria um grande número de talentos especiais, razão pela qual a tendência era desenvolver a opção “dentro de casa”. Essa opção tinha a vantagem de manter a informação em segredo, que era mantida em sigilo já havia quatro meses. Fora da agência, os que sabiam ou deveriam saber a respeito da propriedade ainda podiam ser contados em duas mãos. Neste grupo estavam o presidente, claro, e alguns dos mais importantes homens de sua equipe de política exterior, incluindo Brennan e Donilon. O diretor da Inteligência Nacional, James Clapper, também tinha sido informado. No Departamento de Defesa, só quatro pessoas sabiam sobre o segredo, o secretário Robert Gates, o diretor da Junta de Chefes, Michael Mullen, o vice-presidente, general James “Hoss” Cartwright, e o subsecretário de Defesa para Inteligência, Michael Vickers.

As equipes da CIA estavam animadas com a missão e prontas para executá-la o mais rápido possível. Mas Panetta e Morell queriam mais tempo. Além disso, o presidente tinha lhes pedido para se esforçarem mais na identificação daquele homem misterioso. Antes de se comprometerem a usar seus próprios agentes, os dois queriam pelo menos uma reunião com McRaven.

Tudo o que o comandante do JSOC sabia antes de receber o telefonema era que a CIA tinha uma nova pista de Bin Laden. Já tinha recebido a mesma informação nos anos anteriores, mas em nenhum caso a pista fora válida. No início da guerra com o Afeganistão, seus homens haviam despendido muito tempo atrás do fantasma de Bin Laden. Dessa vez, tinham lhe dito que a informação parecia mais confiável que as demais, porém McRaven não lhe deu muito crédito até ser chamado a Langley. Isso nunca tinha acontecido com nenhuma das pistas anteriores. McRaven e um de seus principais assessores se reuniram com Panetta, Morell e com os chefes das forças de ataque da CIA na mesa de conferências, na sala do vice-diretor. Mostraram a ele fotos da propriedade. Nenhuma delas dava qualquer sinal do que havia dentro da construção. Tudo estava baseado em “talvez”. Morell deixou claro que não havia qualquer certeza de que Bin Laden estivesse mesmo lá, e que não sabiam qual medida o presidente adotaria, se é que ia adotar alguma. Mesmo assim, iniciaram uma discussão tática sobre a situação. Se fossem atingir aquele alvo, como o fariam?

No início, os homens da CIA tiveram vantagem. Eles delinearam cinco opções diferentes. O fato era revelador. McRaven de imediato viu que só havia um jeito de atingir o alvo. Não importava as vantagens que a simplicidade e o risco reduzido trariam para os americanos, sua opinião e a informação que tinha era que seriam necessárias mais de 22 mil toneladas de material bélico para destruir uma propriedade daquele tamanho, para ter certeza de que Bin Laden, se estivesse lá, não sobreviveria. Era preciso considerar a possibilidade de túneis ou de uma casamata subterrânea — algo parecido com o bunker usado como esconderijo por Saddam. Aquele poder explosivo mataria todos da propriedade e um bom número de pessoas nas suas imediações.

Um ataque por solo, por outro lado, impunha relativamente poucos problemas. Seus homens já tinham uma experiência de anos em ações como aquelas, efetuadas todas as noites, muitas vezes algumas dúzias de ações na mesma noite. Essa era uma ação comum. Uma residência de três andares, outra construção menor ao lado, ambas cercadas por muros altos feitos de pedra. A disposição e localização da propriedade claramente indicavam para

McRaven o modo correto de agir — uma pequena tropa levada por helicóptero.

Manteve-se calado quanto à sua ideia enquanto os comandantes da unidade da CIA descreviam as opções que haviam elaborado. Na sua vez de comentar, McRaven elogiou Panetta e Morell pela pista que tinham descoberto e logo começou a explicar como o JSOC agiria. Seria necessária uma equipe grande o bastante para proteger a propriedade quando os homens estivessem lá dentro. O principal desafio era a localização. Abbottabad ficava em um espaço “negado”, afastado 240 quilômetros do território amigável, por isso o maior problema seria levar a tropa até o alvo e retirá-la em segurança sem disparar uma enxurrada de tiros contra o Paquistão. Seria, como o almirante gostava de dizer, “espalhafatoso”, mas, ainda assim, factível. Aquilo aumentava a complexidade da missão e multiplicava também o número de coisas que poderiam dar errado. Mas, fora esses problemas, o modo de atacar de fato a propriedade e as construções não parecia difícil. As táticas que as equipes de McRaven tinham desenvolvido foram elaboradas durante anos de tentativa e erro, em missões que tiveram êxito e em outras que não tiveram. Muitos homens bons tinham morrido aperfeiçoando essas habilidades. McRaven descreveu para os homens da CIA o modo como sua equipe procederia e por quê. Chegou a sugerir o homem exato para a missão, o comandante da Equipe Seis do Seal, cuja fama lendária adquirira por liderar a missão que matou três piratas somalis em 2009, resultando no resgate do capitão de um cargueiro americano. McRaven explicou que a experiência era a coisa mais valiosa que sua equipe poderia dar à missão. Não importava o nível de planejamento da operação em Abbottabad, a experiência ensinara que algo daria errado. Alguma coisa *sempre* dá errado. Por isso, era imprescindível que os homens conseguissem pensar durante a ação e que tomassem boas decisões em situações de pressão, homens que tivessem visto todo tipo de caos e sobrevivido a ele. Ninguém no mundo tinha uma experiência comparável à do JSOC. A equipe do Seal que McRaven tinha em mente havia acabado de voltar aos Estados Unidos e podia começar a trabalhar na missão imediatamente.

Morell e Panetta ficaram impressionados. O pessoal deles era bom, mas os homens de McRaven eram profissionais.

“Se o presidente resolver fazer isso por terra”, Panetta disse a Morell, “então o JSOC possui os homens adequados”.

Panetta pressionou a agência para surgir com formas criativas para que conseguisse uma visão melhor de dentro da propriedade, porém não teve sorte. A equipe da agência gastou horas debatendo todas as possibilidades. Nenhuma ideia, por mais absurda que parecesse, foi rejeitada sem discussão. Será que havia um jeito de fazer com que os residentes deixassem a propriedade? Um incêndio? Uma bomba fedorenta? Alguma convocação para orações de emergência? Panetta tinha uma tabela, e cada sugestão foi anotada. Nenhuma possibilidade era cortada até que fosse julgada ou seriamente discutida.

Haveria um jeito de posicionar uma câmera mais perto, digamos, numa árvore, de onde se pudesse espiar por cima dos muros? E se fosse mais longe, em um terreno mais alto, onde pudessem usar aparelhos óticos melhores? E os canais de esgoto? Será que um dispositivo de escuta ou uma câmera poderia ser introduzido em algum desses canais? Havia uma árvore dentro da propriedade. Será que poderiam colocar nela uma pequena câmera ou dispositivo de escuta? Algumas dessas ideias foram discutidas, mas nenhuma delas foi aprovada. A árvore de dentro da propriedade fora cortada antes que alguém pudesse calcular um jeito de chegar até ela. Era estranho. Parecia que alguém de dentro da propriedade tinha visto a tabela de sugestões do diretor. Um a um, os esquemas fracassaram ou foram descartados. Eram todos extremamente cuidadosos em não revelar seus planos. A propriedade fora claramente projetada para esconder a família em seu interior, e muito bem-projetada. Não era preciso muito para chamar a atenção dos moradores. Qualquer indício de que estavam sob vigilância poderia pôr tudo a perder. Morell vivia com medo de acordar uma manhã e descobrir que, da noite para o dia, a propriedade tinha sido esvaziada.

Uma ideia criativa pode ter surgido quando constataram que a única vez que qualquer integrante da família misteriosa saiu da propriedade foi para

levar uma das crianças ao médico. A agência teve a ideia de abrir uma clínica de vacinação grátis contra hepatite B para as crianças da vizinhança. Talvez conseguissem atrair as crianças da tal família. Encontraram um médico paquistanês, Shakil Afridi, cuja paixão era instalar clínicas desse tipo pelo país inteiro. Ele ia de casa em casa notificando os moradores e convencendo-os a levar as crianças para se vacinarem. Agentes abordaram Afridi e lhe ofereceram uma soma substancial — um valor com seis algarismos em dólares americanos —, o suficiente para manter seu programa durante algum tempo. Tudo o que ele teria de fazer era fornecer a eles as agulhas usadas. Nunca lhe disseram por que queriam as agulhas, mas o plano era extrair delas o DNA e analisá-lo. A CIA tinha amostras de DNA de parentes próximos de Bin Laden. Se o material genético de uma das crianças escondidas se assemelhasse ao dele, isso poderia significar uma prova quase indubitável de que o pai era o Sheik. A clínica funcionaria de verdade, e as inoculações seriam completamente legítimas. As crianças de Abbottabad saíam mais saudáveis e a agência poderia obter a confirmação daquilo que precisava. Os agentes não esconderam de Afridi sua vinculação; contaram a ele que a CIA estava financiando o programa.

Durante os meses seguintes, à medida que o planejamento prosseguia em Langley e na Casa Branca, Afridi instalou a clínica. Foi de porta em porta, convidando todo mundo a trazer os filhos. Vacinou muitas crianças. Mas, quando bateu à porta da grande propriedade em Bilal Town, ninguém atendeu.

Ninguém jamais atenderia.

O planejamento de invadir a propriedade por ar ou por solo continuou fevereiro adentro. Apesar da pressão de Panetta para uma solução, a CIA não estava mais próxima da identificação do Marchador. O agente de McRaven delineava planos detalhados em um escritório sem identificação, no primeiro andar das instalações de impressão da agência, e a força aérea planejava uma missão com B-2 para eliminar a propriedade em um ataque fulminante. Tudo isso exigia que mais pessoas ficassem inteiradas da situação. Michèle Flournoy, subsecretária de defesa para políticas, foi

informada por seu chefe, Mike Vickers, e logo começou a trabalhar junto ao general Cartwright. A partir daquele momento, os diversos representantes passaram a se reunir todas as semanas, em geral na Casa Branca, mas algumas vezes na CIA, num empenho de atualização dos esforços de coleta de inteligência, discutindo cada substituição possível para um ataque. Essas reuniões de “vices” em geral contavam com a presença de Cartwright, Morell, Vickers, Robert Cadillo, do vice-diretor de Inteligência Nacional, e, algumas vezes, de John Brennan e do vice-conselheiro de Segurança Nacional, Denis McDonough. No fim do mês, McRaven compareceu a algumas dessas sessões, preparatórias para uma reunião de chefes que aconteceria no dia 14 de março, ocasião em que apresentariam formalmente as recomendações para Obama.

Como sempre, a agenda da segurança nacional estava lotada. Um terremoto e um tsunami três dias antes tinham provocado morte, destruição e deslocamento no Japão, e as forças militares dos Estados Unidos estavam mobilizadas para prestar assistência humanitária. Havia protestos populares abrangentes no Egito, à medida que a “Primavera Árabe” se espalhava pelo Oriente Médio — um período de mudança inspirador, mas potencialmente traiçoeiro, já que a estabilidade da região havia muito era vital para os interesses dos Estados Unidos. Em meados de fevereiro, Obama ligara para o presidente de longa data do Egito, Hosni Mubarak, para lhe pedir que se afastasse do cargo, ao mesmo tempo em que pesava as possibilidades de promover algum tipo de intervenção limitada na Líbia, país onde o longo regime do ditador Muammar Kadafi sofria pressões por meio de protestos cada vez mais violentos. No Paquistão, um empreiteiro da CIA que trabalhava para o consulado em Lahore, Raymond Allen Davis, tinha atirado e matado dois homens armados na rua, sob a alegação de que eles haviam tentado roubá-lo. Raymond Allen Davis fora preso e enfrentava a acusação de assassinato, e os Estados Unidos estavam fazendo de tudo para soltá-lo. A frustração local com as políticas americanas no Paquistão tinha transformado o incidente num impasse, e manifestantes e procuradores exigiam que o empreiteiro da CIA fosse processado e punido. Assim, ao mesmo tempo em que planejavam formas de violar a soberania do

Paquistão com um ataque a Abbottabad, a Casa Branca e o Departamento de Estado estavam envolvidos em discussões delicadas, como as de Davis.

Foi nesse contexto que Obama se reuniu com o Conselho de Segurança Nacional para considerar formalmente o caso da CIA. Era hora de começar a tomar decisões importantes. Obama estava extremamente consciente de que, quanto mais adiasse, mais pessoas ficariam sabendo do segredo — e maior se tornava a probabilidade de que ele vazasse, ou que algo crítico fosse alterado. O grupo se reuniu na Sala de Situação da Casa Branca, onde se desenrolaria grande parte do drama ao longo dos dois meses seguintes.

A Sala de Situação fica alguns degraus abaixo do térreo, na Ala Oeste, e é a maior de um complexo de pequenas salas de reunião. Ela não é exatamente o local que um projetista de interiores imaginaria para ser um centro de decisões do único superpoder do mundo. Há muito tempo apelidada de “depósito de madeira”, foi instalada pelo presidente Kennedy depois da crise dos mísseis de Cuba. O objetivo era criar um centro de comando seguro, ligado inteiramente com telecomunicações globais. A sala não tem janelas e é apertada, muito menor do que a sala de jantar da maior parte das grandes residências. Grande parte dos lambris de madeira que lhe deram esse apelido foi removida numa reforma em 2007, a fim de facilitar o trabalho dos técnicos em eletrônica para chegar aos cabos e fios. Agora suas paredes beges têm telas planas de vídeo penduradas. O teto é baixo e forrado com inóspitas lâmpadas fluorescentes embutidas. Uma longa mesa de mogno, polida até reluzir, praticamente enche a sala inteira. Em volta dela, estão 13 cadeiras de encosto alto, forradas com couro preto. O carpete azul tem uma borda amarela nas beiradas, nas quais estão enfileiradas cadeiras menores, também forradas de couro preto, onde ficam os representantes e membros da equipe. O presidente senta-se na extremidade norte da mesa, sob o selo circular presidencial. Não há cadeiras na extremidade oposta, que fica livre para permitir a visão da tela de vídeo que vai do tampo da mesa até o teto. Desk pads de couro ficam dispostos em frente a cada lugar, ao redor da mesa, para uso dos secretários de defesa e de estado, do conselheiro de segurança nacional, do vice-presidente, do diretor da Inteligência Nacional, do diretor da Junta de Chefes, do

presidente e para uso do diretor da CIA e de seu vice, presentes em quase todas as sessões, e para vários outros. O almirante McRaven esteve presente até seu trabalho no campo o obrigar a se ausentar.

Acima de tudo, impressionava a sensação de intimidade do espaço. Quando cheio, como acontecia em muitas dessas reuniões, podia-se dizer, sem qualquer exagero, que a mais importante liderança da nação estava amontoada com todos os demais.

No começo de março a agência constatou que havia um “alvo de grande valor” na propriedade de Abbottabad, e era muito provável que se tratasse de Osama bin Laden. “John”, líder da equipe da CIA e o analista mais veterano na pista, estava quase certo daquilo. Estimava seu nível de confiança em 95%.

O presidente avaliou os níveis de confiança de todos da sala. Brennan achava o mesmo que “John”, mas outros não tinham tanta certeza — alguns duvidavam mais ainda. A opinião já tinha sido “desafiada” três vezes — e fora examinada por analistas da agência, que se encarregavam de apontar seus possíveis furos: fora avaliada no Centro de Antiterrorismo, pela equipe de Brennan, e por um grupo dentro da CIA. Quatro líderes seniores no Diretório de Inteligência Nacional tinham revisto o caso e escrito suas próprias opiniões. A maioria parecia estimar o nível de confiança em cerca de 80%. Alguns desciam a 40% e até a 30%. Obama então perguntou a Morell, que estava sentado numa cadeira encostada na parede atrás dele, sob o selo presidencial.

Morell passara a admirar a capacidade de decisão de Obama. Trabalhara com o presidente Bush quase todos os dias e também o admirara, mas os dois eram muito diferentes. Morell e outros que trabalharam com Bush acreditavam que ele fora amplamente subestimado. Era um homem muito inteligente. Não era tão voraz quanto Obama para ingerir relatórios escritos, mas os lia e era um bom ouvinte. Apreendia o núcleo de uma questão rapidamente, fazia perguntas diretas, encorajava discussões animadas, e, sem hesitar, muitas vezes na hora, tomava uma decisão. Obama, por outro lado, mantinha privado um nível de estudo e contemplação. Gostava de se

debruçar sobre relatórios escritos e, depois de iniciar uma discussão com opiniões opostas, em geral se retirava antes de voltar com uma decisão.

Uma coisa em particular em Obama impressionava Morell. Morell tinha feito e assistido a milhares de briefings presidenciais, àquela altura o suficiente para conhecer a tática doméstica dos estrategistas políticos. Conselheiros tinham um jeito de afunilar a escolha entre duas opções, A ou B, para depois conduzir o presidente para a que eles preferiam. Tudo não passava de como a questão era exposta. Esse método não tinha chance com Obama. Ele escutava A e B, fazia um monte de perguntas e, na maior parte das vezes, propunha um curso inteiramente diferente, elaborando uma opção C, que parecia sair inteiramente de sua cabeça. Acabara de fazer isso poucos dias antes, em uma situação amplamente divulgada com relação à Líbia. A opção surgiu durante uma prolongada discussão política acerca do que os Estados Unidos deveriam fazer com a aparente intenção de Kadafi de matar rebeldes e civis que estavam contestando seu regime. Nesse caso, a opção A era não se envolver. As consequências seriam horríveis, porém, uma terceira intervenção militar dos Estados Unidos em mais um país (as guerras no Iraque e no Afeganistão ainda em pleno vapor) seria uma medida imensamente impopular em solo americano e poderia acabar tornando as coisas piores na Líbia, onde não se sabia exatamente o que aconteceria depois de Kadafi. A opção B era intervir militarmente no lado dos rebeldes e se resumia a fazer o que tivesse de ser feito para evitar que eles fossem sistematicamente mortos pelo regime. Havia opiniões sólidas favoráveis às duas opções, mas a primeira parecia ser claramente a preferida da maior parte da equipe. Obama então propôs uma opção C, a qual ele acabaria seguindo. Seu plano era promover ataques aéreos sobre as tropas de Kadafi durante alguns dias e depois deixar que uma coalizão de países europeus e árabes assumisse a situação. As tropas dos Estados Unidos se retirariam da maior parte das missões de combate depois das investidas iniciais, mas, por meio da Otan, continuariam a fornecer suporte aéreo crítico e patrulhariam uma zona interditada ao voo. Morell achou o plano de Obama brilhante.

Naquele momento, ele julgava a certeza de o Marchador ser Bin Laden em 60%.

“Tudo bem, isso é uma probabilidade”, disse Obama. “Leon, fale-me sobre essas estimativas.”

O diretor explicou que, desde que a agência cometera o erro de afirmar que Saddam Hussein escondia armas de destruição em massa, uma década antes, uma descoberta que levaria a uma guerra longa e muito cara, a CIA tinha instituído um processo quase cômico de estipular graus de certeza. Era como tentar inventar uma fórmula matemática para o bom julgamento. Analistas de todos os níveis da cadeia de comando eram questionados não apenas a respeito de suas opiniões, mas deveriam atribuir a elas um nível de confiança — alto, médio ou baixo. Depois, tinham de explicar por que haviam atribuído aquele nível. Mais tarde o presidente me explicaria que aquilo não aumentava o grau de certeza, mas promovia mais confusão.

Obama disse isso, depois virou-se na cadeira e olhou para o vice-diretor.

“Michael, o que você acha?”

Morell tinha pensado muito no assunto. Estivera pessoalmente envolvido na busca das supostas armas de destruição em massa de Saddam e tinha sentido mais certeza sobre *aquilo* do que sentia sobre *esta* situação.

“As pessoas não têm diferenças porque têm acesso a informações diversas”, disse ele. “Estamos todos olhando para o mesmo fato. Acho que tudo depende mais de nossas experiências passadas.” Morell explicara que os analistas de antiterrorismo que trabalharam contra a Al-Qaeda durante os últimos cinco anos tinham conseguido uma notável série de sucessos. Eles esmagaram grupos de terror dentro do Paquistão e tinham, direta ou indiretamente, evitado mais ataques terroristas dentro dos Estados Unidos. Desse modo, estavam muito confiantes. Conheciam a fragilidade de qualquer análise aparentemente mais sólida. A história das armas de destruição em massa tinha sido uma lição. Morell assumia responsabilidade por ela.

“Senhor presidente, se tivéssemos uma fonte humana que nos dissesse diretamente que Bin Laden está morando naquela propriedade, eu ainda assim não aumentaria o grau de minha certeza para além dos 60%.” Morell contou que passou muito tempo refletindo sobre as duas questões — armas

de destruição em massa e Abbottabad. Vira mais de 13 esboços analíticos sobre a primeira questão e pelo menos o mesmo número sobre a última.

“E eu lhe digo, os argumentos sobre as armas de destruição em massa não eram apenas mais fortes, eram *muito* mais fortes”, dissera.

Isso deu partida a mais discussões a respeito das porcentagens sobre os níveis de confiança. O presidente ouviu tudo, mas já tinha praticamente tomado a decisão.

“Uma coisa que se aprende, como presidente, é que se está sempre lidando com probabilidades”, disse-me ele. “Nenhuma questão chega à minha mesa com uma solução perfeita. Nenhum assunto chega à minha mesa com 100% de confiança de que aquilo seja a coisa certa a ser feita. Porque, se as pessoas tivessem certeza absoluta, então a decisão seria tomada por outros qualquer. E isso é verdade quando se lida com crises econômicas. É verdade na hora de atirar em um pirata e funciona assim na maior parte das decisões que tomo ao longo do dia. Então, estou acostumado com as probabilidades trazidas por outras pessoas. Naquela situação, o que se tinha eram probabilidades que disfarçavam incertezas, em vez de realmente fornecer mais informação útil.”

Obama não tinha problema em admitir aquilo para si mesmo. Se agisse baseado naquelas informações, tudo não passaria de uma aposta, pura e simplesmente. Uma grande aposta.

Se tivessem sucesso e o Marchador fosse Bin Laden, então o fato de matá-lo ou capturá-lo iria marcar uma vitória clara e central na guerra iniciada pela Al-Qaeda havia quase dez anos. A promessa feita por Obama durante a campanha, quatro anos antes, seria cumprida, quando dissera que, se tivesse oportunidade, faria uma tentativa unilateral no Paquistão, uma promessa que quase todo mundo tinha criticado, inclusive Hillary Clinton e Joe Biden, que agora estavam na sala ajudando-o a tomar a decisão. Essa promessa, sob alguns aspectos, tinha *definido* sua estratégia de segurança nacional. Então, o sucesso seria uma demonstração de justiça, alcançada com grande custo e sacrifício, e com tremenda habilidade. Seria uma realização gratificante para os Estados Unidos e para o mundo, uma virada emocionante, e, mais ainda, justificaria a determinação e a destreza de todos

os que tinham se dedicado — em alguns casos, *inteiramente* — à luta. Em termos práticos, aquele seria o maior golpe jamais desfechado contra uma organização que ainda planejava tomar vidas americanas.

Se a tentativa resultasse em fracasso, no entanto — e ainda não tinham começado a calcular todas as possibilidades de erro —, então alguns valentes guerreiros americanos poderiam perder a vida na tentativa de fazer algo que poderia se tornar uma grande vergonha nacional. Um fracasso provavelmente fortaleceria a Al-Qaeda, assim como a Desert One fortalecera os mulás do Irã, em 1980. O prestígio de Bin Laden, que mingudara consideravelmente desde 2001, receberia um novo impulso, um reforço que se traduziria em mais dinheiro, mais recrutas e mais ataques. O sucesso poderia fortalecer a situação política de Obama em solo americano por algumas semanas, porém um fracasso poderia marcá-lo como um comandante em chefe incompetente. Uma falha acabaria com suas chances de um segundo mandato, assim como a Desert One tinha acabado com as de Carter.

De qualquer modo, sucesso ou fracasso, aqueles homens teriam de lidar com um Paquistão ultrajado. As relações dos Estados Unidos com essa nação difícil, portadora de armas nucleares, já estavam tensas quase a ponto de uma ruptura. Não importa o que ele resolvesse, disse-me Obama mais tarde, seria uma decisão baseada em evidências circunstanciais, uma junção de padrões. Havia ainda possibilidades de que aquele homem fosse algum senhor de guerra do Afeganistão instalado ali, ou de que fosse um traficante de drogas do Golfo que gostasse de sua privacidade, que tivesse uma amante ou uma segunda família. Havia outras hipóteses que poderiam explicar aquela situação. O cálculo que o presidente tinha de fazer era saber se a probabilidade de Bin Laden estar lá era suficientemente alta para justificar os riscos, dada a importância do fato para a segurança nacional americana.

Então, enquanto as conversas sobre os níveis de certeza prosseguiram, o presidente, que em geral nessas reuniões escutava mais do que falava, interrompeu.

“Isso é cinquenta-cinquenta”, disse ele. Todo mundo se calou. “Olhem, isso é jogar cara ou coroa. Não posso basear essa decisão na noção de que temos uma certeza maior do que isso.”

Então, se ele resolvesse agir, quais seriam suas opções? Duas opções foram apresentadas a Obama. A mais simples, e que apresentava o menor risco para as forças americanas, era reduzir a propriedade a pó, junto com todos e tudo que estivesse dentro e ao seu redor. Para fazer o trabalho direito, a força aérea calculara que isso significaria despejar umas trinta bombas de precisão ou mais. Precisariam de um B-2 voando alto ou lançariam um número comparável de mísseis. Isso bastaria para garantir que qualquer coisa que respirasse na propriedade ou perto dela seria morta. Transformaria em vapor tudo que estivesse acima do solo e pulverizaria tudo abaixo dele. Havia uma preocupação mínima sobre a ideia de confrontar as defesas aéreas paquistanesas — um bombardeiro B-2 invisível, voando alto, faria a missão e iria embora muito antes de o país perceber que tinha sido atingido. Sem forças terrestres, não havia chance de confusão com o Exército ou a polícia paquistanesa. Seria um golpe poderoso, repentino, vindo do céu escuro, e não restaria qualquer coisa, a não ser um enorme buraco fumegante no meio de Abbottabad — o que não ia pegar muito bem. Os danos colaterais tornariam a fúria do Paquistão ainda mais justa. Mas a tarefa seria cumprida.

Obama perguntou quantas pessoas moravam na propriedade e foi informado de que havia quatro homens adultos, cinco mulheres e quase vinte crianças. Perguntou sobre as casas da vizinhança. Elas também seriam inteiramente destruídas, junto com qualquer residente, homem, mulher ou criança. Isso realmente fez o presidente pensar. Os Estados Unidos não matariam aquelas pessoas numa jogada com uma chance de 50% de matar Osama bin Laden.

Então o presidente imediatamente vetou o plano. Disse que o único modo de ele sequer considerar a hipótese de atacar a propriedade pelo ar seria se o volume e a precisão das munições fossem tais que a área explodida ficasse drasticamente reduzida.

Então McRaven explicou a opção pelo solo pela primeira vez. Sua equipe ainda não tinha estudado completamente a missão. O que ele podia dizer com certeza ao presidente era que seu pessoal poderia ser levado à propriedade para desimpedi-la e matar ou capturar Bin Laden com uma perda mínima de vidas. O almirante apresentou essa opinião com o tipo de confiança que só pode ser resultado de uma longa experiência. Ele não estava tentando vendê-la. Já estivera em reuniões como aquela antes nos anos logo depois do Onze de Setembro e tinha visto como diversas facções, divisões e agências tinham se esforçado para vender suas abordagens para o presidente. Aquele não era o caso. Ele estava surpreso que as discussões não fossem mais rancorosas, dada a importância da missão e o risco que ela acarretava. Panetta e Brennan tinham dado o tom desde o começo. Em cada reunião a que ele comparecera, as opções eram postas na mesa e discutidas, os prós e os contras. McRaven comentara sobre o projeto com seu auxiliar: “Podemos ou não acabar fazendo isso. No final, vamos fazer o que for melhor para o país. Se for jogar uma bomba na propriedade, então é isso o que faremos.” Então McRaven apresentou rascunho das operações de solo, como uma simples descrição. Sem trazer mais ninguém para o círculo de planejamento, acrescentara: “Posso dizer que podemos ter sucesso no ataque. O que não posso dizer ainda é como entrar e como sair. Para isso, é necessário um projeto detalhado, elaborado por planejadores aéreos profissionais e que avaliem os recursos de defesa aérea do Paquistão, e que possam planejar e direcionar como vamos entrar, como vamos sair e que obstáculos vamos ter de enfrentar ao fazermos isso.”

“Desse modo, não estou recomendando um ataque”, disse McRaven ao presidente. “Estou lhe contando que, se conseguirmos entrar, poderemos executar uma invasão. Sair poderá ser um pouco espalhafatoso. Não posso recomendar um ataque até fazer o dever de casa.”

Mesmo que tivesse feito o dever de casa, o almirante não achou necessário insistir no ataque. Acreditava que todo mundo na sala chegaria àquela conclusão por si mesmo. Os fatos os levariam a isso. Além disso, acreditava que o presidente não deixaria escapar a oportunidade. A opção de bombardeio era muito berrante e muito suja, inúmeros inocentes seriam

mortos, e, no final, não teria como provar que Bin Laden fora morto. Depois de um ataque daquele tipo, com o grande buraco fumegante em Abbottabad, o Paquistão ficaria compreensivelmente furioso. Não haveria qualquer chance de a equipe americana peneirar pacientemente os escombros à procura de DNA. Aliás, encontrar Bin Laden era a única coisa que faria valer a pena a reação do Paquistão. Mas, para tanto, precisariam provar que tinha sido isso o que fizeram. Nada, a não ser apresentar seu cadáver, ou Bin Laden em pessoa, preso, iria chegar àquele objetivo. Só aquilo eliminaria qualquer mistério sobre por que a ação tinha sido efetuada. Sempre que se mandavam homens por terra, os riscos eram maiores, mas seus homens eram mais do que capazes, e McRaven sabia que Obama tinha conhecimento disso. McRaven sabia que o presidente não era avesso a riscos. Ele tinha ficado impressionado positivamente com sua postura nos dois anos anteriores. Obama havia tomado a decisão final sem qualquer timidez em quase todas as missões que o JSOC empreendera durante o período. Sempre escutava sem dar palpites nas discussões sobre riscos militares e políticos, depois se retirava por algum tempo, algumas horas, ou até a manhã seguinte, e, em geral, voltava para dizer “Tenho de fazê-lo”. Ele só dizia não quando os riscos eram proibitivamente altos. McRaven entendia que o presidente tinha uma gama de responsabilidades maior que a sua, como comandante militar, e passara a confiar no julgamento de Obama. O presidente considerava os riscos para os homens em missão no solo mais sérios do que os eventuais riscos políticos, e isso é o que qualquer oficial militar deseja de um comandante em chefe. Em alguns casos, nos quais até os superiores de McRaven tinham aconselhado esperar — disseram: “É um pouco arriscado demais” —, foi o presidente que voltou, dizendo: “Não, tudo bem, vamos em frente.” Então o almirante não externou suas ideias a respeito de que caminho seguir. Não havia necessidade.

Panetta tinha outra opinião acerca da opção de bombardeio. Se Bin Laden não estivesse na propriedade, os Seal poderiam conseguir partir sem criar um grande alarde. As pessoas que moravam lá e os vizinhos teriam uma história para contar, com certeza, mas, como a missão havia sido

concebida como uma ação secreta da CIA, os Estados Unidos podiam simplesmente negar tudo. Essa negação dificilmente enganaria o governo paquistanês, mas tornaria tudo um pouco menos agressivo do que um murro no olho. A possibilidade de negar empurrava a missão para uma área cinzenta que serviu para sustentar operações secretas americanas no Waziristão durante anos.

Quando a reunião terminou, Obama pediu à Força Aérea que trabalhasse no desenvolvimento de um ataque mais cirúrgico e em algumas “opções de direcionamento de impasse”, ou seja, no uso de mísseis, ou mais provavelmente de aviões não tripulados. Mas o presidente queria também uma imagem mais completa de como seria um ataque por terra. Será que conseguiriam desfechar o golpe sem disparar alarmes? Será que conseguiriam entrar e sair de lá sem a necessidade de batalhas contra as defesas aéreas do Paquistão?

“Presidente, por enquanto somos só eu e mais um outro camarada, e esse conceito que vamos ter de apresentar”, disse McRaven. “Não dá para eu dizer se isso vai ou não vai funcionar. Não posso dizer nada até reunirmos toda a equipe e ensaiarmos, depois posso voltar aqui para falar.”

Então McRaven foi dispensado e foi fazer sua lição de casa.

Isso significava passar pelo que ele chamava de “todas as possibilidades de armadilhas”. As variáveis eram muitas. A propriedade de Abbottabad era relativamente grande, com uns 3.500 metros quadrados. Maior significava mais gente. Para uma propriedade de tamanho normal no Afeganistão, McRaven estava acostumado a enviar setenta homens. Tinha que reforçar todo o perímetro e cada porta e janela. Havia uma casa de três andares e uma construção do lado de fora. Então, era necessário uma tropa de tamanho adequado. Os homens não podiam ser notados. Era um longo caminho de ida e um longo caminho de volta, de modo que precisavam reabastecer antes de retornar, o que significava uma área de preparação em algum lugar fora da cidade, onde pudesse instalar helicópteros maiores carregando combustível e tropas de reação rápida. Os helicópteros tinham suas especificações de acordo com a altitude, a temperatura e outros fatores, de modo que era necessário calcular quantos homens podiam transportar.

No fim do dia era tudo uma questão de carregamento. O peso interfere no tempo de voo. Quanto mais helicópteros fossem usados, mais evidente ficava a sua presença e maior a probabilidade de serem descobertos, ou de ocorrerem defeitos no funcionamento mecânico da aeronave ou até mesmo erros do piloto — fantasmas da Desert One. Só teria os cálculos finais quando comesçassem os ensaios, mas já dava para saber que teriam de ir mais pesados e com menos gente do que ele gostaria.

Duas semanas depois, no fim de março, ele voltou à Sala de Situação com um plano completo. McRaven agora disse ao presidente que estava confiante de que seus homens podiam executar o ataque. Seus planejadores aéreos tinham treinado entrar no espaço aéreo do Paquistão sem serem vistos. Usaram dois Black Hawks invisíveis, aeronaves secretas especialmente projetadas para voar silenciosamente e evitar a detecção por radares, e dois grandes MH-47E Chinook, que carregavam combustível e uma força de apoio. Os MH-47E se estabeleceriam em Kala Dhaka, 80 quilômetros a noroeste de Abbottabad. Os Black Hawks deixariam os “agentes” na propriedade e, depois de dominá-la, os levariam de volta até os Chinooks, onde reabasteceriam antes de voltar para o Afeganistão. McRaven disse ser provável que conseguissem fazer toda a operação sem disparar qualquer alarme, e que seus homens entrassem e saíssem da propriedade em trinta minutos. Com esse tempo, havia uma boa chance de não encontrarem a defesa paquistanesa organizada. Sempre havia uma chance de que uma pequena unidade de polícia armada — alguns guardas armados com AK-47 — pudessem esbarrar com eles. Era até possível que a propriedade tivesse suas próprias defesas por perto. Mas forças tão pequenas não seriam uma séria ameaça para seus homens.

Se tudo acontecesse assim, os obstáculos seriam mínimos. Mas, e se os paquistaneses estivessem mais alertas do que imaginavam? E se alguma coisa os fizesse ficar mais tempo na propriedade? Em sua segunda reunião o almirante foi severamente interrogado. Muitos na sala estavam céticos quanto ao tempo de reação que ele projetara para os paquistaneses. Será que ele não percebia o quanto a propriedade era próxima à academia militar? Cerca de um quilômetro. Que havia uma instalação do Exército e uma

propriedade da Inter-Services Intelligence nas imediações? McRaven sabia daquilo tudo. Explicara que a proximidade, naquele caso, não garantiria uma reação rápida. Mesmo se algum soldado raso, policial ou agente fosse acordado ou alertado sobre alguma coisa estranha acontecendo na propriedade, ainda assim demoraria para haver qualquer tipo de reação coordenada. As forças paquistanesas obedeciam a uma rígida estrutura de comando, os homens de postos mais baixos raramente agiam sem permissão. Era uma filosofia de comando que os Estados Unidos desencorajavam, mas era típica de muitas forças militares pelo mundo todo. A maior parte dos jovens oficiais preferia se enrascar por não fazer nada do que por fazer alguma coisa errada. Tudo isso foi embutido na estimativa dos trinta minutos. O almirante explicara que aquele tempo era mais ou menos o mais rápido que eles poderiam agir. Mas, e se ele estivesse errado? E se as forças paquistanesas reagissem em menos tempo do que ele imaginara? E se alguma coisa acontecesse na propriedade que fizesse *seus* homens demorarem mais?

McRaven explicou que, se uma força paquistanesa significativa aparecesse antes de seus homens conseguirem sair, então haveria troca de tiros. E ele não queria isso. Seus homens iriam vencer, mas, no processo, perderiam a guerra. Esse cenário daria bases morais aos paquistaneses. Havia grandes implicações políticas sempre que forças americanas matavam um único soldado ou policial paquistanês. Eles não tinham certeza de que Bin Laden estivesse de fato lá, afinal. Assim que o almirante apresentou maiores detalhes do plano elaborado por seu time de planejamento, revelou que a regra número um era fazer tudo que fosse possível para evitar matar paquistaneses. Isso tinha sido prioridade em todos os pontos do planejamento. Se entrassem e saíssem rapidamente, não haveria problemas, mas ele conseguia facilmente imaginar um cenário que os faria se atrasar. Se chegassem ao alvo e não conseguissem encontrar Bin Laden, mas achassem que ele estava lá, escondido atrás de uma porta falsa ou uma parede falsa — uma situação que eles experimentaram muitas vezes —, então, o que fariam? Simplesmente entrariam nos helicópteros e iriam embora? E se tivessem obrigado suas esposas e outras pessoas importantes

a confirmar que Bin Laden estava lá em algum lugar? A resposta era não, eles não iriam embora. Tinham vindo de muito longe e estavam perto demais para desistir. Eles tinham de estar preparados para colocar reforços na propriedade e demolir tudo até que o encontrassem. O que significava ficar além do tempo estimado. Havia uma forte chance para isso acontecer, talvez até uma probabilidade certa, e cada minuto a mais aumentava as chances de um confronto com tropas paquistanesas.

“Então, em que ponto parariamos de tentar encontrá-lo?” perguntou McRaven hipoteticamente. “E se agora estivessem rodeados de paquistaneses, o que fariam?”

A resposta do almirante foi surpreendente. Ele recomendou que, se chegassem àquele ponto, seus homens iriam simplesmente se acocorar e esperar que Washington resolvesse o problema com os líderes paquistaneses.

“Vocês chegariam e lhes diriam, ‘tudo bem, esse é o tal cara sobre o qual estamos falando com vocês há “n” anos, dizendo que, se ele estivesse aqui, nós viríamos. Pois bem, ele está aqui. Não matamos ninguém. Estamos encurralados. Vamos conversar sobre isso.’”

McRaven achava que essa conversa poderia lhes dar mais trinta minutos. Depois desse tempo, ele não estaria mais lidando com uma reação local, mas com toda a cadeia de comando paquistanesa.

Era nesse ponto que o pensamento de um almirante diferia do de um presidente. Para McRaven, seus homens poderiam lutar para sair de qualquer situação. Haveria o reforço de uma Força de Reação Rápida por perto, no caso de a situação ficar inesperadamente complicada. Eles poderiam lutar para sair da propriedade. Havia um ponto de encontro em Kala Dhaka, e quatro helicópteros americanos voariam para fora do espaço aéreo paquistanês, que era patrulhado por caças F-16. A proteção dos helicópteros envolveria enfrentar a força aérea paquistanesa. Mais uma vez, aquela era uma situação que a Força Aérea dos Estados Unidos daria conta com seus caças superiores e recursos ar-terra, porém, a luta a partir de então se tornaria de fato muito espalhafatosa. O almirante achou que aquele era um cenário que deveria ser evitado a todo custo. Depois de dois anos no

Afeganistão, onde o grosso de suas tropas tinha vindo do Iraque, ele estava altamente sensível com relação à delicadeza do relacionamento com o Paquistão. A relação muito provavelmente não resistiria a um rastro de paquistaneses mortos, caças abatidos e estações terra-ar incendiadas. Então se a tropa de ataque se visse cercada dentro da propriedade, McRaven sugeria que ela deveria declinar da luta. Deveria fortificar a propriedade, esconder-se e esperar que Washington resolvesse tudo com Islamabad. Tratava-se de soldados americanos em uma missão que o Paquistão ostensivamente apoiava, afinal, uma missão de busca pelo terrorista mais procurado do mundo. Alguém na Casa Branca ou no Departamento de Estado então telefonaria para o general Ashfaq Kayani, chefe de estado-maior do Exército paquistanês, ou para o presidente Asif Zardari, e explicaria a situação. Pergunta: *como saímos dessa sem matar um monte de gente? Não queremos pessoas mortas; vocês não querem pessoas mortas.* Foi assim que McRaven imaginou a conversa. O próprio fato de que eles preferiam se retirar em vez de entrar num tiroteio demonstrava não só que a intenção não era prejudicar os paquistaneses, mas que os americanos não representavam uma ameaça ao país.

O presidente tinha uma visão diferente. Não teria aquela conversa com as autoridades paquistanesas. O assessor de antiterrorismo, Nick Rasmussen, mais tarde descreveria a resposta do presidente a McRaven como “visceral”.

“Pensei que a possibilidade de eles ficarem presos, de serem submetidos a políticas dentro do Paquistão ia ser algo muito, muito difícil”, mais tarde o presidente me explicou. “Eu não quis colocá-los em uma posição com aquele grau de vulnerabilidade.”

Se ele tivesse de lidar com um Paquistão ultrajado, o que aconteceria em quase qualquer situação, ele o faria sem uma tropa de bravos americanos no meio.

Poucos dias antes, Obama tinha finalmente levado a cabo a difícil contenda a respeito do empreiteiro da CIA, Davis, que só foi solto depois de os Estados Unidos concordarem em pagar 2,4 milhões de dólares para as famílias dos homens que ele matara. O incidente tinha suscitado um

pequeno furor no Paquistão, onde grande parte da opinião pública e das lideranças já estava cansada das intrusões americanas em sua soberania — pelo menos, publicamente. Extraoficialmente, a alta liderança do país parecia muito mais flexível, mas, ainda assim, havia limites para pressioná-los.

No que dizia respeito a essa missão, Obama não contaria com a boa vontade paquistanesa, porque parecia haver pouco a respeitar. Como muitos países naquela região do mundo, a liderança paquistanesa era menos uma hierarquia coerente do que uma colagem de interesses superpostos. Parte da arte de administrar esse relacionamento era equilibrar os interesses envolvidos. Tratava-se de um relacionamento importante. A maior parte dos suprimentos e combustível para o esforço americano de guerra no Afeganistão passava pela fronteira do Paquistão. Embora os terroristas da Al-Qaeda tivessem se refugiado nos territórios a noroeste do país e contassem com a solidariedade tácita de facções poderosas em suas lideranças, os Estados Unidos dependiam do apoio silencioso do governo para continuar sua campanha com os aviões não tripulados. E o Paquistão era uma potência nuclear, algo que nunca devia ser esquecido. Sua estabilidade era vital para a segurança, não apenas da região, mas do mundo. Com o mau humor já instalado em Islamabad, imagine entregar aos paquistaneses uma pequena tropa de elite de soldados americanos. Imagine tentar negociar a saída deles, presos dentro de uma propriedade com reféns ou cadáveres, um deles possivelmente de Osama bin Laden. Os Seal podiam acabar mortos ou todos presos como reféns. Não era difícil imaginar aquilo.

“Além disso, eu tinha confiança, baseado em minhas conversas subsequentes com McRaven, de que eles conseguiriam sair dali sem envolver os militares paquistaneses”, explicou o presidente. “Havia uma chance bastante grande de eles conseguirem entrar e sair, mesmo que alguma coisa desse errado, mesmo que não fosse Bin Laden. Havia chances de eles conseguirem manter os militares paquistaneses de fora, os quais, previmos, não poderiam reagir antes de um determinado período de tempo, então a probabilidade de um tiroteio entre os Estados Unidos e os militares

paquistaneses era muito pequena. E, nessa situação, eu só iria querer tirá-los dali. Depois teríamos de lidar com as consequências, sabendo que aqueles homens estavam aqui de volta e a salvo.”

Então Obama disse a McRaven que, se seus Seal entrassem, sairiam. Bin Laden era um imperativo que pesava mais do que o relacionamento com o Paquistão. Se os paquistaneses tocassem o alarme e reagissem mais rápido do que eles previram, então, que assim fosse. Haveria o confronto. E disse ao almirante para estar inteiramente preparado para lutar para sair.

Mas o presidente ainda não tinha decidido sobre o ataque. A força aérea apresentou um plano com uso de bombas menores, com círculos de explosão mais precisos. Eles poderiam atingir a propriedade sem causar dano às pessoas que moravam nas casas ao redor dos muros, mas a investida menor significava que eles não garantiriam o domínio de qualquer coisa subterrânea. Ainda haveria muitos corpos, inclusive de mulheres e crianças, e sem qualquer certeza de saber se um dos mortos seria Bin Laden.

Mas havia outra opção por ar, especialmente atraente para Cartwright, um dos generais favoritos de Obama. Foi Cartwright quem apresentou uma solução intermediária no ano anterior, quando Obama ficou dividido entre lançar uma grande campanha contra a insurgência no Afeganistão e pôr um ponto final na missão americana. Cartwright sugeriu mandar uma tropa muito menor do que a proposta pelo Pentágono, uma tropa capaz de efetuar operações antiterroristas, mas não grande o suficiente para o exercício de interferência pensado.

A nova proposta de Cartwright para Abbottabad era mirar apenas no Marchador. Esperar o homem alto, vestido com *shalwar kameez* e com gorro de oração sair para seu exercício diário em torno da horta, e abatê-lo com um pequeno míssil disparado de um avião não tripulado. Seria necessária uma grande precisão, mas a força aérea teria condições de fazê-lo com o equivalente a um franco-atirador não tripulado. Não haveria buraco fumegante no centro de Abbottabad, nem esposas e filhos mortos, o dano colateral seria pequeno, se é que haveria algum. Não haveria Seal

mortos ou feridos, e chance alguma de um impasse desagradável com as forças armadas paquistanesas na propriedade.

Parecia bom demais para ser verdade. Os formuladores desta opção pareciam se sentir muito bem, mas havia um forte cheiro de estágio de teste na história toda. E se funcionasse e derrubassem o Marchador? E aí? Como saberiam se tinham matado Osama bin Laden? E se não fosse ele? E se tivessem derrubado qualquer Sheik infiel de Dubai? Como saberiam? Aquilo significava que as incertezas continuariam e que, de alguma maneira, Bin Laden continuaria vivo, mesmo que *tivesse* sido morto. E seria obrigatoriamente uma jogada de apenas um tiro. Se não acertassem, o Marchador e seu séquito desapareceriam.

Fortes indícios davam a pista de que Obama já tinha tomado uma decisão. McRaven dissera que sua equipe estaria pronta para atacar na primeira semana de maio, quando não haveria lua durante alguns dias sobre Abbottabad e as noites estariam mais escuras — do jeito que o JSOC gostava. Ninguém confirmou, mas aquele período parecia impor uma nítida data-limite. A opção pelo avião não tripulado não tinha urgência. Era uma oportunidade de luz do dia, e o Marchador caminhava todos os dias. Poderiam atirar quando quisessem. E então por que todo mundo achava que o ciclo lunar era tão importante?

Obama disse a McRaven que começasse os ensaios gerais e que ficasse pronto para partir assim que as noites se tornassem mais escuras. Além disso, recomendou a Cartwright que ficasse pronto para o ataque com avião não tripulado. Ele queria manter as duas opções vivas até tomar a decisão.

Contudo, para aqueles que o conheciam, havia poucas dúvidas sobre para que lado Obama se inclinava.

⁴ Unidade de elite do Exército dos Estados Unidos.

7

“Adotando essas precauções”

Abril de 2011

Os acontecimentos se adiantaram ao Sheik durante o que seriam as últimas semanas de sua vida. Houve revoltas populares em todo o Oriente Médio. As mudanças tectônicas do que passou a ser chamado de Primavera Árabe estavam modificando o seu mundo, país a país, mas as revoluções tinham pouca semelhança com suas visões ou com seus métodos. A insignificância da Al-Qaeda nesses eventos era amplamente notada. Isso o inquietava.

O Sheik tinha muito com que se preocupar, naquele mês de abril, e expressou o que pensava em uma de suas longas cartas — datada do dia 26, mas provavelmente começada muito antes —, mais uma vez dirigida a “Mahmoud”, Atiyah Abd al-Rahman. A carta jamais seria enviada. Essa era sua sexta primavera confinado em Abbottabad. O seu califado encolhera dos limites dos altos muros da propriedade para o espaço acanhado e atravancado dos dois últimos andares de sua casa. No andar superior, onde permanecia, sua cabeça coberta pelo gorro de oração ficava a poucos centímetros do teto. Seus dias e noites seguiam rotinas bem-conhecidas e raramente quebradas: refeições, sete sessões diárias de preces, leituras, uma rápida caminhada diária em torno da horta, aulas de poesia aos filhos e netos, sermões e palestras regulares para suas três esposas.

Na maior parte do que lhe restava do dia, ele ficava diante da TV, absorvendo as assustadoras notícias do mundo inteiro através do satélite. Tiranos haviam sido derrubados ou estavam sitiados no Egito, na Tunísia, na Líbia, no Iêmen e na Síria. O descontentamento se espalhara. Era um maremoto de orgulho árabe, fervor islâmico e paixão pela democracia que ninguém antecipara, e que certamente *ele* não previra. Bin Laden sentia-se deixado de lado, submetido a algum tipo de punição, e estava perturbado. O grande despertar pelo qual ele ansiara, e que previra, acontecia sem ele.

“Tanto protesto a Deus pelo meu isolamento e por estar sozinho”, escrevera ele em outra carta, “que me preocupo que as pessoas venham a se cansar de mim e que considerem minhas ideias velhas e gastas! Mas eu só me queixo para Deus”.

Ele se preocupava. Sua visão para o Oriente Médio representava a volta a um modelo de muitos séculos atrás, ao antigo califado, em que todos os verdadeiros crentes estariam unidos em uma única nação sagrada, em um estado estritamente islamita governado pelos princípios do Corão interpretados por Qutb, por ele próprio e por outros estudiosos religiosos que dividiam a mesma opinião. Seus métodos, os ataques suicidas a infiéis, projetados para espalhar o medo e o tumulto, haviam sido ultrapassados por movimentos de massa mais populares, principalmente não violentos, por multidões de manifestantes jubilosos, exaltados, que cantavam e gritavam desafiadoramente, exigindo liberdade e mudança. Ele tinha muito a dizer a esse respeito, tamborilando o teclado do computador com seus dedos longos e finos no minúsculo escritório localizado no terceiro andar, sentado ao lado de uma estante rústica de madeira, ou andando de um lado para outro e ditando suas observações. Recentemente, tingira a barba e envergara mantos mais elegantes para gravar uma nova declaração em vídeo que seria divulgada com o seu pacote de cartas. Em uma delas, para Al-Rahman, ele se apressava para alcançar a Primavera Árabe, para interpretar os acontecimentos à luz de suas próprias crenças imutáveis e para instruir seus seguidores sobre como pensar a respeito das mudanças e sobre a postura com que deveriam enfrentá-las. Ele via as revoluções como uma realização parcial de suas profecias e as apelidara de “meias soluções”, mas

considerava-as potencialmente perigosas para o objetivo supremo, uma vez que grande parte do apoio popular vinha de jovens árabes “maculados” por ideias mais brandas do islã, ou, ainda pior, por visões seculares ocidentais de tolerância, direitos humanos e democracia. Ele ainda falava em “Nação” para se referir à sua ideia de um império muçulmano unificado.

“Para começar, quero falar a respeito desse importantíssimo ponto na nossa história moderna, do início da revolução da Nação contra os tiranos. Peço a Alá que incentive o renascimento da dignidade da religião e de sua glória. O que estamos testemunhando nesses dias de revoluções consecutivas é um evento grande e glorioso que, de acordo com a realidade e a história, provavelmente irá abranger a maior parte do mundo islâmico...”

A influência e o controle dos Estados Unidos estavam sendo banidos.

“E os americanos se preocupam com isso, o que é ótimo; a secretária de estado declarou, em sua visita ao Iêmen: ‘Receamos que a região vá cair nas mãos de islamistas armados...’ A queda dos tiranos restantes na região passou a ser uma certeza, pela vontade de Alá, e foi o início de uma nova era para a Nação inteira. Esses eventos são os mais importantes que a Nação presenciou durante séculos... e sabe-se que movimentos populares abrangentes inevitavelmente mudam condições, de modo que, se redobramos os esforços para orientar e instruir o povo muçulmano e preveni-lo contra meias soluções, ao mesmo tempo que cuidamos de lhe dar bons conselhos, o próximo estágio será para o Islã, se Alá assim o desejar.”

O crescimento da Irmandade Muçulmana no Egito, por exemplo, o perturbava, porque a organização não era, como ele pensara, puramente dedicada ao seu tipo severo e violento de jihad. Baseado em notícias e reportagens que indicavam uma militância crescente dentro do grupo, especialmente por parte dos jovens, ele tinha esperanças de que o grupo se recuperasse. “Então, a volta da Irmandade e de grupos semelhantes ao verdadeiro Islã é uma questão de tempo, com a vontade de Alá. Quanto maior a atenção dedicada a explicar o conhecimento islâmico, mais cedo será sua volta, de modo que preservar os movimentos muçulmanos hoje e ajustar seu direcionamento exige esforço e atenção, sem esquecer a

necessidade de ser gentil com os filhos da Nação que seguiram na direção errada durante longas décadas.”

O papel da Al-Qaeda naquele momento, explicou, seria cumprir “o dever da orientação e do conselho, que está ligado ao destino da Nação”.

O Sheik se queixou de que a recomendação que fizera, anos antes, para que se dispusesse de “um número de estudiosos e sábios” que orientassem a emergência do califado, fora ignorada, e de que isso ajudava a explicar por que a Primavera Árabe continuava a percorrer caminhos inadequados. Agora, nesse “momento crucial”, escreveu ele, “é nossa incumbência, dos *mujahidin*, satisfazer esse dever e fechar essa brecha o máximo que pudermos, cumprindo o que se tornou um dos principais deveres da fé para que a Nação seja libertada, com a vontade de Alá, e para que a religião recupere sua glória. Não há dúvida de que os deveres dos *mujahidin* são numerosos, mas esse grande dever deveria ocupar a maior parte de seus esforços para que não o ludibriemos e exponhamos a atual reorganização da Nação ao que as revoluções contra a ocupação ocidental foram expostas no passado”.

No passado, essas revoluções haviam sido cooptadas por ditadores corruptos, ocidentalizados e secularizados, como Saddam Hussein e Muammar Kadafi, ou, como no Afeganistão, derrubados por intervenção ocidental. Bin Laden argumentou que ele e seus seguidores possuíam a visão correta, a visão inspirada por Deus para liderar as mudanças. Ao contrário das interpretações da Primavera Árabe, que alegava que a Al-Qaeda era irrelevante, o Sheik argumentava que seus esforços haviam preparado o caminho, que a Al-Qaeda “cortara a cabeça da apostasia internacional” — ou seja, dos Estados Unidos — “e incentivara seus irmãos muçulmanos a se levantarem contra os regimes que haviam sustentado durante grande parte do século passado.” No momento, o mais importante era acabar com os conflitos entre as facções islamitas, pelo menos temporariamente, e que cada muçulmano se unisse a essa grande maré crescente.

“Portanto, é preciso expandir a mídia programada e direcionada e dobrar nossos esforços para orientar uma pesquisa na Nação e adotar um

plano específico amplamente discutido por todos nós, já que o próximo estágio é importante e muito perigoso, e não tolera as aparentes divergências em nossas instruções”, escreveu ele. “Inicialmente, eu cuidaria para que um dos passos mais importantes do estágio que está por vir fosse incitar as pessoas que ainda não se revoltaram e encorajá-las a lutar contra os governantes e seus métodos, assinalando que este é um dever religioso e uma necessidade lógica, para que as flechas se concentrassem em derrubar os governantes sem discutir as diferenças nos pontos de debate, e, ao mesmo tempo, dedicar o máximo de esforço para aumentar a consciência e corrigir o entendimento. Deveremos dizer aos irmãos em todas as regiões que se empenhem em disseminar o livro *Misunderstandings About Islam* (Equívocos a respeito do islã), do Sheik Muhammad Qutb. Por favor, informe o Sheik Yahya [Abu Yahya al-Libi, que seria morto em um ataque de projétil não tripulado em pouco mais de um ano] e os outros irmãos que têm aptidões expressivas... e me informe a respeito de suas opiniões, sem esquecer nem uma delas, já que cada voz pode contribuir neste estágio e não deverá ser excluída.”

Bin Laden agora apresentava uma lista de “pontos gerais”, pedindo que uma declaração a respeito da Primavera Árabe, que ele salvara em um pendrive e que iria colocar no envelope, fosse entregue à Al Jazeera para ser transmitida, e solicitando conselhos a respeito de um ensaio que escrevera sobre o mesmo assunto. Quanto aos irmãos da Al-Qaeda, que em diversos países passavam por mudanças dramáticas, ele escreveu: “Seria bom lembrá-los para serem pacientes e determinados, e adverti-los quanto a entrar em confrontos” com outras facções islâmicas. Ele previu, corretamente, que os governos recém-eleitos na maior parte dos estados iriam “pertencer aos partidos e grupos islâmicos, como a Irmandade e outros semelhantes, e o nosso dever, neste estágio, é prestar atenção ao chamado entre os muçulmanos, ganhar partidários e divulgar a compreensão correta, já que as condições atuais trouxeram oportunidades sem precedentes... Quanto mais tempo passar e à medida que a chamada aumentar, maior será o número de nossos seguidores e mais disseminada será a compreensão correta entre as futuras gerações de grupos islâmicos”.

O Sheik tinha muito a dizer nessa carta. Ele passou de comentários e conselhos políticos abrangentes para uma série de instruções detalhadas dirigidas aos ramos mais distantes da sua organização. Ele lera, ou ouvira dizer, que alguns membros da Al-Qaeda no Iêmen estavam fazendo experimentos com o uso de gases tóxicos, o que o preocupava. Aconselhou-os a proceder com grande cautela, aludindo à sua preocupação com táticas que, além dos infiéis, matavam muçulmanos. Expressou preocupação com “a reação política e da mídia contra os *mujahidin* e sua imagem na visão pública”. Questionou por que nada tinha ouvido a respeito dos “irmãos no Iraque” e deu instruções àqueles que angariavam uma afiliação na Somália (e a quem ele se opusera a conceder status oficial) para que libertassem uma refém e alguns dos outros prisioneiros que mantinham, bem como que esperassem para matar os restantes só depois que a revolução na Líbia se resolvesse e que as eleições nacionais na França tivessem sido concluídas. Ele queria que os “irmãos na Somália” dessem maior atenção ao desenvolvimento econômico daquele país devastado e que abrandassem a execução estrita das medidas mais duras prescritas pela lei da *sharia*. Citando o Profeta, ele disse: “Use dúvidas para afastar as punições.”

E a carta continuava, oferecendo orientação para transferir membros específicos da organização de país para país com segurança, para a viagem de seu filho de 22 anos, Hamza, e para outras providências.

E nessa mesma carta o Sheik encontrou tempo para enfatizar alguns conselhos a respeito de ficar escondido. Depois de mais de nove anos sucessivos em fuga, ele se considerava um especialista no assunto.

“Está provado que a tecnologia e os sistemas modernos dos americanos não conseguem prender um *mujahid*, se ele não cometer algum erro de segurança que os leve a eles”, escreveu. “Então, a adoção de precauções de segurança faz com que a tecnologia avançada deles seja uma perda e uma decepção.”

Por mais perturbado que estivesse com os acontecimentos mundiais, ele pessoalmente se sentia seguro, muito confiante em seus métodos de segurança. Mas também sabia que nem todos eram capazes de ter a sua

disciplina. Havia aqueles que conseguiam permanecer escondidos e aqueles que não conseguiam.

“Há uma porcentagem de pessoas que não consegue fazer isso, e com elas é preciso lidar de um modo diferente do que com as outras: pode ser melhor lhes dar uma oportunidade no campo”, escreveu ele. Em outras palavras, essas pessoas eram descartáveis. “Quanto aos que vocês observaram ser disciplinados e capazes, arranjem-lhes casas nos arredores da cidade... e eles estarão com companheiros de confiança que devem ter algum trabalho como disfarce, como se dele vivessem, especialmente aqueles que moram próximos e têm vizinhos observadores.”

Ele estava descrevendo sua própria situação, sua propriedade quase fora de Abbottabad e seus seguidores de confiança, os irmãos Ahmed que, sob os nomes falsos de Arshad e Tareq Khan, diziam trabalhar em transportes. Para fugir dos americanos o melhor era viver exatamente como ele vivia. Havia, no entanto, um problema constante: as crianças.

“Uma das mais importantes questões de segurança nas cidades é controlar as crianças, não permitindo que elas saiam de casa, a não ser em casos de extrema necessidade como cuidados médicos, e ensinando-lhes o idioma local; e que elas não saiam no quintal de casa sem um adulto que controle o volume de suas vozes, e nós, com a graça de Alá, temos adotado essas precauções há nove anos...”

Nove anos desde o Onze de Setembro.

Ele tinha mais cinco dias de vida.

Enquanto o Sheik escrevia essa carta, a sua última, gabando-se de suas proezas de segurança, de tomar precauções — apesar dos problemas causados por filhos e netos —, ele estava na mira dos Estados Unidos. Nos termos usados pelas forças militares americanas ele tinha sido “encontrado (*found*) e fixado (*fixed*)”.

Para o *finish*, o presidente Obama determinara as duas opções restantes, desenvolvidas mais detalhadamente, e queria que ambas estivessem prontas para a primeira semana de maio. A opção de solo era sensível a datas. Além de não haver lua nos primeiros dias de maio, estavam no meio da

primavera, e isso significava que a temperatura a 1.200 metros de altitude ainda estaria baixa o suficiente para evitar que os helicópteros ficassem superaquecidos. Os Black Hawks teriam que manobrar e pairar sobre o alvo, depois de ter voado baixo e em velocidade durante uma hora e meia, no trajeto desde Jalalabad. Chegariam aquecidos e pesados.

Quatro helicópteros fariam a viagem ao Paquistão: os dois Black Hawks para levar o grupo de ataque com 24 homens diretamente a Abbottabad e dois Chinooks MH-47E muito maiores, para carregar bexigas de combustível e uma Força de Reação Rápida com 24 homens que seriam desembarcados em um local remoto, fora da cidade. Um quinto helicóptero carregaria uma tropa de reserva maior, o Plano C, para o caso de as tropas avançadas precisarem de mais ajuda — essa tropa se tornara ainda maior, depois de o presidente mandar que McRaven estivesse preparado para lutar pela retirada. Ela permaneceria dentro da fronteira afegã, pronta a ser lançada, se necessário. Todos os helicópteros eram equipados com tecnologia de invisibilidade a radares e amortecedores de som. As cargas haviam sido muito bem-calibradas para obter desempenho máximo na altitude de Abbottabad e na temperatura atmosférica prevista. Esperar um mês seria adiar a missão para o início do verão, com temperaturas mais altas, o que significaria um estresse maior para as aeronaves, e provavelmente iria exigir mudanças — um número maior de helicópteros ou menos homens. McRaven já havia colocado suas tropas em posição em Jalalabad, e estariam prontas para agir ao comando de Obama.

A outra alternativa era chamada de “opção por ar” e havia sido reduzida, como defendido por Cartwright, a uma tentativa única — um único ataque feito por um projétil não tripulado. Isso poderia ocorrer a qualquer momento em que o Marchador aparecesse e a ordem fosse dada.

Seria difícil sobrevalorizar a importância dessa missão, não apenas para os Estados Unidos — pegar Osama bin Laden era como fechar uma ferida aberta —, mas para a presidência de Obama. Ele anunciaria formalmente a sua candidatura para um segundo mandato no início de abril, e ela não era, de modo algum, uma certeza. Uma economia obstinadamente lenta erodia de modo progressivo a sua popularidade. Suas relações com o Congresso,

que nunca tinham sido boas, haviam chegado a um impasse, desde que as eleições de novembro acabaram com a maioria democrática na Câmara e diminuíram substancialmente a sua participação no Senado. Ele tinha sido rotulado de liberal antiquado, de gastador, até mesmo de socialista, numa época em que os Estados Unidos acumulavam dívidas enormes e em que os republicanos assinavam juramentos de oposição a qualquer aumento de impostos e prometiam finalmente acabar com a era de “governo grande”. Obama, o construtor de pontes — como ele dissera esperar ser ao tomar posse —, se transformara num personagem profundamente polarizador.

Grande parte da avaliação negativa ainda se baseava na ideia de que ele era, de algum modo, *inautêntico*. Não era um americano de verdade. Para alguns, a suspeita era bastante literal. Argumentavam que sua certidão de nascimento havaiana tinha sido falsificada. Ou que ele não era cristão, como professara e como atestavam seus vinte anos de idas frequentes à igreja. Não, ele secretamente seria muçulmano. A maior parte das pessoas não acreditava nessas histórias; havia provas avassaladoras de que eram falsas. Mas essas crenças coloriam ou confundiam até mesmo a percepção dos eleitores mais sensíveis, que suspeitavam de tons mais sutis de inautenticidade — que desconfiavam que Obama, com o seu background esquerdista, elitista de Harvard, internacionalista, inter-racial, não estava inteiramente comprometido com os firmes princípios básicos nacionais. Ele acreditava menos na liberdade pessoal que no poder do governo. Não acreditava verdadeiramente na experiência americana, na Constituição e agia mais de acordo com os moldes dos social-democratas europeus, que preferiam uma sociedade e uma economia administradas pelo governo, por pessoas inteligentes como ele. O famoso estilo pessoal “cool” do presidente também o prejudicava. Suas tentativas de deter o colapso financeiro de 2008 haviam provocado uma inundação de gastos federais, e, embora aquela abordagem tivesse simplesmente dado continuidade às políticas de seu predecessor republicano e fossem tidas pelos mais experientes como eficazes, pelo menos em parte, a recuperação econômica era lenta, as pessoas estavam desanimadas, as dívidas do orçamento se revelavam assustadoramente altas e o presidente se mostrava inclinado a torná-las

ainda maiores. O seu maior triunfo legislativo, o sistema nacional de saúde, parecia mais tê-lo prejudicado que ajudado politicamente. Firmara a percepção de Obama como um socialista enrustido, ou pelo menos como um liberal tradicional de grande governo, grandes gastos, grandes impostos. O sistema nacional de saúde acrescentou um novo programa social à lista daqueles que já estavam levando o país à bancarrota, alegavam seus críticos. O sistema foi denunciado como inconstitucional, prova da agenda secreta, não americana, de Obama. Seus opositores políticos mais estridentes tinham levantado tanta dúvida a respeito de sua ancestralidade e criação pouco comuns que o presidente achou necessário divulgar o arquivo completo de 1961 da Maternidade e Hospital Ginecológico Kapi'olani, em Honolulu, para provar que ele possuía a qualificação mais básica para a Casa Branca: cidadania por nascimento. Isso convenceu quase todos os críticos de que ele era verdadeiramente americano, mas não convenceu a muitos de que ele não estivesse envolvido num plano para transformar os Estados Unidos num estado ao estilo europeu.

Talvez o maior contra-ataque a essas suspeitas de inautenticidade fosse o seu desempenho como comandante em chefe. Obama, efetiva e agressivamente, defendeu os Estados Unidos. Durante a campanha, habilmente associara a sua ascensão à de outro jovem democrata carismático e determinado de meio século atrás. Ele cultivara o apoio da família de John F. Kennedy, recebera o endosso do senador Ted Kennedy poucos meses antes de sua morte e também conseguira orquestrar uma maneira de ganhar um poderoso endosso da parte de Caroline Kennedy, que o comparou a seu pai. Mas, naquele momento, Obama corria o risco de se parecer demais com JFK, um orador fascinante e um jovem líder elegante com uma compreensão imatura de liderança nacional. Afinal, depois do assassinato de Kennedy, Lyndon Johnson assumira o cargo de presidente para sustentar o legado de Camelot; e fora seu controle realista do poder, do Congresso, que lhe permitira promulgar a legislação inconfundível que o próprio Kennedy fora incapaz de atingir. Matar Bin Laden seria uma realização que até os piores críticos de Obama iriam reconhecer. Aquela era a esfera em que um presidente podia decidir e agir sem interferência

política de fora, especialmente pela natureza secreta do empreendimento. Dentro dessa esfera, as diferenças de opinião ficavam estritamente submetidas ao seu julgamento e à sua decisão. A crítica mais significativa do seu desempenho como comandante em chefe viera de seus antigos aliados. Depois de prometer fechar o centro de detenção militar na baía de Guantánamo, um símbolo dos supostos abusos de poder do governo Bush, Obama não conseguira sobrepujar a oposição do Congresso à transferência dos detidos para os Estados Unidos. Nas grandes questões, ele mantivera suas promessas de campanha. Diminuíra e logo iria terminar com o envolvimento dos Estados Unidos no Iraque, e, para isso, contava com amplo apoio público. Embora inicialmente houvesse aumentado as tropas americanas no Afeganistão para 30 mil soldados, concluía que os esforços para instituir um governo central que funcionasse tinham muito pouca probabilidade de sucesso e discretamente revertera a direção. Estava determinado a acabar com o comprometimento militar em grande escala dos Estados Unidos também ali. Tinha sido criticado por não se pronunciar decisivamente a respeito da revolução líbia e, posteriormente, por não fazer o mesmo de modo mais direto, mas a intervenção liderada pela Otan em prol dos rebeldes — que os críticos de Obama chamaram de “liderar por trás” — já estava começando a parecer uma estratégia inteligente. Em um país já cansado de duas longas guerras, a oposição à abordagem minimalista, pragmática, de Obama quanto ao uso do poder militar americano era pequena ou nenhuma. Até mesmo os candidatos republicanos que já estavam batalhando pela chance de derrubá-lo em 2012, que não perdiam qualquer oportunidade de culpá-lo, raramente mencionavam preocupações com a segurança nacional.

Pegar Bin Laden seria o coroamento. Seria um marco, emocional e estrategicamente.

“Achei que seria uma catarse para o povo americano saber que continuávamos com alguma coisa”, contou-me o presidente. “Não a deixamos escapar. Achei que isso era importante. Na época em que tomei posse, estávamos fazendo um progresso significativo contra alvos de alto valor na Al-Qaeda, abaixo de Bin Laden — pegávamos sistematicamente os

tenentes, os capitães, os generais de campo — e, desse modo, havia uma sensação de que a organização estava se esvaziando e de que, se pudéssemos pegar os camaradas do topo, ficaríamos em posição de derrotá-la estrategicamente. Enquanto Bin Laden estivesse por lá, no entanto, ainda que estivéssemos fazendo um enorme progresso nos níveis mais baixos, eu achava que os recursos de reconstituição da organização ainda seriam bastante significativos.”

Haveria também, inevitavelmente, benefícios políticos. Nenhum dos envolvidos com a maneira com que Obama lidava com o esforço contra Bin Laden viu o menor indício de que a política estivesse moldando seu pensamento, mas não havia dúvida de que o sucesso ajudaria, e que um fracasso público doeria. Era a coisa que o presidente Bush, apesar de toda sua bravata, não conseguira fazer. Obama era um político hábil. Não havia uma jogada que ele fizesse que não incluísse uma medida de cálculo, ainda que fosse apenas na compreensão do tamanho da aposta. Ninguém entendia melhor de apostas. Matar ou capturar o autor do Onze de Setembro calaria em cada americano, de qualquer tendência política. Transcenderia a política em uma época em que pouca coisa conseguia. Havia talvez poucas coisas que realizasse como presidente que se comparariam. Pegar Bin Laden não iria destruir completamente a Al-Qaeda, ou acabar com as ameaças de ataques terroristas, mas seria um enorme passo nessa direção. Bateria a porta no nariz de um doloroso trauma nacional. Seria... perfeito. Ele argumentara desde o começo que era a reação militar correta. Era o que prometera fazer se tivesse a oportunidade. Então, embora Obama ainda não tivesse oficialmente tomado sua decisão a respeito da propriedade em Abbottabad e não tivesse revelado suas intenções a ninguém, os que lhe estavam próximos acreditavam que ele iria adiante. Estava inclinado a essa direção, e, devido a sua confiança em McRaven, tendia também a adotar a opção de solo.

Atacar a propriedade era a opção mais arriscada. Impunha uma série de questões difíceis, ausentes numa alternativa pelo ar. Uma das mais interessantes era o que fazer se Bin Laden não fosse morto, mas *capturado*. O sucesso da guerra de aviões não tripulados de Obama significara que

muito poucos alvos de alto valor ficavam sob a custódia americana. Tinha provocado a especulação de que esse presidente estava menos interessado em capturar representantes da Al-Qaeda do que em matá-los, ou mesmo que o JSOC recebera ordens para evitar fazer prisioneiros.

“Nossa atitude básica era que, dada a sua devoção à sua causa, a probabilidade de rendição seria muito baixa”, explicou o presidente. “Sabíamos também que sempre haveria a possibilidade de ele se amarrar com explosivos e tentar levar uma equipe com ele. Então, acho que o posicionamento geral das pessoas era que, se ele fosse se render, seria melhor estar nu, deitado no chão. Se isso tivesse acontecido, então o teríamos capturado e feito prisioneiro. Não vou entrar em todos os detalhes de quais teriam sido os vários passos, mas, no fim, nós o teríamos trazido para ser julgado. Nós o teríamos trazido para cá.”

Isso, também, teve de ser pensado com detalhes. Será que eles *queriam* um Bin Laden capturado? Se o prendessem, o que fariam com ele?

O que fazer com terroristas de alto perfil havia sido motivo de uma apaixonada questão política durante anos. O Congresso não fizera nada para resolver o problema. Bush tinha prendido a maior parte deles — como Khalid Sheik Mohammed e Abu Zubaydah — em Guantánamo e mencionara tribunais militares em algum momento. Mas alguns, como o homem-bomba dos sapatos, Richard Reid, e o aspirante a homem-bomba da Times Square, Faisal Shahzad — sendo que este último traiu seu juramento de cidadania, uma ideia que perturbou o Sheik —, tinham sido presos e julgados em tribunais federais e condenados à prisão perpétua. A anunciada intenção do procurador-geral Eric Holder, de levar Khalid Sheik Mohammed a julgamento em um tribunal federal na parte sul de Manhattan, tinha gerado tamanho protesto político que o governo fora obrigado a voltar atrás naquele mesmo mês e a anunciar que, em vez disso, ele iria enfrentar um tribunal militar em Guantánamo.

Na pouco provável eventualidade de Bin Laden se render, Obama via uma oportunidade de ressuscitar a ideia de um julgamento criminal.

“Examinamos os tipos de questões jurídicas e políticas que estariam envolvidas; e o Congresso e o desejo de mandá-lo para Guantánamo, e não

julgá-lo, e o Artigo Três”, me contou o presidente. “Quero dizer, examinamos uma variedade desses cenários. Mas, francamente, acredito que se o tivéssemos capturado eu estaria numa posição bastante forte, politicamente, para argumentar que a exposição do devido processo e da lei de direito seriam a nossa melhor arma contra a Al-Qaeda, no sentido de evitar que ele aparecesse como mártir.”

Bin Laden preso poderia dar a ele o capital político que lhe faltara com Khalid Sheik Mohammed. Poderia ser exatamente o que se precisava para acabar com toda a confusão a respeito do que fazer com terroristas de alto nível presos e para solucionar a questão da maneira certa. Obama acreditava que colocar esse terrorista na frente de um juiz e de um júri em um tribunal criminal, concedendo a ele todos os réus de acusados criminais, demonstraria o comprometimento americano com a justiça até para o pior dos criminosos. Apresentaria Bin Laden para o mundo, não como um heroico santo guerreiro, mas como o fanático mal-informado e o assassino de massa que ele era. O presidente precisava fazer mais do que apenas imaginar esses cenários. Era mais um resultado que necessitava ser examinado e planejado detalhadamente.

Obama acrescentou: “Acho que é importante enfatizar, tendo traçado esses planos, que nossa expectativa era de que se, de fato, estivesse lá, cairia lutando.”

Os homens de McRaven fizeram o primeiro ensaio no dia 7 de abril. Trabalharam em um campo isolado, no interior do vasto terreno arborizado de Fort Bragg, onde uma cópia fiel da casa de três andares de Abbottabad fora construída. O presidente Mullen e Michael Vickers estavam entre os que vieram do Pentágono e da CIA para assistir.

Para a primeira sessão prática, os Seal ensaiaram a parte crítica da missão: atingir a propriedade e a casa-alvo à noite. Aproximaram-se a bordo de dois Black Hawks invisíveis aos radares. Uma unidade desceu por cordas até o telhado da construção e a atacou de cima para baixo. Outra desceu dentro da propriedade e a atacou do térreo para cima. Essa parte da operação foi completada em apenas noventa segundos. Os helicópteros de

resgate saíram de cena enquanto os homens faziam seu trabalho e depois voltaram para apanhá-los. A rapidez e a coordenação foram impressionantes. Fizeram isso duas vezes.

Em parte, McRaven estava fazendo essa demonstração com seus homens para impressionar. Eles haviam executado aquele tipo de missão tantas vezes que quase podiam fazê-la de olhos vendados. McRaven tinha escolhido um a um os atiradores da Equipe Seis do Seal. Era um *dream team*, o time dos sonhos: homens que, nos milhares de ataques que ele supervisionara, tinham mostrado não se confundir, tinham demonstrado proceder com calma e inteligência, não apenas quando as coisas estavam indo conforme os planos, mas quando as coisas davam errado. Essas situações exigiam uma avaliação rápida da importância do erro ou do mau funcionamento, ou fosse lá de que evento inesperado tivesse ocorrido, e depois os ajustes imprescindíveis para completar a missão. Os talentos fundamentais necessários eram a capacidade de adaptação, de pensar sozinho e de tomar as decisões acertadas. Aqueles eram homens que tinham demonstrado isso inúmeras vezes em combate. Eles, na verdade, não tinham necessidade de ensaiar, mas os ensaios se destinavam a outros usos. McRaven queria que os superiores reunidos vissem como eles eram bons, rápidos, certos. Queria que testemunhassem pessoalmente a rapidez e a coordenação do grupo, que escutassem o barulho das hélices, das granadas de luz e das armas sendo disparadas, e que conseguissem imaginar como seria presenciar o final de tudo. Queria que conhecessem os homens, que tocassem seus equipamentos e suas armas, que conversassem com eles e tivessem uma ideia de como eram profissionais, experientes e confiantes, e que, depois, levassem essa percepção de volta à Casa Branca: “*Senhor presidente, eles acabaram de fazer um ensaio de arrepiar!*”

Não fazia muito tempo que a Equipe Seis do Seal voltara para casa. Os homens dessas equipes de operações especiais de elite iam para a guerra em turnos. Durante a maior parte dos últimos dez anos, haviam sido regularmente posicionados no Iraque ou no Afeganistão por três ou quatro meses, onde mantinham um ritmo muito acelerado, saindo todas as noites em missão, em algumas duas ou três vezes por noite. Cada unidade era

acompanhada pelo seu próprio apoio de combate, por pessoal administrativo e por equipes de logística que viajavam junto, e todos eram escolhidos a dedo. Quando mobilizados, moravam, na maior parte do tempo, separados das tropas convencionais, ou em suas próprias bases de operações avançadas, ou em uma parte isolada de uma base maior. O trabalho era extremamente rigoroso. Os homens passavam o dia descansando, limpando as armas, fazendo exercícios e se preparando para voltar à ação. Tinham sua própria TV e acesso à internet, mas eram submetidos a regras muito mais restritivas do que a maior parte dos soldados. O ritmo e a disciplina eram severos. Aliviavam a pressão durante alguns meses em casa, depois voltavam. Ao serem mobilizados, tudo passava a significar trabalho.

Era um modo de vida exigente, mas extremamente gratificante. Os homens que conseguiam chegar a essas unidades tendiam a ficar. Muitos achavam difícil se adaptar a fazer qualquer outra coisa. As habilidades exigidas não eram facilmente aplicáveis a outros tipos de trabalho. E quando já se participou de operações de vida ou de morte durante anos — missões repletas de adrenalina, em que se arrisca a vida, se atira para matar, e em que alguns de seus melhores amigos perderam a vida — e quando se acredita que seu trabalho é vital para a segurança do próprio país, é difícil encontrar qualquer outra coisa que se lhe compare. Quando você trabalha todos os dias com pessoas que são as melhores no que fazem, e quando se compraz com a admiração silenciosa de todo mundo que encontra, mesmo que tenham apenas uma vaga ideia do que você faz, bem, não há nada igual.

Os agentes especiais eram, em média, mais velhos uma década ou mais que a maior parte dos soldados. A maioria estava com 30 e poucos anos e adquirira experiência em diversas missões em unidades regulares ou em equipes de tropas especiais “baunilha”, em contraposição às “black ops.”, as operações sigilosas. Alguns já tinham cerca de 40 anos, o que distorcia a idade média para 32. Alguns dos homens dessas unidades brincavam, dizendo que a sua maior preocupação era não tanto receber um tiro do inimigo, mas ser deixado de fora. Destacavam-se em muita coisa, mas em especial fazendo exatamente o que seria necessário em Abbottabad: atingir

um alvo rápida e implacavelmente, tomar as decisões corretas, em milésimos de segundo, quanto a atirar ou não atirar e a distinguir entre amigo ou inimigo, combatente e não combatente. Em geral o trabalho deles era feito no escuro, usando dispositivos de visão noturna, mas nos últimos anos haviam participado de ataques diurnos, em parte para variar o padrão, e em parte apenas porque, em consequência de informações recentes sobre as rotinas do inimigo, surgira a demanda por ações diurnas rápidas.

O fato de terem sido chamados para ensaiar um ataque logo após voltarem para casa era o suficiente para que concluíssem que aquela missão era especial. Quando lhes contaram que iriam atrás de Bin Laden, os homens vibraram.

Voltaram a se reunir para uma segunda semana de ensaios em Nevada, onde o calor e a altitude, cerca de 1.200 metros, eram semelhantes aos de Abbottabad. Mais uma vez, Mullen e Vickers, e outros, vieram assistir ao treinamento. Dessa vez os ensaios haviam sido projetados para reproduzir as condições que iriam encontrar. Na missão real os helicópteros teriam de voar durante noventa minutos antes de sobrevoar Abbottabad. Estariam voando muito baixo e muito rápido para evitar os radares paquistaneses. Os planejadores da missão precisavam testar exatamente o que os helicópteros poderiam fazer na altitude e nas temperaturas esperadas. Que quantidade de carga os helicópteros podiam levar e, ainda assim, apresentar um bom desempenho? Originalmente, acharam que daria para que eles fossem e voltassem sem reabastecer, mas as margens de segurança seriam muito apertadas. Os helicópteros voltariam fumegando. Então, a área para reabastecimento se fazia necessária. Em Nevada, passaram o cenário inteiro. A imitação da propriedade era muito mais precária. Já haviam simulado o ataque muitas outras vezes, em Fort Bragg. Dessa vez os prédios não passavam de containers Conex e, em vez de muros de pedra em torno da propriedade, havia uma cerca de arame. O objetivo do ensaio não era reproduzir o ataque à propriedade. O objetivo aqui era simular o estresse dos helicópteros. Tudo deu certo. Os Black Hawks executaram bem a tarefa.

Mais uma vez, McRaven quis que Mullen e Vickers ficassem impressionados, porque queria que a confiança que depositava em seus homens e na missão fosse transmitida na íntegra ao presidente. O melhor jeito de fazê-lo não seria apenas dizer a ele. Sabia que a confiança seria a base de tudo, caso os Seal fossem desempenhar a tarefa.

Em face da alternativa, o ataque por avião não tripulado era tentador e muito menos arriscado. A opção aérea oferecia um tipo de bala mágica, sob a forma de um pequeno projétil não tripulado, que podia ser disparado de qualquer avião não tripulado minúsculo. Ninguém envolvido no planejamento da missão queria discutir suas particularidades, mas a arma se parecia muito com um recém-projetado míssil guiado por GPS, da Raytheon, com o comprimento e a largura semelhantes ao do antebraço de um homem forte. O general Cartwright era o seu principal defensor na Casa Branca. Projetado para ajudar a reduzir o dano colateral que sempre era uma consequência inevitável de ataques aéreos, o míssil podia atingir um indivíduo ou um único veículo sem danificar nada em torno. Chamado simplesmente de STM (small tactical munition — pequena munição tática), pesava aproximadamente 6 quilos, carregava uma ogiva de 3 quilos e era disparado de sob a asa de um avião não tripulado do tamanho aproximado de um avião de aeromodelismo — suficientemente pequeno para escapar à percepção das defesas aéreas de qualquer país. Era um míssil “dispara e esquece”, o que significava que, uma vez liberado, não se podia guiar. Ele encontraria e explodiria o que houvesse nas coordenadas precisas que lhe tivessem sido fornecidas. Como o Marchador tendia a caminhar no mesmo lugar todos os dias, Cartwright acreditava que o míssil o mataria, e, provavelmente, só a ele. Não colocaria nenhuma tropa americana em risco. Se o míssil falhasse, ou se o Marchador não fosse, afinal, Bin Laden, bem, teria sido apenas uma explosão sem explicação em Abbottabad. Ninguém precisaria ficar sabendo. E, se o míssil matasse Bin Laden, qualquer irritação paquistanesa com relação ao ataque de avião não tripulado americano sem autorização provavelmente seria deixada de lado pelo constrangimento de revelar que o terrorista mais procurado do mundo estava vivendo em segurança, não apenas no Paquistão, mas a uma curta

distância de Islamabad e a menos de 1.500 metros da academia militar nacional.

A arma ainda não fora usada em combate, embora as tecnologias envolvidas — aviões não tripulados e mísseis — não fossem novidade. A única diferença era o tamanho. Mesmo assim... será que se queria que uma oportunidade tão crítica dependesse de um tiro com um míssil que nunca tinha sido disparado com a real intenção de destruir? A opção do avião não tripulado, além disso, privava o ataque da certeza. Para seus seguidores e aqueles que pensavam como ele, Bin Laden ainda tinha uma tremenda influência, apesar de não ser visto havia anos. Se não houvesse provas de que ele estava morto, a organização poderia, teoricamente, continuar a publicar declarações e pronunciamentos dirigidos aos fiéis, aumentando as contribuições, incentivando e planejando futuros ataques, como se ele ainda estivesse vivo. E Obama se tornaria o terceiro presidente dos Estados Unidos a tê-lo deixado escapar. Os argumentos a favor do avião não tripulado sempre voltavam a esses dois fatores. E se o míssil errasse? E, se matasse Bin Laden, como teríamos certeza?

Estava claro que a única maneira de se ter certeza seria enviar uma equipe de agentes para fazê-lo sair, vivo ou morto.

Mas havia tanta coisa que podia dar errado. A história recente estava repleta de exemplos de como as coisas podiam dar errado. O fracasso da Desert One era uma advertência óbvia. Dada a longa inserção, o ponto de encontro para reabastecimento no deserto e o alvo, dentro de uma área urbana rodeada de inimigos em potencial, a situação era tão semelhante que chegava a assustar. O desastre no Irã havia abalado os militares até o âmago, constrangido o país e acabado com um mandato presidencial. E o longo tiroteio que se seguira, os dois helicópteros abatidos em Mogadíscio, em 3 de outubro de 1993, haviam abalado tanto o governo Clinton que, depois disso, ele se absteria de usar forças militares durante anos, com algumas consequências desastrosas como o massacre de centenas de milhares em Ruanda, em 1994. No Irã, a missão tinha sido um fracasso público abjeto; em Mogadíscio, a missão, na verdade, tinha sido um sucesso, mas havia detonado um sangrento tiroteio de 18 horas, que

efetivamente pôs fim à missão americana na Somália. Uma ou outra dessas missões, ou ambas, foram citadas em quase todas as reuniões para se discutirem as opções.

Só havia um cenário de “opção no solo”, que não causaria problemas. Se Bin Laden não estivesse lá, os Seal poderiam sair sem machucar ninguém, nem disparar nenhum alarme. Ninguém precisaria ficar sabendo. Todos os demais resultados tinham uma grande desvantagem. Mesmo o sucesso perfeito — matar ou capturar Bin Laden sem envolver as tropas paquistanesas — teria um preço: certamente despertaria ultraje e envenenaria as relações entre os dois países durante um futuro previsível. A lista de resultados piores era assustadora: Seal mortos, paquistaneses mortos, constrangimento, triunfo publicitário para Bin Laden e a Al-Qaeda, um golpe na reputação dos militares dos Estados Unidos e da CIA.

Então, confiança era fundamental. Se o presidente resolvesse ir com McRaven, seria porque a confiança do almirante era contagiosa.

A reunião final foi na Sala da Situação, na tarde de quinta-feira, 28 de abril. Relatos populares dessa sessão decisiva retrataram Obama enfrentando um muro de oposição e de dúvidas entre seus maiores assessores. Na verdade, o apoio ao lançamento do ataque foi avassalador.

Ocupando as cadeiras de couro preto em torno da mesa estavam Obama, o vice-presidente Joe Biden, o secretário de defesa Robert Gates, a secretária de estado Hillary Clinton, o chefe de estado-maior Michael Mullen, o vice-chefe James “Hoss” Cartwright, John Brennan, Thomas Donilon, o diretor de Inteligência Nacional James Clapper, o diretor da CIA Leon Panetta e o vice de Panetta, Michael Morell. McRaven não participou. Ele e a equipe do Seal haviam ido para a base do JSOC, em Jalalabad, a fim de estarem prontos para a ação em dois dias. Durante essa série de reuniões, a regra era quem não estivesse na cidade não estava envolvido. O ato de acessar um link via satélite para fazer uma videoconferência abriria a discussão para um número excessivo de pessoas. Técnicos poderiam ouvir e estariam envolvidos nas duas extremidades, o que comprometeria o sigilo. A maior parte da equipe de segurança nacional do presidente — inclusive

Ben Rhodes, que fora informado poucas semanas antes — começou a pensar em como anunciar a missão para o mundo. Os membros principais das equipes dos diretores cercavam a sala, sentados nas cadeiras pretas menores.

Todos achavam que o segredo tinha durado o máximo possível. À medida que o plano progredira ao longo dos quatro meses anteriores, o círculo de pessoas cientes do plano se ampliara e, naquele momento, incluía centenas de pessoas. Nenhum segredo sobreviveria a tais números durante muito tempo. Era inevitável que pelo menos uma dessas centenas fosse estragar tudo e deixar escapar alguma coisa. Com certeza alguém iria confiar em alguém mais indigno de confiança, ou poderia ser levado, por seus próprios motivos, a vaziar a informação. Se perdessem a lua nova do próximo fim de semana, teriam de esperar mais um mês por outra. Então, para a opção de invasão, era a hora de decidir.

A semana tinha sido agitada para o Pentágono e para a CIA. No dia anterior, Obama anunciara que, dependendo de revisão pelo Congresso, o general David Petraeus, que comandava forças aliadas no Afeganistão desde julho, sairia do Exército, depois de 37 anos, para chefiar a CIA, e que Panetta, que liderara o esforço para encontrar Bin Laden, iria se tornar o novo secretário de defesa, substituindo Bob Gates, que meses antes anunciara estar deixando o cargo. Petraeus só soubera do segredo de Bin Laden recentemente, porque a força de resgate fortificada que Obama exigira precisaria das tropas de ar e terra sob seu comando. Semanas antes — na verdade, um dia antes de a equipe de McRaven fazer seu primeiro ensaio em Fort Bragg —, o presidente havia concedido ao almirante a sua quarta estrela e o promovera a chefe do Comando de Operações Especiais.

O presidente estava fazendo malabarismos com a sua série de responsabilidades normais. Os militares dos Estados Unidos ainda prestavam ajuda ao Japão com maciças operações de assistência humanitária, impunham uma zona de espaço aéreo proibida na Líbia, em cooperação com aliados europeus, e monitoravam diversos estágios de revolução ou de protestos no Egito, no Iêmen, na Síria, em Barein e na Jordânia. Naquela semana, o presidente tinha, sem sucesso, agido em favor

de um contrato de 11 bilhões de dólares com a Índia, para a concessão de caças de empresas americanas. Uma série de tornados no Meio-Oeste havia devastado os estados de Kentucky, Alabama, Louisiana e Tennessee, que necessitavam de auxílio federal para reparar suas perdas. No dia anterior à reunião, o presidente dera uma entrevista coletiva à imprensa para lidar com o que ele chamava de a “bobagem” a respeito do seu local de origem, publicando aquele “enorme formulário” que era a sua certidão de nascimento.

Na semana anterior, Brennan pedira ao diretor do Centro de Antiterrorismo, Mike Leiter, que reunisse uma equipe para desempenhar um último *red teaming*⁵ nas informações em Abbottabad. Então, a reunião final começou com as descobertas de Leiter, que se mostravam desanimadoras. Leiter disse ao presidente que o seu grupo só obtivera 40% de certeza de que Bin Laden realmente estivesse na propriedade. Um dos participantes do *red team*, analista experiente, havia calculado as chances em apenas 10% — um número bem abaixo de qualquer outro que eles já tivessem estimado e que chegava tão tarde no jogo, que provocou risos nervosos na sala cheia. “Acho que vocês estão dizendo aquilo que querem ouvir”, foi a opinião do analista. Mesmo assim, 40%, a estimativa da equipe, era “38% melhor do que o que obtivemos durante dez anos”, disse Leiter. Isso dificilmente iria aumentar a confiança. Obama perguntou se o cálculo era baseado em alguma coisa nova ou diferente. Não. Sua equipe tinha examinado exatamente as mesmas informações que todos os demais. O presidente pediu a Leiter que explicasse a discrepância. Por que o grau de confiança deles era tão menor do que, digamos, o de “John”, o líder da equipe Bin Laden da CIA, cujo grau de confiança havia se mantido em 95% o tempo todo? Leiter não conseguiu explicar de modo a satisfazer o presidente, e então essa nova avaliação foi efetivamente descartada. No que dizia respeito a Obama, o nível de certeza era o mesmo que havia sido o tempo todo: cinquenta-cinquenta. Então, afora jogar água fria nos ânimos, essa equipe especializada não teve grande influência nas deliberações finais.

Um a um, pediu-se aos diretores na sala que escolhessem uma das três opções: a invasão, o ataque por mísseis ou não fazer nada e que, depois,

defendessem sua escolha. O presidente declarou que não tomaria a sua decisão final durante a reunião, mas que queria ouvir o julgamento final de cada um. Quase todos os presentes escolheram a invasão.

Os únicos grandes dissidentes foram Biden e Gates, e, na manhã seguinte, Gates tinha mudado de ideia.

Biden foi caracteristicamente inflexível. “Senhor presidente, minha sugestão é não ir”, disse ele. “Temos de investigar mais para saber se ele está lá.”

O vice-presidente nunca fora tímido a respeito de cálculos políticos. Acreditava que se o presidente resolvesse escolher a opção pelo ar ou pela terra, e que se o esforço fracassasse de alguma das maneiras possíveis, Obama perderia a chance de um segundo mandato. Biden tinha uma posição firme a esse respeito e nunca hesitara em discordar em reuniões desse tipo — algo que o presidente o encorajava a fazer. Nesse caso, ele chegou a discordar até de seu principal assessor para esses assuntos, Tony Blinken, cuja opinião não foi pedida naquela ocasião, mas que anteriormente deixara claro para o presidente que era fortemente a favor da invasão.

Gates falou com autoridade discreta contra a invasão. Era a favor do disparo pelo avião não tripulado. Reconhecia que era uma tarefa difícil e que o ataque por ar os deixaria sem saber se tinham matado Bin Laden, mas trabalhara com a CIA, como analista, em 1980, quando a operação Desert One falhara. Na verdade, estivera nessa mesma Sala de Situação quando o helicóptero colidira com o C-130 na área de concentração no deserto e transformara a operação inteira numa gigantesca bola de fogo. Era uma experiência que ele não queria reviver. Empalidecera visivelmente na primeira vez que ouvira dizer que McRaven planejava fazer uma parada para reabastecer o helicóptero em uma região remota, fora de Abbottabad, parecida com aquela feita em Teerã, em 1980. Os contornos dessa missão se pareciam tanto com os do fracasso anterior que o deixavam abalado. Tinha uma percepção pessoal maior do que significaria outro desastre como aquele. Além disso, mencionou o episódio da Batalha de Magadísio abatido. Lembrava como fora dolorosa para os presidentes anteriores,

Carter e Clinton, a perda de vidas e de prestígio, e farejava a mesma possibilidade naquele momento. Como secretário de defesa, ele era capaz de fazer uma avaliação mais profunda do que qualquer outra pessoa na sala a respeito da logística, da importância de manter o enorme fluxo de combustível e de equipamento militar no Paquistão, que eram imprescindíveis para a guerra em andamento no Afeganistão. Romper uma sempre incerta relação com o Paquistão provavelmente causaria um curto-circuito nessa artéria vital. Havia muito a perder, disse ele, e a certeza do serviço de inteligência sobre a presença de Bin Laden na propriedade ainda era bastante tênue — estritamente circunstancial. Para ele, a apresentação de Leiter tinha deixado isso claro. Uma invasão fracassada traria uma enorme desvantagem: a perda da equipe do Seal ou uma situação de reféns em potencial, um rompimento completo com o Paquistão e ataques à embaixada dos Estados Unidos em Islamabad... Então, ele disse ao presidente que escolheria o avião não tripulado. Se Bin Laden fosse o Marchador, eles teriam uma chance muito boa de matá-lo. Se não, se errassem ou estivessem enganados, seria decepcionante, mas o custo não seria tão alto. Era esse o seu conselho, que pesou sobre a sala. Carregava o peso de uma longa experiência e a formidável reputação do próprio Gates.

Cartwright concordava com Gates, mas isso era de se esperar. Ele colocara a opção do avião não tripulado na mesa e, depois de mais alguns testes, estava mais confiante que nunca de que o pequeno míssil daria conta da tarefa. Seria o modo mais simples e menos arriscado. O míssil recebeu também o endosso de Leiter. Ele tinha expressado uma confiança relativamente baixa de que o Marchador fosse Bin Laden, mas, de qualquer modo, endossava disparar um tiro mortal no camarada.

Todos os outros eram a favor de enviar os Seal. No início, pensou-se que Hillary Clinton não seria a favor. Anos antes, ela claramente criticara Obama por ter declarado que agiria unilateralmente, se houvesse uma boa chance de pegar Bin Laden, e agora, se ele agisse, como secretária de estado, teria de suportar o impacto das consequências diplomáticas. Apresentando uma avaliação detalhada dos prós e dos contras, ela sublinhou as consequências provavelmente terríveis para a relação entre os

Estados Unidos e o Paquistão, mas acabou concluindo que, como essa relação era mais construída sobre dependência mútua que sobre amizade e confiança, provavelmente iria sobreviver. Alguém chamou a atenção para o fato de que se ir atrás de Bin Laden era o suficiente para destruir o relacionamento, ele então já deveria estar condenado. O suspense crescia à medida que ela se aproximava do ponto principal. Não poderiam desprezar uma chance de pegar Osama bin Laden. Era importante demais para o país. Superava os riscos. Mandem os Seal.

O almirante Mullen, o mais alto assessor militar do presidente, fez uma apresentação detalhada em PowerPoint, antes de dar seu veredicto. Os ensaios de McRaven, para ele e para os outros, tinham alcançado o efeito desejado. Mullen tinha uma confiança tão grande na equipe do Seal que defendia o lançamento da invasão.

Brennan, Donilon, Clapper, Panetta e Morell concordaram. Brennan havia muito acreditava visceralmente que era Bin Laden quem se escondia na propriedade, e se eles realmente o haviam encontrado, argumentou, *tinham* de ir atrás dele. O diretor da CIA tinha opiniões especialmente fortes a esse respeito, o que não era inesperado. Durante todo o tempo, aquele fora o seu projeto, e os analistas que trabalhavam para ele estavam tão ansiosos para a missão que se sentiriam traídos se o chefe não lhes desse apoio. O ex-congressista disse a Obama que ele deveria se perguntar: “O que o americano médio diria se soubesse que tivemos a melhor chance de pegar Bin Laden desde Tora Bora e não fizemos nada?” E invadir por terra daria a eles a prova que precisavam para fazer com que a missão valesse a pena, ou, provavelmente, lhes daria uma chance de escapulir, se Bin Laden não estivesse lá.

Nem todos os conselheiros presentes tiveram suas opiniões consultadas durante essa reunião, mas todos já haviam esclarecido seus sentimentos durante as semanas anteriores. Fossem homens ou mulheres, estavam a favor da invasão. E, logo, o homem que apresentara o argumento mais convincente contra a invasão iria mudar de opinião.

No Pentágono, quando os subsecretários de Gates, Michael Vickers e Michèle Flournoy, souberam o que ele recomendara, ficaram aflitos.

Ninguém sabia ainda o que o presidente decidiria, mas tinham todos os motivos para acreditar que a opinião de seu chefe teria um peso considerável. Debateram brevemente sobre se deveriam confrontá-lo a respeito de como se sentiam, imaginando se estariam ultrapassando os limites, se isso o deixaria zangado, mas os dois resolveram que esse era seu dever. Então, entraram no escritório de Gates logo cedo, na sexta-feira, sentaram-se ao redor de uma mesa de conferência e tentaram durante uma hora persuadi-lo durante uma hora.

“Chefe, achamos que o senhor está errado”, disse Flournoy.

Como a maior parte dos outros assessores, explicou ela, ele fora tardiamente trazido para o círculo. Ela e Vickers haviam passado muito mais tempo elaborando as questões a respeito da missão do que ele. Acreditavam que ele não sabia bem o quanto o plano de McRaven havia sido bem analisado. Mais uma vez, delinearam para ele o plano da invasão, o plano de apoio e o plano que dava apoio ao plano de apoio, para demonstrar como a missão havia sido projetada cuidadosamente. Cantaram louvores a McRaven. Tinham lidado com generais e almirantes que, com todo o direito, se viam como especialistas em seus campos, que tendiam a se arrepiar quando um burocrata civil os contestava, ou quando expressavam dúvidas a respeito de seus planos bem-montados. McRaven havia elaborado aquele empreendimento inteiramente desprovido de ego ou de emoção. Ele entendera, desde o início, que a importância daquela missão implicava que haveria muita gente do Pentágono, da Casa Branca e da CIA, inspecionando tudo, fazendo perguntas, procurando falhas. Flournoy admirava em McRaven uma qualidade que nem sempre estava evidente nos altos escalões: uma disposição para admitir que não sabia tudo. Algumas vezes ele respondia a uma boa pergunta com um: “Sabe, eu não tinha pensado nisso, mas preciso pensar. Dê-me um tempo para que eu possa lhe dar uma resposta.” E dava. Ele era excepcionalmente aberto a sugestões e fizera revisões substanciais em seu plano para diminuir as preocupações do presidente e de todos os demais envolvidos. Flournoy e Vickers tinham visto, além disso, como McRaven havia sido cuidadoso ao selecionar os membros da equipe, escolhendo homens que acabavam de voltar de

missões, que tinham aprimorado suas habilidades, noite após noite, durante meses. Gates, ao contrário de Vickers, não havia presenciado os ensaios, não tinha conhecido esses homens e conversado com eles, não pudera perceber a sua maturidade e a sua experiência. Gates não tinha estado tão perto disso tudo quanto eles, de modo que não tinha o mesmo nível de confiança.

Argumentaram também que ele não havia considerado adequadamente as desvantagens do ataque por avião não tripulado, alternativa que ele defendia. Questionaram a ideia de que fosse uma alternativa limpa, quase sem riscos. Antes de tudo, nem Fournoy nem Vickers acreditavam no otimismo de Cartwright a respeito de o pequeno míssil atingir o alvo. O alvo, afinal de contas, estaria em movimento. O míssil não podia ser guiado. Nunca fora disparado em lugar algum que não fosse um campo de provas. Só se tem um tiro, lembraram a Gates, e, se errar, acabou. Bin Laden fugirá outra vez. Imagine a crítica que vai se seguir: *Você teve a oportunidade da sua vida e a desperdiçou com algo não testado?*

Passada uma hora, Gates ligou para Donilon, na Casa Branca, e pediu-lhe para dizer ao presidente que mudara de ideia. Obama só ficaria sabendo da mudança de opinião de Gates depois de ter tomado a decisão — mas, ao saber, sentiu mais firmeza em sua resolução. No fim, cada um dos mais altos assessores do presidente, com exceção de Biden, estava a favor de agir imediatamente. Dois deles — Cartwright e Leiter — queriam usar o avião não tripulado. Todos os outros apoiavam McRaven.

A reunião da quinta-feira terminara no início da noite, com as opiniões do vice-presidente, do secretário de defesa e do vice-chefe do estado-maior ainda pesando fortemente contra os que apoiavam a invasão. A escolha do presidente parecia tudo, menos certa.

“Vocês terão minha decisão amanhã de manhã”, dissera Obama.

Na verdade, como o presidente me contou, ele já estava decidido quando saiu da reunião de quinta-feira. Havia meses ele pensava no assunto. As vantagens da invasão eram evidentes e, no seu modo de pensar, superavam os riscos. Um míssil podia errar o alvo e, ao contrário de um tiro dado com

um avião não tripulado, a invasão oferecia certeza. Se Bin Laden estivesse lá, ficariam sabendo e o tirariam de lá, morto ou vivo. Pegá-lo sem poder provar — pior, sem *saber* se o pegaram — seria perder grande parte do feito. Ali estava uma chance de pôr um fim à grande tragédia do Onze de Setembro e de desfechar um golpe mortal contra a Al-Qaeda. Acrescente-se a isso a confiança de Obama em McRaven e o apoio quase unânime de seus assessores, e a decisão estava clara.

Havia um motivo irrefutável para enviar a equipe do Seal. Se aquele fora o esconderijo de Bin Laden durante anos, poderia conter um grande número de informações valiosas, talvez do tipo que permitisse aos Estados Unidos dismantelar ainda mais a Al-Qaeda. Obama conhecia a lógica por trás da F3EAD. A única maneira de investigar os dados pessoais de Bin Laden seria enviando homens que os pudessem coletar.

Não importa o quanto a tentativa de invasão fosse irresistível, os riscos eram grandes para os homens enviados, para a aliança com o Paquistão, para a reputação dos militares e das comunidades de inteligência dos Estados Unidos e para sua própria presidência.

Obama revisou mentalmente o processo, várias vezes durante a noite de quinta-feira e na manhã de sexta-feira. Exatamente como acontecia dez anos antes, quando ele era senador pelo estado de Illinois e seu costume era ficar acordado até muito mais tarde que Michelle e as meninas. Elas tinham ido para a cama às dez horas. Ele ficou acordado mais três horas, andando de um lado para outro e pensando, na Sala do Tratado, que ficava no andar de cima e funcionava como sala de estar da família e também como seu escritório particular. A sala exibe o retrato de Ulysses S. Grant, pintado por Henry Ulke, o grande quadro de William McKinley assinando um tratado de paz com a Espanha, pintado por Théobald Chartran, e a representação de George P. A. Healey de Abraham Lincoln em conferência com seus assessores militares, próximo ao fim da Guerra Civil. A história tem um peso em uma sala como essa.

“Foi uma questão de respirar fundo e ter certeza, perguntando se haveria alguma coisa em que eu não tivesse pensado”, explicou-me Obama. “Será que há alguma coisa que devemos fazer?”

As questões permaneceram com ele mesmo enquanto tentava dormir, naquela noite. Ele acreditava que esperar mais tempo não levaria a nada e poderia colocar tudo em risco. A probabilidade de obter informação melhor era pouca, e isso ficara claro. No final, a questão se resumia à sua confiança em McRaven. Ele o conhecera em 2008, durante uma visita ao Iraque com diversos outros membros do Comitê de Relações Exteriores do Senado. David Petraeus oferecera um jantar em Bagdá e convidara o comandante do JSOC. Como presidente, tivera muito mais contato com McRaven, especialmente durante os últimos quatro meses.

“Simplesmente sentia que passara a conhecer McRaven”, disse Obama. “Passara a conhecer os Seal. Obviamente vinha monitorando a capacidade deles para efetuar constantes ataques aéreos noturnos no Iraque e no Afeganistão. Tínhamos feito uma simulação da propriedade. Fizemos experiências com ela. Eles tinham invadido... McRaven — ele inspira confiança. E eu o pressionei muito. E, naquele ponto, a minha avaliação foi que não seríamos capazes de atacar melhor em um, dois ou três meses mais tarde. Não teríamos maior certeza de que Bin Laden estivesse lá, de modo que era apenas uma questão de puxar o gatilho.”

Na manhã de sexta-feira, antes de receber o telefonema de Gates, antes de se dirigir a South Lawn, onde embarcaria em um helicóptero que o levaria para os estados do sul para examinar os danos causados por um tornado, ele enviou um e-mail para Donilon, pedindo-lhe que viesse encontrá-lo no Salão Diplomático às oito horas.

Donilon, McDonough e o chefe de gabinete Bill Daley esperavam no grande salão formal, quando Obama entrou, usando parca azul-escura. A vista desse salão é uma das mais incríveis da Casa Branca, dando para o gramado em declive dos fundos e o Washington Monument a distância. Podiam ver o helicóptero presidencial à espera do presidente.

“Vamos em frente”, disse Obama. “Vamos fazer a invasão. Preparem as diretivas.”

⁵ Processo desempenhado por uma equipe que analisa toda a inteligência coletada e descobre diferentes perspectivas do problema para auxiliar na tomada de decisões. Um *red team* aplica

pensamento crítico no contexto do ambiente operacional para explorar por inteiro alternativas a planos, operações, conceitos e organizações.

8

O desfecho

1º-2 de maio de 2011

Os homens de McRaven estavam posicionados em Jalalabad. Depois de transmitida a ordem do presidente, na tarde de sexta-feira — o Afeganistão está oito horas e meia à frente de Washington —, souberam que o mais cedo que agiriam seria na noite seguinte, sábado, 30 de abril.

A maior parte dos 24 homens escolhidos a dedo era membro do Esquadrão Vermelho da Equipe Seis do Seal. Já se passou mais de um ano, e nesse período apenas um homem que participou da missão falou a respeito dela em público. Nenhum foi entrevistado por mim. Meu relato da invasão é baseado em entrevistas com o presidente, com oficiais seniores da CIA, com fontes no JSOC, na Casa Branca, no Pentágono e com membros da equipe do Seal que não participaram da ação diretamente e no relato publicado pelo ex-Seal sob o pseudônimo Mark Owen.

Os Seal foram escolhidos principalmente porque o seu comandante estava disponível, e o comandante correspondente da Força Delta do Exército não estava. Com seus números cada vez maiores, o JSOC fora dividido três anos antes por McRaven, sendo Delta designada para continuar a operar no Iraque e os Seal para trabalhar em bases operacionais avançadas (FOB, na sigla em inglês), nas regiões mais contenciosas do Afeganistão. Parte da razão para escolher a equipe do Seal, de acordo com

diversos oficiais do Pentágono, fora que, nos últimos anos, seus homens haviam desempenhado, com sucesso, cerca de uma dúzia dessas missões secretas dentro do Paquistão. Estavam acostumados a efetuar ataques sob a supervisão direta de comandantes de alto nível, que acompanhavam a missão em tempo real através de áudio e de vídeo — o que eles chamavam de “TV General”. Algumas vezes seus comandantes a distância se empolgavam, dirigindo-os como se fossem personagens de um video game: “Vire à esquerda! Vire à direita!”

O comandante de fato, o homem que seguiriam até a propriedade-alvo, era um oficial da Marinha de estatura baixa, constituição robusta, cabelo castanho, com 30 e tantos anos e um rosto de traços definidos — se Hollywood estivesse à procura de alguém para fazer o seu papel, seria difícil melhorar o original. Com dez anos de experiência liderando-os em combate, ele se tornara uma espécie de lenda nos postos de elite. Para ele, os combates haviam se tornado de tal maneira uma rotina, que ele falava da tarefa como um capataz experimentado falaria de um projeto de construção. Tinha um jeito de falar completamente impassível; quando fazia uma piada, o que não era frequente, em geral havia um atraso na compreensão de quem a ouvia. Alguns dos homens que comandava eram mais velhos que ele, mas não muitos. Com eles iria um intérprete de pacho e um cachorro altamente treinado — um Malinois belga chamado Cairo. O intérprete, um homem de meia-idade que precisara aprender como descer de um helicóptero por uma corda para participar da missão, e o cachorro manteriam os curiosos afastados da propriedade, enquanto os Seal realizavam seu trabalho. Como costumavam fazer antes de cada missão, os homens passaram um tempo preparando seu equipamento e suas armas, lubrificando, limpando, testando dispositivos de visão por laser e de visão noturna e ajustando tiras em arnês e capacetes. O alojamento em Jalalabad era familiar a todos eles: fora o seu lar longe de casa durante anos.

A única coisa que não fazia parte frequente das conversas entre os homens, mas que estava sempre presente em seus pensamentos, era o perigo. Havia pequenas FOBs espalhadas pelo Afeganistão, batizadas com o nome de membros da equipe, amigos dos homens que continuavam o

trabalho com a mesma habilidade e cuidado, que haviam sido mortos em ataques e mandados para casa dentro de uma caixa de alumínio. Dentro das FOBs havia memoriais pregados em paredes ou quadros de avisos, mostrando fotos dos mortos, e, entre eles, os agentes especiais apareciam de forma desproporcional. As suas fotografias contrastavam com os rostos dos demais abatidos, dos soldados regulares com 18, 19 e 20 anos, que eram mortos por bombas de beira de estrada ou por um ataque com morteiros em patrulhas de rotina. Os agentes especiais eram mais velhos e, em geral, apareciam nas fotos usando barba e vestidos à paisana. Ou apareciam em retratos oficiais, vestindo fardas enfeitadas com fitas, faixas e medalhas. Eram profissionais de guerra. A maioria seguia a carreira que escolhera. Ao contrário dos mais jovens, que tendiam a procurar motivos para que um ou outro soldado tivesse sido atingido, e eles não — uma decisão errada, uma fraqueza demonstrada, um lapso fatal na agilidade... —, esses homens não se questionavam. Treinavam, praticavam e entravam em ação com um time formado de homens tão bons quanto eles, e algumas vezes, apesar disso tudo, eram mortos. Essa missão, chegar a Osama bin Laden, era uma de que, desde o Onze de Setembro, todos haviam pensado em participar. Era a invasão que todos aqueles homens acreditavam que aconteceria algum dia, e na qual esperavam estar incluídos.

Na retaguarda dessa tropa inicial de ação, havia homens, helicópteros e aviões que McRaven esperava não precisar utilizar. Havia três Chinooks MH-47E grandes como um caminhão articulado, com rotores lisos na frente e na parte posterior. Também em alerta, havia caças e aeronaves de controle de combate que poderiam ser usados para afastar os caças paquistaneses e as defesas terra-ar. Se chegassem a esse ponto, o comando da operação passaria do Centro de Operações Conjuntas de McRaven, em Jalalabad, para o centro de comando local, em Cabul, controlado pelo general Petraeus.

O próprio Petraeus só ficou sabendo da missão poucas semanas antes, ao ser informado, em termos gerais, pelo general Cartwright e pelo comandante do Centcom (Comando Central dos Estados Unidos). Como os seus recursos não seriam usados a não ser que a missão desse errado,

McRaven nada lhe dissera até poucos dias antes. Entre o seu pessoal, ninguém sabia da invasão. A sua história com Bin Laden remontava a 12 anos, quando Petreaus estivera na pista do aeroporto da Base da Força Aérea de Pope, de onde os corpos dos soldados americanos mortos no ataque da Al-Qaeda ao USS *Cole* foram embarcados de volta para casa. Ele participara de outras discussões iniciais, durante o governo Clinton, em que haviam decidido lançar mísseis cruzadores em alvos no Sudão e no Afeganistão. Teria um lugar na primeira fila, durante a invasão, mas, se tudo desse certo, nada teria a fazer, além de assistir.

No sábado à tarde, McRaven recebeu um telefonema do presidente. Obama disse ao almirante que sua confiança nele e em seus homens não podia ser maior.

“Boa sorte para você e suas tropas”, disse Obama. “Por favor, transmita a eles os meus agradecimentos pessoais por seu serviço.”

Acrescentou algo evidente.

“Vou acompanhar pessoalmente essa missão de muito perto.”

Horas depois, no sábado à tarde, horário de Washington, Ben Rhodes sentou-se à frente do teclado em seu pequeno escritório na Casa Branca... e paralizou. Em algum momento, o presidente precisaria informar aos Estados Unidos e ao mundo o que acontecera, ou estava acontecendo, no Paquistão. O trabalho de Rhodes seria preparar declarações para o caso de sucesso ou de fracasso.

George Little, assessor de imprensa da CIA, acabara de passar algumas horas com o pessoal do presidente, pensando em cada resultado que a agência pudesse imaginar. Examinaram as diversas diretrizes de imprensa e de mensagens dirigidas ao público para cada contingência — quais chefes de estados precisariam ser informados e em que ordem, como deveriam ser feitas as declarações. Rascunharam tudo. Havia uma declaração para uma entrada e saída limpas, no melhor caso. Se eles entrassem e Bin Laden não estivesse lá, se conseguissem sair sem disparar nenhum grande alarme, o plano simplesmente era negar tudo. A operação deveria permanecer secreta: ou seja, oficialmente não teria acontecido. Mas, e se as coisas dessem

errado? Nesse caso, havia diversas possibilidades: errado com Bin Laden morto; errado com Bin Laden capturado; errado, mas sem Bin Laden. Haviam examinado páginas e páginas de opções de mensagens para o público.

Depois de todo aquele trabalho, com a cabeça atordoada pelas diversas possibilidades, Rhodes sentou-se para começar a esboçar um pronunciamento. Planejava começar com o cenário mais favorável e escreveu a primeira linha, mas parou. *Não posso*, pensou. *Pode trazer má sorte*. Se ele escrevesse um discurso a respeito de como capturaram Bin Laden e não o pegassem, seria um documento terrível. Se escrevesse a respeito de não terem pegado Bin Laden... Bem, aquela era uma ideia que ele não suportava. Se tivesse de fazê-lo, faria, mas só se fosse obrigado. Então, ele nada escreveu. Desistiu e preparou-se para comparecer ao jantar dos correspondentes.

Na noite anterior, houvera uma conversa a respeito do timing. O jantar de gala, era a principal festividade social do ano em Washington: transmitido pela televisão, contava com a presença de celebridades de Hollywood e do mundo dos esportes, dos principais líderes do governo e jornalistas. A principal atração sempre era o presidente dos Estados Unidos, que em geral fazia um número de comédia improvisada, brincando com a própria imagem e com a imprensa. Se Obama escolhesse a invasão, provavelmente ela coincidiria com a hora do jantar. O que aconteceria se soubessem que enquanto o presidente fazia piadas no pódio, seus homens arriscavam a vida? E se alguma coisa desse errado e todos precisassem sair da festa subitamente? Os jornalistas de Washington iriam perceber que alguma coisa importante estava acontecendo. Por outro lado, se todos resolvessem simplesmente não ir ao jantar, seria o mesmo que alertar todas as organizações de notícias do mundo de que alguma coisa muito importante estava acontecendo.

Quando alguém sugeriu pedir a McRaven que adiasse a missão por um dia, Hillary se rebelou.

“Não vamos deixar que um jantar de correspondentes na Casa Branca dirija uma decisão operacional”, disse ela.

Isso selou o assunto. Obama disse a Donilon: “Tom, se por acaso coincidir com a hora da invasão, você simplesmente diga a eles que eu estou com dor de estômago e que preciso me ausentar.”

A questão do que fazer a respeito do jantar se tornou irrelevante quando os especialistas meteorológicos de McRaven predisseram que na noite de sábado haveria fog na região de Abbottabad. Ele resolveu adiar a missão em um dia. Ela seria lançada no domingo à noite.

Portanto, naquele momento tenso, o de maior suspense no governo de Obama, ele e o seu pessoal se vestiram para uma festa formal.

Rhodes estava tão nervoso que, de início, resolveu não ir, mas depois mudou de ideia. Calculou que se ficasse em casa iria andar de um lado para outro e se atormentar. O jantar seria uma distração. Mas era estranho. Entre as centenas de pessoas que compareceram ao jantar, talvez houvesse uma dúzia que compartilhava o segredo. Todos se agarravam à festa na tentativa de esquecer a tensão durante algumas horas, e conseguiam, a não ser quando avistavam outra pessoa que também sabia. Quando Michael Morell avistou Rhodes na multidão, este lhe deu um sorriso levemente de dor que o fez rir.

Obama fez jus à sua reputação de cool. Se estava ansioso com a missão do dia seguinte, não demonstrou e provocou risos com piadas a respeito das constantes discussões sobre suas origens, da sua imagem pública, às vezes messiânica, oferecendo-se para exibir um vídeo supostamente nunca visto, nem mesmo por ele, do seu nascimento. O vídeo acabou sendo um clipe do filme da Disney, *Rei Leão*, que mostrava o nascimento do futuro rei nas planícies da África e o trecho em que as nuvens se abriam, um facho de luz descia do céu e iluminava o filhote. “De volta ao início”, brincou Obama. Depois, ele se deu ao trabalho de explicar para a mesa da “Fox TV” que o vídeo era uma piada, “um desenho animado”, disse ele. “Se não me acreditam, podem perguntar à Disney, que eles têm a versão completa.” Cutucou o magnata de investimentos imobiliários de Nova York, apaixonado por publicidade, estrela de reality show, e algumas vezes candidato a presidente, Donald Trump, que durante semanas ruidosamente exigira provas da sua cidadania. O presidente chegou a sugerir

gratuitamente que a congressista Michele Bachmann, crítica acalorada e aspirante republicana à presidência, pudesse na verdade ter nascido no Canadá.

Houve risos.

“É, Michele”, disse ele. “É assim que começa.”

Houve um grande cuidado em preservar a aparência de normalidade no domingo. O presidente Obama saiu para o seu jogo semanal de golfe na Base da Força Aérea de Andrews, mas desta vez só jogaria nove buracos. O horário em que todos os dirigentes e os membros do gabinete deveriam chegar à Casa Branca estava confuso. Os dirigentes receberam instruções para manter seus destacamentos de segurança a distância — uma manada compacta de SUVs pretos chegando aos portões sempre chamava a atenção. Pediram-lhes para não estacionar em suas vagas costumeiras. As visitas à Ala Oeste, normalmente agendadas para domingo, haviam sido canceladas, o que levantou suspeitas em George Stephanopoulos, da TV ABC, que conhecia as rotinas da Casa Branca desde que integrara a equipe do presidente Clinton. Ele soube do cancelamento e perguntou ao chefe de gabinete Bill Daley o que estava acontecendo. Disseram-lhe que era uma “questão de encanamento”. As visitas de domingo eram populares entre o pessoal do departamento executivo, que tinha uma chance de exibir seu acesso ao escoltar os membros da família e os amigos pela Casa Branca. Os convidados de fora da cidade algumas vezes planejavam visitas visando a esses privilégios, de modo que o cancelamento provocou algum desapontamento. A secretária pessoal de Obama planejava uma visita para esse dia, com a intenção de mostrar a Casa Branca aos artistas que atuariam no filme de comédia *Se beber, não case* e que haviam chegado à cidade para participar do jantar de gala, na noite anterior. Rhodes recebeu um telefonema dela naquela manhã.

“Será que não posso vir com eles, como uma exceção?” perguntou ela.

“Não”, disse Rhodes. Sem exceções.

O pessoal do Conselho de Segurança Nacional se reuniu às oito horas daquela manhã. Os vices se encontraram às nove.

Do outro lado do mundo, já era fim de tarde em Jalalabad. McRaven havia planejado o ataque para atingir o alvo em Abbottabad à uma da manhã, hora do Paquistão, escolhendo o momento em que tudo estaria mais silencioso na propriedade e em Bilal Town, e quando seus homens teriam o maior período de escuridão possível para concluir o trabalho, voar para o norte, em Kala Dhaka, para reabastecer e sair do país. Isso significava que teriam de sair da base no Afeganistão mais ou menos às 11 da noite, hora local — a tropa ganharia meia hora no relógio, voando para o Paquistão, a leste, de maneira que voariam durante uma hora e meia e chegariam na hora visada. Isso queria dizer que a missão seria iniciada às duas e meia da tarde, hora de Washington, e chegaria à propriedade mais ou menos às quatro. McRaven passou a noite na frente de um iPad que mostrava os múltiplos fusos horários, só para se certificar.

Enquanto a tropa de assalto se preparava, a Casa Branca se compunha. Alguns membros da equipe de Obama foram chamados e informados da missão pela primeira vez. Jay Carney, secretário de imprensa do presidente, estava fora com os filhos e só leu o e-mail que Rhodes enviara uma hora mais tarde. Mandou a mensagem para Dan Pfeiffer, diretor de comunicações.

“Sabe do que se trata?” perguntou.

Pfeiffer disse que recebera a mesma chamada e que também não sabia o que estava acontecendo.

Na Sala da Situação e no complexo adjacente de salas de reunião menores, o pessoal trabalhava na instalação do equipamento de videoconferência. Panetta, que oficialmente comandaria a missão da sua sala de reuniões em Langley, apareceria na tela grande, transmitindo simultaneamente os comentários de McRaven, que estaria em seu posto em Jalalabad. Muito alto, acima de Abbottabad, alto o bastante e muito pequeno para atrair atenção, havia um RQ-170 Sentinela, um avião não tripulado invisível, com lentes de alta potência que iriam fornecer uma imagem ao vivo da invasão. Em sua farda azul, o general da Força Aérea Marshall “Brad” Webb, um homem de rosto largo, cabelo raspado e com o peito coberto de fitas, testava os links de vídeo que fariam a conexão entre

uma das pequenas salas de conferência e o almirante McRaven. Quando Donilon soube que o general pretendia se transferir, e ao equipamento, para a Sala de Situação, mandou-o parar. Donilon não gostou da perspectiva de Obama se comunicar diretamente com McRaven e assistir à missão ao vivo. Poderia parecer que ele estava supervisionando cuidadosamente a invasão. Webb deveria confinar os links diretos à sala de conferências menor.

Os dirigentes se encontraram ao meio-dia para uma revisão final dos planos, e o presidente apareceu brevemente, usando a camisa branca de golfe e uma jaqueta impermeável azul. A cada um dos dirigentes foram entregues os planos para quatro resultados possíveis, assim como a cada um foi pedido que, dependendo do que acontecesse, fizesse determinadas ligações.

Prevendo um longo dia e uma longa noite, a mesa de uma das salas de conferências vizinha fora fartamente abastecida com travessas de sanduíches, salgadinhos e cenourinhas, e uma grande quantidade de refrigerantes e água mineral no gelo. O pessoal do Conselho de Segurança passou a maior parte do início da tarde revisando o seu “manual de estratégia”, um grande fichário de três furos desenvolvido para cobrir uma gama ainda mais ampla de possibilidades. Se alguma coisa desse errado, quem ligaria para quem? Em que medida os relatórios dos serviços de inteligência deveriam ser revelados depois do fato, para explicar os motivos da ação? Se houvesse problemas, com que países deveriam entrar em contato para obter apoio? Quem seria a melhor pessoa para se procurar, que líder paquistanês? Quem tinha a relação pessoal mais vantajosa? Por exemplo, o almirante Mullen tinha uma relação muito boa com o general Kayani. Quais eram as pessoas que negociariam, caso os homens da invasão se vissem em apuros? Será que iriam querer colocar o presidente ao telefone para falar com o líder de um país estrangeiro, se isso desse errado? Não importa o que acontecesse, havia muito a explicar ao Paquistão: *Eis aqui por que adotamos a atitude extraordinária de não compartilhar essa informação com vocês. Eis por que não quisemos trabalhar com vocês.*

Os cenários de sucesso eram mais fáceis. Havia muito mais páginas dedicadas ao fracasso.

O presidente voltou às duas e meia da tarde, ainda usando a camisa branca de golfe e a parca azul.

Em Cabul, o general Petraeus fez uma visita de surpresa à sala de situação do JSOC.

“Sabe o que está acontecendo?”, ele perguntou ao coronel Bill Ostlund, que era o contato do JSOC no local.

“Sim, temos nove operações em andamento neste minuto e algumas outras que acho que irão acontecer esta noite”, disse Ostlund. O centro monitorava as operações em andamento a partir da sede da força-tarefa em Jalalabad, para o caso de ocorrerem problemas que precisassem da atenção de um comando mais alto — em geral, um acidente de helicóptero ou uma questão envolvendo baixa de civis. As atividades que ele descreveu correspondiam ao ritmo noturno normal.

O coronel nada sabia a respeito do ataque a Bin Laden, mas havia alguns dias desconfiava que algo grande estava por acontecer. McRaven viera de Jalalabad para uma curta visita e, antes de parar para ver o general em comando, havia lhe perguntado quando fora a última vez que o escritório de Petraeus tinha sido examinado para detectar dispositivos de escuta.

“Senhor, eu nem sei se alguma vez ele já foi examinado”, dissera Ostlund, e brincara a respeito da relativa abertura dos hábitos convencionais do Exército, quando comparados aos dele próprio. “O general provavelmente ficará com a janela aberta, com um afegão do lado de fora.”

McRaven rira e dissera a Ostlund que queria que ele ficasse do lado de fora, enquanto ele se reunia com o comandante. Isso não era comum, já que, até aquele momento, Ostlund estivera presente em todas as reuniões com o almirante, mesmo nas mais sigilosas, com o chefe da estação da CIA e Petraeus. Ele percebeu que alguma coisa especialmente interessante estava em andamento e, como Petraeus raramente aparecia no centro de agentes, calculou que a ação deveria acontecer naquela mesma noite.

“Por que você não pede ao resto do pessoal para sair?”, perguntou o general a Ostlund. “Assim podemos conversar.”

Enquanto os demais saíam, Petraeus disse: “Eles podem ficar fora por algum tempo.”

Depois que todos saíram e ficaram sozinhos, Petraeus perguntou: “Então, o que você acha que está acontecendo?”

Ostlund supôs que ou eles iriam fazer um ataque para tentar libertar Bowe Bergdahl, um soldado americano preso pelos talibãs havia quase dois anos, ou iriam atrás de Bin Laden. Ele queria mencionar Ayman al-Zawahiri, o Número Dois da Al-Qaeda, mas não conseguia lembrar como se pronunciava o seu nome.

“É, é a última opção”, disse Petraeus.

Sentaram-se lado a lado na grande sala sem janelas, à cabeceira de uma mesa em formato de “U”, onde se enfileiravam as estações de computação, agora vazias, de frente para uma parede com oito telas de plasma diferentes. Não recebiam transmissão de vídeo da invasão à casa de Bin Laden porque era a CIA que a distribuía, mas conseguiam monitorar a conversa entre a sede do JSOC, da CIA e da Casa Branca em tempo real.

Petraeus pediu o teclado de Ostlund e começou a digitar perguntas para os diversos dirigentes. Em um determinado momento, ele dirigiu uma pergunta ao almirante McRaven, chamando-o de “Bill”, o que alarmou Ostlund. Os comentários de Petraeus estavam sendo transmitidos através da linha do coronel, e ele não costumava se dirigir a seus comandantes pelo primeiro nome.

Ele perguntou: “Senhor, será que poderia dizer a eles que isso está sendo enviado pelo senhor?”

Com uma ordem final de Panetta — “Entrem lá e pegue Bin Laden; e se ele não estiver, deem o fora rapidinho!” —, McRaven lançou a invasão.

Os dois Black Hawks Stealth decolaram do campo de aviação de Jalalabad exatamente às 23 horas, horário local. Estavam às escuras e carregavam uma carga minuciosamente calculada. Cada um dos Seal usava o equipamento completo: camuflagem de deserto, capacete, óculos de visão noturna, luvas (para descer rápido pelas cordas) e joelheiras acolchoadas (ideais para cair sobre o joelho e atirar). Cada um carregava um livreto com

fotos das pessoas que esperavam encontrar na propriedade. Estavam armados com diversos tipos de pistolas e rifles automáticos de cano curto equipados com silenciadores. Só carregavam armas leves porque a propriedade não estava muito protegida. Embora pudessem encontrar homens armados, uma vez no solo, não haveria muitos. Os Seal teriam uma vantagem avassaladora, atacando ruidosa e rapidamente na escuridão, com movimentos finamente coreografados, capazes de funcionar à noite como se fosse dia.

A cerca de dez minutos de voo, os helicópteros se ergueram acima de picos escarpados e cruzaram para o Paquistão. Assim que atravessaram a fronteira, três grandes Chinooks decolaram de Jalalabad. Um ficaria no limite da fronteira, do lado do Afeganistão. Os outros dois prosseguiriam para a área de ação, ao norte de Abbottabad, por uma rota diferente. Os Black Hawks reduziram a altitude no largo vale Mardan, bem ao norte de Peshawar, voando rápido e próximo ao solo.

Os agentes especiais do JSOC gostam de se ver como “a ponta da lança” e era isso que, inquestionavelmente, os dois helicópteros voando para leste na escuridão representavam. Ali estava o golpe final de um enorme esforço que se estendera por nove anos e meio — mais, se fosse considerado o total da história moderna dos agentes especiais. O empenho após o Onze de Setembro para encontrar Osama bin Laden e seu pequeno bando de assassinos fanáticos envolvera dois governos presidenciais e muitos milhares de pessoas das comunidades militares e de inteligência dos Estados Unidos: os analistas que trabalhavam em turnos, os oficiais da CIA que reconstruíam redes humanas de espionagem e os esforços combinados de vigilância por satélite, aérea e eletrônica de um emaranhado alfabético de agências e sucursais, desenvolvendo aviões não tripulados seguros e links de telecomunicação ao vivo, criando softwares de computador e aprimorando estratégias e táticas. Se uma nação tinha de aprender como lutar de uma forma nova a cada guerra, aproveitando-se do arsenal existente, adaptando-o e inovando-o para enfrentar a ameaça, os Seal que ocupavam aqueles Black Hawks eram, de fato, a reação dos Estados Unidos

ao desafio do Onze de Setembro, finalmente chegando ao supremo alvo da guerra.

McRaven estava sentado em uma grande sala retangular sem janelas e com paredes de compensado, rodeado por estações de computadores e olhando para uma parede de monitores de vídeo. Um monitor mostraria cenas da invasão propriamente dita — o sinal Sentinel —, mas ainda não dava para ver nada. Outro exibia um gráfico, mostrando a localização dos helicópteros. Houve alguma tensão quando os helicópteros atravessaram para o Paquistão, seguidos, uns 15 minutos depois, pelos dois Chinooks, mas nenhum deles fez disparar os alarmes das defesas aéreas do país. Com o conjunto completo de todos os recursos de segurança nacional ao seu dispor, McRaven conseguia monitorar *exatamente* o que os paquistaneses estavam fazendo... e, à medida que os minutos se passavam, ficava claro que não estavam fazendo nada. A força-tarefa já entrara antes no espaço aéreo do Paquistão em missões secretas nas áreas tribais, de modo que todos confiavam que poderiam entrar sem ser percebidos, mas, ainda assim, foi um alívio quando conseguiram. O almirante tinha calculado previamente o ponto em que, mesmo que os paquistaneses acordassem, a missão iria em frente. Logo chegaram àquele ponto. Agora que os helicópteros enegrecidos prosseguiam na direção de Abbottabad, e não haveria o que fazer durante cerca de uma hora, a não ser esperar.

Nesse ponto, McRaven soube que teria de tomar decisões apenas se alguma coisa desse errado.

Na grande tela da Sala de Situação na Casa Branca, Panetta lia atualizações ocasionais sobre o progresso dos helicópteros. Um dos assessores de Obama disse: “Senhor presidente, isso vai demorar um pouco, o senhor pode não querer ficar aqui e assistir ao desenrolar da coisa toda.”

“Não. Acho que vou ficar e olhar,” disse Obama. Em Chicago, nove anos e meio antes, ele acompanhara o desenrolar do Onze de Setembro em uma sala de porão apinhada e agora iria assistir ao ato final do drama em outra.

Biden estava inquieto como sempre, entrando e saindo da sala, e quando notou que o sinal ao vivo de McRaven e do Sentinel estava sendo

transmitido na sala ao lado, entrou e ficou para assistir. Webb estava curvado sobre seu laptop, à cabeceira da mesa.

Em Jalalabad, o subtenente estava sentado ao lado do almirante, comunicando-se com Webb e com outros do círculo de comando, através de um chat. Ele ergueu os olhos.

“Ei, senhor”, disse ele. “O general disse que o vice-presidente acaba de entrar.”

O secretário de defesa Gates não estava muito atrás.

McRaven sabia que o tamborilar dos helicópteros em aproximação seria levemente audível dois minutos antes de eles chegarem ao alvo. As aeronaves eram invisíveis, projetadas para evitar serem identificadas por radar e mais silenciosas que os modelos-padrão, mas mesmo assim produziam ruído quando estavam diretamente acima. Aproximando-se da propriedade por noroeste, os Black Hawks eram agora visíveis no granuloso sinal do Sentinel.

Depois disso, as coisas aconteceram muito rápido.

Todos ficaram em choque ao ver que o primeiro helicóptero, em vez de pairar sobre a propriedade para que a equipe do Seal descesse por cordas e depois se afastar, como planejado, de repente rodava, tirando um pedaço do muro da propriedade com a cauda e atingindo o solo. Aquilo evidentemente não era bom.

O piloto do Night Stalker tentou fazer com que o seu Black Hawk parasse no ar, mas o aparelho não executou a manobra. Ele “derrapou”, ou começou a deslizar incontrolavelmente. Uma análise posterior iria concluir que, como a propriedade era cercada por muros de pedra, enquanto que na maquete, em Nevada, havia apenas uma cerca de arame, o ar abaixo do Black Hawk sob esforço aqueceu mais rapidamente que o previsto. Isso significava que a densidade do ar era insuficiente para o peso precisamente calculado da aeronave. O helicóptero só conseguia ficar no ar se estivesse em movimento, e, quando o piloto parou o avanço, ele caiu.

Os pilotos do 160^a treinam para momentos frenéticos como esse. O piloto do Black Hawk instável reagiu com a rapidez praticada. Procurou um trecho de solo plano onde a queda seria dura, mas controlada. Encontrou-o no canto oeste da propriedade, perto de um cercado de animais. Ele girou a cauda do aparelho naquela direção e deliberadamente usou-a para bater no topo do muro ocidental. Isso mandou o aparelho para a frente e para o solo. A aterrissagem foi dura, mas vertical, o que era fundamental. Durante aqueles segundos a manobra do piloto evitou que o Black Hawk caísse de lado, que é um jeito desastroso para um helicóptero cair. Se seus rotores ainda em movimento batessem no solo, o corpo do aparelho seria jogado ou catapultado violentamente. Em vez disso, o nariz estava na terra. Os Seal estavam presos com cinto de segurança a assentos projetados para absorver uma aterrissagem daquele tipo. Num segundo o aparelho estava deslizando, no outro estava parado, inclinado num ângulo de 45^o, com o motor da cauda em cima do muro.

Da pequena tela na Casa Branca, observando a cena de longe e de cima, não era possível saber exatamente o que acontecera, ou até mesmo dizer que o aparelho estava inclinado para a frente e com a cauda pendurada no muro. Só podiam ver que ele estava caído dentro da propriedade. Todos sabiam que esse não era o plano.

Foram momentos torturantes, enquanto McRaven buscava notícias do local. Todas as discussões sobre o que poderia dar errado na missão tinham tido como referência o helicóptero que batera no avião e explodira no deserto iraniano, em 1980, e os helicópteros que haviam caído na populosa Mogadíscio, em 1993. E agora, nos primeiros segundos da missão, eles tinham um Black Hawk caído.

Até aquele momento, Obama havia seguido o conselho de Donilon, recebendo atualizações da missão em segunda mão, falando com Panetta por meio da transmissão simultânea de vídeo na Sala de Situação, deixando que outros monitorassem os sinais de vídeo e as linhas de chat na sala vizinha, mas quando o helicóptero caiu, ele levantou-se abruptamente e atravessou o saguão.

Na sala adjacente, de pé ao lado da bandeja de comida, com Ben Rhodes, Hillary Clinton o observou sair.

“Ben, você acha uma boa ideia o presidente assistir a isso?” perguntou ela.

“Ele não vai dirigir nada”, disse Rhodes. “É só informação.”

Sentado à cabeceira da pequena mesa de conferências, Webb levantou-se para ceder o seu lugar, quando viu Obama entrar. O presidente fez um sinal para que ele continuasse sentado.

“Eu me sento nesta cadeira aqui”, disse ele, arrastando-a para o canto. “Preciso ver isso.”

A entrada do presidente foi registrada na linha de chat de Webb.

Em Jalalabad, o subtenente de McRaven disse: “Senhor, o presidente acaba de entrar na sala.”

Hillary seguiu-o e sentou-se em uma das cadeiras restantes à mesa. Outros funcionários começaram a ocupar a pequena sala para ver o que iria acontecer em seguida.

Em Jalalabad, McRaven estava compreensivelmente preocupado. Não teve tempo de olhar para a tela, ou explicar o que estava acontecendo a Washington. Certificou-se rapidamente de que ninguém no helicóptero se ferira. Os homens já estavam se preparando para assaltar a casa-alvo da sua posição no solo. Todos já haviam provado o seu talento para se adaptar rapidamente aos contratempos. Por isso haviam sido escolhidos. Contratempos eram acontecimentos corriqueiros. McRaven já havia perdido helicópteros antes e tinha opções ao alcance da ponta dos dedos.

Na sala em Langley, com Panetta e outros altos oficiais da CIA e membros do time Bin Laden, Michael Morell sentiu um momento de pânico quando o helicóptero caiu, mas imediatamente se tranquilizou, como todos os outros que assistiam ao ataque, ao ver o comportamento de McRaven. O almirante não parecia perturbado ou especialmente surpreso.

“Senhor diretor, como pode ver, temos um helicóptero caído no pátio”, disse ele a Panetta. “Meus homens estão preparados para essa contingência e irão lidar com ela.”

Ainda não havia, na Casa Branca, uma explicação para o que estava acontecendo. O rosto de Obama estava vincado de preocupação. Um fotógrafo da Casa Branca tirou uma fotografia da sala lateral, agora cheia de gente, que se tornaria famosa: Webb no centro, em sua farda azul, a cabeça baixa, monitorando intensamente o sinal de vídeo e a linha de chat na tela do laptop, tentando descobrir o que tinha acontecido; Obama, sentado no canto, de testa franzida; Donilon, de pé, atrás de Webb, com os braços cruzados, ladeado pelo almirante Mullen e Bill Daley; Hillary com a mão à boca; Gates e Biden com olhar sombrio; funcionários alinhados junto às paredes — todos com os olhos fixos na tela, fora do foco da câmera.

Obama estava nervoso como nunca. Sabia que os riscos eram altíssimos, principalmente para os homens naquele helicóptero, mas também para o país, para o governo... para ele. Convencera-se de que estava disposto a aceitar o fracasso, mas presenciá-lo em tempo real na tela... Mais tarde, ele diria que, com exceção do tempo de espera pela palavra dos médicos quando sua filha mais nova fora internada com meningite, aqueles haviam sido os minutos mais longos da sua vida.

Quando o primeiro helicóptero caiu, o segundo Black Hawk desviou da rota planejada e aterrisou fora dos muros da propriedade, em um campo recém-cultivado. Sua missão seria planar brevemente do lado de fora para desembarcar o tradutor, o cachorro e quatro Seal, e depois sobrevoar diretamente a casa de três andares para deixar o resto da equipe no telhado. Para quem assistia à operação parecia que todo o plano de assalto dera errado.

Então, repentinamente, os Seal começaram a sair dos dois helicópteros, dentro e fora da propriedade. O assalto estava em marcha. O aparelho caído só havia provocado um atraso momentâneo. Sentindo-se aliviados, os que assistiam à cena em Washington concluíram que, não importa o que tivesse acontecido, a missão estava prosseguindo. Com o seu sotaque texano arrastado, McRaven ordenou que um dos Chinooks ficasse à espera no leito do rio, em Kala Dhaka, para decolar.

O grupo do helicóptero caído correu ao longo da parte interior do muro da propriedade, só fazendo uma pausa para explodir uma porta de metal que

levava à casa. A equipe do helicóptero do lado de fora dos muros entrou rapidamente por outro acesso. Viram-se clarões de luz na tela. Os homens se movimentavam dentro da propriedade e, logo depois, dentro da casa.

De acordo com relatos feitos pela família de Bin Laden, no andar de cima da casa, os moradores acabavam de acordar com o barulho da queda do helicóptero. Uma das filhas adultas de Bin Laden correu do segundo para o terceiro andar e recebeu uma ordem para descer novamente. Bin Laden instruiu a mulher, Amal, para deixar as luzes apagadas. De qualquer maneira, não poderiam acendê-las, porque técnicos da CIA haviam previamente cortado a eletricidade da vizinhança inteira para o assalto — a escuridão favorecia os Seal. O Sheik esperou com Amal no andar de cima, no escuro.

Uma equipe do Seal entrou na área da garagem da casa de hóspedes. Equipes como aquela já haviam invadido locais programados para explodir e enfrentado pessoas usando explosivos. Quando se deparavam com homens, a sua tendência era atirar imediatamente. Houve uma única e breve rajada de tiros quando se aproximaram, mas foi aleatória e ineficaz. A grande probabilidade é que ela tenha sido disparada pelo mensageiro Ibrahim Saeed Ahmed — Ahmed al-Kuwaiti. Os Seal revidaram os tiros, matando Ahmed e ferindo sua esposa no ombro.

Outra parte da equipe estava na casa principal, limpando metodicamente o terreno. Abrar Ahmed, irmão do mensageiro, estava no quarto de dormir do primeiro andar com a mulher, Bushra. Os dois foram mortos.

Os homens desimpediram o primeiro andar, quarto a quarto, sem enfrentar mais tiros. Passaram por duas grandes despensas e uma cozinha. Ninguém conhecia a disposição do interior da casa. Quando encontraram uma porta de metal trancada, nos fundos, isolando uma escada que levava aos andares superiores, utilizaram uma pequena carga de C-4 para arrancá-la das dobradiças e seguiram escada acima. O filho de 23 anos de Bin Laden, Khalid, um homem esbelto e barbado, que usava uma camiseta branca, foi morto no topo. Nesse andar havia mulheres e crianças chorando, e nenhuma delas representava ameaça. A equipe ainda não sabia, mas havia

sobrado um único homem adulto na propriedade, e ele estava no quarto de dormir do terceiro andar.

Originalmente, metade dos Seal atacantes deveria descer para o terceiro andar pela varanda, e nesse caso Bin Laden teria sido enfrentado imediatamente, mais ou menos na mesma hora em que os irmãos Ahmed estavam sendo mortos no térreo. Ao contrário, o Sheik teve mais 15 longos minutos de espera no escuro, enquanto os Seal se aproximavam metodicamente. Os seus rifles tinham silenciadores e, se nenhuma das vítimas tivesse atirado, ele não teria ouvido o estampido do tiro dado por Ahmed, depois gritos, choro e o barulho das portas de metal sendo explodidas. Talvez também tivesse escutado o estalo surdo das armas silenciadas dos Seal. As únicas janelas desse terceiro andar fortificado davam para o norte, por cima dos muros da casa. O helicóptero caído estava no canto oeste da propriedade, e o outro aterrissara no sul, de modo que ele só poderia ter feito suposições a respeito do que se aproximava. Poderia ter pensado que era uma tropa paquistanesa. Quando os assaltantes explodiram a porta que barrava o terceiro andar, ele teria ouvido os homens subindo, vindo atrás dele.

Três Seal subiram aquela escada, examinando ângulos diferentes, procurando, enquanto se protegiam uns aos outros. De acordo com um dos Seal,⁶ o primeiro homem avistou um homem alto, moreno, de barba, usando um gorro de preces e as tradicionais roupas soltas paquistanesas, com a camisa à altura do joelho, por cima de calças do tipo pijama. Um ou mais Seal atiraram na direção dele. O homem recuou rapidamente para um quarto, e os Seal o seguiram. No quarto, encontraram duas mulheres curvadas sobre um Bin Laden fatalmente ferido, com um tiro na cabeça. O primeiro Seal tirou bruscamente a mulher do seu caminho e os outros dois ficaram de pé ao seu lado e deram mais vários tiros em seu peito.

A batalha estava terminada em segundos. Amal havia levado um tiro na perna. Bin Laden tinha armas em uma prateleira do quarto, mas não as pegou. A sua identidade era inconfundível, mesmo com o grotesco buraco na parte direita da testa. O arquiteto do Onze de Setembro se tornara o rosto mais infame do mundo.

McRaven escutou: “Por Deus e pela Pátria, etapa Gerônimo. Gerônimo. Gerônimo.” A palavra “Gerônimo” fazia parte de um “checklist de execução da missão”. Significava que o marco crítico do assalto tinha sido ultrapassado com êxito, que Bin Laden estava garantido. McRaven transmitiu o relato imediatamente para Panetta, e ele começou a espalhar ondas de excitação pela CIA e pela Casa Branca, e em Cabul, onde Petraeus e Ostlung estavam à escuta. Petraeus socou o ar com satisfação.

Na Casa Branca, no canto da pequena sala de conferências apinhada, Obama escutou: “Gerônimo identificado.”

O presidente sabia que a identidade ainda era suposta, de modo que não se permitiu acreditar inteiramente. Não importa o quanto tenha sentido de alívio, de excitação ou satisfação... ele reprimiu esses sentimentos. Para ele significava que os Seal agora podiam começar a se retirar; isso queria dizer que logo estariam lutando para sair — e havia caças de prontidão — e que a pior parte talvez ainda estivesse por vir. Ao ouvir o relato, o presidente pensou: *Deem o fora daí agora!*

Mas, depois que McRaven transmitira a mensagem, ocorreu-lhe que não havia perguntado especificamente se Bin Laden havia sido morto ou capturado.

Então, perguntou: “Descubra se é Gerônimo EKIA (enemy killed in action — inimigo morto em ação).”

A resposta voltou: “Positivo, Gerônimo EKIA.” Então, McRaven retransmitiu a informação para Panetta e para a Casa Branca.

“Parece que o pegamos”, disse Obama, sem acreditar muito.

O atraso entre esses dois relatos iria provocar alguma confusão em descrições posteriores, que sugeriram que os Seal tinham primeiro encontrado Bin Laden, corrido atrás dele e então, alguns minutos mais tarde, o matado. O encontro e o tiro tinham acontecido no tempo que demorou para os três Seal entrarem no quarto dele. Havia se passado 18 minutos desde que os helicópteros chegaram.

McRaven disse a Panetta: “Ouça, tivemos uma chamada Gerônimo, mas preciso dizer que é apenas uma primeira chamada. Não é uma confirmação. Por favor, controle um pouco as suas expectativas.” Explicou que a

adrenalina dos agentes especiais nesses assaltos subia às alturas. Estavam vendo tudo através de óculos de visão noturna. Eram profissionais, mas... “Não vamos contar com nada até eles voltarem e termos algumas provas.” Ecoando os pensamentos do presidente, McRaven lembrou a Panetta e a todos os que assistiam: “Ainda temos Seal no solo, sem carona.”

A tela de vídeo agora mostrava os Seal saindo da casa, levando as mulheres e as crianças não feridas para um canto da propriedade, longe do helicóptero caído. Alguns dos homens saíram carregando um saco de cadáver — o corpo de Bin Laden havia sido arrastado pelas escadas, deixando um rastro de sangue. Uma de suas filhas mais tarde diria se lembrar da cabeça do pai batendo em cada degrau no caminho. Os Seal depois o colocaram em um saco de nylon. Os atacantes se movimentavam deliberadamente, e Obama achou que eles estavam demorando demais. Àquela altura, todos estavam à espera da reação do Paquistão. O presidente simplesmente queria ver os seus homens no ar.

Mas a comoção na propriedade havia, de fato, atraído pouco interesse na vizinhança ou no país. O tradutor, usando um colete de Kevlar à prova de balas sob a sua tradicional e longa camisa paquistanesa, enxotou os poucos moradores que vieram dar uma espiada. Seu treinamento para descer pela corda de nada servira, já que seu helicóptero aterrissara do lado de fora da propriedade. O cachorro Cairo era o suficiente para convencer a maioria a recuar. O tradutor disse severamente, em pacho, às pessoas que voltassem para casa, que havia uma “operação de segurança” em andamento. Elas acederam. Monitorando cuidadosamente as defesas paquistanesas, McRaven não viu sinais de que tivessem sido provocadas.

Ainda havia muito a fazer na propriedade, dentro e fora. No andar de cima, os Seal estavam apressadamente empacotando os papéis, computadores, discos e pendrives de Bin Laden, qualquer coisa que pudesse conter informações úteis. A esposa mais jovem de Bin Laden, Amal, ferida, fora ajudada a descer as escadas e a sair, discursando em árabe para os americanos. Uma mulher e todos os quatro homens que moravam na propriedade foram mortos. As mulheres e crianças sobreviventes foram imobilizadas com algemas descartáveis. As mulheres supuseram que seriam

levados. Questionadas por um Seal que falava árabe, as mulheres confirmaram que eles tinham matado “o Sheik”. Uma das crianças confirmou que era Osama Bin Laden.

O Chinook convocado por McRaven aterrissou ruidosamente fora dos muros da propriedade. Alguns homens se ocupavam em plantar explosivos no Black Hawk caído e em destruir o seu instrumental secreto com um martelo. Um paramédico do Chinook abriu o saco com o corpo de Bin Laden, coletou amostras de sangue e inseriu agulhas para extrair amostras de medula para testes de DNA. Passaram-se mais vinte minutos, antes de o saco com o corpo ser levado para o Black Hawk. Uma das amostras de medula foi posta no Chinook em operação. A coleta do material de inteligência foi, do mesmo modo, distribuída entre os dois helicópteros.

Finalmente, a plateia na Casa Branca viu o Black Hawk caído explodir com um conjunto de cargas. O time de demolição correu para o Chinook e os helicópteros alçaram voo, deixando para trás um enorme incêndio, um estupefato grupo de mulheres e crianças algemadas e quatro corpos. Uma foto que pretendia ser o corpo ensanguentado de Khalid bin Laden apareceria na internet nos dias seguintes.

Mesmo com os helicópteros no ar, a tensão não desapareceu. Primeiro voaram para o norte, rumo a Kala Dhaka, para encontrar o segundo Chinook e reabastecer o Black Hawk. Vinte minutos mais tarde, decolaram para o voo de volta a Jalalabad. Tudo isso sem reação do Paquistão. Quando a força aérea do país entrou em ação com dois F-16, o grupo de ataque já estava em segurança do outro lado da fronteira.

Os helicópteros aterrissaram em Jalalabad às três horas da madrugada, hora local. Nenhum dos homens que participaram na missão ficou ferido. Haviam perdido um helicóptero, mas tinham evitado completamente as defesas do Paquistão. E haviam matado Osama bin Laden.

Os Seal tinham certeza, mas a Casa Branca e o mundo exigiriam mais provas. McRaven interrompeu sua narração durante vinte minutos para sair e se encontrar com os homens na pista, enquanto eles tiravam o saco com o corpo do helicóptero. O saco foi aberto e foram tiradas fotografias,

imediatamente transmitidas para Washington e para Langley. O homem já estava morto havia uma hora e quarenta minutos e levava um tiro na cabeça, de modo que o seu rosto estava inchado e distorcido.

McRaven ligou para Langley com uma pergunta para a equipe Bin Laden.

“Qual é a altura desse camarada?”, perguntou.

“Entre 1,93 metro e 1,96 metro”, responderam.

O morto certamente era alto, mas ninguém tinha uma fita métrica, de maneira que um dos Seal, que media exatamente 1,93 metro, se deitou ao lado dele. O corpo tinha aproximadamente a mesma altura.

O presidente tinha voltado para o andar de cima enquanto os helicópteros estavam em voo e pedira para ser chamado quando aterrissassem. No início da tarde de domingo, em Washington, ele examinou as primeiras fotos, com outros membros da equipe.

Ao ver a fotografia, Rhodes imediatamente reconheceu Bin Laden, apesar da ferida. Ali estava o homem que dera uma entrevista coletiva para declarar guerra aos Estados Unidos 15 anos antes e que desde então inspirara um rastro de sangue. Rhodes pensou: ou esse é Bin Laden, ou é um homem com 1,93 metro, esbelto, de pele escura, com uma barba comprida, que se parece exatamente com ele e que vivia escondido, rodeado pela família de Bin Laden, protegido por um conhecido íntimo da Al-Qaeda. Era Bin Laden.

Quando McRaven voltou ao seu centro de comando, Obama perguntou a ele: “O que você acha?”

“Bem, sem o DNA não posso dizer que tenha 100% de certeza”, disse o almirante. “Mas tenho bastante certeza.” Disse que os homens estavam começando a ser interrogados, mas que, de acordo com a indicação das mulheres que haviam entrevistado na propriedade, eles tinham matado o homem certo. Reiterou: “Senhor presidente, tenho uma confiança bastante alta de que matamos Bin Laden.”

Mesmo assim, o presidente estava inclinado a ser cuidadoso. O que poderia ser pior que anunciar haver matado o fundador e líder da Al-Qaeda, e depois provarem que ele estava enganado? Quando Panetta, Morell e

“John”, o chefe da equipe Bin Laden, chegaram à Casa Branca, Morell repassou com o presidente os detalhes da análise facial feita pela agência, que concluíra com 95% de certeza que o homem morto era Bin Laden. O presidente perguntou a respeito da análise de DNA, que seria ainda mais conclusiva, mas Morell lhe disse que só teriam os resultados segunda-feira de manhã.

Não seria melhor esperar? Por que arriscar? Já era início da noite de domingo. De seu lugar de comando na Sala de Situação, Obama perguntou se iriam anunciar a morte de Bin Laden naquela noite ou esperariam pelos resultados de DNA. Será que o segredo seria mantido? Todos concordaram que o segredo não seria mantido, com o twitter, e-mail, internet e TV a cabo, com a miniconflagração e os mortos em Abbottabad, com as esposas e os filhos de Bin Laden em custódia no Paquistão, e com a notícia que deveria estar se espalhando de Jalalabad a Cabul e a outros lugares. Se a Casa Branca ficasse calada, quem saberia que versão da história viria a público ou que tipo de teoria de conspiração iria se enraizar?

“Não será mesmo verdade, até que nós digamos que é verdade”, disse Obama. “Então, não estou preocupado a respeito de vazamentos. Devemos confirmar quando estivermos em posição de confirmar, mas não devemos nos sentir pressionados a fazê-lo.”

Não importa quando a Casa Branca resolvesse fazer o anúncio, tinham de entrar em contato com o Paquistão e explicar. Ninguém sabia como aquele país poderia reagir. O ataque tinha sido uma violação clara da sua soberania, e o fato de que os Estados Unidos, um aliado, não tivesse procurado ajuda ou consultado o país com antecedência era profundamente ofensivo. Mesmo assim, como Obama me explicou mais tarde, “seria mais fácil para eles administrar as consequências se definitivamente fosse Bin Laden, ao contrário do que aconteceria se houvesse ambiguidade durante dois ou três dias, caso em que toda a questão da soberania do Paquistão seria amplificada”.

Então, o almirante Muller ligou para o general Kayani. Claro que o chefe do Exército paquistanês a essa altura já sabia que havia um helicóptero americano caído em Abbottabad, mas, naquelas primeiras horas da manhã

em Islamabad, ninguém ainda descobrira o que acontecera. Mullen contou a ele que os Estados Unidos tinham conduzido uma missão e tinham matado Osama bin Laden.

“Parabéns”, disse Kayani.

Daí por diante a conversa descambou. Claro que haveria problemas entre os dois países, mas o general imediatamente ajudou a resolver a questão sobre quando fazer o anúncio.

“Olhe, eu estou com um problema”, disse ele. “Há muitas histórias se espalhando a respeito de helicópteros americanos e de um ataque dentro do Paquistão, e todas sem uma boa explicação. Ajudaria muito se vocês contassem o que aconteceu.”

Isso resolveu a questão. Fariam a declaração naquela noite. Rhodes foi trabalhar nas declarações que não conseguira escrever no dia anterior. Outros dirigentes pegaram o manual de estratégia para uma invasão bem-sucedida, cada um encarregado de telefonar para um líder mundial diferente. Obama pegou o telefone para informar aos ex-presidentes Bush e Clinton, que tinham caçado Bin Laden durante seus governos, e ao primeiro-ministro inglês, David Cameron, cujo país tinha sido o mais convicto aliado dos Estados Unidos durante o esforço.

Jay Carney começou a reunir o corpo de imprensa da Casa Branca para um anúncio especial. Ele e sua equipe começaram a entrar em contato com repórteres, principalmente por e-mail. Disse a todos, um a um: “Olhe, é melhor você vir, mas não posso dizer por quê.” A maioria imaginou que Muammar Kadafi tivesse sido morto — um dos filhos do ditador líbio tinha sido morto no dia anterior. Ninguém supôs que tivesse sido Bin Laden.

Mas as notícias vieram à luz. Os usuários de twitter de Abbottabad havia horas estavam cochichando a respeito de helicópteros e de explosões estranhas. Um técnico de computação paquistanês, chamado Sohaib Athar, enviara um relato exatamente no momento em que os helicópteros chegaram à propriedade, escrevendo: “helicópteros pairando sobre Abbottabad à uma da madrugada (é um acontecimento raro)”. Minutos mais tarde, relatara uma ruidosa explosão que sacudira as janelas do lugar onde ele estava, nas imediações. Houve outros relatos como esse, mas ninguém

sabia exatamente o que tinha acontecido até que Keith Urbahn, um ex-chefe de gabinete do secretário de defesa de Bush, Donald Rumsfeld, tuitou: “Acabo de saber por fonte segura que mataram Osama bin Laden. PQP.” Urbahn acrescentou imediatamente: “Não sei se é verdade, mas vamos rezar para ser.” Isso aconteceu uma hora antes de Obama aparecer no Salão Leste para fazer o anúncio, e as notícias rapidamente estavam por toda parte.

Na Casa Branca, Carney foi alertado para a transmissão de um jogo entre os Phillies e os Mets no Philadelphia Citizens Bank Park, que estava sendo feita durante o *Sunday Night Baseball* da ESPN. O estádio lotado estava entoando “USA! USA! USA!” Eram 22h45min. O locutor interrompeu a narração do jogo para transmitir a notícia de que havia informações a respeito de Bin Laden ter sido morto.

Mesmo assim, como Obama previra, não seria verdade até que os Estados Unidos confirmassem a notícia. Ele se sentou à mesa no Salão Oval, fez algumas mudanças de último minuto no texto que Rhodes havia rascunhado e depois se dirigiu ao Salão Leste para fazer o seu discurso. Já havia multidões do outro lado da rua, na Lafayette Square, comemorando e gritando “USA! USA! USA!”

Eram 23h35min quando o presidente apareceu na televisão, caminhando sobre um tapete vermelho, na direção de um pódio, e começou a falar: “Boa noite. Esta noite posso relatar para o povo americano e para o mundo que os Estados Unidos conduziram uma operação que matou Osama bin Laden, líder da Al-Qaeda e terrorista que foi o responsável pelo assassinato de milhares de homens, mulheres e crianças inocentes.”

Falou sobre os ataques de Onze de Setembro, que haviam sido, disse ele, “o pior ataque ao povo americano na nossa história” e que estavam “marcados na nossa memória nacional”. Falou sobre quanto tempo Bin Laden conseguira iludir as tropas americanas. O presidente se sentia orgulhoso da própria contribuição para o esforço, citando as instruções que dera a Panetta logo depois de tomar posse, para passar a prioridade dos principais líderes da Al-Qaeda “para a linha de frente”. Mencionou o empenho nacional em expulsar os talibãs, mas não mencionou o Iraque.

Acreditava que parte de suas próprias contribuições tinha sido alterar as prioridades errôneas do presidente Bush.

“Finalmente, em agosto, depois de anos de trabalho meticuloso da nossa comunidade de inteligência, fui informado de uma possível pista sobre o paradeiro de Bin Laden”, disse ele. “Estava longe de certa, e levou muitos meses para considerarmos essa pista concreta. Tive inúmeras reuniões com minha equipe de segurança nacional, enquanto desenvolvíamos mais informações a respeito da possibilidade de termos localizado o esconderijo de Bin Laden dentro de uma propriedade, no interior do Paquistão. Por fim, na semana passada, determinei que tínhamos inteligência suficiente para agirmos e autorizei uma operação para pegar Osama bin Laden e trazê-lo à justiça.

“Hoje, sob minhas ordens, os Estados Unidos lançaram uma operação direcionada contra aquele complexo em Abbottabad, no Paquistão. Uma pequena equipe de americanos realizou a operação, com extraordinária coragem e recursos. Nenhum americano ficou ferido. Tomaram cuidados para evitar riscos a civis. Depois de um tiroteio, mataram Osama bin Laden e tomaram custódia de seu corpo.”

Obama fez notar que a ameaça de ataques por parte do grupo de Bin Laden não havia terminado e apelou por um empenho continuado contra ele, enfatizando mais uma vez que os Estados Unidos não estavam em guerra contra o Islã, chamando a atenção para o fato de que o presidente Bush também tinha se empenhado para tornar isso claro. Acusou Bin Laden de exatamente o que o Sheik temera, do seu legado indesejado: “Bin Laden não era um líder muçulmano; ele era um assassino em massa de muçulmanos. Na verdade, a Al-Qaeda assassinou dezenas de muçulmanos em diversos países, inclusive no nosso. Portanto, o seu fim deve ser bem-recebido por todos os que acreditam na paz e na dignidade humana.”

O presidente agradeceu aos “inúmeros profissionais da inteligência e do antiterrorismo que trabalharam incansavelmente para chegar a esse resultado. O povo americano não vê o seu trabalho, não sabe seus nomes. Mas, esta noite, sente a satisfação pelo trabalho deles e o resultado de sua busca pela justiça.

“Agradecemos por ter os homens que efetuaram essa operação, porque eles exemplificam o profissionalismo, o patriotismo e a coragem sem paralelos daqueles que servem o nosso país. E eles fazem parte de uma geração que suportou a porção mais pesada do fardo desde aquele dia em setembro.”

O presidente concluiu invocando o espírito de unidade que a nação experimentou depois dos ataques de Onze de Setembro e que brevemente voltou a experimentar naquela noite.

“Vamos nos lembrar de que podemos fazer essas coisas, não apenas por causa da riqueza e do poder, mas porque somos quem somos: uma nação submissa a Deus, indivisível, com liberdade e justiça para todos. Obrigado. Deus os abençoe. E que Deus abençoe os Estados Unidos.”

A noite ainda não tinha acabado para a Casa Branca. No escritório de Carney, na Ala Oeste, Michael Morell, Mike Vickers e John Brennan faziam uma conferência de grupo, por telefone, com repórteres. Morell, que estivera com o presidente Bush no dia dos ataques e no centro das iniciativas para encontrar Bin Laden desde então, agora se recusava a responder a maior parte das perguntas detalhadas a respeito da caçada, mas apresentou um intrincado resumo improvisado a respeito de encontrar Ahmed o Kuwaiti.

“Foram informações coletadas de inúmeros detidos ao longo de vários anos”, disse ele. “E depois foi uma imagem composta pela rede de mensageiros, e desse mensageiro em particular, no qual estávamos interessados — o que nos levou a essa propriedade. Foi o resultado de uma imagem composta, que depois se tornou ainda mais desenvolvida com outros meios de inteligência.”

Morell saudou a cooperação entre a CIA e os militares.

“Sabem, essa operação conjunta CIA-Forças Armadas dos Estados Unidos foi evidentemente um grande sucesso e é um sinal da tremenda parceria existente entre a comunidade de inteligência e as Forças Armadas nos anos que se seguiram ao Onze de Setembro. E é um atestado de que a CIA está imensamente grata àqueles, das Forças Armadas, que participaram

nessa operação... Entendemos que a luta contra a Al-Qaeda continua, e essa luta continua mesmo, enquanto anunciamos a morte de Osama bin Laden.”

Só acabaram de madrugada. Morell saiu da Casa Branca por volta da meia noite e meia. Escutou a grande multidão do outro lado da rua entoando “USA! USA! USA!” e depois escutou uma coisa que esse homem, que passara a vida toda na agência, jamais achou que ia escutar. A multidão começou a entoar “CIA! CIA! CIA!”. Caminhou até o carro para voltar para casa, para sua família. Durante os últimos dois meses trabalhara 16 horas por dia e não pudera contar para a mulher por quê. Exatamente naquela tarde a filha, que ele olhara no final daquele longo dia nove anos antes, estava na última apresentação do coral de sua carreira na escola fundamental. Quando saiu de casa, às seis da manhã de domingo, sua mulher perguntou se ele conseguia ir.

“Não vai dar para eu ir”, ele disse.

“É a última apresentação dela”, retrucou a esposa.

“Não vou poder”, respondeu ele, sem poder dizer por quê. Ela não ficou feliz com a resposta.

Mais cedo, naquela noite, na hora em que o presidente resolveu fazer o anúncio, tinha ligado para ela, muito depois de a apresentação já ter terminado.

“Ligue a TV”, mandou ele. “Você vai entender por que quase não me viu durante os últimos dois meses.”

Agora ele estava ansioso por chegar em casa.

Carney e Rhodes só saíram da Casa Branca depois das duas da madrugada. O secretário de imprensa tinha algumas cervejas na geladeira de seu escritório, e eles comemoraram bebendo-as. Tinham ouvido a comemoração do outro lado da rua, ainda naquela hora, e ficaram surpresos em saber que a multidão havia crescido tanto que, a princípio, a segurança da Casa Branca não os deixou sair. Então Rhodes foi para casa a pé.

Parecia véspera de Ano-Novo. Havia grupos de pessoas dançando, gritando, cantando. As ruas estavam cheias de carros buzinando. Havia moças de pé nos telhados, acenando e dando vivas. Isso trouxe de volta todas as lembranças do Onze de Setembro, ele, na beira d’água no Brooklin,

observando o horror enquanto as torres caíam. A maior parte das pessoas que comemoravam nessa noite tinha idade para estar na faculdade, estava no final da adolescência ou eram jovens adultos, provavelmente alunos da Universidade de Georgetown ou da George Washington, nas imediações, o que significava que ainda eram crianças no dia dos ataques.

O próprio Rhodes agora tinha 32 anos. Al-Qaeda e Bin Laden tinham sido uma sombra negra sobre suas vidas. Agora, a sombra tinha desaparecido. Estivera envolvido nessa luta desde o início, a seu próprio modo. Ele não era um soldado. Não tinha arriscado a vida na batalha, como tantos de sua geração. Não era um atirador como os valentes Seal que executaram a invasão, mas tinha investido integralmente todo seu talento no esforço. Redirecionara sua vida, desde a decisão de trabalhar para Lee Hamilton, em vez de escrever ficção, para ajudar a escrever o *9/11 Commission Report*, para ir trabalhar com Obama — trabalhar para dar forma e articular o pensamento dele a respeito da guerra, a respeito de quem era o inimigo certo e por que lutar contra ele não era apenas crítico para a segurança da nação, mas justo e honroso. Desde aquele dia, no Brooklyn, até esboçar as palavras do presidente naquela noite a respeito do fim de Bin Laden, a morte de Bin Laden formava um círculo completo para Rhodes. Era a história de sua própria vida jovem. E naquela noite, ao caminhar para casa, sentiu que tinha vencido.

⁶ Um relato desta cena por um dos três Seal, sob o nome de “Mark Owen”, foi publicado depois de a primeira edição deste livro ter saído nos Estados Unidos. Ele foi o primeiro a dar sua versão sobre os disparos. Diferia em muitos detalhes da cena que eu tinha montado por meio de entrevistas com fontes do JSOC. Meu relato original tinha Bin Laden sendo perseguido do topo da escada até o quarto, onde levou o primeiro tiro, no peito, e, em seguida, assim que a esposa Amal foi tirada do caminho, atingido na cabeça pelo Seal que estava próximo a ele. A versão do texto acima é baseada no relato “Owen”, o qual, dada a fonte, suponho que seja mais correta. Tive conversas com “Mark Owen” quando estava começando a pesquisar sobre este livro, mas ele optou por não me contar sua história e, em vez disso, fechou um contrato para ser coautor de seu relato, chamado *No Easy Day* (*Não há dia fácil*. Tradução Donaldson M. Garschagen e Berilo Vargas, São Paulo: Companhia das Letras, 2012).

9

Brilho

Primavera de 2011

Encontrar e matar Osama bin Laden foi uma realização extraordinária. O presidente Obama tinha motivos de sobra para estar orgulhoso. Mas de quem tinha sido a realização? Em seu discurso naquela noite, Obama dera o crédito aos “inúmeros profissionais da inteligência e antiterrorismo” que tinham labutado ao longo da década passada, e mais, abrangendo três governos presidenciais. Além disso, agradeceu aos Seal, que arriscaram a vida na invasão e que a desempenharam de modo impecável. Agradeceu aos aliados que cooperaram durante anos, perseguindo e interrogando membros da Al-Qaeda, incluindo, mesmo que isso violasse a soberania e constituísse uma ofensa por não ter sido consultado, o Paquistão. Mas o presidente reservou uma grande parcela do crédito pela realização para ele mesmo.

“Então, logo depois de tomar posse, orientei Leon Panetta...

“Fui informado... reuni-me repetidamente com minha equipe de segurança nacional, enquanto desenvolvíamos...

“Determinei... e autorizei...

“Hoje, sob minhas ordens...”

E tudo isso foi verdade. Obama realmente merecia crédito por fazer das buscas a Bin Laden uma prioridade em seu governo, por cuidadosamente dispor as bases para uma invasão que evitava matar diretamente inocentes e

minimizava a perturbação em Abbottabad, bem como por enfrentar um grande risco, não apenas para os homens que levaram adiante a missão, mas para sua própria presidência e seu legado. Talvez fosse apenas justo que, tendo aceitado a grande desvantagem potencial de uma invasão que desse errado, Obama agora colhesse plenamente os frutos por ela ter dado certo.

Mas sua equipe na Casa Branca logo começou a exagerar e tecer uma história que realmente não precisava ser tecida. Fizeram o que os profissionais de política existem para fazer: começaram a modelar os fatos em seu próprio benefício.

Pequenas inverdades começaram a se acumular em torno da história como salpicos de purpurina. Começou quase imediatamente. Sentado no sofá do escritório de Carney depois do pronunciamento do presidente, John Brennan contou aos repórteres: “A equipe americana trocou tiros... Osama bin Laden resistiu.” E prosseguiu, dizendo que os homens que estavam na propriedade “certamente usaram as mulheres como escudo”. No dia seguinte, ele foi mais além e acrescentou que o próprio Bin Laden usara sua mulher como escudo, na tentativa de pintar o líder da Al-Qaeda como covarde e hipócrita: “Ali estava Osama, morando numa propriedade de um milhão de dólares, escondendo-se atrás de mulheres que foram postas à sua frente como escudos. Isso prova como a sua versão tem sido falsa ao longo dos anos... ele coloca outras pessoas para travar o jihad, enquanto se mantém em segurança na sua luxuosa propriedade.”

Em entrevistas futuras, a convicção de Obama, muitas vezes expressada, de que a Al-Qaeda era o inimigo apropriado e de que a sua orientação aos chefes de inteligência consistia em passarem Bin Laden para o “topo da lista”, seria retratada como sendo o ímpeto que o levou a encontrar Osama depois dos anos de fracassos anteriores. Em conversas comigo, diversos oficiais de alto nível da administração usaram a expressão “ondas de rádio limitadas” para descrever como até as altas prioridades dentro das administrações podem ser postas de lado ou esquecidas — especificamente, como as duas guerras de Bush haviam atropelado a procura por Bin Laden. Obama fizera comentários semelhantes em seus discursos, especialmente

como candidato, em 2007 e 2008, quando argumentara que o presidente Bush havia “desviado os olhos da bola”.

No início do plano, Obama insistira para que a equipe do Seal estivesse preparada para sair do Paquistão lutando, em vez de defender a propriedade e esperar que os Estados Unidos negociassem a saída. Fora uma decisão arriscada, tomada pelos motivos certos. O presidente estava colocando a segurança dos soldados americanos acima das preocupações em preservar os elos diplomáticos com o Paquistão. A abordagem da missão daquela maneira, que não fora sugestão do almirante McRaven, poderia ter significado deixar em seu rastro soldados e policiais paquistaneses mortos e caças paquistaneses abatidos. A tomada dessa decisão alterara o planejamento da missão, exigindo o acréscimo de mais tropas de suporte e outras opções. Membros da equipe de Obama, depois do fato, apontariam essa decisão como tendo sido crítica para resgatar a missão depois da queda do primeiro Black Hawk. Só porque o presidente insistira num plano de apoio reforçado, argumentaram, McRaven tivera à mão o recurso de um Chinook carregado com uma Força de Reação Rápida.

Nas semanas que sucederam a invasão, análises dos documentos apreendidos na propriedade revelaram, como foi divulgado por oficiais da CIA e do governo, que Bin Laden não era a figura isolada, irrelevante, que alguns disseram que ele se tornara, mas, ao contrário, permanecera dirigindo ativamente a organização a partir do seu esconderijo, esboçando planos de assassinato contra Obama e Petraeus, por exemplo, e colocando em ação outros ataques em solo americano.

E ainda havia o vice-presidente Biden, com o seu dom especial para declarações exageradas e autoenaltecedoras, agora a serviço de seu patrão, e que chamaria a invasão de “o plano mais audacioso em quinhentos anos”. Biden disse que Obama havia tomado a corajosa decisão depois de ter sido veementemente aconselhado a não fazê-lo, sugerindo que apenas Leon Panetta tinha sido declaradamente a favor. Disse que Obama tinha uma “determinação dura como uma pedra”.

Versões de tudo isso apareceram em relatos da invasão e de seus resultados. Não foi um esforço coordenado, apenas um esforço cumulativo.

Juntando tudo, a versão oficial da história, enfeitada, podia ser resumida do seguinte modo: um presidente novo e ousado utilizara-se de prioridades de defesa para ir atrás de Bin Laden. Sob seu comando, a caça moribunda fora revitalizada, e uma nova pista para a Al-Qaeda fora encontrada e desenvolvida. Essa pista levava a descobrir Bin Laden morando, não em uma caverna na montanha, mas, ao contrário, como um milionário em uma propriedade “luxuosa”, em uma região chique, no Paquistão. Dirigidas no mais completo sigilo pelo presidente, as forças militares foram incentivadas e orientadas a alterar seus planos, que eram, de fato, se render às autoridades paquistanesas se fossem descobertas, e em vez disso preparar tropas de apoio suficientes para confrontar qualquer resistência de frente — estarem prontas para se retirar lutando. Fora o conselho do presidente que salvara a missão, porque, quando um Black Hawk caíra, havia um helicóptero de apoio à mão. Rodeado por assessores que ou se opunham ao lançamento da invasão, ou expressavam profundas desconfianças, o presidente ignorou-os para ordenar uma das mais ousadas ações militares na história da humanidade. Os bravos Seal então mataram Bin Laden em uma troca de tiros dentro da propriedade, apesar dos esforços deste para se esconder atrás de sua esposa. Documentos apreendidos na propriedade revelaram que Bin Laden ainda era um líder ativamente participante da organização terrorista, e não apenas um recluso posto de lado.

Há uma parcela de verdade nessa versão, mas apenas uma parcela.

A começar com a orientação de Obama a Panetta e Mike Leiter, em maio de 2009, durante uma conferência improvisada no Salão Oval. O recém-eleito presidente realmente deixou claro que considerava a procura de Bin Laden e de Ayman al-Zawahiri a principal prioridade em segurança nacional do seu governo. Mas será que aquilo realmente mudou alguma coisa? Um oficial sênior da inteligência disse que não.

“Isso não representou uma grande mudança”, disse ele. “Já estávamos fazendo tudo o que podíamos, e havia anos.”

A urgência de Obama realmente surtiu um efeito, disse ele, que foi o de obrigar as diversas equipes Bin Laden a preparar relatórios de progresso regulares. Ele disse também que ter o diretor Panetta tão ativamente

interessado “tende a fazer com que as pessoas tenham foco... acho que exigir atualizações regulares pressionou ainda mais os nossos homens, mas duvido que tenha sido esse o motivo do avanço. Os recursos disponíveis não mudaram em nada. Nosso foco nos líderes seniores da Al-Qaeda nunca sofreu de falta de recursos, e a procura tampouco”.

Olhando-se desapassionadamente, parece que a pista a Abbottabad não resultou de um redirecionamento, mas de um detalhamento lento. Cada uma das “brechas” críticas, como conhecer o pseudônimo “Ahmed al-Kuwaiti” através de várias fontes, descobrir sua verdadeira identidade em 2007, localizá-lo em 2010 e segui-lo até Abbottabad, veio como resultado de um esforço constante, paciente, não perceptível, ao longo de muitos anos. Nenhuma das brechas jamais foi sequer reconhecida como significativa, até que a propriedade começou a chamar a atenção. Até então, Ahmed al-Kuwaiti era apenas um entre muitos, entre vários milhares de pistas possíveis, armazenadas em uma crescente base de dados genérica. A realização mais notável foi *conectar* esses fatos díspares, e mesmo então, a sua soma só levou à residência de um homem suspeito de ter uma vez agido como mensageiro e ajudante de Bin Laden. Foi porque a CIA estava seguindo cada pista fazia nove anos que a propriedade foi encontrada, e porque seus analistas pensavam longa e seriamente a respeito de como Bin Laden poderia estar vivendo — sem segurança pesada, rodeado de suas esposas e família, com apenas um ou dois auxiliares de confiança —, que acharam a configuração da propriedade tão persuasiva. Então o argumento de que foi o direcionamento dos esforços de Obama em 2009 que levou a Bin Laden só é verdade sob o ângulo de que cada passo em direção ao êxito demonstrou ser o certo. Foi um fator. Obama merece crédito por isso. A verdade mais ampla é que encontrar Bin Laden foi um triunfo da coleta e da análise burocráticas de inteligência, um empenho que começou sob o governo do presidente Clinton e aumentou expressivamente depois do Onze de Setembro, sob o governo do presidente Bush. O empenho continuaria por quanto tempo fosse necessário. Levou quase dez anos. É difícil encontrar um homem no vasto mundo, quando ele é inteligente e não quer ser encontrado.

Também é preciso notar que esse empenho envolveu tortura ou, no mínimo, métodos coercivos de interrogatório. As duas primeiras menções a Ahmed o Kuwaiti foram feitas por Mohamedou Ould Slahi e Mohammed al-Qahtani em sessões de interrogatório coercivas. A terceira, a caracterização enganosa do Kuwaiti como aposentado, feita por Khalid Sheik Mohammed, surgiu durante uma de suas várias sessões de afogamento simulado. Hassan Ghul confirmou o papel central do Kuwaiti, durante sessões secretas de interrogatório em um centro de detenção não divulgado da CIA. Não se sabe que métodos usaram com Ghul, mas a agência de fato pediu permissão ao Departamento de Justiça para usar coerção. Não há uma narrativa simplista de que um detento pressionado tenha deixado escapar uma pista crítica, mas tampouco há como saber se essas revelações apareceriam sem o recurso de métodos duros. No caso de Qahtani, em particular, dada a sua longa e obstinada resistência, parece pouco provável. A tortura pode não ter sido decisiva, ou mesmo necessária, mas claramente faz parte da história.

Esforços para retratar Bin Laden como vivendo uma vida confortável numa propriedade “luxuosa” não eram apenas falsos — esconderam um ponto muito mais revelador. A propriedade em Abbottabad era grande para a vizinhança, mas abrigava quatro casais adultos e quase vinte crianças. Ao que tudo indica, o estilo de vida de Bin Laden, por escolha própria, estava muito abaixo do de um cidadão de classe média americano. Há prisões nos Estados Unidos com melhores acomodações — embora nenhuma permita coabitação com três esposas. Muito mais reveladora era a sua necessidade de se esconder de todo mundo, mesmo de sua própria família e dos vizinhos mais próximos. O chefe do tráfico de drogas colombiano, Pablo Escobar, o mais notório criminoso da época, durante os anos 1980 e início dos anos 1990, e fugitivo da polícia do país e das forças especiais dos Estados Unidos, morava e se movimentava livremente durante a maior parte daquele período em sua cidade natal, Medellin, onde era reverenciado por muita gente. Há pessoas que os Estados Unidos consideram terroristas morando hoje em regiões do Paquistão e do Afeganistão, que são veneradas em suas próprias tribos e comunidades e nelas vivem abertamente. Bin Laden não

tinha lugar algum no mundo em que muitas pessoas o venerassem. A Al-Qaeda não era um movimento popular em seu país natal, a Arábia Saudita, ou em qualquer outro lugar no mundo árabe ou no Oriente Médio. Tinha seguidores suficientes para se transformar num grupo raivoso, quando provocados por, digamos, a publicação de um quadrinho cômico representando o Profeta, ou pela exibição pública da queima do Corão por um pastor fanfarrão da Flórida, mas, comparada aos milhões de árabes que tomaram as ruas para exigir o voto na primavera de 2011, a Al-Qaeda não passava de um culto pequeno e violento. A “Nação” de Bin Laden, formada por muçulmanos que pensavam do mesmo jeito, era pura fantasia. Se ele tivesse ousado mostrar a face no Paquistão, país muçulmano, alguém o teria delatado, se não fosse porque era a coisa certa a se fazer, para ganhar uma recompensa de 25 milhões de dólares. É possível que alguém o tenha delatado, já que a CIA não contou a história toda e não revelará se alguém recebeu a recompensa.

A decisão de Obama de fortalecer a tropa de assalto, para se proteger da eventualidade de que a equipe do Seal tivesse de sair lutando do país, não salvou a invasão. Nenhuma missão JSOC como essa poderia prosseguir sem uma Força de Reação Rápida por perto. McRaven teria trazido dois Chinooks para o Paquistão, como apoio e para reabastecimento, de qualquer maneira. A tropa maior encomendada por Obama — os soldados e aeronaves que seriam chamados se houvesse uma reação significativa por parte das forças paquistanesas — ficou estacionada o tempo todo no Afeganistão. Não foi necessária.

A decisão do presidente de equipar a tropa com força de apoio suficiente para sair do Paquistão lutando, se necessário, diz muito a respeito do estado de deterioração das relações com aquele país. Como um dos dirigentes apontou naquela reunião de decisões de 28 de abril, se os elos estavam tão fracos que a invasão iria quebrá-los, então não iriam durar muito, de qualquer maneira. Saindo de amargas negociações para libertar o empreiteiro da CIA, Raymond Davis, Obama claramente não apreciava a ideia de negociar a libertação de duas dúzias de Seal — ou, como me disse: “Achei que as possibilidades de eles ficarem presos, submetidos às políticas

dentro do Paquistão, iam ser muito, muito difíceis.” McRaven realizava ataques ocasionais no Waziristão do Norte e do Sul havia anos, ataques oficialmente proibidos, mas permitidos em particular por Islamabad, de modo que tinha todos os motivos para acreditar que, se seus homens fossem descobertos e confrontados em Abbottabad, alguma coisa poderia ser negociada. Ao pesar as repercussões do fracasso de uma missão, ele tomou a decisão inteiramente racional de que paquistaneses mortos seriam mais prejudiciais aos interesses dos Estados Unidos do que uma equipe do Seal descoberta em algum lugar em que não deveria estar. O presidente tinha outra opinião. Ocorreu que a habilidade da tropa de assalto fez com que essas considerações não tivessem importância.

Quando Obama decidiu lançar o ataque, não estava agindo contra o conselho de seus maiores assessores. Havia quase uma unanimidade a favor de ação, naquela reunião de 28 de abril, Biden sendo o único a incentivar o presidente a esperar, e Cartwright e Leiter preferindo atacar Bin Laden com um pequeno míssil disparado de um avião não tripulado. Gates preferira a opção do avião não tripulado na reunião, mas na manhã seguinte mudou de opinião. Todos os demais altos assessores e conselheiros, dirigentes, vices e funcionários, especialmente aqueles mais próximos da análise e do processo de planejamento, inequivocamente apoiaram a invasão. Quanto ao alarde de “quinhentos anos” de Biden, ele diz menos a respeito da audácia da missão do que à apreciação do vice-presidente pela história militar.

Vale notar um empreendimento muito mais ousado, de 31 anos antes, ainda que raramente tivesse sido avaliado como tal. Quando o presidente Carter jogou os dados em uma missão de longo alcance para libertar mais de cinquenta reféns americanos no Irã, até mesmo os homens que participaram da missão deram a si mesmos apenas 20% de chance de sucesso. As consequências do seu fracasso — oito mortos, mais nove meses de cativeiro para os reféns, a perda do segundo mandato para Carter — ilustram dolorosamente como ela não passara de uma aposta. Apesar disso, um ano depois do ataque a Bin Laden, Mitt Romney, o oponente republicano de Obama nas eleições de 2012, deferiria um golpe gratuito em Carter ao diminuir o significado da decisão de Obama, argumentando que

“qualquer ocupante do Salão Oval teria tomado a mesma decisão, incluindo Jimmy Carter”. Poderia se argumentar mais fortemente que o próprio Romney não teria ordenado a invasão, já que ele criticara Obama em 2007 por sequer levar essa possibilidade em consideração.

De todos os exageros que se seguiram à invasão, talvez o mais interessante tenha sido a insistência inicial de Brennan, de que Bin Laden morrera durante um “tiroteio” e de que havia usado mulheres como “escudo”. Mais tarde, a Casa Branca retirou essas declarações, e a explicação mais óbvia para elas parece ser uma combinação de três elementos: a genuína confusão nas primeiras horas, um desejo completamente desnecessário de enfatizar o heroísmo dos Seal e a ânsia de um velho guerreiro em pintar seu inimigo de longa data sob a luz mais desfavorável. Brennan estava no caso Bin Laden havia quase 15 anos, desde que trabalhara como oficial da CIA no Oriente Médio, nos anos 1990, e o sucesso da invasão fora um triunfo pessoal para ele, tanto quanto para qualquer um. Então, ele se vangloriou um pouco diante de uma plateia mundial. Seus comentários mostraram-se um constrangimento.

Contrariamente a relatos iniciais, não houve tiroteio na propriedade. Mas, baseado na minha própria reportagem e no relato publicado por um dos Seal, parece que, afora as ineficazes rajadas disparadas por Saeed, todos os tiros dados no assalto foram disparados pelos Seal. É importante notar que, a princípio, os disparos foram efetuados contra os Seal, ainda que breve e ineficazmente. Os tiros confirmaram que pelo menos alguns dos ocupantes da propriedade estavam armados e resistindo. Após receber esses disparos, a equipe teve de esperar ser atingida outra vez, até que a propriedade inteira estivesse dominada. Nenhum dos outros cinco adultos atingidos durante o ataque — quatro mortos e dois feridos — estava armado. Os atacantes foram perspicazes. Nenhuma das crianças ficou ferida, e apenas uma das três mulheres alvejadas morreu. É difícil criticar retrospectivamente homens que arriscavam as próprias vidas na tomada rápida de uma residência que abrigava inimigos implacáveis que tinham atirado neles, no escuro, mas as evidências disponíveis sugerem que, se os Seal quisessem capturar Bin Laden vivo, teriam conseguido.

O Sheik havia ficado no andar de cima por aproximadamente 15 minutos, enquanto os homens se aproximavam. Se a casa estivesse equipada com explosivos para uma explosão suicida final — e a presença de crianças contrariava essa possibilidade —, teria havido tempo de sobra para que ele os detonasse antes de ser confrontado no quarto do andar de cima. O ferimento de Amal e a necessidade de afastá-la do corpo caído de Bin Laden aparentemente incentivaram as declarações de que ela fora usada como escudo humano. De acordo com os relatos publicados e as minhas fontes, Bin Laden foi morto por diversos tiros, um na cabeça, que o derrubou, e os outros no peito, quando já estava caído no chão, aparentemente morrendo. Bin Laden não estava efetivamente se rendendo, mas tampouco estava ativamente resistindo. Sob as circunstâncias, é razoável argumentar que, se a primeira prioridade dos Seal tivesse sido capturá-lo vivo, ele hoje estaria sob a custódia dos Estados Unidos, e Obama teria seu “capital político” para o processo criminal dos líderes do grupo do Onze de Setembro.

O mais provável é que os Seal não tivessem a intenção de capturar Bin Laden vivo, embora ninguém na Casa Branca ou na cadeia de comando tivesse dado uma ordem dessas. De fato, teria sido necessária uma forte diretiva para capturá-lo e renunciar à oportunidade de matá-lo a tiros. Os homens que conduziram a invasão eram veteranos de muitas incursões, empedernidos diante da violência e da morte. Sua inclinação seria matar Bin Laden assim que o avistassem, exatamente como atiraram nos outros homens que encontraram na propriedade.

Vale imaginar, no entanto, o cenário alternativo. Bin Laden na mesa do acusado, diante de um juiz e de um júri, poderia ser consideravelmente menos inspirador para seus seguidores do que Bin Laden, o mártir. Ele poderia se mostrar implacável no interrogatório, mas muitas vezes os personagens mais poderosos, mais velhos, de uma organização ilícita eram mais acessíveis a um acordo que seus inferiores. Se escolhesse falar com seus interrogadores, possuiria mais informações que qualquer outra pessoa a respeito da Al-Qaeda, sua organização, suas finanças, seu pessoal e seus métodos, sua história e ideologia, e seus projetos em andamento. Tê-lo sob

custódia acarretaria desafios jurídicos e políticos, mas, como o presidente me explicou, ele achava que um golpe desses poderia ter funcionado a seu favor. Assim, por mais satisfatório que fosse para milhões de americanos saber que o terrorista mais famoso do mundo estava morto e que sua última visão na terra tinha sido a do rifle automático de um Seal, um Bin Laden vivo e desmitificado poderia muito bem ter sido um resultado mais vantajoso.

Os documentos apreendidos na propriedade revelaram que Bin Laden era um correspondente determinado e amedontrador, que ainda sonhava com assassinatos em massa nos Estados Unidos, mas também que estava claramente isolado, frustrado e fora de contato com as lideranças remanescentes do seu grupo. As correntes da história o haviam deixado para trás; só que ele ainda não aceitara esse fato.

Em suma, todas as tentativas para enfeitar os fatos a respeito da morte de Bin Laden nada eram quando comparadas ao espetáculo apresentado pelo presidente Bush ao aterrissar no porta-aviões USS *Abraham Lincoln*, em 2003, e ao seu discurso sob a gigantesca bandeira que dizia MISSÃO CUMPRIDA. Este fato estabeleceu um padrão de exibição presidencial que vai durar muito e que, sem dúvidas, irá constranger Bush até o fim de seus dias. Naquele caso, a missão — a invasão do Iraque pelos Estados Unidos — ainda não fora plenamente realizada e permaneceria assim durante mais oito anos longos e sangrentos. Em suas memórias, *Momentos de decisão*, Bush sugere que a mensagem transmitida por aquele evento não foi a pretendida, mas, mesmo assim, conclui: “Foi um grande erro.”

Não houve nada nessa dimensão por parte da Casa Branca de Obama. Ainda assim, a maneira de ele lidar com o sucesso ilustra como o esforço para se levar os créditos por uma realização é insensato. Harry Truman disse: “É impressionante o que você pode realizar se não se importar com quem ficará o crédito.” A outra face dessa observação deveria ser: “É impressionante quanto crédito flui para o merecedor que *não* o reivindica.”

Obama aparentemente recebeu créditos duradouros do povo americano. Seus números nas pesquisas subiram quase dez pontos percentuais depois do pronunciamento no domingo à tarde e um ano depois estabilizaram-se

em um ponto ligeiramente mais alto do que estavam antes. A morte de Bin Laden realmente diminuiu a percepção de Obama como sendo inautêntico, apesar dos esforços de seus adversários republicanos. A popularidade do presidente permaneceu alta, mesmo entre aqueles que estavam decepcionados com suas políticas. Além disso, acabou com qualquer esperança que tivessem de retratá-lo como pacifista. Ao determinar o fim do envolvimento militar americano no Iraque e começar a retirada no Afeganistão, se tornou vulnerável às acusações “de exercer um *soft power*” quanto à segurança nacional. A morte de Bin Laden colocou as credenciais de comandante em chefe de Obama em bases seguras. Audaciosamente sublinhou a sua perseguição punitiva a toda a liderança da Al-Qaeda. Mesmo enquanto esse empenho se espalhava para o Iêmen, o número de ataques terroristas atribuídos a diversas facções da Al-Qaeda diminuiu constantemente. Em 2012, os Estados Unidos estavam cada vez mais concentrados em caças de nível médio, e o número total de ataques americanos por aviões não tripulados caiu regularmente. Não há meios de se saber com certeza, mas os números sugerem um total de alvos em declínio. Os recursos de inteligência dos Estados Unidos não diminuíram.

Três dias depois da invasão, em uma entrevista para *60 Minutes*, o presidente disse: “Foi certamente uma das semanas mais gratificantes, não apenas para a minha presidência, mas acho que para os Estados Unidos desde que sou presidente. Obviamente Bin Laden não era apenas um símbolo do terrorismo, mas um assassino em massa que fugiu da justiça por tanto tempo, que acho que muitas das famílias afetadas já haviam perdido as esperanças. E, para nós, podermos dizer definitivamente que ‘pegamos o homem que causou milhares de mortes aqui nos Estados Unidos e que tem sido fonte de convocação para um violento jihad extremista em todo o mundo’ é algo que nos deixa profundamente gratos por termos tomado parte.”

A morte de Bin Laden não foi um feito de liderança comparável a lançar exércitos pelo Canal da Mancha, ou confrontar Nikita Krushev no auge da Guerra Fria, mas foi claramente uma vitória militar em uma época que produz poucas delas. Para os americanos, forneceu a conclusão adequada

para a história do Onze de Setembro e provavelmente vai marcar o fim simbólico da Al-Qaeda, se não o fim real. A organização propriamente dita já estava cambaleando quando o seu fundador morreu, tanto pelas revoluções despertando no mundo árabe, quanto pelo constante ataque de aviões não tripulados americanos e de agentes especiais, que é o motivo para a morte ou o martírio de Bin Laden não ter funcionado como incentivo para recrutamento. Não importa que apelo romântico sua causa possa ter tido, e ele nunca foi muito grande, ficou ultrapassada. A eleição popular dos governos islamitas no Egito e na Tunísia pode preocupar o Ocidente, mas a capacidade de efetuar mudanças por meios legítimos reduziu a influência do extremismo violento. O próprio Bin Laden estava lutando com esse problema nas semanas anteriores à sua morte. Os métodos do grupo já o tinham alienado até dos muçulmanos que tinham ideias parecidas. Ayman al-Zawahiri, o novo líder do grupo, ainda estava foragido em meados de 2012, mas ele mostra pouco talento para inspirá-lo ou organizá-lo.

Quase um ano mais tarde, o presidente me disse: “Acho que, internacionalmente, isso lembrou ao mundo que as forças militares americanas estão muito acima de qualquer outra, e que podemos fazer realmente bem coisas que ninguém mais consegue. Acho que lembrou ao povo americano que pelo menos existem setores do nosso governo que podem fazer as coisas realmente bem, e que, quando resolvemos fazer algo, podemos trabalhar em conjunto e cumprir nossos compromissos.

“Quando fui a Nova York para aquela pequena cerimônia depois de Bin Laden ter sido morto, a fim de falar com todos aqueles homens do corpo de bombeiros que haviam perdido metade das suas unidades e de me encontrar com os filhos, as viúvas e os viúvos daqueles que morreram no Onze de Setembro e simplesmente entender como apreciavam profundamente que os Estados Unidos não os tivesse esquecido nem o que aconteceu, os sentimentos foram enormes. A missão criou algumas dificuldades. Acho que tornou tensas as relações com o Paquistão, que já estavam tensas, então, a missão revelou essa tensão, o fato de que ainda há abrigos seguros dentro do país. Então, administrar isso tem sido um desafio durante o último ano. Mas esse é um daqueles momentos em que se toma uma decisão, não se tem

certeza de se vai funcionar, mas que, em retrospecto, você pode dizer que funcionou.”

A relação conturbada com o Paquistão piorou muito durante algum tempo e posteriormente piorou ainda mais, depois que o incidente de “fogo amigo”, em novembro de 2011, matou 24 soldados paquistaneses. Mas a relação que, como Hillary Clinton notou, havia se mantido durante muito tempo, com base mais em uma necessidade mútua que em amizade e confiança, resistiu. Em troca de muitos dólares americanos, o Paquistão reabriu as rotas de suprimento às forças americanas no Afeganistão em julho de 2012, e os ataques de aviões não tripulados no Waziristão continuaram.

O Paquistão manteve sob custódia as esposas, os filhos e os netos de Bin Laden durante quase um ano, e depois os deportou para a Arábia Saudita. Sob interrogatório feito por agentes da inteligência local e pela CIA, as mulheres revelaram que Bin Laden morava no Paquistão havia sete ou oito anos. Ele se mudara quatro vezes, antes de se estabelecer na propriedade em Abbottabad, e durante esse período fora pai de quatro filhos. Se acreditarmos nos relatos das autoridades paquistanesas, os arranjos domésticos do fundador da Al-Qaeda não chegavam a ser felizes. A mais velha das três esposas que estavam com ele, Khairiah, ressentia-se especialmente da esposa mais jovem, Amal — tanto que foi acusada por Siham, a terceira esposa em Abbottabad, de entregar seu marido para a CIA. Se assim foi, não encontrei provas que apoiassem essa acusação. Nenhuma tinha, aparentemente, qualquer informação útil a revelar a respeito da liderança sobrevivente da Al-Qaeda. A propriedade foi destruída em fevereiro de 2012.

O médico paquistanês que colaborou com a CIA no esforço de obter amostras de DNA dos filhos de Bin Laden, Shakil Afridi, foi preso e acusado de traição. Está cumprindo uma sentença de trinta anos. O Paquistão alega que a condenação foi por causas não relacionadas com a ajuda à CIA, mas a prisão do médico foi veementemente condenada pelos Estados Unidos, e as autoridades americanas continuam o esforço para soltá-lo.

“Essa é a paixão desse homem, manter crianças com saúde”, disse um dos altos oficiais de inteligência dos Estados Unidos. “Ele instala clínicas por todo o Paquistão para vacinar crianças. Oferecemos dinheiro a ele para instalar uma clínica de vacinação em Abbottabad, não uma clínica de fachada, mas uma clínica de vacinação verdadeira. O dinheiro que pagamos a ele foi todo investido nesse programa. Ele não tinha ideia de por que estávamos interessados.”

Em retaliação, um painel do Senado aprovou um corte de 33 milhões de dólares em ajuda ao Paquistão, um milhão por ano de sentença do médico. O senador John McCain chamou o trabalho dele para a CIA de “o mais longe possível de uma traição”.

Na sexta-feira depois da invasão, Obama foi a Fort Campbell, Kentucky, para se encontrar com a equipe do Seal e com os pilotos dos helicópteros. Inicialmente, o presidente pediu para se encontrar com os Seal, e McRaven sugeriu que, já que ele ia a Campbell, poderia também agradecer aos pilotos do Night Stalker ali baseados e cuja unidade não recebera o mesmo reconhecimento que os atiradores da missão.

“Podemos trazer todos os participantes a Fort Campbell”, o almirante disse a Donilon, e sugeriu que, além disso, o presidente poderia também se encontrar com a 101ª Divisão Aerotransportada, que acabava de voltar da mobilização no Afeganistão. Portanto, Obama compareceu a quatro eventos naquele dia, terminando com um discurso para mais de 2 mil soldados.

O primeiro evento foi com a equipe do Seal e pilotos da missão de fato. Eles se reuniram numa sala de aula simples, na base. Obama ficou impressionado por constatar como o grupo aparentava ser “comum”. Com uma ou duas exceções, os homens não se pareciam com os heróis maciços dos filmes de ação de Hollywood, e sim um grupo de homens fisicamente em forma, cujas idades variavam de 20 e muitos a 40 e poucos anos. Havia alguns com cabelos grisalhos. Com outras roupas, ele pensou, poderiam passar por banqueiros ou advogados. Não eram suas habilidades físicas que os distinguiam, percebeu ele, mas sua experiência e sabedoria duramente adquiridas.

Na frente da sala estava um modelo do complexo. McRaven disse que eles fariam o presidente percorrer a missão em detalhes. Diriam tudo a ele, com exceção de quem dera o tiro em Bin Laden. Esse segredo ficaria com a equipe. O presidente não perguntou, e a equipe não contou.

Então, o piloto que tinha feito seu Black Hawk cair tão habilmente dentro da propriedade levantou-se para falar. Ele era alto, magro, com cabelo escuro e parecia não ter o costume de falar diante de um grupo, especialmente um grupo que incluía o presidente dos Estados Unidos. Descreveu exatamente o que acontecera com seu aparelho e como a queda tinha sido deliberada. Explicou que, tão logo percebeu o que estava acontecendo, manobrou para acertar o muro com a cauda, a fim de que caísse ereto.

“E as condições climáticas influenciaram?” perguntou Obama.

“Influenciaram”, disse o piloto. O ar estava mais quente e menos denso do que o plano da missão previra, e depois ele explicou em detalhes a aerodinâmica que derrubara o Black Hawk.

Quando concluiu, o comandante da equipe do Seal falou. Estava seríssimo e perfeitamente à vontade ao se dirigir ao grupo. Começou agradecendo ao piloto do aparelho. “Estou aqui hoje”, disse ele, “por causa do trabalho fantástico desse camarada”. Depois fez um longo relato de exatamente como a missão bem-sucedida demorara “dez anos sendo elaborada”. Os recursos que ele e os demais naquela sala de aula representavam tinham sido afiados durante esses anos de combate, disse ele. Suas habilidades e táticas tinham sido adquiridas com a vida de muitos homens que haviam servido com eles. Mencionou as bases em operação no Afeganistão, que receberam seus nomes em homenagem a esses homens. Cada um deles, assim como qualquer outro com quem eles serviram ao longo dos anos, era, na verdade, um membro da equipe. Depois, explicou como o sucesso da invasão dependera de cada um dos membros da equipe presente na sala, e deu exemplos. Citou a habilidade do piloto ao fazer o helicóptero cair ereto. Citou o intérprete de meia-idade que conseguiu afastar os curiosos do lado de fora da propriedade.

“Não sei o que teríamos feito se todas aquelas pessoas tivessem simplesmente começado a entrar na propriedade”, disse ele.

Citou outros. Chegou a mencionar Cairo, o cachorro.

“Vocês tinham um cachorro?”, perguntou o presidente, surpreso.

“Tínhamos, senhor, sempre levamos um cachorro conosco”, disse o comandante.

“Bem”, disse o presidente, “eu gostaria de conhecer esse cachorro”.

“Bem, senhor presidente, então aconselho que o senhor traga petiscos”, disse o comandante firmemente.

Os homens na sala riram.

O comandante então fez o presidente percorrer os detalhes da invasão. Quando fez referência a alguns dos erros e das controvérsias divulgados pela imprensa a respeito dos detalhes, Obama minimizou sua importância.

“Não se preocupe com isso”, disse o presidente. “É tudo Washington, é tudo mídia, é tudo ruído.”

Mais uma vez os homens riram.

O comandante descreveu como entrar na casa e enfrentar Bin Laden tinha sido rápido e sem complicações, do seu ponto de vista. Ele disse que ele e os homens tinham ficado surpresos pela quantidade de material potencialmente valioso encontrado no andar de cima, e como tinham simplesmente começado a enfiar tudo de forma rápida em sacos. Talvez a parte mais complicada da missão, disse ele, tenha sido acompanhar as esposas e crianças para um canto afastado da propriedade, enquanto o helicóptero caído era equipado com explosivos, certificando-se de que ninguém se ferisse com a explosão.

Quando o comandante concluiu, o presidente se levantou e agradeceu a todos. Descreveu como, entre seus assessores, houvera uma ampla gama de cálculos a respeito de se Bin Laden estaria na propriedade.

“Mas, desde o início desse processo, eu já tinha me conformado com o fato de que iria sempre ser um caso de cinquenta-cinquenta do lado da inteligência”, disse ele. “Tomei a decisão que tomei porque tinha cem por cento de confiança nos recursos de vocês.” Ele os chamou de “a melhor pequena tropa de choque na história do mundo”.

Rhodes olhou em torno da sala e pensou que essa afirmação, embora extrema, podia muito bem ser verdade. Ali estava a nata do JSOC, escolhida a dedo para essa missão. Considerando os dez anos anteriores de lutas constantes, não era provável que houvesse um grupo de assalto experiente como esse, pelo menos nos tempos modernos. Mais cedo, o presidente dera uma fita métrica folheada a ouro de presente a McRaven porque, na noite em que este tentara medir o corpo de Bin Laden, não tinha uma. Agora ele concedia à unidade uma Menção Presidencial de Unidade, a mais alta honraria que a nação concede a um grupo militar inteiro. Depois, ele apertou a mão de cada um na sala. Ficou surpreso e comovido quando a equipe lhe deu um presente, uma bandeira que tinham levado na missão, mandado emoldurar, e em cujo verso todos os membros do time tinham assinado. Ele a pendurou em sua residência, no segundo andar da Casa Branca.

Quando conversei com o presidente no Salão Oval, ele refletiu sobre como os aviões não tripulados representavam a mais notável nova ferramenta que ele tinha na luta contra a Al-Qaeda, e como a natureza da guerra com aviões não tripulados impunha perigos excepcionais para uma pessoa na sua posição.

“Acho que a criação de uma estrutura jurídica, de processos, com controles supervisionados sobre como usamos armas não pilotadas, vai ser, daqui por diante, um desafio para mim e para os meus sucessores durante algum tempo — em parte porque essa tecnologia pode evoluir rapidamente também para outros países e porque há um distanciamento nessa tecnologia que torna tentadora a ideia de que, de alguma maneira, podemos solucionar problemas complicados de segurança sem sujar as mãos.”

Mas quase tão notável, disse ele, era a evolução de pequenos times de combatentes altamente especializados como aqueles Seal.

“Acho que com as Forças Especiais, os perigos [em relação a usar os aviões não tripulados com demasiada liberalidade] são menores porque ainda está presente o elemento humano. Eles ainda são o pai de alguém, o marido de alguém, o filho de alguém. Quando você os envia para lutar, sabe que eles podem não voltar. E para mim, pelo menos, como comandante em

chefe, não posso pensar a respeito deles com menos preocupação do que quando mando algum novato para Kandahar. Eu me sinto imbuído de uma solenidade e de uma cautela, que provavelmente não irão passar. Acho que de uma perspectiva estratégica militar mais ampla, não podemos exagerar no que as Forças Especiais podem fazer. As Forças Especiais são bem-projetadas para lidar com alvos muito específicos, em terreno difícil, e muitas vezes podem evitar que cometamos os erros estratégicos maiores de mandar tropas com grande presença e daí por diante. Desse modo, quando se fala em lidar com redes terroristas em estados falidos, ou estados que não têm recursos, é possível ver isso como sendo na verdade menos intrusivo, menos perigoso, menos problemático para o país envolvido.

“Mas no fim, nada disso funciona se não formamos efetivamente parcerias com outros países, se não nos envolvemos em diplomacia inteligente, se não tentamos mudar a nossa imagem no mundo muçulmano para reduzir o recrutamento [para o extremismo]. Não é o elemento supremo. Mas com certeza fico satisfeito em tê-lo.”

Tomados em conjunto, esses recursos, essa arma forjada para lutar o último tipo de guerra, quase cumpriram a tarefa. Perguntei qual tinha sido o impacto da morte de Bin Laden sobre a Al-Qaeda.

“Foi como previmos”, disse ele. “Estão sem foco, sem liderança efetiva. E quando você combina isso com a degradação do seu próprio recurso operacional, eles estão no caminho de uma derrota estratégica. Mas, novamente, não se pode exagerar a importância desses outros elementos de poder americano, porque, mesmo antes da morte de Bin Laden, já vimos a capacidade operacional da Al-Qaeda se desviar para a AQAP [Al-Qaeda na Península Árabe] e o Iêmen. Já vimos a metástase da Al-Qaeda para a Al-Qaeda em Magrebe. Então, a necessidade de vigilância incessante é crítica.

“E o que vimos também é a capacidade de dano que pode ser causado por terroristas do tipo lobo solitário — não o tipo de dano que vimos no Onze de Setembro, mas um dano que ainda assim é evidentemente doloroso, e temos de fazer alguma coisa a esse respeito. Então [matar Bin Laden] não resolveu todos os nossos problemas, e não esperávamos que resolvesse. Mas foi uma grande contribuição para isso. E serei sempre grato

aos funcionários da inteligência e das Forças Armadas que estiveram envolvidos nessa missão. Eles merecem todo o crédito.”

Nos dias que se seguiram à invasão, um álbum com uma série de fotografias de Bin Laden morto foi entregue na Casa Branca. Naquela semana houve muita discussão sobre se essas fotos deveriam ser publicadas como prova da sua morte, mas o presidente havia firmemente decidido que não seriam. A decisão foi fácil de ser tomada, porque ninguém discutia o fato de Bin Laden estar morto. Os Estados Unidos não iriam, disse o presidente, “contar vantagem”.

Do mesmo modo que a Casa Branca tinha trabalhado naquela noite de domingo para divulgar a mensagem, tropeçando na apresentação, mas regozijando-se com a reação exaltada do país, os homens do almirante McRaven estavam, nas primeiras horas da manhã de segunda-feira, se preparando para a remoção do corpo do Sheik.

Depois de muita discussão e conselhos, ficou decidido que a melhor opção seria um sepultamento no mar. Desse modo, não haveria santuário para os seguidores equivocados do mártir. Então, o corpo foi lavado, fotografado de todos os ângulos possíveis e depois levado em um V-22 Osprey para o porta-aviões USS *Carl Vinson*, que navegava pelo norte do mar Árábico.

Por convenção, o Departamento de Estado entrou em contato com o governo da Arábia Saudita e ofereceu a entrega do corpo ao seu país de origem, mas Bin Laden era tão indesejável ali morto como o fora em vida. Ao saber que a alternativa era o sepultamento no mar, o oficial saudita disse: “Gostamos do seu plano.”

Foram executados os procedimentos para um sepultamento muçulmano simples, no porta-aviões. O corpo foi envolvido numa mortalha branca com pesos, para afundar.

A última sequência de fotos coloridas no álbum da morte não era grotesca. Eram fotos estranhamente comoventes. Um fotógrafo da Marinha registrou o sepultamento na manhã inteiramente ensolarada de segunda-feira, 2 de maio. Uma das fotografias mostra o corpo envolvido na mortalha

branca com os pesos. A foto seguinte mostra-o em diagonal, sobre uma tábua, com os pés em direção ao mar. Na outra, o corpo está atingindo a água com um pequeno respingo. Na próxima, está visível logo abaixo da superfície, como um torpedo fantasmagórico em descida. Na seguinte há apenas ondulações circulares na superfície azul. Na foto final, as águas estão calmas.

Os restos mortais de Osama bin Laden se foram para sempre.

Agradecimentos e notas

Baseando-me na teoria de que o domínio de Osama bin Laden de sua língua natal era comparável ao de uma pessoa média cuja língua materna seja o inglês, tomei a liberdade de aqui e ali aplinar as frases desajeitadas da tradução feita pela CIA dos documentos de Bin Laden. As traduções oficiais podem ser encontradas no website do Centro de Combate ao Terrorismo de West Point: www.ctc.usma.edu.

Tem sido minha prática compilar notas detalhadas das fontes para meus livros, mas, neste caso, o número daqueles que não quiseram que informações específicas fossem atribuídas diretamente a eles, mesmo quando a fonte parecia óbvia, teria tornado o exercício mais frustrante que útil.

Este trabalho obteve informações de dois artigos excelentes, “Getting Bin Laden” (*The New Yorker*, 8/8/2011), de Nicholas Schmidle, e (em partes do capítulo 4) “Killer App” (*The Washingtonian*, 31/1/2012), de Shane Harris. Qualquer um que escreva sobre Bin Laden é grato a Lawrence Wright, em *O vulto das torres: a Al-Qaeda e o caminho até 11/9* (Companhia das Letras, 2007), e à magnífica reportagem de Peter Bergen, que, durante os últimos dez anos, se tornou a principal autoridade jornalística sobre o homem. Este livro foi especialmente instruído pela história oral de Bergen, *The Osama Bin Laden I Know* (Free Press, 2006), e por seu *Manhunt* (Crown Publishers, 2011). Nesse último livro, Bergen conta algumas das cenas que descrevi aqui, mas essas passagens, neste

livro, como o resto dele, são baseadas inteiramente em minhas próprias reportagens e entrevistas — em alguns casos, com os mesmos participantes.

Gostaria de agradecer especialmente a meu filho Aaron, meu primo David Keane e à empresa deles, Wild Eyes Productions, pela ajuda nas entrevistas. Gostaria também de agradecer particularmente a Ben Rhodes, Jay Carney, Dave Moniz e Preston Golson, por me ajudarem a montar as entrevistas, e ainda àquelas pessoas na CIA e no JSOC que concordaram em ser entrevistadas, mas pediram que seus nomes não fossem divulgados.

Os outros a quem posso agradecer estão listados abaixo:

Samira Abdullah Mouhey el-Dein Azzam, Huthaifa Azzam, Tony Blinken, John Brennan, James Clark, Faheem Dashty, Thomas Donilon, Michèle Flournoy, Lary James, Peter Jouvenal, Habibullah Khan, Hamid Mir, Michael Morell, Asad Munir, Barack Obama, William Ostlund, David Petraeus, Samantha Power, Stephen Preston, Matt Flavin, Guy Filippelli, James Poss, Denis McDonough, Nick Rasmussen, Michael Scheuer, Gary Schroen, Kalev Sepp, Michael Sheehan, Michael Vickers, Jamal Ismail e Ahmad Zaidan.